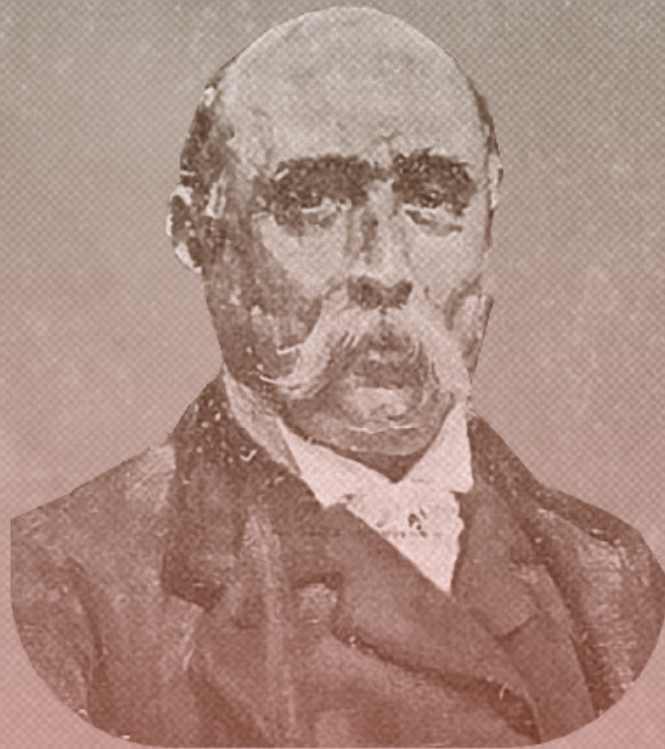


Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Sá de Albergaria
Os Filhos do Padre Anselmo



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Sá de Albergaria

Os Filhos do Padre Anselmo

Adaptação ortográfica e revisão gráfica
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1904.

**Antônio da Costa Couto Sá de Albergaria
(1850 – 1921)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 550



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE

*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Sá de Albergaria: “*Os Filhos do Padre Anselmo*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

ÍNDICE

CAPÍTULO 1: OS IRMÃOS DA MÃO NEGRA.....	1
CAPÍTULO 2: AMOR E ESPERANÇA.....	17
CAPÍTULO 3: PAI E FILHA.....	30
CAPÍTULO 4: DOIS PATIFES.....	49
CAPÍTULO 5: MADRE PAULA.....	57
CAPÍTULO 6: À HORA DA MORTE.....	63
CAPÍTULO 7: TRÊS MISERÁVEIS.....	75
CAPÍTULO 8: ENTRE IRMÃOS.....	92
CAPÍTULO 9: AMORES FÁCEIS.....	100
CAPÍTULO 10: PARA OS GRANDES MALES... ..	114
CAPÍTULO 11: JOÃO LÁZARO.....	126
CAPÍTULO 12: VELHOS CONHECIMENTOS.....	136
CAPÍTULO 13: DENÚNCIA.....	159
CAPÍTULO 14: MISERÁVEL!	182
CAPÍTULO 15: CONLUÍO INFAME.....	196
CAPÍTULO 16: O RAPTO.....	202
CAPÍTULO 17: QUEM SEMEIA VENTOS... ..	216
CAPÍTULO 18: REVELAÇÃO.....	223
CAPÍTULO 19: UM VELHO AMIGO.....	235
CAPÍTULO 20: ALMA NEGRA.....	245
CAPÍTULO 21: TAL VIDA, TAL FIM.....	257
CAPÍTULO 22: MISTÉRIO.....	267
CAPÍTULO 23: ALUCINAÇÃO.....	275
CAPÍTULO 24: ESTRANHO ENCONTRO.....	284
CAPÍTULO 25: POBRE HELENA!	300
CAPÍTULO 26: UM AMIGO DOS DIABOS.....	308
CAPÍTULO 27: DUAS AMIGAS.....	317
CAPÍTULO 28: CORAÇÃO MORTO.....	329
CAPÍTULO 29: CONFIDÊNCIAS.....	335
CAPÍTULO 30: MÃE.....	339
CAPÍTULO 31: O HOMEM DOS ÓCULOS VERDES.....	346
CONCLUSÃO.....	353

CAPÍTULO 1: OS IRMÃOS DA MÃO NEGRA

O relógio dos Clérigos tinha acabado de fazer soar pausadamente as doze badaladas da meia noite.

O tempo estava brusco e o vento, soprando da barra em frias e cortantes rajadas, punha arrepios nos transeuntes que, levantadas as golas dos casacos e as mãos metidas nos bolsos, seguiam a passo apressado, recolhendo a casa, sob a ameaça de um temporal desfeito.

Era em fins do outono.

As árvores do jardim da Cordoaria, varejadas pela ventania aspérrima, despiam-se das suas últimas folhas amarelecidas, num agitado e sussurrante protesto de espoliadas.

Quem a essa hora passasse pelo Campo dos Mártires da Pátria, veria, encostado a uma das árvores que orlam o jardim, defrontando com a praça do Peixe, um vulto imóvel e indiferente ao tempestuoso rugir daquela noite agreste e frigidíssima.

Parecia esperar alguém, porque, ao ouvir bater a meia noite no relógio da torre, levou a mão ao bolso e, aproximando-se de um dos candeeiros da iluminação pública, consultou o seu relógio.

— Aquele anda adiantado cinco minutos — murmurou.

E deu alguns passos distraidamente como para iludir a sua impaciência.

Agora, que o podemos ver ao reverbero do lampião, notaremos que é um rapaz de 18 anos, decentemente vestido e de gentil presença, não obstante as feições finas e delicadas quase lhe desaparecerem encobertas pela aba larga do seu chapéu à Mazzantini.

Tinha apenas dado um curto passeio no prolongamento do jardim, quando do lado da rua do Calvário avançou a trote rasgado um trem, que parou em frente dele.

— És tu, Paulo? — disse de dentro uma voz.

— Sou.

— Entra depressa, que a noite está agreste!

E a pessoa que falava de dentro abriu a portinhola, facilitando-lhe a entrada.

O mancebo saltou de um pulo para dentro do carro, a portinhola fechou-se, e os cavalos seguiram no seu trote largo, dobrando a rua da Restauração e subindo a da Liberdade até ganharem a rua do Rosário.

Sigamos aquele trem e ouçamos o diálogo que se trava dentro dele.

Apenas o mancebo entrou, a pessoa que o chamara e que era um homem de 28 a 30 anos, desceu rapidamente as cortinas do carro e disse para o seu jovem companheiro:

— Meu amigo, como já te expliquei, isto são negócios em que se requer a maior circunspecção e escrúpulo na observância das praxes. Hás de consentir que te vende os olhos.

— Acaso desconfias da minha lealdade, Jorge?

— De modo algum. Mas é uma obrigação que o regulamento me impõe, e eu não posso faltar a ela sem trair o meu dever.

— Pois bem, seja!

O sujeito que ouvimos chamar Jorge tirou então do bolso um lenço e vendou com ele os olhos do companheiro.

— Hás de dar-me a tua palavra de honra que não tentarás arrancar a venda sem que para isso recebas ordem...

— Dou. Mas se o fizesse?

— Poderia isso custar-te a vida, meu caro.

— Apre! — fez o outro, sorrindo — vocês são intransigentes!

— Está nisso a nossa força. Não violentamos ninguém a seguir-nos, damos ampla liberdade a cada um de rejeitar a nossa associação, mas defendemos a nossa existência e mantemos o nosso segredo.

— É justo.

— Assim, tu podes, até à hora de prestares o teu juramento, reconsiderar e exigir que te restituam a liberdade. Nenhum mal te acontecerá por isso, a tua vontade será respeitada, a tua independência mantida. Mas não saberás dizer onde estiveste nem as pessoas com quem falaste.

— Poderei dizer que falei contigo... — gracejou o outro.

— Que importa? Eu não sou uma associação. Comigo pode falar toda a gente...

— Falemos sério! — tornou o moço que dava pelo nome de Paulo. — Asseveras-me que os intuits dessa associação em que vou entrar são em tudo dignos das justas aspirações de um homem de bem?

— Assevero-te que os irmãos da Mão-negra compreendem e cumprem à risca o nobre dever de se auxiliarem e defenderem mutuamente contra as

prepotências sociais da nossa época. No nosso grêmio desaparecem as diferenças de jerarquia e de dinheiro. Não há pobres, porque todos somos ricos da riqueza e da importância dos nossos irmãos.

— Poderei então contar com o auxílio da Associação na conquista da mulher que amo?

— Decerto —olveu o outro. — Tanto como amanhã qualquer de nossos irmãos poderá contar com o teu auxílio para a realização dos seus desejos. Isto é apenas uma associação de socorros mútuos, meu caro Paulo. A mulher que amas será tua desde que te filies no nosso grêmio. Compreendes que toda a ação da Mão-negra se resume em tornar felizes e ricos os seus irmãos, porque dessa riqueza e dessa felicidade lhe advêm a ela a força, o poderio, a importância.

O trem ia correndo veloz pela estrada do Carvalhido, sem que Paulo, entretido na conversa, parecesse ter notado o tempo gasto na corrida.

— No entanto — acrescentou ainda Jorge — os fins e intuitos da Associação vão ser-te ainda expostos e confirmados por pessoa idônea e mais competente de que eu. Se te restar alguma dúvida, o mínimo escrúpulo, poderás renunciar ao teu intento, com a única condição de não tirares a venda nem tentares deslealmente devassar os segredos do nosso grêmio...

— Conheces-me, e sabes que isso são processos indignos do meu caráter! — protestou o mancebo.

O trem parou em frente de um portão largo, que dava acesso a uma vasta quinta murada.

Jorge apeou-se e deu a mão ao seu companheiro.

— Chegamos! — disse ele.

Paulo apeou-se e, guiado sempre pelo seu amigo, transpôs o portão, que se abriu misteriosamente, tornando a fechar-se sem ruído.

— E o cocheiro? — perguntou o mancebo. — Não receias a sua indiscrição?

— É um dos nossos irmãos — respondeu simplesmente o outro.

— Apre! — tornou o mancebo alegremente. — Eis aqui o que se chama um serviço bem montado!

Jorge não lhe respondeu. Conduziu-o por uma extensa e sombria vereda de ramadas até o fazer entrar num corredor ao rés-do-chão, pelo qual foram seguindo em silêncio.

— Já estamos em casa! — disse Paulo.

— Porque? — perguntou o outro.

— Sinto-o pela diferença de temperatura.

— Ainda não... Vamos entrar agora...

E levando aos lábios um pequeno apito, tirou dele um silvo agudo e prolongado.

Ouviu-se uma porta girando sobre os gonzos, e os dois entraram num pequeno recinto em que os passos se amorteciam, abafados no tapete.

— Podes tirar a venda — disse Jorge.

O mancebo levou a mão aos olhos, e com grande assombro seu, achou-se sozinho numa sala forrada de crepes, tendo ao centro uma mesa coberta de veludo preto e em que pousava uma caveira, alumiada por duas velas.

Um momento impressionado pelo sinistro aspecto da sala e pelo fúnebre quadro que se lhe oferecia à vista, o mancebo empalideceu e recuou um passo, aterrado. Porém, refletindo e com uma coragem superior à que seria de esperar na sua idade, breve retomou o sangue frio e lançou um olhar de glacial indiferença para a caveira.

— É singular! — pensou consigo. — Entro na vida pela visão da morte!

Como respondendo a este pensamento, ouviu-se uma voz soturna e cavernosa ressoar na sala:

— Medita! — disse aquela voz.

O mancebo estremeceu e voltou-se rapidamente, a ver quem lhe falava.

Não viu pessoa alguma.

Passeou então os olhos curiosos pelas paredes forradas de crepes e não descobriu a porta por onde tinha entrado.

Se quisesse abandonar aquele misterioso e lúgubre recinto, não o poderia fazer, por não encontrar saída.

Embora surpreendido, nem por isso se apavorou.

— Medita! — tornou a voz a repetir.

Como resposta muda àquela intimativa, o mancebo cruzou os braços sobre o peito e ficou encarando fito a caveira.

Naquela atitude altiva e firme, esteve assim por muito tempo.

Dissera-lhe o seu amigo que, para ser admitido na associação secreta da Mão negra, era preciso dar provas de energia, coragem e inquebrantável força de

vontade. Acrescentara que as provas a que os neófitos tinham de sujeitar-se eram rudes e de molde a fazerem tremer o mais ousado. Ele, não obstante, insistira. Sentia-se capaz de afrontar os maiores perigos com ânimo sereno e tranquilo.

— Principiou a prova! — pensou — julgam-me uma criança assustadiça, capaz de me apavorar com este aparato fúnebre. Mostrar-lhes-ei que a criança é um homem, que pode disputar primazias de coragem aos mais fortes.

E nesta resolução avançou para mesa, estendeu o braço e ia a tocar no fúnebre despojo, quando a voz misteriosa recuou de novo, gritando:

— Detém-te! O que ias fazer?

— Tocar nesta caveira — respondeu o mancebo com voz tranquila.

— Com que fim?

— Com o fim de provar que a ideia da morte me não apavora.

— Que pensamento te sugere a vista desse triste despojo humano?

— Primeiramente, a ideia de que todos caminhamos para a mesma miséria...

— E depois?

— Depois, que a Morte é a niveladora implacável do gênero humano.

— Assim, crês que na Morte se confundem bons e maus, virtuosos e impuros?

— Creio que, materialmente, tudo se confunde na mesma podridão.

— Materialmente, disseste?

— Disse.

— Crês então que vício e virtude são coisas indiferentes, visto que tudo se apaga ao mesmo gélido sopro e tudo resvala com o homem ao abismo do Nada?

— Não.

— Explica-te.

— Do homem subsistem as ideias, os pensamentos, os atos bons ou maus de toda a sua vida. Esses não tem a Morte o poder de os aniquilar.

— Pois bem; visto que assim é, dize-me: De quem é esse crânio?

— De um meu irmão.

— É vaga a resposta. Dize-me: Será de um sábio? Será de um ignorante? Será de um homem honesto? Será de um criminoso? Será de um nobre? Será de um plebeu?

— Ignoro.

— Confessas, pois, que na Morte tudo se confunde?

— Não! Confesso apenas que na Morte todos têm igual direito ao respeito dos vivos.

— Porém, essa teoria é contraditória. Se todos devem confundir-se no mesmo respeito, como queres que se distingam os bons dos maus?

— Pelo que deles fica no mundo e não morre. Dize-me o nome daquele a quem pertenceu este crânio, e se ele foi um sábio, um artista, um literato, um poeta, um desses homens que deixam a sua passagem assinalada no mundo por obras de grandeza e de virtude, eu te recordarei as suas conquistas científicas, os seus quadros, os seus livros, os seus versos, as nobres ações e exemplos com que se perpetuou na humanidade enfim.

— Tens religião?

— Tenho.

— Qual?

— A do Bem.

— A que vieste?

— Dar e receber auxílio na luta do Bem contra o Mal.

— Sabes o sacrifício a que isso obriga?

— A todos os sacrifícios me sujeito.

— Repara bem. A abnegação, o desinteresse, a obediência cega e passiva às ordens dos que dirigem o nosso grêmio constitui a principal condição para seres admitidos entre nós.

— Aceito-a.

— Terás que resistir às tuas próprias paixões, terás que dominar os mais irresistíveis impulsos do teu coração, para só obedeceres à lei da nossa Sociedade; terás, enfim, que sacrificar vida, fortuna, mulher, filhos, família — tudo, ao bem de teus irmãos, quando isso te for reclamado.

— Obedecerei.

— É preciso que o braço execute o que a cabeça ordena. Tu serás o braço. O chefe invisível da nossa Associação é a cabeça. Se for preciso derramar sangue, ainda o daquele que no mundo te for mais caro, uma vez que a cabeça t'o ordena, obedecerás?

— Sem a menor hesitação.

— Atende que vais ligar-te a nós por um juramento que não pode ser quebrado nem iludido. Em toda a parte onde te encontres, seja qual for a posição social a que ascendas, na rua, em casa, no povoado ou num lugar deserto, o olhar invisível da nossa Associação seguir-te-á por toda a parte. A Mão-negra, cujo auxílio buscas, misteriosa e potente, vingadora e terrível, como a própria mão da Providência, impedirá teus passos e guiará o teu destino. Não mais te pertencerás a ti; pertencerás aos teus irmãos. Senhor libérrimo das tuas ações até agora, vais reduzir-te por um juramento às condições de um escravo, mais que de um escravo — de um simples autômato. O teu cérebro não mais pensará para ti; o teu coração não mais sentirá por ti. Cérebro e coração têm de emudecer perante as exigências fatais, cruéis e terríveis muitas vezes, da nossa Associação. Terás força para tanto?

— Terei — respondeu firmemente o mancebo.

— Pareces corajoso — observou a voz misteriosa — pareces ter em pequena conta a própria vida.

— Estou pronto a sacrificá-la para um fim justo.

— A ideia da justiça é relativa. O que para uns é justiça para outros é iniquidade. Os irmãos da Mão-negra não têm o direito de discutir e apreciar as ordens que dimanam do seu chefe invisível: têm só o dever de as cumprir. Assim, se te exigirem que craves um punhal no teu coração, não terás o direito de discutir a justiça do sacrifício; apenas terás que obedecer.

— Experimentem.

— Lembra-te, porém, que, se o — Lembra-te, porém, que, se o sacrifício da própria vida te é fácil, outros sacrifícios te podem ser mais penosos. Estás em tempo: se não te sentes com ânimo e coragem para te prenderes a nós por toda a vida, — vai, estás livre, mandar-te-emos conduzir ao sítio de onde vieste.

— Não! — respondeu o mancebo com energia — Eu não sou dos que recuam. Quero ser dos vossos.

— Estende a mão sobre essa caveira e jura que queres ser submetido à prova!
— ordenou a voz.

Paulo estendeu a mão sobre a caveira:

— Juro — disse ele — que desejo ser um dos irmãos da Mão-negra e estou pronto a submeter-me à prova que me for imposta!

Quando acabou de proferir este juramento, sentiu que lhe tocavam no ombro. Voltou-se e viu diante de si um vulto atlético, sinistramente vestido de preto e com o rosto coberto por um capuz como o dos antigos aguazis do Santo Ofício.

Sem dar palavra, o misterioso vulto vendou-lhe de novo os olhos. Em seguida disse:

— à prova!

Pegou-lhe na mão e conduziu-o por um extenso corredor até parar em frente de uma porta, a que bateu de maneira misteriosa e simbólica.

— Quem sois? — perguntou de dentro uma voz, sem abrir.

— Irmão — respondeu o misterioso guia de Paulo.

— De onde vindes?

— Da Ala negra.

— Que trazeis?

— Um novo braço.

— Que busca ele?

— A mão.

— Quem vos guia?

— S. Miguel.

A porta abriu-se.

— Passai! — disse um homem, igualmente envolto num hábito preto e o rosto coberto pelo capuz.

Os dois seguiram avante e entraram numa sala ampla, abobadada, de paredes escuras e iluminada apenas por um globo enorme de vidro, seguro por uma fantástica mão negra, que pendia do teto.

À roda desta sala, viam-se de pé, hirtos e impassíveis, numa imobilidade de estátuas, muitos vultos negros, com o rosto inteiramente oculto sob o capuz do hábito.

Em cada uma das paredes avultava uma grande mão negra, sustentando punhais e espadas, em panóplia.

Ao centro, justamente debaixo do globo, erguia-se uma espécie de trono, assente sobre quatro formidáveis dragões e todo coberto de crepes. Ocupando esse lugar, sem dúvida destinado ao chefe da seita, estava uma figura misteriosa como as suas companheiras e como elas silenciosa e imóvel.

O irmão introdutor de Paulo avançou, silenciosamente, com o mancebo pela mão, até curta distância do trono, parou, levou a destra ao peito, movendo o polegar rapidamente, de modo a descrever com ele uma cruz, e ficou de cabeça curvada, em atitude respeitosa.

— Que quereis, irmão? — interrogou o vulto que se sentava no trono e que era sem dúvida o chefe da seita.

— Que escuteis e recebais sob vossa proteção este meu companheiro, que pretende entrar na ala como combatente.

— Fiais dele?

— Dele fio, senhor!

— S. Miguel vos proteja!

— O apresentante de Paulo afastou-se e foi tomar o seu lugar junto à parede, em fila com os seus companheiros.

Paulo ficou só, junto ao trono, com os olhos vendados.

— Que pretendeis, mancebo? — interrogou o chefe.

— Combater.

— Que armas trazeis?

— A submissão, a energia e a lealdade — disse Paulo.

— Boas armas são essas quando temperadas ao fogo vivo do sentimento do Bem e da Justiça. Que vos falta?

— A força da Mão-negra.

— A Mão-negra só dispensa a sua força e o seu amparo aos que tudo lhe sacrificam com coragem, valor, e brio. Neste grêmio não se admitem nem os tímidos nem os cobardes.

— Não o sou.

— Dizer é fácil; provar é difícil. Quereis sujeitar-vos à prova?

— Estou pronto!

— Reparai que podeis perder a vida na jornada áspera que ides empreender.

— A vida de nada me serve, se não posso dar-lhe aplicação útil.

— É fato. No entanto, é meu dever prevenir-vos de que, sem perderdes a vida, podeis perder a esperança da felicidade, que é a vida do coração, o objetivo da existência.

— Tudo sacrificarei aos meus irmãos.

— É melhor recuar, mancebo. Na longa estrada que tendes a percorrer antes de chegardes à Mão-negra, encontrareis mil perigos e mil precipícios terríveis, que sereis obrigado a transpor ou a morrer. Avançado o primeiro passo nesse caminho misterioso e fatal, recuar é impossível; a menor hesitação é a morte. Só uma coragem admirável e uma força de vontade rara podem conduzir-vos a salvo ao ponto desejado.

— Irei e hei de chegar.

— Pois bem, vinde!

Levantou-se, desceu do trono, deu-lhe a mão, abriu uma porta ao lado da parede e, empurrando-o para dentro dela, disse:

— Podeis tirar a venda. Segui esse longo e escuro subterrâneo até ao fim. Tereis que lutar com o fogo, com a água, com os homens e com as feras, antes que chegueis à porta santa do asilo que buscais. Ide e que S. Miguel — que venceu o dragão — vos dê força e coragem.

O mancebo levou as mãos aos olhos, arrancou a venda e embrenhou-se numa escura e estreita galeria subterrânea, que foi seguindo com estranha ousadia.

A treva cercava-o sem lhe deixar perceber onde punha os pés.

Algumas dúzias de passos andados, um súbito clarão iluminou o subterrâneo. Paulo, deslumbrado, levou as mãos aos olhos. Na sua frente, erguiam-se as chamas pavorosas de um incêndio, que avançava para ele em línguas de fogo, ameaçando devorá-lo. Dir-se-ia que uma enorme represa de álcool ou de petróleo se havia aberto e que, incendiado, ia inundar o subterrâneo, transformando-o num imenso forno crematório.

O mancebo, num momento surpreso, sentindo na face o calor das chamas, nem por isso se deteve. Caminhou audaz e resoluto para o perigo, disposto a deixar-se queimar vivo antes que retroceder.

Ao aproximar-se das chamas, porém, estas apagaram-se subitamente, tornando mais densa a treva do corredor.

Seguiu avante, e pouco depois sentiu o ruído clamoroso e sinistro de uma enorme queda d'água, que se despe

Seguiu avante, e pouco depois sentiu o

ruído clamoroso e sinistro de uma enorme queda d'água, que se despenhava em catadupas de uma rocha que obstruía a passagem e que parecia o remate daquele medonho e tenebroso subterrâneo transformado num lago.

A água despenhava-se de tal altura e com tal fragor que, batendo nas pedras, ressaltava, esparrinhando com tanta violência, que algumas gotas vinham açoitar o rosto de Paulo.

Á primeira vista, parecia impossível transpor aquele enorme pego sem perecer afogado. Uma dúbia luz, coada por uma pequena abertura na abóbada do subterrâneo, esclarecia o medonho passo.

Paulo, tomado da raiva febril de transpor todas as barreiras ou morrer, avançou corajoso, fechou os olhos e atirou-se à água. Com grande assombro seu, achou-se em terreno enxuto. A água tinha desaparecido e com ela o ruído pavoroso da corrente.

A treva tornara-se mais densa. Não obstante, ele caminhava afoito, quando, de repente, se sentiu agarrado e preso por duas fortes e vigorosas mãos que o levantaram ao ar deixando-o cair.

Procurava firmar-se nas pernas, quando notou que o terreno lhe faltava debaixo dos pés e se precipitava num abismo.

Não soltou um grito. Esperava morrer como um homem, e assim chegou a um segundo subterrâneo, onde se encontrou de pé, ileso e sem que sofresse a menor contusão.

Continuou o seu caminho corajosamente, embora sob o peso das comoções sofridas. Foi andando na treva por alguns minutos, quando um rugido terrível lhe despertou a atenção.

Olhou e viu na sua frente uma porta de ferro, defendida, por dois enormes leões, que punham nele os olhos de fogo, escancarando numa ameaça a goela hiante.

Fixou a vista aterrado nos monstros, que soltaram novo rugido atroador.

Pálido, os cabelos eriçados, as faces contraídas de susto, o mancebo pensou em retroceder, mas envergonhado desta cobardia, exclamou, avançando para as feras:

— Antes morrer que recuar!

Rapidamente, os leões sumiram-se na parede e Paulo pôde bater à porta, levantando e deixando cair o pesado batente em forma de mão negra.

A porta abriu-se.

— Entrai! — disse o mesmo chefe que o havia introduzido no subterrâneo, recebendo-o de novo na sala de onde havia partido.

Paulo entrou.

— Ides dar-nos a última prova — propôs o chefe. — Aqui tendes este punhal. Naquele gabinete está, sob a ação de um narcótico, uma mulher, que é preciso eliminar... Ide! Cravai-lhe este punhal no coração.

Paulo pegou no punhal, abriu a porta e ia avançar, quando recuou espantado, soltando um grito terrível:

— Ela! — bradou o pobre rapaz aflitivamente.

É que diante dos seus olhos admirados aparecera uma bela e gentil figura de mulher, estendida sobre um potro de torturas, os pés e as mãos amarradas, a face pálida, os olhos cerrados, como que esvaecida ou morta, e essa mulher, essa visão inesperada, era nem mais nem menos do que a sua amada, a aspiração querida da sua alma, a mulher por quem o pobre moço ia filiar-se na misteriosa e terrível seita da Mão negra!

— Hesitas? — perguntou o chefe com um acento de desprezo e sarcasmo na voz. — Não prestaste ainda juramento, mancebo; não estás preso a nós por nenhuns laços. Se o teu coração se entibia, se o teu braço treme e se recusa a obedecer, vai, deixa-nos! Profere apenas uma palavra e serás restituído à liberdade.

No rosto do mancebo desenhava-se uma angústia profunda. Os cabelos em desalinho, a face pálida, a fronte banhada de um suor frio, não desfitava os olhos daquele meigo e adorado vulto de mulher, a que tinha presa toda a sua existência, todas as esperanças da sua juventude, todas as nobres aspirações da sua alma e que ali via, sem saber como nem porque, semi-morta, amarrada àquele potro fatal, e prestes a cair aos golpes de uma justiça oculta, que a mandava apunhalar!

E havia de ser ele o algoz, havia de ser ele o executor da fatal sentença, ele, que por ela sacrificaria a vida, a honra, a família, tudo o que um homem pode sacrificar à mulher amada!

Era horrível!

— Decide-te, mancebo! — tornou o chefe — Ou cumpres corajosamente os misteriosos desígnios da Mão-negra, ou recusas e vais em paz com a tua cobardia!

Como se lhe tivessem vergastado o rosto, à palavra cobardia, o mancebo apertou na mão o punhal e, voltando-se para o seu misterioso interlocutor, disse, rangendo os dentes:

— Cobarde não o sou, não o serei jamais! Que posso eu fazer para resgatar a vida daquela mulher?

— Nada!

— Ofereço-vos a minha vida, senhores! Pegai em mim, amarraí-me àquele potro onde a tendes manietada, sujeitai-me à tortura mais cruel, mais horrenda, — não soltarei uma queixa, não me ouvireis um gemido! Mas libertai-a a ela, restitui-lhe a liberdade, concedei-lhe a vida, e eu bem direi a vossa generosidade, a vossa grandeza da alma, e o meu último alento será ainda um protesto, de gratidão para convosco!

— Nada podemos fazer-te. Essa mulher está condenada, e nada poderá libertá-la da nossa justiça. Queres executar a sentença ou preferes retirar-te em paz com a tua fraqueza... com a tua cobardia, repito?

— Cobarde nunca! — bradou o moço, luzindo-lhe nos olhos uma cólera terrível
— Bem vedes que não é o meu braço que treme — é o meu coração que luta!

— Vence-o!

— Vencê-lo-ei. Mas antes, dizei-me: não tem preço aquela vida? Quantas vidas quereis que vos entregue em resgate daquela? Apontai-m'as, e eu vos juro que vo-las entregarei todas, sem faltar uma, ainda que para isso eu tenha de descer tão baixo, que me confunda com os mais ínfimos sicários, ou haja de subir tão alto, que chegue a transpor os degraus de um trono! Reparai que esta é a mulher que amo! É o mundo que vós me mandais aniquilar com aquela existência!

— Está condenada. Decide-te! — tornou a voz — Partes ou ficas?

— Pois bem, fico!... para partir com ela!

Avançou desvairadamente para a sua amada, que, imóvel, amarrada ao potro, parecia caída em profundo letargo.

— Beatriz, perdoa-me! — murmurou ele. — Não é a ti que eu apunhá-lo, é a mim próprio... Seguir-te-ei no teu resgate!

Dizendo isto, cravou-lhe fundo o punhal no coração. O sangue espadanou do peito da vítima, que não soltou um gemido.

O mancebo, com as mãos tintas de sangue, veio à sala e disse serenamente, encarando os seus lúgubres e misteriosos companheiros que se conservavam mudos e imóveis:

— Pedistes-me uma vida. Dar-vos-ei duas, ensinando-vos ao mesmo tempo como se mata e como se morre!

E num movimento rápido, sem dar tempo a que o detivessem, alçou o braço e cravou o punhal no coração.

A lâmina, porém, não penetrou a carne e o mancebo, admirado de que o ferro lhe não tivesse produzido a menor dor, examinou espantado a arma homicida.

Era um destes punhais simulados, cuja lâmina de latão, se embebe e desaparece no cabo quando se descarrega a punhalada, voltando a aparecer impelida por oculta mola desde que deixa de ser premida de encontro ao corpo.

— Mas o que é isto? — disse ele indignado, quase sem compreender. — Estamos nós representando uma farsa?

— Não, meu amigo! — respondeu amavelmente o chefe — estiveste dando-nos a prova da tua rara coragem, do valor e lealdade do teu caráter, e nós todos, bendizendo a hora que traz ao nosso grêmio um irmão de tanto valor!

Depois, voltando-se para o gabinete onde ainda jazia inânime a amada de Paulo, continuou:

— Como já deves ter compreendido, ali não está a tua amada, porém a sua imagem tão perfeita e semelhante, que a tomaste por ela própria.

O mancebo, aturdido, punha no manequim os olhos, recusando-se a acreditar o que ouvia.

— Foi, pois, uma simulação de morte — prosseguiu o chefe — O valor moral da ação fica em pé, visto que a tua intenção era obedecer aos preceitos da Mão-negra...

— E matar-me em seguida! — acrescentou o mancebo.

— É a única porta que resta aberta aos nossos irmãos para se separarem de nós. A saída por esse lado, posto seja uma fraqueza, não é nunca um crime. De resto, é também por ela que fazemos sair os que se tornam indignos de pertencerem à nossa Associação.

— Espero que não tereis o incômodo de me ensinar o caminho, se algum dia me arrepender de haver buscado a vossa camaradagem — disse Paulo.

— Felicito-te, mancebo, pela tua rara energia, lealdade e valor do teu caráter, de que deste prova. Serás um bom irmão da Mão-negra e auguro-te uma brilhante carreira dentro do nosso grêmio, se perseverares em conservar puras e imaculadas as apreciáveis qualidades a que deves a tua admissão. Queres prestar juramento?

— Sim!

— Irmão Golias! — ordenou o chefe — vendai os olhos ao neófito!

Destacou-se da parede o irmão que já havia sido o apresentante do mancebo, e cumpriu as ordens do chefe.

— Vendam-se-vos ainda os olhos — disse este — não porque esteja no nosso ânimo guardar para convosco novos mistérios ou admitir-vos com fins reservados, mas tão somente porque a venda que se vos põe agora representa a confiança cega, ilimitada, que deveis ter nos vossos irmãos e nos nobres e justos fins para que todos trabalhamos, unidos como um só homem, guiados pela mesma potente e misteriosa Mão-negra.

Findo este pequeno discurso, o chefe fez um sinal. Os vultos que, de pé e imóveis rodeavam a sala, encostados à parede, avançaram silenciosamente e formaram um círculo à roda de Paulo.

— Irmão Golias! — disse o chefe.

— Eis-me, senhor!

— Fiastes o neófito. Persistes fiando-o?

— Do fundo da minha alma.

— Sois o seu padrinho. Tomai o vosso lugar.

O vulto que dava pelo nome de Golias postou-se ao lado do mancebo, tendo na mão uma salva de prata coberta por um crepe.

O chefe subiu então ao trono e passou-se naquele recinto uma cena deveras surpreendente.

De pé sobre o trono, o chefe pegou em um escrínio de pau santo com embutidos de prata e marfim representando uma caveira com dois fêmures em cruz, carregou em um pequeno botão, e o escrínio abriu-se, transformado-se rapidamente em uma almofada de veludo carmesim em que assentava um crânio alvíssimo, seguro por dois punhais em troféu.

Estendeu para a assembléia o braço sustentando esta estranha relíquia, e imediatamente os vultos, levando as mãos à cinta, desembainharam luzentes floretes que traziam ocultos debaixo dos hábitos e que apontaram ao neófito, formando-lhe com eles um círculo de ferro.

Ao mesmo tempo uma voz ressoou:

— Está aberto o templo!

Três portas abriram-se e por elas começou entrando uma verdadeira multidão de capuzes negros, trazendo na mão esquerda uma tocha acesa e na destra um punhal.

Os das tochas formaram em cruz, ao comprido e ao través do templo, abrindo em alas, voltados todos para o centro, onde se agrupavam, como já dissemos, os primeiros vultos, rodeando Paulo, com os floretes desembainhados.

Tudo isto se fez no meio do maior silêncio e quase sem deixar perceber o ruído dos passos.

Então o chefe, erguendo a voz, disse:

— Mancebo, juras obediência, lealdade e amor a todos os irmãos da Mão negra? Juras não revelar a alguém os segredos da nossa agremiação? Juras sacrificar por ela todos os dias da tua vida, todas as horas da tua existência, o vigor do teu braço, os pensamentos do teu cérebro, os sentimentos do teu coração?

Paulo estendeu a mão e disse solenemente:

— Juro!

Imediatamente, o irmão Golias, entregando a outro a salva que tinha na mão, voltou-se para o neófito, dizendo:

— Irmão David, pois que sou teu padrinho, vou impor-te o hábito de Mão-negra!

Enfiou-lhe então pelos ombros um hábito igual ao que os outros vestiam, deixando-lhe apenas a cabeça a descoberto, sem lhe deitar o capuz.

— Tirai a venda, irmão — ordenou o chefe — para que toda a luz se faça aos vossos olhos!

O mancebo arrancou a venda e ficou maravilhado e surpreendido ante o estranho quadro que se apresentava à sua vista.

Os irmãos haviam atirado os capuzes para as costas e descoberto os rostos, conservando-se, porém, na mesma atitude severa e hostil, com os floretes apontados ao novo irmão.

Passando uma vista curiosa por todos eles, o mancebo ficou surpreendido de ver muitos rostos conhecidos à volta de si.

O irmão Golias, pegou-lhe na mão e fê-lo subir os degraus do trono.

O chefe veio recebê-lo a meio, apertou-o nos braços e osculou-o na testa.

— Bem vindo sejas, irmão, a aumentar a nossa ala! — disse ele.

A estas palavras, todos os floretes se abaixaram, entrando na bainha.

Em seguida tomou-lhe a mão e acompanhou-o até ao degrau inferior do trono, dizendo:

— Recebe o abraço de teus irmãos e faze por te conservares sempre digno deles.

Os irmãos que o haviam rodeado com os floretes vieram todos um a um abraçá-lo e beijá-lo na testa.

— Irmãos! — disse o chefe do alto do trono — vai reunir o sublime capítulo. Está encerrado o templo.

As luzes apagaram-se, e os vultos começaram a sair pelas diferentes portas do recinto, sumindo-se misteriosamente sem que alguém pudesse dizer que caminho levavam.

CAPÍTULO 2: AMOR E ESPERANÇA

Deixemos os misteriosos irmãos da Mão-negra seguir o caminho que os havia de reconduzir ao mundo do qual por algum tempo semelhavam ter-se apartado, e sigamos o arrojado e corajoso adolescente que acaba de iniciar-se nos mistérios da terrível seita.

Paulo, tendo saído da quinta do Carvalhido em companhia do seu amigo Jorge, agora convertido em seu irmão, regressou à cidade no mesmo trem que o conduziu, apeando-se e despedindo-se do companheiro em uma rua próxima da de Cedofeita.

Eram três horas da manhã e o vento continuava soprando rijo da barra, pondo negrumes de tempestade naquela noite desabrida.

O mancebo seguiu pela rua deserta até parar junto de uma casa de luxuosa aparência, e que denunciava pelo exterior severo e pelo amplo jardim gradeado que lhe ficava contíguo, a opulência dos seus habitantes.

Inflou as bochechas e, batendo-lhe com as mãos, imitou o canto da perdiz.

Era evidentemente um sinal, porque algum tempo depois, uma das janelas do rés-do-chão, vedada por grades de ferro, abriu-se manso, e uma voz feminina disse, tremula e quase sumida:

— Como vens tarde, meu amigo!

— Beatriz, perdoa, mas um assunto do mais alto interesse e de que depende a nossa felicidade futura impediu-me de vir à hora costumada. Hesitei em vir

despertar-te a esta hora; mas a ideia de que havia de estar sem te falar e talvez sem te ver até amanhã à noite, obrigou-me a procurar-te, Beatriz.

— Eu esperava-te... Esperava-te, porque tinha também que te dizer... Oh! se soubesses como estou aflita!

— Tu! Mas o que te sucedeu, anjo da minh'alma?...

— Paulo... — gemeu a meiga voz que falava do lado de dentro da grade — não sei como t'o hei de dizer... meu Deus!

— Fala, Beatriz, fala, pelo nosso amor t'o peço! — suplicou o moço — Não me tenhas por mais tempo nesta cruel expectativa... Tu choras, tu pareces aflita... Meu Deus! o que é que motiva a tua dor?

Beatriz, cujo vulto mal podemos distinguir na penumbra do aposento, ocultava o rosto entre as mãos buscando afogar os soluços.

— Paulo, — disse ela — meu pai... quer casar-me!

O mancebo recuou um passo como se lhe tivessem descarregado uma violenta pancada no peito.

— Quer casar-te! — exclamou. — E com quem?

— Com um rapaz que eu mal conheço... um rapaz que tem vindo duas ou três vezes de visita a nossa casa, onde foi apresentado por um dos mais íntimos amigos de meu pai...

— Dize-me o nome desse rapaz! — intimou desvairadamente o moço.

— Eugênio de Melo — soluçou Beatriz.

— Eugênio de Melo! — repetiu o mancebo. — Esse nome é completamente estranho para mim. Nunca t'o ouvi pronunciar.

— Se te digo que apenas veio duas ou três vezes de visita a nossa casa, apresentado por um amigo de meu pai...

— Mas, enfim, como é que surge agora essa ideia de te casarem com ele? Acaso esse rapaz alguma vez te manifestou sentimentos de simpatia ou de amor? Fala-me com franqueza, Beatriz. Compreendo que por uma bem entendida delicadeza da tua parte para comigo, julgasses dever ocultar-me os galanteios desse rapaz, se porventura eles te eram indiferentes... Mas não compreendo como teu pai pudesse ter a ideia súbita de te casar com ele, sem mesmo tentar indagar se o teu coração não repeliria um semelhante enlace.

— Não! juro-te que nunca dos lábios desse rapaz ouvi uma palavra que pudesse dar-me a perceber o mais tênue sentimento de amor por mim. Fora dos

cumprimentos e cerimoniaosas atenções que as pessoas de boa sociedade usam ter para com uma senhora, não se trocaram entre nós quaisquer amabilidades que justificassem o pensamento deste enlace que me surpreende!

— É extraordinário! E como é que teu pai pretende impor-te um casamento em que tu nem sequer tinhas pensado?

— Sabes que meu pai —olveu Beatriz — habituou-se a contar com a minha obediência cega e passiva em todos os seus desejos, que para mim são ordens. Muito austero, educou-me sob um regime de ferro em que a sua vontade é a única que predomina...

— Isso, porém, não é razão para que ele se julgue no direito de sacrificar o teu futuro de mulher aos seus caprichos de... pai.

— Meu pai ignora que eu te amo, Paulo! Julga o meu coração desprendido de qualquer afeto e crê que não me repugna a ideia de unir o meu destino ao de um homem que ele julga digno de mim.

— E se de fato te não repugna... obedece-lhe! — bradou o mancebo numa voz estridente em que ia todo o fel do seu desespero.

— Paulo! És injusto para comigo! Sabes que te amo, que não posso amar outro homem que não sejas tu; e quando me vês aflita, atormentada ao peso da cruel exigência de meu pai, em vez de suavizaras a minha dor, de me animares com o teu conselho a resistir à fatal imposição que me é feita, ainda me torturas mais com esse tom acrimonioso e hostil das tuas palavras! Não te mereço isso...

As lágrimas da jovem interlocutora de Paulo que, se realmente possui um rosto tão meigo como as suas palavras, de linhas tão suaves e puras como é doce o acento da sua voz, deve de ser uma criatura encantadora, pareceu abrandar um pouco o irritado ânimo do mancebo.

— Mas o que queres tu que te diga, minha querida, se eu noto que era vez de pensares em repelir a despótica imposição de teu pai, ainda tentas desculpá-lo?

— Não o desculpo... digo apenas o que ele pensa.

— Mas que tenho eu que saber o que pensa teu pai? O que desejo saber é o que pensas tu, minha querida! O que é que tencionas fazer? Que respondeste a teu pai? Qual é a tua intenção?

Beatriz pareceu hesitar na resposta.

— Desejava ouvir-te, primeiro, Paulo... desejava que me disseses o que devo fazer...

— Eu?! Pois é a mim que compete dirigir os teus atos? É a mim que compete ditar a tua resposta? Consulta o teu coração, Beatriz... Ele que te responda e te diga a resolução que deves tomar...

— Paulo! O meu coração diz-me que só a ti pertença, que só a ti eu desejo ter por marido... Mas, bem vêes, quando eu disser a meu pai que te amo, e que por ti estou decidida a recusar outro qualquer enlace, por mais vantajoso que se apresente, meu pai há de perguntar-me quem és...

— E tu dize-lhe que sou aquele que julgas que eu seja. Ou vai tão longe a tua piedade por mim e o teu desprezo por ti que, tendo-me na conta de indigno do teu amor, assim mesmo m'o concedes?

— Oh! não, não, Paulo!

— Nesse caso, o que receias?

— É que eu julgo-te com o coração; meu pai, porém, há de julgar-te com a cabeça; e entre o coração da filha e o cérebro do pai existe uma distância tão grande, que eu receio bem que não possamos transpô-la...

— Se essa é a tua convicção e te faltam forças para resistir e lutar, submete-te e... adeus! Adeus para sempre, Beatriz!...

Paulo ia a retirar-se. O ânimo orgulhoso e altivo deste adolescente de 18 anos, que tinha já a energia e a vontade de ferro de um homem feito, não podia suportar sem protesto os tímidos receios e as hesitações ofensivas da mulher que adorava.

— Paulo! — tornou a chamar a jovem. — Escuta-me! Que singular prazer tens em me atormentar, quando eu tanto preciso da tua compaixão e da tua piedade!

— Falas-me em tormentos, Beatriz, quando desde que aqui cheguei outra coisa não tens feito senão revolver-me num perfeito inferno de torturas! Acabemos com isto, e vamos direitos ao fim sem tergiversações nem rodeios. Teu pai impôs-te o casamento com esse... rapaz, que deve ser por força rico, distinto... amável, enfim. E tu aceitaste?

— Eu...

— Hesitas na resposta e a tua própria hesitação me responde: aceitaste e vens dizer-me que está tudo terminado entre nós...

— Oh, não! — acudiu a jovem, com ímpeto. — Eu não aceitei nem respondi como desejava. Pedi que me deixassem refletir, porque o meu primeiro pensamento foi ganhar tempo, para poder combinar contigo o que devo fazer...

— O que deves fazer não seja eu quem t'o diga. Teu pai é rico, Beatriz; tu mesma és já herdeira de uma avultada fortuna, e eu sou pobre. Separa-nos, portanto, atualmente um abismo... Cuidei que poderia contar contigo solteira e livre até ao dia, que não viria longe, em que eu pudesse apresentar-me a teu pai, a solicitar a tua mão, sem que o pedido revestisse o caráter humilhante para mim de uma tentativa de penetrar no santuário da riqueza pela porta do coração de uma mulher. Vejo, porém, que o destino quer o contrário; que outro pretendente se apresenta com menos escrúpulos ou mais dinheiro do que eu, e que da firmeza e constância do teu amor nada tenho a esperar, se eu não me resolver a prestar-te o amparo incompatível com a minha dignidade de homem e com o programa que me tracei de só a mim dever o meu triunfo. Paciência!

— Paulo, tu não me conheces! ou, — Paulo, tu não me conheces! ou, se me conheces, estás sendo para mim de uma injustiça que mais tarde te há de fazer remorsos... Escuta-me, meu amigo, escuta-me com serenidade e repara bem nas minhas palavras.

E Beatriz, com voz tremula de comoção, principiou dizendo:

— Não conheces o caráter de meu pai e não admira por isso que julgues ser-me coisa fácil o contrariar-lhe os propósitos... Eu, porém, que o conheço, que por ele fui educada e com ele tenho vivido sob o jugo do seu gênio ríspido e severo, avalio bem que cruéis amarguras e horríveis tormentos a sua cólera me prepara na luta que vou ser obrigada a sustentar, recusando-me a aceitar por esposo o homem que ele me escolheu. Não me intimida, porém, a perspectiva do sofrimento. Morrerei de bom grado na defesa dos sagrados afetos do meu coração e conservar-me-ei fiel ao juramento tantas vezes repetido do meu amor. O que quero é ter a certeza de que a tua confiança me não abandona, Paulo; que quaisquer que sejam as mudanças que se operem no nosso modo de viver e de nos relacionarmos — mudanças que eu não posso prever por enquanto quais sejam, mas que certamente hão de ser as mais dolorosas para o nosso coração — eu terei no teu espírito e na tua lembrança o lugar a que o meu amor me dá direito...

— Beatriz! — exclamou o mancebo — quando se ama como eu te amo; quando se sente no peito a chama ardentíssima de um vivo e intenso amor que de todo nos senhoreia o espírito e nos absorve a existência, luta-se, sofre-se, morre-se, mas não se esquece jamais o nome daquela que nos inspirou tão fervoroso culto!

— Pois bem, meu Paulo! É possível que o destino nos reserve dias bem sombrios de uma ausência crudelíssima, que há de retalhar-nos o coração e quase volver-nos loucos de desespero. Sejam quais forem as circunstâncias em que nos encontrarmos, sejam quais forem as aparências que me condenem, não

duvidarás nunca da lealdade do meu afeto como eu não duvidarei, jamais da sinceridade da tua alma, não é verdade?

— Fazes-me estremecer de receio, Beatriz! Decerto exageras o pavoroso quadro dos nossos infortúnios... — disse o mancebo, pálido de comoção.

— É que tu não conheces meu pai!

— Que poderá ele fazer, se tu recusares tenazmente esse enlace como uma violência imposta ao teu coração? Antes de tudo, tu és sua filha; e um pai, por muito severo e ríspido que pareça, não se transforma por simples capricho no algoz daquela a quem deu o ser.

— Não sei... não posso dizer-te nada por enquanto, senão que tudo espero deste funesto desígnio manifestado por meu pai... Mas seja como for, jura-me que não duvidarás nunca da mim, que hás de sempre confiar na tua Beatriz como naquela que mais te ama no mundo.

— Juro-te, meu amor, que serás minha e que não te hás de encontrar só na luta e no sofrimento. Tenho amigos — continuou Paulo — amigos poderosos, contra os quais não é fácil nem prudente lutar... Com eles conto como irmãos e neles espero encontrar o auxílio de que ambos carecemos. Não te assustes nem te deixes dominar pelo terror. Ontem, ainda desprotegido, poderia talvez apavorar-me a ideia da minha fraqueza contra inimigos tão poderosos como é teu pai; hoje, cômico de que os brados íntimos do meu coração ameaçado de morte encontrarão eco em outros corações que me são dedicados, levanto-me orgulhoso e altivo do teu amor, e digo-te: “Não sucumbas, anjo da minha alma! Tem confiança em mim, que havemos de vencer”.

O tom de absoluta segurança com que Paulo proferiu estas palavras pareceu transmitir novo alento à jovem.

— Lutarei — disse ela — e agora com mais energia, desde que nas tuas palavras tenho o penhor de que não será perdido o meu sacrifício. Nada mais te pedia e nada mais te peço do que essa confiança inabalável na constância do meu amor. Ama-me como eu te amo, Paulo! e deste sentimento, que é a vida, hauriremos forças para resistir aos embates de uma sorte cruel e adversa!

Trocaram-se ainda novas juras e protestos de constância e amor sem fim, despedindo-se, e prometendo tornar a ver-se na noite seguinte.

O leitor, eivado do realismo da época, certamente está sorrindo do corte romanticamente amoroso e piegas deste diálogo dos dois namorados.

Efetivamente, a menina tem a frase um tanto brunida e lustrosa das heroínas dos romances de outras eras, o que dá um tom de inverosimilhança ao lance ingenuamente sentimental.

Mas o romancista, se copia do natural como nós o estamos fazendo, não tem remédio senão acingir-se à verdade e reproduzir os seus personagens com os aleijões que a natureza, as condições do meio ou os acasos do nascimento e da educação lhes imprimiram no corpo ou no caráter.

Esta menina, assim romanticamente apaixonada, exprimindo-se em termos de um antiquado sabor literário, não nos está revelando uma assídua e ingênua leitora das novelas de Camilo?

Claro está que ela reproduz incorretamente o que de pior podia haurir na leitura do genial escritor — a ênfase, o arredondado do período, a declamação cantante, sem os esmeros da dicção, sem a impecável beleza e elegância de forma do grande Mestre. Mas o fato é que ela, em assuntos de coração, não podia exprimir-se de outra maneira, visto que, como mais tarde teremos ocasião de averiguar, foi nas páginas soluçantes do “Amor de Perdição” que aprendeu a traduzir as primeiras balbuciações do seu amoroso coração de criança.

Paulo também, pela sua parte, influenciado pelas mesmas leituras, correspondia-lhe no tom e no gosto do seu arrazoado. Se, porém, esta linguagem pode ser capitulada de falsa, o mais espantoso é que ela exprimia um sentimento profundamente verdadeiro.

Os dois amavam-se com entranhado ardor, e isso é o que mais importa saber ao leitor inimigo de divagações.

Ponhamos, pois, de parte a preocupação de responder a reparos que a grande maioria certamente não fará e digamos em poucas palavras o que foi feito de Paulo, desde que, cerrada a janela da sua amada, teve que retirar-se a passos apressados para que a chuva, que começava a cair em grossas gotas, o não surpreendesse na rua tristemente deserta.

O mancebo era estudante. Tinha completado o curso do Liceu e matriculara-se no primeiro ano da Academia.

O padre Filipe, seu protetor e amigo, era quem se dizia encarregado de lhe fornecer os meios de subsistência e de estudo.

Não o tinha, porém, na sua companhia. Incumbira-o aos cuidados de uma família honesta, onde era tratado como filho, e limitara-se apenas a exigir que o seu estudante o fosse visitar duas vezes por semana, nas quintas e nos domingos, à casa que ele habitava, na rua Chã.

Paulo não conhecera outra família, além daquela em casa de quem o hospedaram aos doze anos. Até aí, que se lembrasse, fora aluno interno de um instituto religioso, onde umas irmãs piedosas o trataram com o carinho de mães, ficando-lhe desse internato uma recordação tão saudosa que, ainda

agora, ia a amiúde visitar a abadessa, madre Paula, que tinha no seu coração o primeiro lugar.

Recolhendo a casa na manhã daquela noite acidentadíssima, o mancebo não pôde dormir.

Agitadíssimo, recordando o seu passado, em que parecia haver um ponto escuro que o mortificava, Paulo resolveu erguer uma ponta do véu misterioso que encobria o seu nascimento.

No dia seguinte, pelas 10 horas, dirigiu-se a casa do seu protetor, e sem mais preâmbulos, disparou-lhe esta pergunta à queima roupa:

— Diga-me, padre: quem é meu pai?

O padre Filipe, surpreendido pelo imprevisto da pergunta, pôs no mancebo os olhos espantados e ficou-se a considerá-lo em silêncio por alguns momentos.

— Porque me fazes essa pergunta, Paulo? — disse por fim.

— Porque sou um homem, porque tenho já dezoito anos, e desejo saber de onde venho, para poder destinar para onde vou, ou para onde devo ir... respondeu o mancebo com firmeza.

O padre Filipe sorriu bondoso a esta replica do moço e continuou a olhá-lo fixamente.

— Paulo — disse ele afinal — se dizes que és um homem, como pode influir no teu destino o saberes ou deixares de saber o nome daqueles a quem deves a existência? És um homem; e todos os homens devem ser guiados pelo mesmo sentimento do bem, todos devem caminhar para o mesmo fim: serem úteis a si e à humanidade. Creio que o fato de cada um saber ou ignorar o nome de seus pais nada influi ou nada deve influir no destino que lhe está traçado.

— Perdão, meu bom amigo! — objetou Paulo — Todo o homem tem o direito, creio eu, de conhecer a sua origem, de saber o nome dos seus progenitores, não só para os respeitar e bendizer pelo benefício da vida que lhe concederam, mas ainda para nortear os seus atos pelas tradições da sua família. Por isso insisto na pergunta: quem é ou quem foi meu pai?

— Teu pai — tornou o padre placidamente e agora de todo repostado do sobressalto que lhe causara a pergunta — teu pai é ou foi um homem. Disso não te deve restar dúvida, pois que homem te dizes já e como homem te apresentas.

— Mas não tinha nome esse homem?

— Se o tinha, não chegou nunca ao meu conhecimento.

— Nem o nome de minha mãe?

— Nem o nome de tua mãe.

— Como é, pois, que eu me chamo Paulo de Noronha?

— Naturalmente porque aqueles que te deram o ser assim quiseram que te chamasses.

— Assim quiseram! A quem manifestaram eles essa vontade? São ainda vivos? Se o são, porque se ocultam e me não aparecem? Se morreram, porque motivo deixaram envolto no mistério o meu nascimento?

— A nenhum filho é lícito discutir e muito menos censurar os atos de seus pais.

— Mas eu não censuro, nem sequer discuto! — obtemperou Paulo — eu apenas pergunto.

— há perguntas que envolvem censura, se não para aqueles a quem se fazem, pelo menos para aqueles de quem se fazem... Mas dize-me, Paulo, que estranha curiosidade é essa que assim te move a querer saber o que por enquanto deves ignorar?

O mancebo hesitou por alguns instantes e por fim disse:

— Padre Filipe, permita-me que lhe fale com franqueza e lhe exponha as dúvidas que há tempo a esta parte me obcecaram o espírito e me fazem refletir na minha estranha situação...

— Fala, meu amigo, fala! — animou o padre bondosamente — e crê que, a não ser madre Paula, ninguém no mundo merece tanto como eu a tua confiança.

— Pois bem! — tornou Paulo — há muito tempo que eu dirijo a mim mesmo estas perguntas: Quem sou eu? De que família descendo? Como se chamam ou se chamavam meus pais? Todos os meus condiscípulos dizem de quem são filhos, todos repetem com orgulho o nome dos pais ou relembram com saudosa ternura o nome das mães. Todos dizem: “a minha casa, a minha família”, só eu não posso dizer — meu pai, minha mãe, porque são entes que não conheço, de que nunca ouvi falar, de quem não tenho a menor notícia. Dar-se-á caso que eu não tivesse pai, que não tivesse mãe? Mas então a quem devo eu a minha existência, o amparo e proteção que até agora tenho recebido? Sou um órfão? Sou um enjeitado? Vivo e alimento-me do que por direito de nascimento me pertence, ou recebo a esmola de nobres almas compassivas? No primeiro caso, se tenho direitos, reclamo-os, porque esses direitos impõem-me deveres que eu quero respeitar e cumprir. No segundo, como sou já um homem e tenho o braço bastante robusto para ganhar o pão da existência, não devo por mais

tempo aceitar criminosamente a caridade que me trouxe até aqui e que pode fazer falta a outro desgraçado como eu!

— Paulo! — disse o padre Filipe, fundamente comovido — és ainda muito novo para te preocupares com assuntos que, por enquanto, devem permanecer envoltos no véu do mistério que os encobre aos teus e aos meus olhos. Eu nada te posso dizer, filho.

— É então à caridade de vossa reverendíssima e de madre Paula que eu devo o pão que até agora me tem alimentado, não é assim? — perguntou o mancebo, extraordinariamente comovido e pálido.

— Não! Não! — atalhou padre Filipe. — Eu recebi de um meu superior, a quem assisti nos últimos instantes, o encargo de velar por ti e de aplicar às despesas da tua sustentação e educação a quantia que mensalmente me é enviada por pessoa que desconheço e que já antes a enviava ao santo sacerdote que me legou este encargo. A mim nada me deves, meu filho, senão a grande estima que tenho por ti e o grande desejo que sinto de te ver conquistar uma posição digna e honrosa na sociedade.

Paulo calou-se. As palavras do padre Filipe, repassadas de suavidade e doçura, impressionaram-no profundamente.

— Estou então condenado — disse ele, passados instantes — a ignorar toda a vida o nome de meus pais?

— E de que te valeria o sabê-lo?

— De que me valeria! Valer-me-ia de não ter que corar diante de quem me interrogar a esse respeito! Valer-me-ia de não ter que recuar envergonhado e confundido diante de uma família honesta que, antes de me admitir como filho em seu seio, terá que perguntar-me o nome de meus pais! Valer-me-ia, enfim, de não me encontrar nesta horrorosa situação de não saber quem sou, se o portador legal de um nome honrado, se o vil e abjeto fruto de uma ação indigna, de um amor bestial e criminoso!

Ouvindo esta retumbante tirada do moço, o padre Filipe sorriu ainda amorável e observou-lhe:

— Os tempos mudaram e com eles a orientação da sociedade moderna, meu Paulo. Já nenhum homem se impõe hoje pela família, pelas tradições dos seus antepassados, pelas quiméricas e fantásticas ilusões de uma árvore genealógica, bracejando vergôntes e rebentões inúteis pelos séculos fora. Nenhum homem vale hoje pelo que valeram seus pais e seus avós... Hoje, cada um vale por si, pelos seus merecimentos próprios, pelas nobres qualidades do seu caráter, pelas brilhantes manifestações da sua inteligência. A tendência democrática dos

nossos tempos de há muito que pôs de parte as falsas convenções de uma sociedade que se desmoronou...

— Mas não pôs de parte, creio eu, os ditames da honra! — retorquiu o mancebo.

— Decerto. E alguém te impede de te afirmares sempre um homem honrado, Paulo? A honra está nos nossos atos, está no uso que fazemos das faculdades com que a natureza nos dotou, está na firmeza e altivez com que, através de todas as vicissitudes, cumprimos intemeratamente o nosso dever; não está nos acasos do nascimento, nos brios de passados avoengos, nos apelidos pomposos dos que nos deram o ser. Faze, pois, por merecer a estima e o respeito dos teus concidadãos, Paulo, e não te preocupe a ideia de não saberes de quem vens. Basta que apenas conheças para onde vais e sigas sem tergiversar a linha do dever.

O mancebo guardou silêncio por alguns instantes.

— É, pois, um mistério impenetrável o meu nascimento? Mas com que direito se me oculta o nome de meus pais? Com que direito me condenam a esta luta permanente comigo mesmo, sem saber se o que me dão o devo receber como meu, se o devo considerar como uma esmola?

— Paulo! Por duas vezes já, desde que aqui entraste, proferiste a palavra esmola. As esmolas dão-se aos desgraçados, aos inválidos, aos que se encontram impossibilitados de, por esforço próprio, proverem aos meios de subsistência. Tu não estás nesse caso. Quando muito, o que recibes de mão ignota que não precisas conhecer, é um adiantamento, uma dívida que contrais e que te será fácil solver, correspondendo dignamente às esperanças que em ti depositaram os que quiseram fazer-te um bom cidadão, um homem útil a ti e aos teus semelhantes. E sobre isto, meu amigo, creio que temos falado bastante. Dize-me — continuou o padre Filipe — tens ido visitar madre Paula?

— há mais de quinze dias que a não vejo.

— És ingrato, Paulo! A pobre senhora deve ter estranhado a falta da tua visita... Como é que podes esquecer assim por tanto tempo quem tantas provas de carinhoso afeto te tem dado?

— Padre — disse Paulo, ruborizado — eu não esqueço, nem poderei esquecer nunca quanto devo a essa bondosa e santa senhora, que tem tido para mim desvelos e ternuras de... de mãe. Na minha vida, porém, começam a surgir tão imprevistas lutas, incidentes de tal modo inquietadores, que não sei se deva perturbar com a minha presença o suave remanso daquela existência para mim tão cara!

— Lutas imprevistas, incidentes inquietadores... — O que é isso, Paulo? Fala-me com franqueza, dize-me tudo, rapaz! O que é que te acontece de estranho e de ameaçador? Não te esqueças de que deves considerar-me o teu primeiro e mais sincero amigo, meu filho! Creio que tenho direito à tua confiança... Ou não?

— Respeito-o muito, meu padre, para vir importuná-lo com assuntos que lhe parecerão talvez pueris...

— Bem sei!... Negócios do coração... Temos amores no caso... São os primeiros rebates da virilidade no coração de um adolescente. Vamos! quem é a tua Virginia, meu Paulo? — perguntou jovialmente o sacerdote.

— A minha Virginia — disse o mancebo, com entusiasmo — chama-se Beatriz, e não é menos formosa nem menos adorável do que a imortal inspiradora do Dante.

— Bravo! — exclamou rindo o padre Filipe. — Temos, pois, em perspectiva uma comédia divina, para fazer confronto com a Divina Comédia...

— Se não tivermos antes um drama extraordinário, até agora inédito na história dos sofrimentos humanos...

O padre encarou-o gravemente.

— Falas sério, Paulo?

— Tão sério que me atrevi a vir interrogá-lo, padre Filipe, sobre a história do meu nascimento.

— Ah! era por isso que vinhas assim nessa ânsia, pedir-me a chave do enigma da tua existência? Eu devia tê-lo adivinhado... Só as mulheres são curiosas por índole...

— Não, não! — atalhou Paulo. — A mulher que eu amo ainda não me fez a menor pergunta que me dificultasse a resposta. Eu, porém, é que desejo saber quem sou para saber o que posso oferecer-lhe.

— Pois não é suficiente o coração do homem que ama para a mulher amada?

— Padre, a mulher que eu amo não é livre; tem pai, que se julga com direito a intervir no seu destino e a impedir que sua filha busque a aliança de um homem de origem... desconhecida.

— Foi essa menina quem t'o disse?

— Disse-m'o a minha própria razão.

— Queres um conselho, Paulo? — perguntou inopinadamente o padre Filipe.

— Os conselhos de vossa reverendíssima são para mim leis sabias e justas, que eu não posso deixar de acatar com o respeito e gratidão que lhe devo.

— Pois bem; refreia os ímpetos da tua paixão por essa menina e busca antes de tudo fazer-te digno do seu amor.

— Já o sou.

— Pelos dotes do coração, concordo, mas não pela posição social alcançada. O primeiro que o pai dessa menina há de perguntar-te, quando souber que lhe pretendes a mão da filha, é com que recursos contas para proporcionares a tua mulher a felicidade e o bem estar a que ela tem direito. Querera saber que posição é a tua, que profissão exerces ou de que meios de fortuna dispões para poderes dignamente apresentá-la na sociedade ao respeito e à consideração das pessoas de bem. E compreendes, meu Paulo, que a tais perguntas não se responde com uma certidão de batismo que nos dá avós ilustres de quem não herdamos um palmo de terra onde cair mortos, nem com a reedição apaixonada dos mil juramentos de amor constante que enviamos à filha em perfumadas cartinhas que lá estão, em maço, amarradas com fita de seda...

O mancebo não pôde deixar de sorrir a estas palavras do padre Filipe, que denunciavam um profundo conhecedor da arte do galanteio.

— Os pais não se contentam com tão pouco, exigem mais alguma coisa — continuou o sacerdote — Ora esse mais alguma coisa é que está na tua mão oferecer-lh'o, Paulo. Conquista pelo estudo e pelo trabalho honesto uma posição que te nobilite aos olhos do mundo; engrandece-te a ti próprio, torna-te homem; e quando a tua consciência te disser que não és inferior à mulher que amas, vai pedi-la e não receies que o pai te não encontre bastante nobilitado para entrares na sua família.

— Mas o pai de Beatriz quer casá-la com outro! — exclamou o mancebo, dando largas ao desespero que lhe ia na alma.

— O pai dessa menina sabe que ela te ama?

— Não sabe.

— É, pois, natural que, julgando o coração da filha desligado de qualquer afeição, pense em lhe proporcionar um enlace que lhe parece vantajoso. Todos os pais pensam no futuro de suas filhas e esse não o seria, se desdissesse da regra geral. Mas daí a violentar-lhe o coração e a impor-lhe à força um casamento que ela rejeita, vai uma distância enorme. Se essa menina te ama sinceramente, como dizes, recusará o consórcio que o pai lhe proporciona, alegando motivo que para todos os pais deve ser sagrado — a ausência absoluta de simpatia pelo noivo proposto. Se, pelo contrário, o sentimento que diz nutrir por ti não é tão vivo e intenso que lhe permita a recusa, casar-se-á, e com o fato

só tu tens a lucrar, pois que assim te livras do escolho de vires a possuir por companhia uma criatura incapaz de corresponder às nobres aspirações da tua alma. Não creio, pois, que isso seja contrariedade de maior, que te dê motivos para os sobressaltos e inquietações que revelas. Vai visitar madre Paula, meu rapaz... Conta-lhe os segredos da tua alma, nada lhe ocultes, e verás como nas suas palavras e conselhos hás de encontrar o sossego e quietação que precisas... Isto não é desviar de mim o encargo de te guiar e dirigir no acidentado caminho a que o coração te propõe — acrescentou o padre — Mas é que as mulheres, em questões do coração, têm mais autoridade, são mais profundamente conhecedoras da misteriosa ciência do sentimento alheio, e têm sobretudo um poder de persuasão que a nós outros os homens nos falece. Procura madre Paula, conta-lhe tudo, escuta as suas palavras e verás que hás de sentir-te bem, meu filho.

— Procurá-la-ei — disse Paulo — mas creio bem que não poderá aconselhar-me melhor do que vossa reverendíssima acaba de o fazer; nem as palavras da santa e virtuosa senhora poderão trazer mais funda ao meu espírito a convicção que vossa reverendíssima me deu de que preciso engrandecer-me, fazer-me homem para conquistar a posse da mulher que amo!

— Folgo de ver que compreendeste bem o intuito das minhas palavras, Paulo. Crê que ninguém mais do que eu deseja a tua felicidade e o teu bem estar. Se fosses meu filho, não te aconselharia de modo diferente nem desejaria com mais ardor ver-te ascender a uma posição culminante. Disso podes estar certo.

— Trabalharei e empregarei todos os esforços para realizar os desejos de vossa reverendíssima — que são também os meus.

— E consegui-lo-ás, porque és inteligente, és enérgico, e revelas nobreza de carácter. Com tais predicados, só não alcança uma posição distinta na sociedade quem não quer.

Agora, reanimado pela esperança que as palavras do padre Filipe lhe incutiram, o mancebo despediu-se do seu protetor, mais que nunca resolvido a encetar a luta pela vida e pelo triunfo completo das nobres aspirações do seu amoroso coração de rapaz.

CAPÍTULO 3: PAI E FILHA

Enquanto o pupilo do padre Filipe e de madre Paula busca a maneira de realizar os dourados sonhos da sua imaginação juvenil, queira o leitor acompanhar-nos a casa do pai de Beatriz e travar conhecimento com o sombrio progenitor da encantadora menina.

Não tendo nós os mesmos motivos de Paulo para ocultar do pai as relações com a filha, justo é que busquemos o conhecimento de ambos e entremos na

intimidade dos dois para melhor podermos avaliar o caráter de cada um e apreciar os acontecimentos que vão desenrolar-se aos nossos olhos.

Á hora a que entramos, está o sr. Custódio de Jesus sentado à secretária do seu gabinete, fazendo contas e arquivando documentos que parece lhe são muito úteis, pela atenção e minuciosidade com que os examina e pelo cuidado com que em seguida os guarda emaçados e rodeados de uma larga cinta de papel branco, em que se lê numa excelente letra garrafal, a palavra — Hipotecas.

— Estas bem estão — murmura ele coçando distraidamente com a mão direita a vasta suíça grisalha, talhada em forma de foicinha e franzindo o lábio superior completamente rapado à navalha, talvez para facilitar a passagem do meio grosso destilado e liquefeito em repetidas pitadas nas profundezas insondáveis de um nariz que exteriormente apresenta a configuração e o aspecto de um capacete de alambique — Estas bem estão... O pior são as outras...

Passou a examinar segundo maço, mostrando no rosto evidentes sinais de mau humor.

— Aqui está! — disse ele, batendo com a mão espalmada sobre os papéis — Mais de cinquenta contos em hipotecas que não pagam há um ano um real de juro! Ladrões! E agora são capazes de ainda vir fazer questão para juízo e arranjar-me a tramóia de modo que eu não fique com as propriedades pelo preço da louvação...

Como correspondendo a estas reflexões, que acusavam no sr. Custódio de Jesus um agiota costumado a perseguir as suas vítimas até as espoliar em leilão, nos tribunais, abriu-se a porta do escritório e entrou por ela um homem alto, espadaúdo, porém excessivamente magro, usando uma comprida barba que quase lhe chegava à cintura e que lhe dava à fisionomia um aspecto carregado, ameaçador, capaz de apavorar o mais remisso devedor, o mais teimoso dos litigantes.

Este homem entrou como pessoa íntima na casa, cerrou a porta sobre si, dirigiu-se a uma cadeira que estava devoluta junto da secretária, e sentou-se sem mesmo se dar ao incômodo de tirar o chapéu que lhe ensombrava o barbudo rosto.

Ao vê-lo, o sr. Custódio de Jesus teve um sorriso de íntimo contentamento e exclamou:

— Estava agora mesmo a pensar em você, amigo Belchior!

— Aqui me tem. Os amigos lembram sempre na ocasião... Não vim mais cedo porque tive de ir ao tribunal requerer um arresto... E amanhã tenho outro... Isto é um nunca acabar de caloteiros, que só gostam de comer e não pagar! Mas

aquele que me cai nas unhas e tem por onde pagar, amola-se! Deixo-o espremido que nem um limão.

— É o que eu preciso que se faça a estes tratantes que aqui estão com o juro por pagar! — exclamou o sr. Custódio de Jesus, apontando para as escrituras que tinha diante de si.

— Não se aflija, que isso é negócio de pouca demora... Qualquer dia tratamos disso. Sabe ao que eu cá venho?

— Você o dirá, amigo Belchior.

— O rapaz, pelas informações que tenho dele, e um partidão!

— Sim?

— Não imagina! É mesmo mais rico do que eu supunha... O melhor que temos a fazer é não perder tempo e tratarmos de aferventar isto quanto antes.

— Você bem sabe que o caso não é para pressas, amigo Belchior... Eu mesmo tenho receio do rapaz... Diz você que ele tem uma grande fortuna, e eu mesmo não duvido que assim seja, mas quem é que me assegura que ele não tem a maior parte dos haveres comprometidos, ou que não possa vir a comprometê-los?

— Quanto à primeira hipótese, posso afirmar-lhe que o rapaz tem sido estróina, tem gasto em passeios, em ceias com as atrizes, tem finalmente pago o seu tributo à mo — Quanto à primeira hipótese, posso afirmar-lhe que o rapaz tem sido estróina, tem gasto em passeios, em ceias com as atrizes, tem finalmente pago o seu tributo à mocidade... Mas todas essas rapaziadas não têm desfalcado o rendimento, que é grande... Quanto à segunda hipótese, é provável que ele, depois de casar com sua filha, mude de feitio e comece a portar-se como homem sério... Mas se o não for, tanto melhor...

— Tanto melhor, como? — interrogou o sr. Custódio de Jesus, indignado. — Então é melhor que minha filha case com um valdevinos, um dissipador, um extravagante? Bonita moral a sua, seu Belchior! Pois eu, meu amigo, desde já lhe declaro que o que tenho me custou muito a ganhar, e não é para o ver dissipado em patuscadas e ceias às atrizes!

— O meu amigo Custódio de Jesus saberá muito bem como é que se ganha dinheiro, como se descontam letras e se empresta a juro sobre hipoteca; mas o que não sabe é nada de jurisprudência — disse o Belchior com ênfase. — É preciso que o meu amigo se lembre de que sou solicitador há mais de vinte e cinco anos, e que, durante todo este tempo, tenho adquirido conhecimentos que me habilitam a segurar o que é meu e o que é dos meus constituintes...

— Não digo que não, mas essa teoria, com franqueza, não me agrada... Lá que o rapaz tenha tido estroinices, enfim, não é bom precedente, mas desde que ele ainda possui uma casa grande, de vasto rendimento, tudo se lhe pode perdoar e esquecer com a condição de mudar de vida e de costumes dissipadores, logo que ligue o seu destino ao de minha filha. Mas agora achar melhor que ele continue nas suas dissipações e loucuras, do que se emende e seja um bom marido, isso é que me não entra cá!

— É o que eu digo! —olveu o procurador com desdém — não sabem nada da lei e metem-se a discutir com quem conhece a letra dos códigos!

— Os códigos, amigo Belchior, podem dizer o que quiserem, mas o que eles não podem é meter-me em cabeça que um marido estróina é muito melhor do que um marido econômico, morigerado e amante de sua mulher.

— É porque o amigo e sr. Custódio de Jesus — respondeu o procurador, formalizado — não sabe que a lei faculta uma ação de interdição contra o marido pródigo, e confere a administração do casal a uma ou mais pessoas de família.

O Custódio de Jesus arregalou os olhos, espantado.

— O quê? O que é isso? Explique lá, homem, que eu não percebi bem.

— Não tem que explicar. Não se fazem escrituras, de modo que a noiva tem a meação nos haveres de seu marido, como o marido a tem nos haveres da mulher. Ora a administração do casal pertence de fato e por lei ao marido; mas se este, em vez de administrar parcimoniosamente, se entrega a dissipações e patuscadas escandalosas, à mulher assiste o direito de requerer a interdição do marido e pôr-lhe uma tutela que, neste caso, poderia muito bem ser exercida pelo meu amigo o sr. Custódio de Jesus... Ora percebe agora a razão por que eu digo que mais valerá que ele continue a afirmar-se um estróina, um dissipador de marca?

— Realmente você, amigo Belchior, é uma cabecinha privilegiada! exclamou entusiasmado o pai de Beatriz. — Porque não estudou você para doutor?

O procurador sorriu com bonomia e encolheu os ombros com desprezo:

— Não me faz falta — disse. — Conheço tão bem a lei como aqueles que foram a Coimbra. Por isso lhe digo, não deixe perder esta bela ocasião de apanhar uma fortuna, que decerto lhe não voltará tão cedo a bater à porta outra igual... Case a pequena quanto antes com o dodivanas que se lhe oferece, e deixe o caso por minha conta.

— Eu já disse à minha Beatriz que fazia muito gosto em que ela aceitasse por marido este rapaz...

- E ela, o que respondeu?
- Como o meu amigo pode bem avaliar, minha filha, que até agora não tem pensado em casamento, caiu das nuvens quando lhe falei em casar.
- Mas manifestou repugnância em aceitar o marido que se lhe propõe?
- Ela pediu-me que a deixasse pensar na resposta... Enfim... deseja consultar o seu coração, e isso não se lhe pode levar a mal...
- Bem! Mas suponha que ela recusa...?
- Que motivo terá para recusar quando sabe que a minha vontade é que este casamento se faça e quando o noivo é realmente uma bela figura, capaz de captar as simpatias da menina mais exigente?
- Mas suponhamos que recusa! — Insistiu ainda o procurador.
- Não posso supor tal cousa, porque não estou habituado a que, em minha casa, alguém tenha vontade diferente da minha.
- Nas pequenas questões da vida doméstica, de acordo... eu creio que o meu amigo tenha sido e continuará a ser completamente obedecido... Mas neste caso talvez não encontre a mesma cega obediência que supõe...
- Por quê?
- Porque as mulheres, quando encarreiram as suas afeições para um lado, não há diabo que as faça voltar para outro, amigo e sr. Custódio...
- O que quer dizer com isso, amigo Belchior?
- Quero dizer que se a Beatrizita já tem por aí namoro que lhe faça andar a cabeça à roda, ao meu amigo não lhe será tão fácil como julga o fazer que ela obedeça à sua vontade...
- Namoro! A minha Beatriz é uma criança de dezesseis anos e não pensa nessas tolices! — protestou o sr. Custódio de Jesus encrespando o sobrolho. — Isso é bom para aquelas raparigas que são educadas à rédea solta e que não têm pais que lhes saibam dar educação... Namoro! Eu admitia lá que uma filha minha tivesse namoro!
- As filhas nunca pedem licença aos pais para essas coisas... — comentou o outro.
- As filhas que não respeitam os pais ou que não têm pais que se façam respeitar, de acordo. Mas em minha casa não se dá isso...
- E se se desse?

— Se se desse! Você sabe alguma coisa, Belchior?

— Se se desse, é o que eu pergunto? — retorquiu o procurador com um sorriso misterioso.

— Se se desse, ia aí tudo com seiscentos diabos! Fechava a rapariga num quarto, que não tornava a ver sol nem lua, enquanto não fosse à igreja casar com quem eu dissesse! — bramiu o sr. Custódio de Jesus, assentando furioso murro sobre as escrituras das hipotecas em dívida. — Mas você sabe alguma coisa? Homem, seja franco!

— Pois então fique o amigo Custódio sabendo que temos mouro na costa e que a pequena... mas você não vá agora fazer asneira... estas coisas levam-se com prudência...

— Diga, diga, homem! — insistiu o capitalista aflito. — Sabe que a minha filha...

— Tem um namoro. E então? É a coisa mais natural deste mundo.

— Você fala sério?

— Não costumo brincar com coisas destas. Quando eu lhe digo que sua filha se corresponde com um rapaz a quem vai falar da janela para a rua todas as noites, é porque tenho disso a certeza.

Custódio de Jesus levantou-se de um salto como mordido da tarântula.

— Você não me repita isso nem a brincar! — bramiu ele — porque eu vou-me àquela desavergonhada e racho-a!

— Mau! assim não fazemos nada! — repreendeu o procurador — Aqui o que convém é saber o que se passa e tratar de encaminhar as coisas de modo que o projetado casamento com o nosso rapaz se realize o mais breve possível...

— Mas quem é, quem é esse outro que ela namora?

— É um estudantito... um rapazelho.

— Rico? — interrogou o Custódio arregalando os olhos.

O procurador soltou uma gargalhada.

— Você, amigo Custódio, cuida que os rapazes ricos andam por aí aos pontapés! Isto hoje é tudo uma pelintrice, você bem o sabe... Quando aparece um como o Eugênio, é um milagre! Por isso é que eu digo: vamos a deitar a unha a este, porque se o deixamos escapar não aparece outro tão cedo...

O Custódio de Jesus passeava agitado pelo aposento, quase sem prestar atenção às palavras do procurador.

— Mulheres! Raça maldita! Nasceram só para enganar! — blasfemava ele — Até esta, de 16 anos, criada com todo o recato, longe das sociedades, retirada das más companhias, até esta, que parecia uma inocente, me sai à última hora a corresponder-se com um namoro, sem que eu, que sou pai e ando sempre com mil cuidados e cautelas a vigiar-lhe os menores movimentos, tenha dado por isso!

— Amigo Custódio — obtemperou o procurador — não vale a pena afligir... Não é caso de morte de homem ou casa queimada... Que diabo! eu disse isto porque entendo que a você, como pai, convém saber o que se passa para saber como há de proceder...

— Como hei de proceder sei eu! — rugiu colérico o pai de Beatriz — Ponho-a de pé descalço a fazer o serviço da casa, a varrer, a lavar a louça, a cozinhar, para lhe tirar o vício! Se tem sentimentos de criada de servir, que seja criada de servir em tudo!

— Homem, eu desconheço-o! — repreendeu severo o Belchior — Tinha-o na conta de um homem de juízo, um homem prudente que sabe o que lhe convém e que respeita os seus interesses, e você sai-me a querer fazer tolices e disparates que não lembram a ninguém!

— É que você não sabe o ódio que eu tenho às mulheres! — explicou o Custódio — Esta filha veio para meu castigo!

— Não veio para seu castigo nada! Aparece-lhe um casamento bom para ela, um casamento de primeira ordem? Aproveite-o, trate de a casar por bem ou por mal... isso sim, senhor! Mas agora romper no excesso de a por a fazer de servilheta, isso é dar murros em si próprio, amigo Custódio. Ora imagine que você faz isso, e a pequena desesperada lhe foge... E depois? Você deserdá-la não pode, porque ela é sua filha. Além disso; já não tem mãe e mais tarde ou mais cedo tem que entrar na posse da herança materna... Homem, prudência!... levemos as coisas por bem, que é melhor...

— Tem razão! — concordou por fim o Custódio — Mas olhe que é para um homem arreliar! Não há ninguém mais infeliz com as mulheres do que eu! — desabafou com o desespero de quem tocou a meta do sofrimento — Eu fui casado duas vezes... A primeira mulher, a Carlota, saiu-me uma bêbeda, uma desavergonhada que toda a vida me atraçou com um padre em quem eu tinha toda a confiança e que até por último me roubou, levando-me tudo, deixando-me a pedir uma esmola!... Veja lá você! Eu era um bolas que não sabia nada do mundo, via Deus no céu e a mulher na terra, tudo o que ela dizia era o que se fazia, e afinal o pago que me deu foi aquele! Também a levou o diabo, que lá se envenenou em Lisboa, e tão infame que até à hora da morte deixou um bilhete a dizer que se matava por minha causa! Isso foi uma coisa muito falada, até andou nas gazetas...

- Espere lá!... D. Carlota? Tenho ideia de ler isso...
- Foi há dezoito anos...
- Sim... há de haver esse tempo, há de...
- Pois, meu amigo, o ladrão do padre arranhou-me uma tramóia de umas letras que eu aceitei a um outro maroto como ele, um tal João Ignácio...
- Bem sei! Conheço perfeitamente. Esse homem também parece que deu com tudo à costa. Até esteve doido, e a sua mania é que tinha sido roubado por um padre...
- Era o mesmo... o padre Anselmo! Um ladrão, um malandro com capa de santo, que foi a minha desgraça! Se não fosse ele meter-se-me com a mulher e roubar-me tudo, eu tinha a estas horas mais de quatrocentos contos!
- Vamos lá! — observou sorrindo o procurador — Parece que ainda lhe não levou tudo, porque você, amigo Custódio, está possuidor de capitais muito avultados.
- à custa de muito trabalho e depois do segundo casamento para cá — explicou o Custódio.
- Não sei como você, depois de ser tão infeliz com a primeira mulher, ainda caiu em casar segunda vez.
- Que remédio tive eu! Não foi por minha vontade, não... Mas eu fiquei, como o outro que diz, sem — Que remédio tive eu! Não foi por minha vontade, não... Mas eu fiquei, como o outro que diz, sem eira nem beira nem ramo do figueira. Apareceu-me uma mulher que tinha ido em nova para o Brasil e que por lá arranhou uns contos de reis e esta filha com que voltou a Braga...
- Ah! então Beatriz...
- Não é minha filha, mas eu perfilhei-a no ato de casar com a mãe, e aí é que eu quero chegar... A bêbeda, a grande desavergonhada enganou-me!
- Enganou-o... quem?
- A minha segunda mulher. Disse-me que trazia para cima de cinquenta contos, e afinal vai-se a ver, entre jóias, dinheiro e papéis, pouco passava de vinte!
- Está feito!
- Está feito, diz você! Mas eu perfilhei-lhe a filha, tenho trabalhado como um burro, aturei-a a ela até à hora da morte — que ela vinha arruinada da saúde, escangalhada, um caco velho em suma — tive de sair de Braga, porque lá toda a

gente lhe sabia a vida e era uma vergonha, e agora, depois de tudo isto, ainda não sou senhor de deixar o que é meu a quem eu quiser, porque para todos os efeitos esta rapariga é que é a minha herdeira.

— Por esse lado, tem o meu amigo razão — concordou o procurador — mas também, se não tem parentes ou outra pessoa que melhor lh'o mereça, pouco desarranjo lhe pode fazer... O amigo para a cova não o pode levar...

— Mas podia deixá-lo às Ordens ou a quem eu muito bem quisesse! — recalcitrou o Custódio, indignado.

— As Ordens não lh'o agradeciam melhor do que esta pequena... — filosofou ceticamente o Belchior, com um sorriso desdenhoso. — Não havia Ordem nenhuma que fosse capaz de lhe meter em casa uma fortuna como a que ela lhe traz pela porta dentro, se casar com o Eugênio de Melo...

— Fortuna... para ela!

— E você não é pai? E sendo pai, não fica sendo sogro do rapaz? E sendo sogro do rapaz, desde o momento em que ele não dê carreira direita não lhe vem a administração do casal parar às unhas?

— Isso ainda está em vê-lo-emos... Se o rapaz ganhar juízo...

— Se ganhar juízo, faz-se-lhe perder... A questão é que você queira...

— Mas faz-se-lhe perder como? Como é que eu hei de querer? — perguntou o Custódio de Jesus, arregalando os olhos, sem compreender.

— Homem! o rapaz é estróina, a doidice está-lhe na massa do sangue... E os estróinas são como os alcoólicos, a quem os médicos dizem que morrem se continuarem a beber... Emendam-se, fazem um grande esforço para se habituarem à água, mas se um dia entram numa patuscada e vêem uma garrafa que lhes desperta o apetite, perdem o medo atiram-se a ela, bebem e morrem vítimas do vício que o instinto da conservação não foi suficiente para debelar. Ora o rapaz está neste caso. Há de querer portar-se bem, emendar-se, ser um homem exemplar, mas, se lhe aparecer um amigo que o leve a uma ceia e lhe mostre uma atrizita com um palmo de cara regular, não tenha você medo que ele aí irá de vento em popa pelo caminho da dissipação e da prodigalidade, e então é que é dar-lhe o golpe de misericórdia... Percebe-me agora?

O Custódio, maravilhado, contemplava aquele patife que tinha sobre ele a enorme vantagem de conhecer os escaninhos da lei, segundo a frase pitoresca do procurador.

— Você — disse ele por fim, encarando sorridente o Belchior — é dos de estrela e beta e pé calçado!

— Meu amigo, um homem tem obrigação de não ser tolo, de não andar no mundo por ver andar os mais... As patifarias da vida é que põem um homem fino...

— Você havia de me ter aparecido em Braga, aqui há vinte anos antes... Não era consigo que o ladrão do padre Anselmo metia dente... E você não me tinha deixado roubar!

— Estava bem arranjado o padreca! Que viesse para cá... Comigo nem ele nem o mais pintado fazia farinha! — blasonou basofiento o procurador. — Tenho dado com eles daqui... detrás da orelha; mas eu atiro-lhes para a caveira com as baldas certas e eles vêm buscar lã mas vão tosquiados!

O Custódio suspirou:

— Aquele ladrão! — exclamou num surdo rancor — roubou-me por eu o não conhecer a você!

— Meu amigo, com águas passadas não moem moinhos... O que não tem remédio remediado está... Agora vamos a ver mas é se se trata de arranjar outro... Disponha as coisas de modo que o casamento se faça quanto antes, porque a fatia é boa e não se pode perder...

— A rapariga casa. Por bem ou por mal, que remédio tem ela senão obedecer-me e fazer o que eu disser!

— Se ela estiver deveras encariçada com o tal franganote, há de custar-lhe a resolvê-la...

— Por isso não seja a dúvida... A questão é saber se o negócio convém...

O procurador assobiou, acompanhando o assobio com repetidos estalos produzidos pelos dedos maior e polegar.

— Se convém! — disse ele — É uma pechincha! É um negócio de costa acima! Queira ele noventa contos pela casa, que eu pago-lhe as dívidas todas e ainda meto para cima de cinquenta no bolso. É um casão!

— Bom! pois então fique descansado, que a rapariga eu cá me encarrego de a domesticar...

— Mas veja lá; você não lhe fale no namoro, que é pior... — aconselhou o procurador.

— Nem palavra! Para lhe falar nele, tinha de lhe partir os ossos... Nada! eu resolvi ir cá por outro caminho...

— E se for preciso que o rapaz apareça para lhe fazer o seu pé de alferes...

— Por ora não... Deixe estar, deixe ver como as coisas se preparam...

— Arranje lá... E adeus, que devo ter lá em casa os constituintes à espera.

Despediu-se, estendendo dois dedos protetores ao Custódio.

— Mas você aparece por cá? — disse o pai de Beatriz, apertando e retendo na mão os dedos do Belchior.

— Sim, amanhã...

E dirigiu-se para a porta.

— Olhe lá: você vá dando esperanças ao rapaz, hein?

— Não tem dúvida... Disponha você a pequena.

Mal que o procurador saiu, o Custódio subiu ao andar superior e chamou a filha.

Beatriz era uma destas criaturas franzinas, delicadas, dóceis e submissas por índole e por temperamento, na aparência fáceis de dominar, mas que, depois de terem tomado uma resolução, primeiro se deixarão matar do que render-se. Alta, elegante, cabelos e olhos castanhos, tez clara, faces rosadas, o seu gracioso vulto, de uma distinção rara, cativava pela beleza e impunha respeito pelo suave perfume de inocência e bondade que respirava.

Quando o pai a chamou, a pobre menina apareceu tremula, como se o coração lhe pressagiasse a tortura que a esperava.

— Aqui estou, meu pai — disse ela.

O sr. Custódio ameigou a voz, contra o seu costume, e, contrafazendo o semblante num risinho agradável, chamou a filha para o pé de si, fê-la sentar ao seu lado, e perguntou-lhe:

— Então, já pensaste no casamento em que te falei, minha filha?

— Já, meu pai... já pensei... — tartamudeou a pobre pequena, comovida.

— E decidiste aceitar o partido que se te oferece, não é assim?

— Não, meu pai...

— Não?! — exclamou o sr. Custódio, fingindo-se surpreendido e mudando rapidamente de aspecto. — E por quê?

— Porque não me sinto ainda com disposição para casar...

— Não te sentes com disposição! Essa é boa! Mas para casar ninguém está à espera de disposição... Aproveita-se o noivo quando aparece, e a disposição vem depois...

— Eu não poderia unir-me a um homem por quem o meu coração não sentisse a menor simpatia...

— Simpatia! — bramiu o sr. Custódio furioso, dando largas ao seu desespero.
— Que vem a ser cá isso? Temos frioleiras de romance? Com as simpatias não é que os casados fazem sopa e compram os chapéus e os vestidos às modistas. O noivo é rico? É o essencial. Ora este tem uma grande fortuna, é novo, é uma boa figura, não é cego, não é aleijado — e ainda que o fosse, não se perdia nada — porque é que ele não te há de ser simpático?

— Será para outras, mulheres, não para mim... — atreveu-se a dizer Beatriz.

Isto foi o mesmo que fazer explodir o imenso paiol em que o sr. Custódio tinha acumulado toda a pólvora dos seus rancores de há muitos anos contra as mulheres.

— Que pouca vergonha é essa?! — berrou ele, levantando-se e encarando a filha, rubro de cólera — Quem é aqui o pai: sou eu ou é vocemecê?

A ira dementava-o a ponto de não o deixar reparar no burlesco e incongruente disparate da pergunta, que faria rir a pobre menina, se o horror da situação em que se encontrava não a tivesse afogado em pranto.

— Meu pai! Meu pai! — bradou ela suplicante, caindo de joelhos com as mãos postas — pelo amor de Deus, perdoe-me! mas eu não posso... não posso!

— Deixemo-nos de comédias! — rugiu o Custódio num recrudescimento de ira
— Ou casa ou meto-a nas irmãs da caridade!

Beatriz, de joelhos, continuava a implorar:

— Meu pai, por alma de minha mãe lhe peço que não me force a este casamento que o meu coração não pode aceitar!

— Sua mãe! Não me fale em quem já morreu! Quem lá vai, lá vai, não é aqui chamado!

A esta brutal e grosseira repreensão, Beatriz ergueu-se. No rosto pálido as lágrimas secaram-se-lhe como por encanto, e nos olhos, fulgurantes de indignação, lia-se-lhe agora uma resolução inabalável.

— Minha mãe — disse ela em voz calma e firme — não me responderia assim, se eu, de joelhos, lhe invocasse a memória de meu pai morto.

Esta resposta acabou de exasperar o sr. Custódio.

— Cale-se! — não me falte ao respeito!

— Não sabia que a lembrança de minha mãe era para meu pai uma ofensa.

Beatriz, perfilhada pelo sr. Custódio aos dois anos de idade, fora educada na crença de que este homem era seu pai e ignorava por completo a história do seu nascimento.

Notava que o homem a quem chamava pai a tratara sempre com grande severidade e rispidez, e lamentava-se intimamente de não achar no coração do autor de seus dias a ternura e carinho a que tem direito uma filha obediente e submissa, como ela era.

Esta severidade recrudescera, quase degenerando em tirania, depois que a mãe se lhe finara.

A pobre pequena habituara-se àquele tratamento, e, crescendo na idade, sentira mudar-se-lhe o terror infantil numa repugnância instintiva, porém sofredora e paciente, que mais e mais a afastava do pai.

Evitava a sua presença o mais que podia; e nos curtos instantes em que era obrigada a aproximar-se dele e a ouvir-lhe as repreensões grosseiras e injustas, era sempre com os olhos no chão que o escutava.

Havia, pois, uma antipatia profunda entre estes dois seres, que o destino cruel pusera em face um do outro, ligados pelos laços de um parentesco fictício, mas nem por isso menos respeitável aos olhos do mundo e da própria vítima.

A atitude do senhor Custódio, que sempre fora mau para com a filha, tornara-se desde este momento odiosa.

Ferira a pobre criança no que ela tinha de mais santo e mais sagrado no fundo do coração e que fazia objeto do seu culto: — o respeito pela memória de sua mãe e o seu amor por Paulo.

O desprezo amargo com que seu pai acolhera a súplica que ela lhe dirigira humildemente, de joelhos, em nome da mãe, revoltou-a, e onde a revolta começa o respeito acaba.

Aquela frase altiva, serena e seca com que respondeu ao pai, que a mandava calar, era o prenúncio da luta que ia travar-se, era como que o grito de revolta chamando em seu auxílio todas as energias da sua alma de mulher para resistir à violência com que queriam esmagar-lhe o coração.

— Já disse! — voltou o descarado pai. — Quem manda aqui sou eu. Este casamento há de fazer-se por vontade ou por força.

— Viva não me levarão à igreja! — respondeu firmemente a pequena.

— Atrave-se a falar-me assim, a faltar-me ao respeito? Esquece que sou seu pai?

— Não esqueço. Mas lembro-me também de que não devo ser tratada como escrava.

— Quem é que a quer escravizar? Chama escravizarem-na ao quererem fazer-lhe um casamento rico, com um rapaz de boa família, educado e que pode dar-lhe respeito na sociedade?

— O meu coração não se vende a peso de dinheiro, meu pai! Se esse homem quer comprar afetos, que os busque onde eles se vendem.

— Está muito adiantada! Quem é que lhe ensinou tanto?

— A minha razão e a consciência dos meus deveres de mulher digna.

O senhor Custódio enviou-lhe um olhar furibundo. A sua vontade seria estrangulá-la. Mas conteve-se.

— Isso são frioleiras de romances! — gritou ele —. A menina não sabe o que diz. A culpa tenho-a tido eu em consentir que certas leituras lhe ponham a cabeça à razão de juros. Mas não tem dúvida... Eu a mandarei para onde lhe ensinem os seus deveres de filha.

— Mande-me o pai para onde quiser. Obedecer-lhe-ei como filha que não necessita que lhe ensinem os seus deveres. Mas não exija que aceite por marido um homem que o meu coração não estime, porque a isso recusar-me-ei.

— Veremos!

O sr. Custódio saiu bufando como um touro e foi direito ao escritório.

— Que tal está a bisca?! — rosnava ele, no auge da fúria. — Bem se vê que não é minha filha!

Passeou com as mãos ora metidas nos bolsos, ora coçando nervoso a suíça, o que nele denunciava sempre ou uma profunda meditação ou um violento desespero.

— E ainda o Belchior a dizer-me que leve as coisas com prudência! — regougou por fim. — A prudência era dar-lhe com um cacete até o diabo dizer basta! Amanhã estava aí macia como um veludo e ia casar com quem eu quisesse...

De repente parou como ferido por ideia súbita.

— E talvez... quem sabe? Esta ideia não é má e pode dar resultado... Vamos lá a experimentar se, levando as coisas por bem, conseguimos o nosso fim.

Tornou a subir ao andar superior e chamou a filha.

A pequena, muito pálida, veio ter com o pai e perguntou:

— O pai deseja alguma coisa?

— Desejo, minha filha. Anda cá... senta-te aqui. Quero que me escutes com atenção e que vejas que não sou tão mau como pareço...

O sr. Custódio, vendo que Beatriz, sempre com os olhos baixos, não respondia, pegou-lhe na mão e puxou-a docemente para junto de si, fazendo-a sentar ao seu lado, e principiou dizendo:

— Ora anda cá, minha filha! É preciso que saibas que ninguém é mais teu amigo neste mundo do que teu pai... Eu estou velho... estou com os pés na cova, e, com estes desgostos que me estás dando, não posso ir muito longe.

— Mas em que é que eu o desgostei, meu pai?

— Desgostaste-me com o teu procedimento de há pouco...

— Perdão! eu fui humilde e submissa, eu implorei de joelhos e mãos postas que não me forçasse ao casamento com um homem que o meu coração não pode aceitar... É isto desobediência?

— Filha! mas tu matas-me com essa recusa! — exclamou o sr. Custódio, aflito, simulando uma enorme contrariedade.

— Mato-o porque não me quero casar, porque prefiro viver ao lado de meu pai?!

— Matas-me porque o teu futuro e o meu está dependente desse casamento, filha! Matas-me porque recusando a mão deste rapaz lavras uma sentença de morte contra mim!

Beatriz empalideceu.

— Não o compreendo, meu pai — balbuciou ela.

— Eu te explico, minha filha...

E aqui o sr. Custódio interrompeu-se, como para tomar alento, passou o lenço pelos olhos para enxugar uma lágrima ausente, suspirou fundo e prosseguiu:

— Eu há pouco falei-te desabridamente, fui severo, fui ríspido, fui mesmo, injusto para contigo; mas tudo isto era não só o resultado do muito amor que sinto por ti, porque todo o meu desejo é ver-te feliz, mas também e principalmente era motivado pelo desespero da minha horrorosa situação...

Suspendeu-se a olhar para a filha, a ver o efeito que nela produziam estas palavras. A pequena permanecia com os olhos baixos, imóvel, na atitude de quem escuta pacientemente uma história que não lhe interessa.

— Ouves, Beatriz?

— Ouço, meu pai.

— Da minha horrorosa situação! — tornou o sr. Custódio a dizer, com um suspiro ainda mais fundo. E abraçando-se na pequena, a soluçar, exclamou: — Ah! filha! filha! teu pai está perdido! Se tu o não salvas, ficas órfã... órfã e pobre, porque eu a esta dor não resisto!

Beatriz, surpreendida, porém de modo algum comovida com esta dor fictícia, perguntou, como se apenas cumprisse um dever:

— Mas o que foi que lhe sucedeu, meu pai? Porque é que assim se aflige?

— Filha! — tornou o senhor Custódio, com a voz entrecortada pelos soluços e sem desprender dos braços o corpo franzino de Beatriz — estou pobre... estou arruinado e só tu me podes salvar!

— Eu, meu pai! O que posso eu fazer em seu auxílio?

— Tudo, minha filha! Mas deixa-me explicar-te primeiro... Os meus negócios têm corrido mal... Nos últimos tempos tenho sofrido prejuízos importantes que me têm reduzido à miséria... Este procurador, este Belchior que aqui vem e que, coitado, é meu amigo... — não o posso negar, é meu amigo!... — tem-me valido com a sua amizade, abonando-me importantes quantias que me têm sido precisas para solver compromissos criados... Mas agora nem já ele tem, nem eu... Este rapaz é rico, possui uma importante fortuna e ama-te apaixonadamente, minha filha... Ele promete pagar todas as minhas dívidas no momento em que tu consintas em ser sua esposa... Portanto, vê lá: ou ficamos reduzidos à miséria, sem um bocado de pão, e sem abrigo, porque tudo quanto está nesta casa é dos credores, ou tu aceitas este casamento e voltam para o nosso lar os dias felizes, a paz e a abundância, como até aqui.

E como Beatriz permanecesse calada, com os olhos no chão, sem responder, o sr. Custódio fitou-a ansiosamente e perguntou num tom suplicante:

— Então, Beatriz, o que dizes?

A jovem guardou ainda silêncio por alguns instantes e depois murmurou:

— Digo que é uma grande desgraça, meu pai...

— Sim, é uma grande desgraça, não há dúvida... Mas, graças a Deus, temos o remédio para ela, se tu quiseres, minha filha.

— Todas as desgraças têm remédio, meu pai, e esta também o terá, sem nos ser preciso buscar uma desgraça ainda maior...

— Não te compreendo, Beatriz! — exclamou o sr. Custódio — O que queres dizer?

— Quero dizer que se a perda de todos os seus haveres, meu pai, é uma grande desgraça, o meu casamento com esse rapaz ainda a agravaria mais...

— Porque, minha filha?

— Porque eu não o amo.

— Deixa-te de criancices, Beatriz! O amor vem com a convivência... Tendo tu o que necessitas para continuar a viver na abundância, e tendo um marido que te estime e que satisfaça todos os teus desejos, ainda os mais insignificantes, verás que breve te afeiçoas a ele.

— Mas eu não necessito de coisa alguma! — protestou vivamente Beatriz.

— Não necessitas! Pois estando eu pobre, arruinado...

— Eu trabalharei e viveremos do meu trabalho — acudiu corajosamente a nobre menina. — Darei lições pelos colégios e pelas casas particulares, e se não pudermos viver com ostentação, o que não dá a felicidade, viveremos remediados e livres de maiores privações...

— Tu estás doida! — berrou o sr. Custódio, desmanchando-se no seu papel de carpador de desgraças, para assumir a atitude grosseiramente petulante da sua índole má, irritada pela teimosia da filha. — Bem se vê que tens instintos baixos e que não te repugna fazer má figura!

— O que me repugna, meu pai, é iludir e enganar alguém, seja por que preço for...

— Mas a quem é que tu enganavas, casando com o Eugênio? Anda, dize lá!

— Enganava principalmente esse homem, que julgaria encontrar em mim um afeto que eu não posso sentir por ele!

— Histórias! Afeto não é coisa que se coma!

E recaindo nas lamentações primitivas:

— Que infeliz eu sou! Velho, com os pés na cova, reduzido à última miséria, e não achar na minha própria filha amparo nem compaixão para a minha desgraça!

Beatriz ouvia quase indiferente as lamurias do pai.

Toda aquela dor, manifestada assim em lamentações tão impróprias de um homem que sempre se mostrara altivo, seco e intratável, afigurava-se-lhe ignóbil. Sentia uma revolta interior, um nojo íntimo daquela vilíssima criatura, de quem se supunha filha, e tinha como que um secreto remorso de não poder amar o autor de seus dias.

O sr. Custódio percebia esta indiferença da filha, e enquanto se lamuriava, dizia consigo:

— Grande desavergonhada! Bem se vê que não és minha filha!

Por fim, Beatriz aventurou esta pergunta:

— E se esse rapaz não tivesse aparecido a querer casar comigo, o pai não teria outro meio de remediar os desastres sofridos no seu negócio?

— Como havia de eu remediá-los? O remédio era entregar tudo aos credores e ficarmos sem nada!

— Mas havíamos de viver...

— Viver como? — interrogou o sr. Custódio impaciente.

— Como vivem tantos pobres, resinados com a sua miséria...

Desta vez o sr. Custódio conteve-se e não descambou no repelão habitual.

— Sabes lá o que dizes, filha! Os que vivem conformados com a sua pobreza são os que nunca souberam o que era viver melhor. Nasceram miseráveis, na miséria se criaram e assim vivem e morrem sem sofrimento nem pesar. Mas quem está na nossa situação, filha, quem experimentou a abundância e depois se vê reduzido à penúria pode lá conformar-se com isso?! Eu por mim, declaro, dou cabo da vida, e há de ficar-te o remorso de teres causado a morte de teu pai!

Esta última frase fez estremecer a pobre menina. Tudo queria menos a pungir-lhe na consciência o crime de haver morto seu pai. Embora não sentisse por ele os extremos de afeto que o gênio irascível, ríspido e severo daquele homem não soubera inspirar-lhe, a sua razão dizia-lhe que tinha deveres de filha a cumprir, e a esses não queria ela faltar.

— Mato-me! — continuava o sr. Custódio, abrindo a válvula ao desespero que lhe ia na alma — mato-me, porque não tenho ânimo para sofrer os horrores da miséria que me estão reservados, e antes quero dar cabo de mim do que ver a minha filha exposta a todas as desgraças que a pobreza traz consigo!

— Por mim, não se mate, meu pai! Eu tenho força e coragem para resistir aos golpes da adversidade.

— Tu terás forças, minha filha, mas eu é que já não as tenho! Dize-me terminantemente que não casas com esse rapaz, que não salvas teu velho pai da miséria, e tu verás o que eu faço... Não tenho ânimo para ver os credores entrar por aqui dentro e porem-me lá fora a mim e mais a ti! Não! quando eles entrarem, hão de vir já encontrar-me cadáver!

Disse, e levantando-se como quem tinha tomado uma resolução inabalável, perguntou:

— O que resolves, Beatriz? Nas tuas mãos está a minha vida, a vida de teu pai!...

A jovem, assim instada, sentiu-se vacilar. Vencida pelo tom humilde e suplicante em que o pai se lhe dirigia, não tinha forças para recusar abertamente.

— Meu pai — balbuciou por fim — deixe-me ainda refletir até amanhã.

O usurário percebeu que levava o inimigo de vencida e não quis abandonar a vitória.

— Amanhã será tarde — disse ele — A resposta tem de ser dada hoje ao Belchior impreterivelmente, sob pena de amanhã os credores entrarem por aqui dentro e levarem tudo. Resolve, pois. Eu não te quero forçar a um casamento que te repugna. Bem reconheço mesmo que não tenho direito ao teu sacrifício, porque eu não sou desses pais que andam sempre a acarinhar as filhas, sem terem por elas metade do amor que eu sinto por ti... Tenho este gênio assim... pareço severo, pareço um homem que não sabe o que é amor de pai, mas o que o meu coração sente só eu é que o sei!...

Interrompeu-se para abafar os soluços e enxugar as lágrimas, que não chorava, ao lenço tabaqueiro e prosseguiu:

— Paciência! Tinha de ser assim... seja!

E como a filha se conservasse silenciosa, pegou-lhe na mão, exclamando:

— Adeus, Beatriz! Despede-te do teu pai, que o não tornas a ver vivo!

— Meu pai! — disse a pobre menina com a voz embargada na garganta pela comoção — Pelo amor de Deus, não tome qualquer resolução desesperada sem que eu fale primeiro com esse rapaz!

— Com quem? — interrogou o sr. Custódio, fixando a filha.

— Com esse... sr. Eugênio.

— Queres falar com ele para lhe dizeres que não? Dize-m'o antes a mim, filha!

— Não, meu pai. Desejo falar com ele para ouvir de seus lábios a declaração de que me quer por mulher.

— E casarás?

— Casarei, se não houver outro remédio.

O sr. Custódio, radiante, estreitou-a nos braços com frenesi.

— Deus te abençoe, minha filha! Podes dizer que salvaste teu pobre pai! Vou mandar avisar o Belchior.

E, beijando a filha na testa, saiu quase doido de contentamento.

CAPÍTULO 4: DOIS PATIFES

O procurador Belchior está no seu escritório, sentado à carteira, conversando animadamente com um rapaz alto, pálido, elegantemente vestido, de maneiras distintas, e bastante desvoltas, que frequentemente o interrompe com uma gargalhada de íntima satisfação. No rosto deste rapaz, que poderá contar, quando muito, vinte e quatro ou vinte e cinco anos, há os traços indeléveis do boêmio que passa a mocidade entregue a toda a sorte de vícios e prazeres e para quem a vida tem apenas uma dificuldade séria: arranjar dinheiro para gastar.

Os olhos pretos, vivíssimos e o sorriso zombeteiro que lhe baila constantemente nos lábios, meio disfarçado pelo bigode fino, lustroso e petulantemente encaracolado nas guias, dão-lhe à fisionomia uma expressão velhaca que poria de sobreaviso um observador experimentado, mas que ao sr. Belchior não parece inspirar a mínima desconfiança.

Este rapaz é Eugênio de Melo, o pretendente à mão de Beatriz.

Ouçamos a conversa travada entre os dois, a ver se por ela podemos conhecer melhor o personagem com quem vamos travar conhecimento.

— O velhote está entusiasmado — diz o procurador — e o meu amigo apanha, além de uma linda mulher, uma boa maquia — uma maquia de se lhe tirar o chapéu!

— Pois é o que se quer — responde o outro — o que se quer é massa. Quanto calcula você, amigo Belchior, que viremos a apanhar?

— Homem, já lhe disse, ao certo não sei, porque o Custódio é manhoso... Depois que foi roubado por um padre, não descobre a sua vida a ninguém. Mas, pelos documentos que me têm passado pela mão, aquela besta deve ter para mais de setenta contos.

— Menos mau! — considerou o boêmio, piscando o olho. — Mas isso está ainda tudo nas unhas do velho, que pode ter a má lembrança de não morrer estes dez anos mais chegados...

— E os vinte contos que couberam à rapariga, no inventario por morte da mãe? — acudiu o procurador. — Esses é que lhe passam já para as unhas assim que o casamento se fizer...

— Vinte contos... que diabo! — tirando-lhe as comissões, o que é que me fica? — considerou o outro, encolhendo os ombros com desprezo.

— Sim, que você agora tem mais! — contraveio o procurador sarcasticamente. — Que diabo! vocês são todos assim! Quanto mais têm mais querem!

— Não é isso, amigo Belchior. É que eu penso e vejo as coisas como elas são... Afinal de contas, este negócio vem a ser bom mas é para você...

— É bom para ambos! Ou você queria que eu trabalhasse de graça para lhe encher os bolsos de dinheiro e ficasse a fazer cruces na boca?

— Não, não queria... Mas vamos a saber: a pequena tem vinte contos?...

— Para já. Mas a bolada maior há de vir por morte do velho.

— Não esperemos por sapatos de defunto, e façamos cálculos positivos. Por agora e para já, realizado o casamento, podemos contar com vinte contos, não é isso?

— Perfeitamente.

— Você quanto leva de comissão?

— Trinta por cento, por sermos amigos.

— Obrigado! — respondeu o boêmio zombeteiramente — trinta por cento sobre vinte contos, são seis contos de réis...

— Muito justos.

— E venho eu a ficar só com quatorze!...

— E acha pouco? Para quem não tem presentemente quatorze vinténs, parece-me que quatorze contos de mão beijada e uma mulher boa, é dinheiro...

— Não há dúvida, é dinheiro... Mas tome você conta da mulher, dos encargos de a sustentar, de a vestir, de lhe dar criadas, de a aturar e de pagar aos meus credores antigos, tudo por quatorze contos, e dê-me para mim os seis que você recebe limpinhos e secos... Quer?

O procurador fez uma careta.

— Você está a fazer-se de manto de seda! — disse ele descontente. — Se acha que é mau o partido, não o aceite, que não faltará quem lhe pegue.

— O partido não é mau, mas não é tão bom como você me quer fazer acreditar...

— Com os diabos! — gritou o procurador arreliado. — E os setenta contos do velho não é nada? Você acha que cuida que eu nasci ontem! Eu metia-me lá neste negócio por seis contos de réis, se não fosse a certeza de vir a apanhar mais, logo que o velho estique o pernil? Não que o meu tempo é dinheiro e eu não ando a trabalhar para o bispo!

— Bem sei — tornou o Melo — mas eu é que também não estou para perder a minha liberdade e ficar toda a vida com o trambolho da mulher preso à perna, a

troco de quatorze contos que os credores me hão de vir buscar, logo que saibam que tenho por onde pague...

— Mas você pode arranjar uma coisa.

— O que é?

— Faça uma concordata com eles antes de casar...

— Mas eu não sou comerciante, não posso lançar mão desses meios que são privilegio do comércio honrado... — considerou epigramaticamente o estróina.

— Agora não pode! Cace-lhes você o recibo em como estão pagos, e veremos depois se eles lhe pedem alguma coisa.

O Melo pareceu meditar.

— Efetivamente, você tem razão... Se àqueles a quem devo seis pagasse com dois, a coisa ainda não iria muito longe...

— Menos a mim! — protestou o procurador — a mim é que você me há de pagar tudo por inteiro.

— Isso, conosco, é outra coisa... Mas vamos a saber: como é que eu hei de propor esse negócio aos meus credores, se não tenho dinheiro para liquidar de pronto antes de casar?.

— Não lhe dê cuidado. Traga-me a lista dos credores, que eu cá arranjarei isso da melhor maneira...

— Abona você o dinheiro?

— Certamente. Você aceita-me letras na importância do que eu pagar e depois nós cá nos entenderemos.

— Pois bem, arranje lá isso.

— Ora agora — tornou o procurador — temos ainda uma questão a decidir...

— Diga lá.

— O velho está persuadido de que você é um homem riquíssimo... Meti-lhe essa caraminhola em cabeça, porque, de outra forma, ele não lhe dava a filha...

— Bom! Que dúvida há? Dir-lhe-ei que sou rico...

— A questão não é dizer-lh'o, a questão é provar-lh'o. Você não me disse que há um Eugênio de Melo no Alentejo, possuidor de uma riqueza imensa?

— Disse e ha.

— Bom. Pois então é pedir ao escrivão de fazenda respectivo uma certidão das décimas e contribuições pagas por esse sujeito ao estado...

— Para que?

— Para que! É boa! Para podermos provar ao Custódio que você é um importante proprietário do Alentejo e que pode dar-lhe a filha, porque não hão de faltar-lhe porcos nem cortiças para os netos.

O boêmio soltou uma gargalhada.

— Você é o diabo, Belchior! — disse ele.

— E se for preciso provar que você tem quarenta ou cinquenta contos de reis representados em letras, também se arranjam com aceites valiosos e de muito crédito...

— Como?

— Tenho constituintes ricos que lhe aceitarão letras na importância que se quiser, aceitando-lhes você outras de igual importância. Compreende?

— Não compreendo muito bem...

— Expliquemos: eu aceito-lhe a você letras no valor de oitenta contos e você, na mesma data, aceita-me letras de igual importância. Você quer provar que possui oitenta contos e mostra essas letras aceites por mim... Mas elas realmente não valem nada, porque se você vier recebê-las, eu apresento os seus aceites, que você tem igualmente de me pagar, e portanto estamos quites... Percebe agora?

— Agora, percebo!

— Bem. Pois este é também um expediente de que podemos lançar mão quando nos for preciso. Mas obra mais limpa é certamente essa da confusão dos nomes, que nos permite fazer a prova com um documento oficial... Em que terra do Alentejo existe esse tal Eugênio de Melo?

— Em Borba.

— Está muito bem! E então eu que conheço o escrivão de fazenda que lá está agora. Vou já escrever-lhe, e na volta do correio temos cá a certidão.

— Olhe lá, não será conveniente eu amiudar as minhas visitas ao Custódio?

— Já lhe falei nisso a ele. Mas ele diz que por ora não... que o deixemos primeiro resolver a filha a aceitar o casamento, e depois falaremos...

— E essa delambidita porque é que me há de recusar Eu não valerei mais do que o franganito que lhe anda a arrastar a aza? — disse o boêmio.

— Mulheres, meu amigo! As mulheres são caprichosas...

— E escolhem sempre o pior...

— É a única probabilidade que você tem a seu favor! — exclamou o procurador rindo — Porque pior do que você, com franqueza, não conheço!

— Obrigado, amigo Belchior! Você é muito modesto!

Os dois patifes encararam-se e desataram a rir.

— Ora agora — disse por fim o Melo — não se esqueça de que estou a precisar de dinheiro.

— Já?

— Pudera! Este Porto é o diabo! Com os seus ares pacatos de terriola de província, tem sorvedouros terríveis!

— Mas ainda não há oito dias que lhe dei duzentos mil reis.

— E o que vem a ser isso para um homem relacionado como eu? Duzentos mil réis gastam-se numa ceia com três amigos e outras tantas mulheres...

— Mas você, que diabo! está hospedado no Francfort, um hotel de primeira, onde o tratamento é magnífico, não tem necessidade de comer fora...

— Amigo Belchior, você sabe muito bem como o dinheiro se arranja, mas não sabe como ele se gasta. Não fale, portanto, daquilo que não sabe, e chegue-me cá mais duzentos mil reis, que é o essencial.

— Assim, por esse andar, quando chegar o dia do casamento, já os haveres da noiva estão espatifados...

— Não diz você que temos ainda a reserva dos setenta contos do velho?

— Sim, mas isso, como você considerou há pouco, são sapatos de defunto...

— Homem, haja os sapatos, que o defunto arranja-se quando nos convier...

— Você seria capaz disso? — interrogou o procurador com um sorriso indescritível de cinismo.

— Nós somos capazes de muito mais — respondeu o Melo, frisando intencionalmente a palavra nós.

— Você é o diabo! Mas olhe lá, não se alargue muito, que eu agora estou sem dinheiro...

— Pois sem massas não se faz nada! Você bem sabe, que sendo eu um rico proprietário do Alentejo, que faço quinze contos de cortiça de três em três anos, afora os porcos, não devo deixar de gastar em harmonia com os meus rendimentos. As mulheres, aqui no Porto, não são de grande luxo, mas comem como freiras e aquele Palácio de Cristal e aquele Suíço têm uma lista reduzida, mas cortante como uma navalha de barba! Além disso, há sempre uns amigos depenados, que se encostam e que não ficam baratos...

— Mande-os trabalhar! Súcia de vadios! — aconselhou o Belchior, indignado.

— Bem digo eu! Você não sabe o que diz! Estes amigos são os comparsas da grande comédia que eu preciso de representar. São eles os que fingem de povo e apregoam aos quatro ventos, pelas tubas da fama e das notas de cinco mil réis que lhes empresto, a minha grandeza e opulência de rico proprietário. Que eu lhes negue o rega-bofe de uma ceia e a pastilha que me pedem emprestada no fim, porque a carteira lhes esqueceu em casa, e amanhã eu serei o pelintra, o intrujão que realmente sou, e toda a gente saberá, até o Custódio, que eu não tenho nem cortiça, nem porcos, nem sequer bolota para comer como eles...

— Você tem razão! — disse o procurador — Mas, com os diabos, gaste menos.

— Que gaste menos! Eu tenho até gasto mais, e decerto não chegaria o que você me dá, se não tivesse tido umas noites de sorte à batota. Meu amigo, todo o negócio requer capital para poder dar lucros... Este negócio do casamento é

bom, mas é preciso empatar capital... Eu sou o sócio de indústria; você é o sócio capitalista: chegue-me cá as massas, porque eu preciso de mostrar quem sou.

— Deus nos livre! se mostra quem é, está o caldo entornado! — clamou o procurador, levando as mãos à cabeça num gesto trágico.

O Melo riu com vontade.

— Você nasceu para mim, e eu nasci para você! — disse ele. — Dificilmente se encontram e se juntam dois como nós. Ande, vá buscar o dinheiro.

O procurador levantou-se, foi ao cofre de ferro, ao canto do escritório, contou duzentos mil réis em notas, e voltou com elas e com um livro na mão.

— Ande! ponha aqui por sua mão que recebeu este dinheiro — disse.

— Quanto?

— Eu dou-lhe duzentos mil réis. Não foi isso o que você pediu?

— Mas aqui no livro estão duzentos e cinquenta!

— É isso. Os cinquenta mil réis são de juros.

— Ladrão! Roubar ao inferno! — clamou o Melo em tom de amigável censura.

— E o risco? Você não tem onde cair morto. Se este casamento se não fizer, ou se a você o levar o diabo de hoje para amanhã, quem perde sou eu!

— Não leva, que eu sou cá preciso para animar as artes e as indústrias! — retorquiu risonho e senhor de si o boêmio.

— O que me anima é que o gado ruim não tem perigo — disse Belchior gracejando.

O Melo assinou no livro a quantia indicada pelo procurador, meteu o dinheiro ao bolso e preparou-se para sair.

— Você ande-me com o velho! — disse ele. — Não o deixe resfolegar, e ele que obrigue a filha por jeito ou por força a casar comigo.

— Coitada da criatura! Há de ser feliz com um tal marido!

— Eu lhe digo... pode ser que me apaixone por ela... às vezes o diabo, quando lhe parece, faz das suas...

— Quem! Você apaixonar-se? Se ela fosse uma dama de copas... talvez!

— Eu suponho-a uma dama de ouros... Já vê que a diferença do naipe não é tamanha como parece...

Dizendo isto, o Melo saiu trauteando uma modinha, enquanto o Belchior, rindo, arrumava o livro das suas contas com o boêmio.

— Isto é que é um mariola! — murmurava o procurador satisfeito. — Não há dinheiro que lhe chegue... O jogo e as mulheres levam-lhe tudo... Há de acabar mal este patife!

CAPÍTULO 5: MADRE PAULA

Na casa conventual das Sereias, vamos encontrar madre Paula, aquela espirituosa e gentil abadessa que os leitores da Irmã Dorotéia certamente não terão esquecido e com quem aqueles que porventura a não conheçam daí, acharão prazer em travar conhecimento.

Formosa ainda, posto que um ou outro fio de prata ponha um sinal de velhice nos seus lindos cabelos pretos, a amiga de Helena de Noronha não tem já aquela vivacidade traquina dos tempos em que a conhecemos.

A sua conversa, porém, é ainda adorável de encanto pelas cintilações do seu espírito gracioso e fino, que às vezes se desata em torrentes de bom humor que muito alegram o padre Filipe, de há muitos anos seu único e constante diretor espiritual.

Á hora a que vamos encontrá-la, está ela sentada em fofa poltrona, escutando o padre Filipe, que acaba de chegar e que, ao que parece, traz novidades importantes a comunicar-lhe.

A conversação íntima entre os dois conserva ainda aquele caráter familiarmente carinhoso de duas almas que se compreendem, de dois corações que se amam e que se acham ligados pelos laços indestrutíveis da mais sólida confiança.

— Sabes, minha querida amiga? — disse-lhe o padre Filipe depois de a beijar carinhosamente nas faces — tive hoje a visita do nosso Paulo, do filho da irmã Dorotéia...

— Sim? Esse ingrato há muito tempo que aqui me não aparece! Senta-te e conta-me: como está ele?

— Fisicamente, pareceu-me bom. Agora, quanto à bola, o rapaz tem-na um pouco transtornada...

— O que! que dizes tu? — perguntou madre Paula com visível interesse — Notaste nele qualquer alteração?

— Imagina tu, minha amiga, que me entra em casa com ares melodramáticos e dispara-me esta pergunta com que eu não contava: “Diga-me, padre, quem é meu pai?!”

— Ele fez-te essa pergunta?

— E queria por força que eu lhe dissesse de quem era filho e por que razão se lhe ocultava o segredo do seu nascimento.

— Mas isso é extraordinário! Como se atreveu a perguntar-te semelhante coisa?

— Como se atreveu! A mocidade de hoje atreve-se a tudo. A educação livre que lhe demos havia de produzir nele os naturais resultados. Não nos supõe seus protetores, nem sequer lhe passa pela imaginação que tudo quanto é o deve a nós. Julga-nos intermediários, apenas, entre ele e os pais, para o ato material de lhe entregarmos as mesadas e mais ou menos inquirirmos do seu aproveitamento. Nestas circunstâncias, compreendes que acanhamento algum podia ter em se me dirigir da maneira por que o fez.

— E o que lhe respondeste? Como satisfizeste à curiosidade dessa criança?

— Compreendes, minha amiga, que eu não podia senão tomar o partido de me fingir tão ignorante como ele acerca dos mistérios do seu nascimento; e foi isso o que fiz.

— Mas que motivo o levou a querer saber quem são os pais?

— Achas estranho? Também eu estranhei uma tal pergunta, e por isso não o quis deixar partir sem indagar o que se passava de extraordinário naquela alma juvenil...

— E indagaste?

— Indaguei e soube.

— O que é, pois?

— O nosso Paulo ama!

— Ah! mau prenuncio! Cedo começa esse pobre pequeno!

— Que queres tu, minha Paula? Hoje as crianças passam cedo a considerar-se homens feitos, e a não guardarem para os trinta anos os prazeres do coração, que lh'os reclama aos dezoito...

— Isso é uma doença muito séria, a meu ver, e que pode causar graves prejuízos de futuro ao nosso protegido...

— há doenças que em vez de matarem, salvam. Talvez esta seja uma delas...

— Sempre otimista, sempre! — disse madre Paula com um sorriso de leve censura. — Não creio que o nosso Paulo possa lucrar grande coisa com uma afeição que certamente lhe há de preocupar o espírito e desviar-lhe as atenções do estudo para o objeto dos seus amores. A prova de que essa paixão nascente, e de todo o ponto intempestiva, começa a produzir perniciosos efeitos, é que já despertou nele o desejo de penetrar o segredo do seu nascimento...

— Isso tinha de suceder mais hoje ou mais amanhã — replicou o padre Filipe — Não era natural que um espírito vivo e irrequieto como o de Paulo se conservasse por muito tempo indiferente ao desejo de saber quem são ou quem foram seus pais...

Madre Paula conservou-se silenciosa e meditativa por alguns instantes.

— Creio que fizemos mal — disse ela — em dar a esse rapaz a educação livre que os modernos filósofos preconizam... Uma criança entregue aos imprudentes impulsos do seu coração juvenil, sem uma voz amiga que a aconselhe, sem a presença de preceptor austero cuja voz autorizada lhe indique o caminho do dever, há de necessariamente cair no deplorável desvario de Paulo.

— Os homens formam-se na adversidade; o coração retempera-se nas amarguras para as grandes lutas da vida — retorquiu o padre Filipe. — A educação moralizadora de um preceptor austero corta os vôos ao espírito, e perniciosamente contribui para deformar a índole e perverter o caráter do um adolescente. A violência imposta pelos preconceitos de uma conduta regrada, sujeita a métodos e convenções opostas ao sentir individual, dá em resultado a falsificação de um caráter. O individuo assim criado não é nunca um produto apreciável da natureza, é o produto artificial de uma odiosa tirania exercida

sobre o seu espírito. Não é mais um homem são — bom ou mau — é um hipócrita; isto é, um aleijado que se arrasta miseravelmente deformado pela vida fora, tanto mais perigoso aos outros homens quanto aprendeu a ocultar e a disfarçar as suas intenções e os seus instintos. Deixemos a este rapaz ampla liberdade de manifestar a sua índole. Se é boa, avigorada pela liberdade da educação, ela bracejará frondescendo como árvore de bons frutos; se é má, não haveria destra mão de hábil podador capaz de extirpar a seiva ruim que a natureza lhe pôs na raiz.

— Ele é filho do padre Anselmo! — disse madre Paula — e se herdou a índole cruel, hipócrita e verdadeiramente sanguinária do pai, com certeza há de ser um monstro temível, de que a sociedade terá que arrepear-se.

— É também filho da irmã Dorotéia — atalhou o padre Filipe — e é possível que haja herdado da mãe os sentimentos de singela bondade que a fizeram cair nas rêdes infernais desse homem extraordinário que nunca mais tornamos a ver!

— É um caso que ainda hoje não sei explicar, o desaparecimento súbito dessas três criaturas! — exclamou madre Paula. — Parece incrível que até hoje não tenhamos tido mais notícias do padre Anselmo nem da irmã Dorotéia, nem ainda do padre Hilário!

— Como sabes, minha amiga — ponderou o padre Filipe — nas congregações jesuíticas, muda-se frequentemente de nome, e é esse até o processo adotado por muitos dos nossos irmãos e irmãs, para apagar os rastros comprometedores da sua passagem por este ou por aquele ponto. É, pois, de presumir que o padre Anselmo, ascendendo aos lugares superiores da Companhia, julgasse conveniente adotar outro nome, e, levando consigo a irmã Dorotéia e o padre Hilário, lhes impusesse a mesma mudança, a fim de que ninguém mais pudesse seguir-lhes o rasto no amplo caminho das suas grandezas...

— Assim será. No entanto, Helena é ingrata! Sabendo quanto eu a estimava, sabendo que lhe salvei a vida e lhe dediquei sempre uma amizade sincera de irmã, é imperdoável o esquecimento a que me votou!

— Minha querida amiga, a distância enfraquece os afetos. Não há pior enigma da amizade do que é a ausência. Depois, quem sabe? Talvez que o padre Anselmo, hoje Provincial ou Assistente com outro nome, lhe impusesse silêncio como condição indispensável de seus benefícios...

— Oh! não! Custa-me a crer que a irmã Dorotéia transigisse com esse homem, que tão profundamente detestava agora!

— Mas não dizes tu, minha querida, que ela amava o padre Hilário, o jovem filho do padre Anselmo, que desempenhava o cargo de capelão no convento da Covilhã, de que ela era abadessa?

— Ela própria m'o confessou.

— Nesse caso, o amor pelo filho venceu a natural repugnância pelo pai, e a esta hora temo-los juntos, nalgum convento do estrangeiro, felizes e resinados como nós o estamos, cavando com verdadeiro entusiasmo na santa vinha do Senhor.

— Se tudo se passou como supões — ponderou madre Paula — se realmente o padre Anselmo ascendeu aos mais altos cargos da Companhia e levou consigo o filho e a amante dele e do filho, é impossível que a estas horas Helena ignore quanto temos feito por esta criança que ela cruelmente enjeitou...

— Decerto. Ela pode ter notícias nossas. Nós é que não as temos nem podemos obtê-las dela...

— Mas é ingrata! — repetiu ainda madre Paula. — Por quanto procederia eu de igual modo para com ela, eu que tu acusavas de leviana, superficial e inconstante nos meus afetos?

— Minha querida amiga — volveu risonho o padre Filipe — eu sempre fiz justiça ao teu coração; e se me queixava da tua cabeça, é porque era ela a que vinha receber-me na antecâmara dos afetos sem me deixar penetrar no santuário íntimo do teu peito. E, para cumulo de desgraça, sucedia que eu nunca me encontrava ali sozinho; havia sempre na sala comum das afeições triviais dois ou três frequentadores impertinentes com quem me acotovelava e cuja presença me indispunha e fazia sofrer...

— Sabes que foste sempre o preferido do meu coração!

— Suspeitava-o. Não tinha, porém, a certeza. E essa dúvida torturava-me.

— E agora?

— Agora, minha boa e querida Paula, também eu me não queixo. Devo-te os mais belos momentos de toda a minha vida; devo-te os mais ardentes prazeres da minha mocidade e as mais suaves consolações da minha velhice. Bendita sejas!

E enlaçou-a nos braços, beijando-a com um ardor ainda não de todo extinto naquele organismo gasto pela idade.

Madre Paula deixou-se enlaçar num suave e doce abandono, murmurando com os olhos brilhantes e as faces purpureadas de prazer:

— Agora, e de há muito tempo, és tu o único senhor absoluto de todo o meu ser. Reinas e governas nos meus sentidos como no meu coração. Se me faltasses, morria!

— Se o amor é a vida — tornou-lhe o padre Filipe — se é a grande lei universal que rege todos os seres; se o amor é a suprema aspiração dos novos, e ainda a única força que ampara os velhos, como poderemos nós, minha querida, impedir ou sequer estranhar que Paulo ame com todo o fogo do seu juvenil coração a mulher que o destino pôs no seu caminho?

— Não é precisamente esse o meu desejo, mas tão somente guiar e dirigir esse pobre rapaz para que o desvairamento da paixão o não precipite nos abismos da desgraça irremediável.

— O coração apaixonado raro escuta os ditames da prudência. Todavia, talvez tu possas, minha amiga, com essa tua doce voz persuasiva, influir no espírito desse rapaz a deixar-se guiar pelos conselhos da experiência. Prometeu-me que viria procurar-te, e creio bem que virá. A ti incumbe, pois, a difícil missão de dirigir os seus passos e vigiar pelo seu futuro. Ele ama-te como filho e se não escutar a tua voz, ninguém neste mundo poderá fazer-se obedecer por ele.

— Pois bem; se até amanhã aqui não aparecer, mandá-lo-ei chamar e ouvirei o que me diz. No entanto, convém saber quem é a mulher que ele ama, a que família pertence, e no caso que a união dos dois não seja uma destas inconseqüências absurdas que a razão repele e as conveniências sociais condenam, espero que não duvidarás unir os teus esforços aos meus para aplanarmos o caminho da felicidade a esse pobre rapaz.

O padre Filipe sorriu.

— Queres arvorar-me em casamenteiro à última hora! — aquiesceu ele — Seja! Interroga-me esse rapaz, inquire e desvenda todos os segredos da sua alma; e se te convenceres de que se trata de uma paixão séria e não de uma dessas veleidades tão frequentes e tão perigosas na adolescência, faremos todo o possível por lhe aplanar as dificuldades e conduzi-lo triunfante à realização dos seus desejos.

— Eu devo-lhe proteção e carinhos de mãe — disse ainda madre Paula — Não posso esquecer-me de que fui cúmplice, embora forçada, na grande desgraça do seu nascimento. Essa criança é o fruto das milagrosas aparições do Cristo à desvairada Helena de Noronha. Se não fosse eu, talvez que o padre Anselmo

não realizasse a infame burla por esse processo tão suave... A minha consciência acusa-me, se bem que a intenção com que procedi fosse mais humanitária que criminosa. Eu quis poupar a essa desgraçada os horrores de uma desilusão brutal, de uma violência monstruosa como aquela de que foi vítima a pequena Cândida, imolada no Sardão aos instintos bestiais do padre Anselmo.

— Não recordemos, minha querida, esses horrores que a miséria da nossa situação subalterna nos tem obrigado a presenciar e até a proteger com o coração confrangido de dor, com a alma revoltada de nojo. Vinguemo-nos da crueldade da sorte praticando o bem espontaneamente, em desconto dos males que temos sido forçados a fazer. Paulo é para todos os efeitos nosso filho. Façamos por ele todos os sacrifícios compatíveis com a nossa consciência e com a nossa posição, e que Deus nos leve em conta o bom desejo que temos de proceder sempre bem e de harmonia com os ditames do nosso coração, que não é mau, mas que a fatalidade acorrentou a uma vida de torpezas e de imoralidades.

Despediu-se de madre Paula prometendo voltar no dia seguinte.

A abadessa, ao vê-lo partir, ficou imersa numa profunda tristeza.

— É o único que a alma negra da seita não perverteu de todo! — murmurou ela. — Que adorável esposo e que exemplar cidadão se não perdeu neste homem, que assim vai atravessando a vida amortalhado na sotaina da hipocrisia que ele próprio odeia! Pobre amigo! morrerás como eu na dor e na saudade cruciante da liberdade que te roubaram!

CAPÍTULO 6: À HORA DA MORTE

Três dias depois desta visita do padre Filipe a madre Paula, bateram violentamente à porta do sacerdote, era uma hora da noite.

O padre Filipe não se tinha ainda deitado.

Muito dado à leitura de velhos clássicos, o amante de madre Paula passava grande parte da noite a folhear poeirentas crônicas e a fazer anotações curiosas, no intuito de esclarecer vários pontos obscuros da nossa história que, como se sabe, ainda hoje oferecem dúvidas aos mais persistentes e lúcidos investigadores. Ouvindo bater à porta com a violência própria de quem deseja ser ouvido o mais rapidamente possível, o padre Filipe levantou-se, marcou com um papel em branco a página em que interrompia a leitura e veio à janela indagar quem batia. à porta estava uma mulher do povo, com um xale pela cabeça para se resguardar do frio cortante da noite.

— É aqui que mora um senhor que é padre e que vai dizer todos os dias missa aos Grilos? — perguntou ela.

— É aqui. O que deseja?

— É que está ali uma velhinha, que é minha vizinha, a morrer, e a pobre de Cristo não faz senão pedir que lhe chamem um padre, porque se quer confessar; e eu venho cá ver se v. s.a faz a esmola de a ouvir de confissão...

— Onde mora essa mulher?

— Na rua da Senhora de Agosto, meu senhor! É pertinho... é daqui a dois passos, e se v. s.a fizesse a esmola de vir comigo, chegava lá num instante!...

— Espere aí, que eu desço já.

Embrulhou-se num capote à espanhola, pôs na cabeça o seu chapéu alto, pegou da bengala, e pouco depois estava na rua.

— Vamos lá! — disse ele.

Encaminharam-se para a rua da Senhora de Agosto, que fica a curta distância, nas proximidades do paço episcopal. A mulher que viera chamar o padre Filipe caminhava apressada adiante dele, na ânsia de chegar a tempo com o socorro espiritual que a moribunda reclamava.

— Seja pelas almas! — lamuriava ela. — Está a pobrezinha a apelidar por um confessor desde o resto da tarde, que parece que nem pode morrer sem se confessar, e não havia uma alma de Cristo que se arresolvesse a vir chamar v. s.a ou outro qualquer que lhe deitasse a absolvição!

— Não tem família essa mulherzinha? — inquiriu o sacerdote.

— Ela não tem ninguém, meu senhor! É velhinha como as serpes, e não tem filhos nem parentes. Vive lá num quartinho, que uma vizinha lhe alugou por cinco tostões por mês, e dês que caiu empregadinha, o que vale é a gente ir olhando por ela, por caridade, senão morria p'rá ali, sem ter quem lhe chegasse uma sede d'água!

— Coitada! — lamentou o padre Filipe.

— Mas que! — tornou a mulher — a gente *támem sêmos probes... támem* temos de olhar pela nossa vida, que, se a gente o não ganhar, ninguém no-lo vem trazer... De sorte que a *probezinha* tem passado muita necessidade...

— Logo que ela assim adoeceu, porque a não mandaram para o hospital?

— No *isprital*, meu senhor, não na aceitaram, porque lá diz que não curam a velhice... Nem ela queria... Eu às vezes inda lhe *dezia*: “Ó sr.a Maria do Carmo, e se vocemecê pedisse a alguém p'ra ver se a *arrecolham* no *Asílio* das velhas?” Mas ela: “que não, e que não”, nem queria que lhe falassem nisso!

Chegaram a um prédio velho e sujo, de miserável aspecto, com a porta da rua escancarada.

A mulher guiou o padre pelas profundezas escuras do portal, e chegando ao fundo de uma estreita e perigosa escada, que dava acesso aos andares superiores, gritou:

— Ó sr.a Isabelinha, *alumeie*, que vai aqui o sr. padre!

No alto do terceiro andar, rangeu uma porta, sentiram-se uns chinelos a arrastar, e na balaustrada do corrimão luziu a mortiça e fumarenta luz de uma candeia de petróleo.

— É vocemecê, sr.a *Barbora*? — perguntou uma voz lá do alto.

— Sou eu, sou, alminha do Senhor! *Alumeie*, que não vá este senhor cair...

A sr.a Bárbara investiu com a escada como quem de há muito estava familiarizada com os perigos daqueles desconjuntados degraus.

E voltando-se para o padre Filipe:

— É melhor v. s.a agarrar-se ao corrimão, que não vá por aí cair e partir alguma perna... Isto, quem não está costumado, nada mais *facel* do que aleijar-se...

O padre Filipe já havia, por instinto, adotado o expediente que a sua cuidadosa guia lhe aconselhava.

Segurando-se com a mão esquerda ao sujo e gordurento corrimão da escada, e tateando os degraus com os pés e com a bengala, revestira-se de coragem e paciência evangélica para realizar a difícil e arriscadíssima ascensão.

Quando chegou ao alto do terceiro andar, onde uma velha esguedelhada, de cabeça estopenta e candeia na mão o aguardava, o amante de madre Paula parou ofegante e cansado.

— É cá muito em cima! — disse ele.

— E as escadas são ruins de *assobir*, meu senhor! — acrescentou a velha. — Eu *támem*, quando venho de lá de baixo e chego cá arriba, fico que, se me pusessem uma mão na boca, arrebetava!

— Onde está a doente? — interrogou por fim o padre Filipe.

— Está aqui dentro, meu senhor... Ela está mesmo a *espedir*, coitadinha! Já desde *onte* que não lhe foi nada à boca, e não faz senão pedir *auga*... Parece que está mesmo abrasadinha lá por dentro! O que aquela criatura me tem consumido p'ra lhe eu mandar chamar o confessor!

— E vocemecê porque não lhe satisfez a vontade?

— Eu já mandei recado ao sr. padre Luiz, que v. s.a há de conhecer, mas como a gente *semos probes*, fez à de conta que não era pressa e inda *inté* agora cá não apareceu...

— É que vocemecês não lhe mandaram talvez dizer que se tratava de uma pessoa em artigos de morte... — desculpou o padre Filipe. — Ora vamos lá... vamos lá ouvir essa criatura de Deus...

A velha, com a candeia lançando de si um enorme penacho de fumo negro e sufocante, alumiu o padre Filipe até ao escuro e fétido cubículo engravado no interior do mísero pardieiro, que era um genuíno representante da miséria suja do Porto, a mais repelente e odiosa de todas as misérias.

Há nesta bela cidade trabalhadora virtudes excepcionais de honestidade, de honra, de civismo e de labor persistente, que fariam o orgulho de todos os povos do mundo. Os seus habitantes são generosos, hospitaleiros, leais, podendo servir de lição e exemplo a quantos se prezam de possuir em elevado grau estas raras e nobilíssimas qualidades. Mas a par disto, quantos defeitos de educação, deprimentes da dignidade de um povo que podia e devia ser o primeiro a marchar na vanguarda da civilização do seu país!

Nas ruas, as classes trabalhadoras apresentam-se, na sua grande maioria, sujas, andrajosas, repelentes de imundície, mãos e cara acusando uma ignorância absoluta do uso da água, como se o trabalho persistente e honesto precisasse destes acerosos atestados da porcaria para se fazer respeitar!

Mulheres novas, bonitas como em nenhuma outra terra de Portugal, percorrem as ruas, descalças, esmadrigadas, as repas soltas, estreladas de lândeas, e os pés e pernas nuas, batidas dos trapos sujos das fraldas, escodeadas de lama! Uma miséria! Um horror!

E todavia era tão fácil mudar os gordurosos e sujos andrajos nas limpas e asseadas vestes da gente pobre que se lava! Uma pouca d'água — e o rio Souza, e os poços dos quintais e os ribeiros dos arrabaldes oferecem tanta! — e dez reis de sabão bastavam!

É talvez esta, a difusão das ideias de limpeza nas classes proletárias, uma das mais simpáticas e civilizadoras missões que estão reservadas à imprensa periódica dos nossos dias.

Os jornais populares, os jornais baratos, que levam tantas doutrinas salutares e tantas notícias perniciosas às classes humildes, que por eles se guiam e norteiam, — quando se não desnorteiam — não poderiam, com um bocadinho de boa vontade e persistência, encetar eficazmente a propaganda da limpeza pública e particular dos cidadãos como base primária de toda a higiene social e moral?

Valha-me Deus! Pois não ia eu agora descambando da fácil e comezinha ação do romance para as considerações sabias e profundas de um sábio e profundo autor de originais opúsculos?

Desculpe-me o leitor a divagação e acompanhemos, visto que não há outro remédio, o padre Filipe através dos corredores defumados e mal cheirosos, ressumando das paredes e do soalho podridão e esterco, até ao humilde grabato em que arqueja agonizante uma octogenária, quase uma múmia, enterrada sob um montão de farrapos.

É a sr.a Maria do Carmo.

Ao ver entrar o padre Filipe, a moribunda voltou para ele os olhos, em que perpassou um lampejo de alegria, e disse com voz débil e quase extinta:

— Graças a Deus! Não morrerei sem que v. s.a me ouça de confissão!

O padre Filipe aproximou-se do leito e contemplou, à luz de uma candeia de azeite, espetada na parede, do lado da cabeceira, o rosto enrugado e magro da pobre criatura.

— Então deseja reconciliar-se com Deus, não é verdade, minha irmã?

— Sim... sim, meu padre!.. Quero confessar-me... A morte avizinha-se e eu quero... preciso de aliviar a minha consciência do peso de... pecados que não sei se Deus m'os perdoará! — balbuciou a enferma, com voz entrecortada e de cada vez mais débil.

— Deus é infinitamente bom, infinitamente misericordioso — aquietou o padre Filipe — e está sempre pronto a perdoar à criatura que, humilde e contrita, sente na alma o arrependimento da culpa e para ela implora o divino perdão!

Puxou uma cadeira de pau de pinho, sentou-se à cabeceira do leito e, fazendo sinal às duas mulheres que o conduziram para que o deixassem a sós com a enferma, continuou:

— Aqui estou, pois, minha irmã, para ouvir em nome de Deus, cujo humilde ministro sou, as vozes do seu arrependimento e absolvê-la... De que se acusa?

A velha relanceou para ele os olhos aflitos, em que se lia o pavor do inferno, e principiou com voz lenta e abafada a seguinte narrativa:

— Eu sempre fui muito religiosa e devota... Ia todos os dias ouvir missa e confessar-me, e Deus ajudava-me sempre com a sua divina graça, porque desde que comecei a andar pelas casas do Senhor, nunca me faltou nada, e havia muitas almas boas que me socorriam, compadecidas da minha pobreza...

— Aí tem, pois, uma prova de que Deus não recusa nunca o seu divino amparo àqueles que na sua infinita misericórdia depositam inteira fé e confiança...

— Os srs. padres dos Grilos e os srs. padres de S. Bento da Vitória conheciam-me todos... e faziam o favor e esmola... de serem muito meus amigos...

— É porque reconheciam em vocemecê verdadeira devoção e temor de Deus...

— Lá isso... eu na igreja... portei-me sempre com muito respeito... E até quando via certas beatas fingidas — Deus me perdoe! — a fazerem da casa do Senhor lugar de recreio e de pouca vergonha... sentia um peso na consciência e ia-me logo confessar disso, como se fosse eu que tivesse cometido o pecado... E aonde não chegava mandava... que era para elas terem vergonha!

O padre Filipe sorriu indulgente:

— E é talvez desse excesso de zelo, em verdade pouco edificante aos olhos do Altíssimo, que se arrepende agora e quer pedir perdão a Deus? Tem razão, minha irmã! A moral do evangelho, a religião santa do Crucificado manda que perdoemos as faltas e fraquezas do próximo e não façamos delas objeto de

escândalo e de agravo, com perda e ofensa da reputação daqueles que pecaram...

— Não é disso que eu me acuso, meu padre! — acudiu a velha reanimada um pouco pelo prazer da confissão — Isso até os meus santos padres confessores me diziam que fazia muito bem... e pediam-me que os avisasse de tudo o que visse e ouvisse, que era para eles não andarem a ser enganados... e saberem quem tinha religião e quem não tinha...

O padre Filipe dissimulou um gesto de repulsão e de enfado, e perguntou:

— De que é então que se acusa, minha irmã?

— Eu... de mim... não me acuso de nada, meu santo padre! Eu... o que fiz... foi sempre com os olhos em Deus... e tudo para bem da santa religião...

— Pois se não tem de se acusar de faltas próprias, as dos seus semelhantes também não são as que hão de fazer-lhe carga aos olhos do Altíssimo, se para elas não concorreu nem estava na sua mão impedi-las... Portanto, como onde não há culpa não há perdão, eu nada tenho de que absolvê-la... Feliz de quem pode como vocemecê aparecer no tribunal divino com a alma limpa de macula.

Dizendo isto, o padre Filipe, entediado, ia a levantar-se para sair, quando a velha, estendendo para ele as mãos convulsas, bradou com indizível acento de pavor:

— Pelo amor de Deus! Pelas cinco chagas de Cristo, meu padre, ouça-me! Ouça-me que eu quero... confessar-me!...

— Pois o que tem vocemecê estado a fazer, senão a confessar-se, criatura de Deus?

— Como v. s.a ainda me não perguntou nada...

— Nada tenho que perguntar-lhe, minha irmã... Vocemecê consulta a sua consciência, e se nela encontra escrúpulo ou dúvida de falta cometida, confessa-a sinceramente e dela pede perdão a Deus, em nome de quem eu a estou escutando...

A velha revolveu-se arquejante nos trapos e disse em voz sumida:

— É que eu... criei como se fosse meu filho uma criança... que era filha... de um padre e de uma mulher casada...

— E vocemecê concorreu de algum modo para que esse padre e essa mulher casada incorressem na falta que originou o nascimento dessa criança?

— Não, meu senhor! Eu conhecia o sr. padre Anselmo de me confessar a ele, na igreja de S. Bento, no tempo do sr. padre Couto, que era um santo...

— Só Deus sabe quem é santo! — murmurou o padre Filipe, surpreendido ao ouvir falar no padre Anselmo.

— E vai depois, um dia, o sr. padre Anselmo chamou-me a Braga para eu tomar conta daquela criança debaixo de todo o segredo... Eu, como lhe devia muitas obrigações, trouxe-a e tratei a criança como minha... E o sr. padre Anselmo é que pagava as despesas...

— Que nome tinha essa criança? — perguntou o padre Filipe, agora interessado na estranha narrativa — Que nome tinha essa criança? — perguntou o padre Filipe, agora interessado na estranha narrativa da velha.

— Chamava-se Hilário, meu senhor...

— Esse rapaz ordenou-se e é eclesiástico — disse o padre Filipe.

— V. s.a conhece-o? Sabe dele? Onde está? — perguntou a velha.

— Conheci-o, em tempo, capelão da casa conventual das irmãs Dorotéias, na Covilhã...

— É esse mesmo! É esse mesmo! — bradou a velha — E onde está agora?

— há muitos anos que o não vejo nem ouço falar nele... Suponho que talvez haja partido para as missões ultramarinas ou viva em alguma casa religiosa do estrangeiro...

— Oh! não... não! Mataram-no... mataram-no!

— Quem? Quem supõe vocemecê que pudesse ter interesse na morte desse obscuro sacerdote?...

— O mesmo que lhe matou a mãe... a D. Carlota...

E a velha juntou as mãos numa visível angústia, murmurando:

— Meu Deus! meu Deus! e eu que o podia ter salvo... o meu pobre Hilário, coitadinho!

E pelas faces ressequidas rolavam-lhe lágrimas em fio.

— Sossegue, minha irmã, que o padre Hilário não foi vítima de nenhum atentado como supõe — disse o padre Filipe — A morte de um sacerdote não é coisa que passe despercebida na sociedade, mormente se essa morte é resultante de um crime. Ora eu não me recordo de ter lido a notícia do falecimento do padre Hilário nos jornais portugueses e estrangeiros que leio todos os dias.

— Deus Nosso Senhor permitia que ele viva ainda! — murmurou aflitivamente Maria do Carmo.

— Vive decerto — afirmou o padre Filipe, no intuito de serenar a doente.

— Mas então porque não me escreve ele há tantos anos? Eu que o criei com tanto amor... eu a quem ele chamava mãe...

— Julgará que vocemecê já não é viva...

— Não... não! — tornou a velha — Mataram-no para o roubar!...

O padre Filipe, suspeitando um tenebroso mistério nas palavras da velha beata, perguntou:

— Como pode vocemecê ter semelhante suspeita? Pareceu-me ouvir-lhe há pouco que a mãe desse rapaz foi assassinada...

— Foi... foi...

— Matou-a o marido, sabedor de que ela o atraía?

— Não... o marido não... Foi o outro... o próprio amante...

— Quem?

— O padre Anselmo!

— O padre Anselmo! — disse o padre Filipe com espanto.

— Foi em Lisboa... — continuou a velha enferma — D. Carlota, a mãe do meu Hilário... separada do marido, um tal Custódio, de Braga, tinha feito testamento, deixando-me todos os haveres, para eu fazer entrega deles ao filho...

— E entregou-os?

A velha revolveu-se aflita nos farrapos do leito.

— Não... porque o sr. padre Anselmo fez-me assinar um papel de dívida a um homem... um tal João Ignácio, da rua de S. Sebastião, que me levou tudo, tudo!

O padre Filipe esforçava-se por compreender a confusa narrativa da velha.

— Mas como diz vocemecê que o padre Anselmo matou a mãe do próprio filho dele?

— Foi em Lisboa... Ele levou-a para lá a ela e mais a mim, prometendo a ambas que o nosso Hilário iria lá ter conosco, para vivermos todos juntos... Depois, ele... uma noite... foi tomar o chá no quarto da D. Carlota e... envenenou-a!

Aqui a velha esbracejou mais aflita, evidentemente torturada pela recordação daquele crime.

— Como o soube? — interrogou o padre Filipe.

— Eu vi nessa noite a D. Carlota levar para o quarto dela o bule do chá com duas chávenas... Desconfiei e fui espreitar à porta do quarto... Presenciei tudo... Ela a queixar-se do veneno e ele... a dizer-lhe que a matava por ela lhe faltar à obediência... Depois, no outro dia, veio a justiça e achou um bilhete que, não sei como foi, o sr. padre Anselmo tinha arranjado em nome dela, a dizer que se matou por causa do marido...

— E vocemecê calou-se com o conhecimento desse crime?

— Eu.. tive medo que ele me fizesse o mesmo a mim, e calei-me...

— Nem mesmo contou ao padre Hilário o que presenciou?

— Eu nunca mais o tornei a ver... O sr. padre Anselmo disse-me que ia ter com ele à Covilhã e nunca mais vi um nem o outro... Por isso eu digo que ele o foi matar!...

A velha suspirou aflitivamente. Depois, continuou:

— Quando eu voltei para o Porto, o João Ignácio veio cá com os da justiça e tomou conta de tudo o que era da sr.a D. Carlota... Acho eu que tomou conta, porque a mim não me chegou nada às mãos...

— E quem era esse João Ignácio?

— Era o maior amigo do sr. padre Anselmo...

— Sabe se ele ainda vive?

— Ouvi dizer que endoideceu e que o meteram no hospital dos doidos... Foi bem feito! Foi o castigo de Deus!...

— Como conheceu vocemecê a D. Carlota? Foi em Braga, quando tomou conta da criança?

— Nada! Ela nunca viu o filho... e eu só a conheci quando o sr. padre Anselmo a trouxe p'rás Sereias e depois a levou p'ra Lisboa enganada... E como ela sabia que fui eu a que criou o Hilário... era muito minha amiga... e fez-me o testamento p'ra eu deixar tudo ao pequeno... Até me deu uma carta muito grande p'ra eu lhe entregar só depois dela morrer... Porque ela não queria que o Hilário soubesse que era filho dela...

— E o que fez a essa carta? Entregou-a ao padre Anselmo?

— Essa carta... — fez a velha — tenho-a aqui... guardada... como ela m'a deu... Nunca mais tornei a ver o meu Hilário... nunca lh'a pude entregar...

Nos olhos do padre Filipe luziu um raio de curiosidade.

— É por isso... — prosseguiu a velha — que eu me queria confessar a quem contasse isto... e confiasse esta carta... para a entregar ao meu Hilário... se ele algum dia aparecer vivo...

Dizendo isto, a velha introduziu a mão descarnada e tremula debaixo do travesseiro e tirou de lá uma saca de chita, surrada do atrito das mãos e dos farrapos, e apresentando-a ao padre Filipe, disse com a voz estrangulada pelo esforço:

— Aqui está a carta e mais um dinheirinho que eu fui ajuntando das esmolas dos benfeitores para lhe dar a ele... se um dia aparecesse... Tome v. s.a conta de tudo, e se ele for vivo... entregue-lh'o... Se ele tiver morrido... diga-o de missas por minha alma...

— Não tem filhos, vocemecê? — perguntou o padre Filipe, aceitando com repugnância o tesouro da velha e sem mesmo verificar a quanto montava.

— Tenho... Mas esses... estão arrumados... Nunca quiseram saber de mim... Mil contos que eu tivesse... haviam de ser todos para o meu Hilário... coitadinho!

— Não seria melhor distribuir pelos seus filhos este dinheiro, de que o padre Hilário talvez não precise?

— Não! Não! exclamou a velha ansiadamente, arregalando os olhos, onde a vida começava a extinguir-se. Se ele não aparecer... missas pela minha alma!... Esse dinheiro... deu-m'o a religião... para a religião torna! São três centos de libras... três centos!

— Está bem! Sossegue. A sua vontade será cumprida — aquietou o padre Filipe.

— Graças a Deus! Morro descansada... E agora, meu padre... deite-me a sua absolvição... para que Deus me perdoe!

O padre murmurou em latim as palavras da absolvição.

— E ele... se for vivo... que se acautele do padre Anselmo... que não lhe mostre esse dinheiro... O padre Anselmo é pai dele... mas envenenou-lhe a mãe... para o roubar!... — murmurou ainda a velha, deixando descair a cabeça no travesseiro e entrando logo na agonia última.

O padre Filipe, impressionadíssimo com as revelações que ouvira dos lábios da moribunda, guardou no bolso o legado da velha e saiu do lôbrego cubículo em que aquela vida se extinguia.

Chegado ao patamar, respirou com força e disse para a outra velha que o aguardava com a fumarenta candeia de petróleo na mão.

— Essa pobre mulherzinha está agonizante. Logo que ela expire dê-me parte, porque o enterro fica por minha conta.

— Sim, meu senhor! — disse a velha — Não seria bom dar-lhe ao menos a Santa Unção, já que não pode tomar o Senhor?

— É tarde — respondeu o padre Filipe — Quando cá chegasse esse último socorro espiritual, encontraria um cadáver.

— Seja pelas almas! — lamuriou a velha — Não *sêmos* nada neste mundo!

— Somos realmente bem pouco, quando presumimos ser tanto! — concordou filosoficamente o sacerdote — Vocemecê faria uma obra de caridade, indo assistir aos últimos momentos daquela desgraçada...

— Sim, meu senhor... eu vou — concedeu a velha.

Padre Filipe, voltando-se para a mulher que o fora chamar e que também viera ao patamar numa curiosidade agradecida, pediu:

— E vocemecê, santinha, não poderia fazer-me o favor de me alumiar até ao fundo da escada, que é tão cheia de precipícios para a minha idade?

— Eu vou, meu senhor... Então não hei de ir?

E tirando da mão da outra a candeia:

— Vá vocemecê pró par da criaturinha de Deus, enquanto eu alumio ó sr. padre...

A velha cedeu a luz e retirou para o interior, resmungando:

— Estes carolas do inferno, em não sentindo dinheiro a uma criatura, põem-se logo a avoar e dizem aos outros que se aguentem co'as maçadas... Se lhe cheirasse a que lhe untavam as unhas no fim, punha-se aí a alanzoar os ofícios da agonia e não arredava daqui pé enquanto ela não fechasse o olho... Assim, vai a correr meter-se no quente e tanto se lhe dá que a *probezinha* de Cristo vá p'ró céu como que vá p'ró inferno!

O padre Filipe, alumiado pela outra vizinha, chegara ao fundo da terrível escada com as costelas direitas.

— V. s.a quer que o vá acompanhar *inté* casa? — ofereceu a mulher.

— Não, não é preciso... Daqui até lá é perto e não há escadas a subir nem a descer. Amanhã procure-me para se comprar um caixão à pobre criatura. Boa noite!

— Vá v. s.a na graça de Deus, meu senhor!

CAPÍTULO 7: TRÊS MISERÁVEIS

Depois da cena que representou com a filha, o Custódio de Jesus correu a procurar o seu amigo Belchior.

O agiota ia radiante de satisfação.

— Beatriz — disse ele ao procurador — está no caminho!

— No caminho de quê?

— No caminho de aceitar o casamento com o Eugênio de Melo.

— Sério?

— Homem, digo-lh'o eu! A princípio recusou, fez cara feia, e ia-me fazendo sair fora dos eixos, porque eu não sou para graças... Mas depois...

— Conseguiu intimidá-la?

— Isso sim! Aquela sonsinha que você ali vê tem fígados! Ameacei-a com as irmãs da caridade para toda a vida, e ela teve a pouca vergonha de me dizer que podia matá-la, mas que não podia fazer com que ela fosse à igreja dizer o sim!...

— É o que eu digo! O outro rapazelho deu-lhe volta ao juízo, e as mulheres são assim... são piores que cabras... Em encarreirando para um lado, não há diabo que as faça voltar para trás!

— Mas consegui eu que ela voltasse...

— Como?

— Com bons modos... Você, afinal, foi quem me ensinou o segredo... Mas eu também discorri alguma coisa... Comecei a amaciá-la, a dizer-lhe que se desejava que ela aceitasse o casamento era para interesse dela, porque eu estava pobre, estava desgraçado, tudo quanto tinha já não chegava para pagar aos credores, e portanto que só havia a escolher: ou casar ela com Eugênio de Melo ou dar eu um tiro nos miolos e arrumar com isto por uma vez. Chorei, que se você visse até se admirava!

— E afinal?

— Afinal, ela, que estava de pedra e cal, a dizer que não e que não, pôs-se a considerar um bocado e por fim disse-me que queria falar com o noivo...

— Com o Eugênio de Melo?

— Pois então com quem? Quem é o noivo?

— O noivo é aquele com quem ela estiver para se casar...

— Bem! pois esse é o Eugênio de Melo. Não se trata de outro.

— Que diabo lhe quererá ela? — comentou o procurador.

— Ora o que há de querer? Quer que ele lhe diga que lhe tem muito amor, que está a morrer de paixão por ela, que não sonha com outra coisa senão com o momento ditoso, *et coetera*... coisas que todas as raparigas gostam de ouvir aos namorados.

O Belchior pôs-se a rir.

— Vá lá a gente fiar-se em mulheres! — disse ele. — Muito amor ao outro, capaz de se deixar matar antes que trair a fé jurada; mas assim que lhe cheirou a que o negócio era de cobres e que sem eles não teria mais vestidos, nem mais luxo nem mais comodidades, — venha de lá o homem da massa e atire-se com o querido do coração às urtigas! Ah! mulheres, mulheres! quem não as conhecer que se fie nelas!...

— Pois por eu saber isso — retorquiu o Custódio — por ter a experiência de que não há amor que resista à perspectiva da miséria, é que eu me lembrei de inventar esta história, que há de dar bom resultado... Agora ele que lhe cante umas cantiguinhas bem cantadas... que lhe fale de amor, de paixão e de todas essas frioleiras que as raparigas apreciam, e daqui a dois dias, diabos me levem se ela pensa mais no outro!

— Quando entende você que deve ir falar-lhe o Eugênio?

— O mais depressa possível. Nestas coisas nunca há tempo a perder...

— Está bem. Nesse caso, vou lá hoje à noite com ele tomar o chá...

— Sim senhor! E passaremos uma noite bem passada... A pequena toca piano, você gaba-lhe a habilidade para a música, o rapaz rende-lhe finezas, e às duas por três a rapariga está ensarilhada, e não terá remédio senão dizer que sim.

— Vou então mandar prevenir o rapaz. Foi o diabo você não vir mais cedo, porque ele ainda há bocado saiu daqui... Veio cá para eu lhe adiantar um dinheiro sobre o arrendamento de uma quinta que de dois em dois anos rende seis contos de réis, só em cortiça! É um dodivanas... Não sabe o que tem de seu e anda sempre a pilar por dinheiro!

— Afinal — considerou o Custódio de Jesus — este casamento até é uma providência para ele... Porque se nós não — Afinal — considerou o Custódio de

Jesus — este casamento até é uma providência para ele... Porque se nós não lhe puséssemos uma tutela, por esse andar ainda vinha a dar num pobre de pedir...

O Belchior disfarçou um sorriso velhaco.

— Quem duvida que é uma obra de caridade casá-lo e tomar-lhe conta dos haveres? Mas é preciso que você saiba, amigo Custódio, que eu é que fico em piores lençóis...

— Porque?

— Porque este diabo é maluco, e depois, quando você e sua filha lhe moverem um processo de interdição, quem paga as favas sou eu... Contra mim é que ele se há de voltar, a dizer que lhe armei esta ratoeira de propósito para lhe apanharem a fortuna...

— E a você que se lhe dá? A sua consciência diz-lhe que praticou uma ação boa... que importa lá que ele grite?

— Pois sim, mas a minha consciência também me diz que eu escuso de me meter em alhadas sem interesse, e que se ele, por fim, como é maluco, me quebrar a cabeça, é bem feito... Portanto, logo que este casamento esteja combinado, nós temos um pequeno negociozinho a fazer...

— Que negócio? — interrogou o Custódio franzindo o sobrolho.

— Que diabo! É justo que eu leve rasca na assadura... Eu pratico uma ação boa... boa para si e boa para ele... Parece que também não será fora de razão que a pratique boa para mim...

— Mas o que é então que você quer dizer com isso? — tornou o Custódio desconfiado.

— Quero dizer que o negócio é negócio, e que se eu lhe meto a você para cima de noventa contos de reis no bolso, é de justiça que leve nisso uma pequena comissão...

— Uma comissão! Mas que comissão quer você?

O Belchior sorriu:

— Sossegue! eu não sou daqueles que comem a sardinha e deixam para os outros só a espinha... Aí uns dezoitos por cento sobre a fortuna do rapaz, não é coisa que empobreça ninguém...

— Dez por cento! Você está doido! — exclamou o Custódio de Jesus, fazendo uma careta terrível — Dez por cento sobre noventa contos, atirava lá para nove contos. Isso era melhor do que fazer meia!

— É... é melhor do que fazer meia... E oitenta contos por uma filha que está em vésperas de casar com um rapaz que não tem de seu oitenta reis, o que é? É barro!

— Não que eu não a deixo casar senão à minha vontade! — barafustou o Custódio.

O Belchior teve um sorriso desdenhoso.

— Você não a deixa casar senão com quem muito bem entender, e ela não casará senão com quem muito bem quiser — replicou por fim. — Mas o nosso caso é muito outro, amigo Custódio... Se você arranjar o casamento da pequena com outro rapaz, sem ser por minha intervenção, ainda que o noivo tenha mil contos de reis, descanse, que eu não vou lá meter-me no negócio nem reclamar para mim a mais insignificante parte nos lucros... Ora agora, fazendo-se o casamento com o Eugênio de Melo, e sendo eu o principal agente deste negócio que lhe mete a você para cima de noventa contos no bolso, tenha paciência, mas a minha comissão é justo que se pague...

— Com os diabos! eu ainda lhe não disse a você que queria o seu trabalho de graça! — prorrompeu o Custódio. — Mas é preciso ter consciência... é preciso que você não queira a melhor parte para si...

— A melhor parte! Então nove contos de reis é a melhor parte de noventa?

— Limpinhos e secos, sem mais incômodos, sem ter que aturar a noiva a choramingar e sem ter que andar às testilhas com o noivo para o fazer entrar na ordem, acha você que não é nada!

— E a minha responsabilidade? E ter depois de me haver com o rapaz, que é um touro de força, e que, se lhe der na cabeça, é muito capaz de me lançar as culpas de tudo e quebrar-me as costelas? Isso não representa nada, não?!

— Se ele fizer isso, você arma-lhe um processo... Tem a justiça de casa, fica-lhe barato...

— Mas o corpo é meu, e depois de eu as cá ter, do lombo é que ninguém m'as tira! — berrou o procurador. — Homem, é preciso que você veja que isto é

negócio muito arriscado para mim... E eu meter-me em folias, sem ao menos ter garantidos os pontos que depois hei de levar nas feridas... não me serve!

E num repelão:

— Então acabemos com isto, não se fala mais em tal e você case lá a pequena com quem quiser.

O Custódio amaciou um pouco.

— Ora venha cá... — disse ele. — Você sempre tem um demônio de um gênio!

— Mas pela razão!... pela razão é que eu tenho gênio! — contestou o Belchior. — Você, se fosse outro, dava o valor às coisas e não estava a fazer questão de uma miséria... Demais a mais, sabendo que eu entro nisto por ser seu amigo...

— Bem sei, Belchior, bem sei que você é meu amigo; e por isso mesmo é que eu esperava que você fosse mais razoável...

O procurador descarregou violento murro sobre a escrivaninha.

— Mais razoável! — exclamou ele. — Pode-se ser mais razoável do que isto? Você, que empresta dinheiro a vinte e a trinta por cento, acha caro noventa contos de reis comprados a troco de nove?!

— Pois sim, mas isso não é dá cá, toma lá... O dinheiro é do rapaz e ele é que continua sendo senhor dele...

— Não me venha com cantigas! Eu já lhe disse a você como é que as coisas se arranjam... Mas se acha que é prejudicado ou que o negócio não vale a pena, eu lavo daí as minhas mãos e arranjo você casamento melhor para a pequena.

Era a segunda vez que o Belchior ameaçava desmanchar o negócio. O Custódio de Jesus tremeu com a ideia de que o procurador tivesse já posto a mira nem outra noiva para o seu cliente.

— Homem! — disse ele — a gente não está aqui a jogar facadas. Nem você quer o meu prejuízo nem eu o seu... Você faz um abatimentozinho... fica a coisa reduzida a seis por cento...

— Sete tenho eu quem me dê! — volveu o procurador. — E é porque eu não quis entrar em transação, senão a coisa chegava aos oito. Mas a mim aborrece-me regatear... Isto não é negócio de cebolas. Disse que hão de ser dez, e hão de ser dez, ou o rapaz não casa no Porto. Então dou um passeio com ele até Lisboa,

e você verá como até apanho lá uma viscondessa para ele. Aquilo é que é terra! Aquilo sim! Ali dá-se valor ao dinheiro e ao trabalho de cada um...

— Bom! Você é teimoso... também não quero que diga que, sendo eu seu amigo, estou a fazer questão por pouca coisa... Está tratado.

— Ora até que, enfim, chegou-se à razão! — disse o procurador, como quem se aliviava de um grande peso — Eu bem sabia que você não deixava fugir o bolo, ainda que tivesse de partir um bocado maior para mim... Mas eu não gosto de abusar com os amigos...

— Vamos lá! — suspirou o Custódio. — Para amigos, você carregou um bocadito na mão... Mas acabou-se! Está tratado, está tratado. Não volto com a palavra atrás.

— Sim, senhor! — tornou o Belchior. — Ora agora temos a regular a forma do contrato... Eu recebo os nove contos no dia do casamento, antes dos noivos irem para a igreja...

— O que! Então você põe-me assim as facas ao peito?! — exclamou o Custódio de Jesus muito admirado.

— Homem, negócio é negócio. Eu comprometo-me a levar o noivo até sua casa no dia do casamento, sem escrituras, para a noiva poder entrar na meação dos bens que ele possa possuir. Feito isto, o dinheiro que eu ganhei é meu, você passa-m'o para a mão e estamos quites. Pois como queria você?

— Isso não podia ser depois do casamento realizado?

— Pode, aceitando-me você letras...

— Você sabe-a toda! — fez o Custódio sorrindo, como quem acaba de efetuar um belo negócio. — Vá lá! No dia do casamento entrego-lhe o dinheiro e está a conta arrumada.

— Antes dos noivos partirem para a igreja...

— Sim, homem, sim! Antes dos noivos partirem para a igreja.

— Pois então esta noite lá estamos. Vou mandar prevenir o rapaz para não faltar.

O Custódio despediu-se e o Belchior correu ao Francfort a prevenir Eugênio.

Nessa mesma noite, a sala de visitas do Custódio de Jesus era teatro da odiosa farsa que os três miseráveis se dispunham a representar à roda do coração de Beatriz, iludindo-se uns aos outros, como quase sempre acontece quando três patifes de grande marca se encontram unidos pelo mesmo pensamento de interesse comum.

O Custódio, saindo de casa do Belchior, passara pela casa de D. Bárbara, viúva de um general reformado e mãe de três filhas feiíssimas que o Montepio militar sustentava, e pediu-lhes para irem à noite tomar o chá e fazer um bocado de companhia à Beatriz, que já tinha falado nelas e estranhado que estivessem tanto tempo sem lhe irem fazer uma visita.

O Belchior, pela sua parte, fizera-se acompanhar da mulher, a D. Rosália, e da cunhada, a D. Adélia, ambas vermelhuscas e adiposas, — a D. Rosália queixando-se sempre do seu fígado e a D. Adélia dos seus flatos.

Eram estas as relações mais íntimas do Custódio que, usurário e forreta, detestava reuniões e convivências que o forçassem a incômodos e despesas.

Tolerava a viúva do general, cujo conhecimento proviera de serem as filhas companheiras de Beatriz no colégio, porque lhe rebatia as pensões com extraordinária usura; e quanto à família do Belchior, está bem patente o interesse que lhe advinha das suas relações.

Beatriz, prevenida por seu pai de que nessa noite viriam visitas, preparou-se para as receber.

A cândida menina preferiria antes a solidão do seu quarto à enfadonha conversação de tão estolidas criaturas; mas como era a ela que cumpria desempenhar os deveres de dona da casa, não teve remédio, sacrificou-se às leis da boa educação e foi com risonho, embora contrafeito, semblante que veio à sala.

Eugênio de Melo, acompanhando o Belchior, apresentou-se gentil e muito correto no seu traje elegante de rapaz rico, afetando uns ares superiores, de bom tom, sem contudo deixar de se mostrar amável e atencioso em extremo para com as damas.

Conversaram estas de modas, do tempo, dos teatros, dos mil nadas que preocupam o espírito das senhoras finas, ou que de tais se presumem; enquanto Custódio, Belchior e Eugênio comentavam os últimos acontecimentos políticos e profetizavam mil horrores ao futuro de Portugal.

Veio o chá. Servido ele, o Belchior perguntou:

— Então não temos um bocadinho de música? Vá, sr.a D. Rufininha, dê-nos um bocadinho de piano.

Rufininha era a filha mais velha do general.

— É verdade! apoiou Custódio — e a sr.a D. Terezinha canta aquela canção

Murmura, rio, murmura!

que é tão bonita.

A Rufina dirigiu-se logo ao piano e a Terezinha, morta por cantar, começou a fazer caretas e a desculpar-se, que estava sem voz, que não se sentia boa da garganta, que hoje não, para outra vez cantaria.

Mas o Belchior e o Custódio insistiram, — que cantasse, que eram desculpas de mau pagador, que quem tinha uma voz tão bonita não devia ser tão avara do seu tesouro.

E agarrando-lhe cada um por seu braço, arrastaram-na até junto do piano, onde já a irmã pingava notas preparando-se para o acompanhamento.

Assim instada, a Terezinha começou esganiçando-se terrivelmente, a pedir ao rio que murmurasse, em meio do silêncio e da forçada atenção dos circunstantes.

Aproveitando-se deste momento, Eugênio, aproximou-se da filha do Custódio e, sentando-se numa cadeira próxima, encetou com ela este diálogo:

— Dá-me licença, sr.a D. Beatriz, que lhe faça uma pergunta?

— Queira v. ex.a dizer, sr. Eugênio de Melo — respondeu Beatriz, sem poder reprimir um movimento de terror instintivo.

— Parece-me vê-la triste, como que sob o peso de um desgosto íntimo... Acaso devo eu atribuir à minha presença a melancólica expressão do seu rosto?

— Porque me faz essa pergunta, sr. Eugênio de Melo?

— Perdão, se fui indiscreto! — tornou o mancebo. — Mas, em primeiro lugar, interessam-me as dores e as alegrias do seu coração mais do que talvez pode imaginar... Depois... creio que lhe não deve ser estranho o desejo ardente que

me anima de lhe dedicar toda a minha existência e de viver feliz da sua felicidade...

Beatriz baixou os olhos.

— Creio que quer referir-se — disse ela — a um projeto de casamento de que já ouvi falar meu pai...

— Não me atrevi a patentear a v. ex.a o sentir íntimo do meu coração, e dizer-lhe a chama abrasadora que o seu dulcíssimo olhar me acendeu no peito... E como a vi filha meiga e carinhosa, filha submissa e obediente, não hesitei em pedir a seu pai e meu bom amigo, que fosse intérprete fiel e autorizado dos meus sentimentos junto de v. ex.a. Fiz mal?

— No lugar de v. ex.a, eu não teria procedido assim...

— Porque? Quem melhor pode ser fiador dos puros e santos afetos da minha alma, das delicadas e nobres intenções que me animam, do que o próprio pai da mulher que amo? Porventura, se o meu amor por v. ex.a não fosse uma daquelas paixões abrasadoras, violentas, em que fazemos consistir toda a nossa felicidade, iria eu pedir para ele o consentimento dos seus dias?

— V. ex.a esqueceu ou não contou para nada com o meu coração. Era no entanto a ele que v. ex.a devia dirigir-se primeiro, creio eu...

— Suponho-a tão boa, tão pura, tão santa, que não duvidei um momento da bondade Angélica com que acolheria as súplicas de um infeliz, sabendo que eu, infeliz, morro por v. ex.a.

— Por muito bondosa que eu lhe parecesse, nunca deveria supor-me tanto que me julgasse capaz de sacrificar o meu coração à sua felicidade, sr. Eugênio de Melo.

— Quer dizer com isso que me despreza, que recusa o meu amor, que devo julgar para sempre perdida a felicidade, esmagado para sempre o meu coração?

— Quero dizer-lhe, senhor, que preciso falar-lhe com a lealdade e franqueza que devo a v. ex.a e à minha dignidade de mulher. Se depois de me escutar, ainda persistir no seu propósito...

— Consentirá em ser minha esposa?

— É possível.

— Pois bem; fale! Diga-me v. ex.a o que tem a dizer, porque eu anseio pelo momento de lhe poder dar uma prova cabal, irrecusável, sublime, do meu amor!

— O que tenho a dizer-lhe, sr. Eugênio de Melo, — respondeu friamente Beatriz — é por tal modo grave e sério, requer tanto sossego e reflexão que, aqui, nesta sala, num curto momento de conversa, entre pessoas que falam, tocam e cantam, mais poderia v. ex.a dar-lhe peso e eu exprimir-me como desejo. Se lhe não for demasiado o sacrifício, rogo-lhe que venha amanhã de dia, e então falaremos. Já expressei a meu pai a necessidade que tinha de me entender com v. ex.a sobre o assunto em questão, e portanto a sua vinda a esta casa está perfeitamente autorizada por ele.

— Virei então amanhã — disse Eugênio. — Mas, por Deus, não me roube a esperança de vir a chamar-lhe minha esposa, de vir a ser o seu escravo sendo ao mesmo tempo o mais feliz dos homens.

Beatriz levantou-se, despedindo-o com um gesto.

— Amanhã! — disse ela.

Esta conversa passara-se por entre os olhares oblíquos de Belchior e Custódio, que ambos, fingindo prestar grande atenção às filhas da D. Tereza, não perdiam de vista Eugênio e Beatriz.

Por volta das 11 horas, a viúva e as filhas do general deram o sinal da retirada.

A mulher e a cunhada do procurador despediram-se também.

Já na rua, o Belchior, voltando-se para o Eugênio, perguntou:

— E então?

— Então... nada!

— Pois você não lhe falou em amor, não lhe disse que morria de paixão por ela?

— Disse-lhe tudo isso, porque, verdade, verdade, eu não vim cá para outra coisa. Mas achei-a muito fria, muito reservada... Teima que me quer falar amanhã, porque tem coisas muito sérias e muito graves a dizer-me...

— Já sei. O que ela quer é namoro. Quer que você lhe cante a sós as lindas cantigas da sua paixão por ela e lhe jure mil vezes que a há de amar até à morte...

— Isso não são as coisas sérias e graves que ela tem para me dizer... Se me chama, não é para que eu lhe fale, é para ela me falar a mim... Que quererá dizer-me?

— Naturalmente que tem um namoro que a ama apaixonadamente e que, assim que souber que ela está para casar com outro, é capaz de se ir deitar da ponte abaixo — disse rindo o procurador.

— Enfim, seja o que for. Amanhã virei falar-lhe e saberemos o que ela quer...

— Que diabo há de querer? Quer casar, quer-lhe apanhar a cortiça toda da sua quinta — porque julga que o pai está pobre e que não pode continuar a dar-lhe vestidos de seda... As mulheres são todas assim, meu amigo!

— Não parece que seja isso — volveu Eugênio — Pelo contrário, suponho outra coisa...

— O que?

— Que a pequena caiu em alguma falta grave e quer francamente confessar-m'a antes de casar...

— Pois você supõe?...

— Não sei... Mulheres são mulheres...

— Mas você, ainda que isso seja, não faz caso!... — preveniu o procurador, receoso de escrúpulos por parte do seu cúmplice.

— Bem me importa cá a mim! Perdão... faço de generoso... O que se quer cá são os vinte contos...

— E que o Custódio morra breve para vir a maquia completa! — acrescentou o Belchior.

— Nem mais nem menos!

Assim entendidos, ao outro dia, Eugênio apresentou-se em casa do Custódio.

O usurário, informado do que se passava, simulou uma saída a tratar de negócios, a fim de facilitar a entrevista dos dois.

Beatriz, pálida de comoção, saiu à sala de visitas a receber o mancebo.

— Queira sentar-se, sr. Eugênio de Melo — disse ela gravemente, indicando-lhe uma cadeira — Pedi-lhe a fineza de me escutar a sós por alguns instantes, pois o que tenho a dizer-lhe não deve ser conhecido de mais pessoa alguma; e confio na sua honra de cavalheiro que saberá guardar absoluto sigilo sobre o que me ouvir...

— Oh, minha senhora! — exclamou o mancebo — Amo-a tanto que, mesmo sem essa prevenção, guardaria avidamente no fundo da minha alma todas as suas palavras como um inestimável tesouro!

— E devem realmente valer para v. ex.a um tesouro pela franqueza e lealdade que revestem. V. ex.a, segundo creio, manifestou a meu pai o desejo de me tomar para sua esposa...

— De novo peço perdão, se assim procedi, mas julguei que ninguém melhor do que ele podia ser intérprete dos meus sentimentos junto de v. ex.a... Nos tempos que vão correndo é tão frequente ver-se um sedutor abusar da hospitalidade de um homem de bem para lhe ludibriar uma filha, que eu julguei um dever de honra, antes de tudo, patentear a quem tão generosamente me acolhia as nobres e puras intenções do meu coração apaixonado! Se errei, v. ex.a saberá perdoar-me o inconsiderando passo com que pude contrariá-la, em atenção aos honestos sentimentos que me moveram.

— É v. ex.a um homem de bem e por isso mesmo há de saber compreender e avaliar os justos melindres que me forçaram a uma explicação clara, franca e leal da minha situação...

— Dos lábios de v. ex.a está dependente a minha sorte, o meu futuro, a minha vida. Peço-lhe que fale como à pessoa que mais a ama e que mais ardentemente deseja merecer-lhe inteira confiança!

— Pois bem; em primeiro lugar, o meu coração já não está livre — disse Beatriz — Amo e sou amada com o sincero e veemente amor de duas almas irmãs que desejam unir-se no mesmo destino...

Eugênio levantou-se de golpe, simulando uma muito bem fingida comoção.

— Beatriz! — disse ele arrebatadamente tentando apoderar-se das mãos da jovem — não posso crer que haja no mundo quem a ame, quem a adore com o

santo e fervoroso culto que o meu coração lhe tributa! É possível que haja, e creio bem que haverá, quem renda o merecido preito à sua beleza, às suas virtudes, à nobre e graciosa distinção de sua gentil figura. Mas amor puro, santo, sincero e veemente como este que me agita o peito, que me rouba o sossego e a tranquilidade e me faz sonhar constantemente na ventura de a possuir, de a ter por esposa, de lhe dedicar todas as horas da minha vida, todas as alegrias da minha existência... oh, não! não é possível! Diz-me que o seu coração não é livre... Creio bem que o seu coração a engana e toma como sincera expressão de verdadeiro amor um sentimento de mera simpatia, fugaz, passageiro, como são em geral todas as afeições que nascem de um olhar, de um sorriso, de um entretenimento de cartas amorosas, de uma troca de simples palavras murmuradas a medo no redemoinhar de uma valsa ou na misteriosa entrevista de uma janela para a rua!

— Engana-se, sr. Eugênio de Melo! — retorquiu Beatriz — Este amor que me prende o coração a outro coração, não é um desses caprichosos sentimentos de fútil galanteio, que nascem num dia para morrerem no outro; é, pelo contrário, uma paixão verdadeira, profunda, sinceramente sentida e a que está indissolúvelmente presa para sempre a nossa existência, o nosso destino...

— Todavia — observou Eugênio com um sorriso levemente desdenhoso — essa declaração de v. ex.a harmoniza-se bem pouco com as esperanças que me pareceu traduzir na resposta dada por v. ex.a a seu pai e que ele me transmitiu acerca do nosso enlace...

— É justamente por isso que desejei falar-lhe —olveu Beatriz, com altiva dignidade. — Quando meu pai me fez ciente das honrosas pretensões de v. ex.a à minha mão, recusei terminantemente, dispensando-me de declarar os poderosos motivos que determinavam a recusa. Meu pai insistiu e eu reagi, pois não reconheço à autoridade paterna o direito de dispor do coração dos filhos para os obrigar a um enlace que só uma sentida afeição determina. Ameaçou-me com rigores, com violências, com a saída imediata de casa para um convento. Nada disso me intimidou nem me demoveu do meu propósito. Afinal, meu pai declarou-me com franqueza que o motivo da sua insistência para que esta união se realize é o estado de ruína financeira em que se encontra e que de um momento para o outro ameaça deixar-nos sem teto e sem pão. Chorou, lamentando a sua e a minha miséria, e declarou-me que, tendo posto toda a esperança de salvação neste casamento, desde que eu o recusava, faria saltar os miolos com um tiro na cabeça e que a mim me ficaria o remorso de lhe ter causado a morte. Foi então que, para o sossegar, prometi anuir aos seus desejos com a condição de que previamente me seria permitido falar com v. ex.a. Eis tudo o que se passou e eis o que tenho a dizer-lhe: Quererá v. ex.a aceitar por esposa uma mulher cujo coração pertence a outro e que unicamente, —

unicamente, tome v. ex.a nota — por salvar a vida de seu velho pai, faz o sacrifício da sua vida e do seu amor, aceitando o enlace que v. ex.a lhe propõe?

Eugênio ficou um momento indeciso ante a rude crueza desta inesperada pergunta que punha em cheque os seus brios de homem, a tão apregoada dignidade dos seus sentimentos.

— E v. ex.a no meu lugar o que faria? — disse ele por fim, respondendo com esta pergunta à pergunta que lhe fora feita.

— Pois que lhe falo desta maneira, é porque não julgo aceitável uma união em tais circunstâncias.

— Nesse caso, o que é que v. ex.a exige de mim?

— Tudo o que pode exigir-se de um homem digno. Que v. ex.a, guardando absoluto silêncio sobre os motivos que acabo de expor-lhe, simule reconsiderar e dê como irrealizável a união que projetou.

— Oh! isso nunca! — protestou vivamente o boêmio — Com que pretexto diria eu a seu pai que lhe rejeitava a mão da filha? Isso envolveria não só uma violência cruel ao meu coração, como uma afronta gravíssima à honra de v. ex.a. E eu que a amo, eu que faço consistir toda a minha ventura na dita imensa de a ter por esposa, havia de ser o primeiro a lançar na reputação de v. ex.a o estigma afrontoso de um repúdio aviltante?! Repare v. ex.a que isso é exigir-me mais que a própria vida!

— Pois bem; não diga v. ex.a que desiste inteiramente das suas pretensões a esta união impossível; mas busque, pelo menos, um pretexto para o adiamento indefinido... Ser-lhe-á fácil pretextar embaraços imprevistos, uma viagem longa, demorada...

— Quer v. ex.a dizer que me afaste, que deixe de a ver, de lhe falar, de viver na mesma terra em que v. ex.a vive, de frequentar os mesmos lugares que v. ex.a frequenta, de respirar o mesmo ar que v. ex.a respira! — exclamou o boêmio num fingido raptó de desesperada eloquência — E enquanto eu, distante, na solidão e no abandono da minha retirada terra de província, curto as dores e as amarguras de um amor sem esperança, fica um outro, um outro a quem v. ex.a ama, na posse feliz do seu coração, gozando tranquilo as suaves delícias do amor correspondido! É por demais cruel, minha senhora! E eu, francamente, não lhe mereço o atroz suplício a que quer condenar-me!

Estas palavras foram proferidas com um misto de indignação e amargura tal, que Beatriz não pôde deixar de corar, pensando que tinha sido demasiado impiedosa no seu egoísmo de mulher apaixonada.

— Peço perdão — balbuciou ela — mas propondo isto, eu parto do princípio de que v. ex.a, como homem digno, não pode pensar mais em que eu seja sua esposa e de que o meu nome deve, por esse motivo, ser para sempre banido da sua lembrança...

— Oh, minha senhora! Como conhece mal o coração do homem que ama com o ardor e entusiasmo com que eu amo a v. ex.a! — exclamou cinicamente o boêmio. — Se antes de a ouvir eu tinha motivos para a desejar, para querer ser o possuidor único de esse precioso tesouro de encantos e perfeições que fazem de v. ex.a a criatura mais adorável do Universo, agora, depois de a ouvir, esses motivos redobram e impelem o meu coração a amá-la doidamente! V. ex.a está pobre. Eu sou rico. Do meu casamento com v. ex.a depende não só o seu futuro tranquilo e feliz, mas ainda a vida do seu próprio pai, esse amigo inestimável a quem me prendem tantos laços de sincera afeição. Já não falo de mim, do meu coração para sempre morto aos golpes cruéis de uma desilusão sem esperança... Mas poderia eu, sem ser um miserável cobarde, abandonar à pobreza e aos horrores do desespero a mulher que amo e a vida do amigo que tanto prezo? E tudo isto para quê? Para que um desconhecido, um homem que eu nunca vi, que não estimo, que não sei quem é, não seja perturbado nos seus caprichosos sonhos de uma felicidade que não tem nem pode dar!

A estas palavras, Beatriz levantou-se pálida, e tremula, agitada por uma comoção indescritível.

— Sr. Eugênio de Melo — disse ela com os olhos brilhantes de indignação — o homem de quem fala não pediu nada a v. ex.a, nem eu quis com as minhas palavras colocá-lo sob a alçada dos seus juízos temerários. Não se trata dele: trata-se de mim, trata-se de nós. V. ex.a persiste na ideia deste casamento, não obstante saber que amo outro homem e que só por salvar a vida de meu pai é que eu poderia consentir em conceder-lhe a mão de esposa?

— Se eu a amo tanto! Se eu a adoro e espero que à força de dedicação e de sacrifícios hei de fazer-me também amar por v. ex.a!

— Nunca! Nunca! — protestou Beatriz — Mulheres como eu, amam uma só vez na vida e só podem pertencer da alma e coração ao homem a quem se dedicaram.

Nos lábios de Eugênio volitou um sorriso irônico.

— V. ex.a é livre, minha senhora — replicou ele — Pode impunemente matar seu pobre pai e matar-me também a mim com a sua recusa... O que não conseguirá é fazer-me cúmplice nesse parricídio e tampouco que eu aceite voluntariamente a morte a que me condena, em premio de tanto amor que lhe consagro.

Beatriz encarou-o fixamente. No seu olhar havia um desprezo mortal, uma destas condenações terríveis que cavam um eterno abismo de ódio entre dois seres.

— Tenho entendido, senhor — disse ela em tom breve e seco — Preciso de meditar nas suas palavras antes de dar uma resposta definitiva. Meu pai o informará da minha resolução.

Inclinou a cabeça ligeiramente, num movimento de despedida, e saiu da sala com altiva serenidade.

— Tens cabelinho na venta — disse consigo o boêmio, descendo as escadas que conduziam ao escritório do Custódio — mas, se me caís nas mãos, eu te porei macia que nem veludo!...

No escritório estavam já o Custódio e o Belchior, ansiosos por saberem o que se estaria passando entre Beatriz e Eugênio.

Quando o mancebo apareceu à porta, os olhares dos dois patifes cravaram-se perscrutadores no rosto do boêmio.

— Então? — perguntaram ao mesmo tempo.

— Quartel-general em Abrantes. Tudo como dantes.

— Mas o que disse ela? — insistiu o Custódio.

— Contou-me toda a cena da pobreza que o meu amigo lhe meteu em cabeça; disse-me que amava outro homem, e que só pelo receio de que o meu amigo se matasse é que condescendeu em dar esperanças de aceitar o casamento. Queria que eu desse o dito por não dito, que desistisse de a querer para esposa...

— Mas você nem *nentes!* — atalhou o Belchior ansioso por se inteirar de tudo.

— Está visto! Recusei, porque a amo, porque a adoro sinceramente, e você amigo Belchior bem sabe se isto é verdade...

— E ela? — interrogou o Custódio.

— Despediu-me dizendo, que, visto isso, ia pensar e depois daria resposta definitiva...

— Amigo Custódio! — disse o Belchior, batendo familiarmente no ombro do usurário — o caso agora é consigo... Aperte-me a pequena... torne a representar a cena da pobreza até ela dizer que sim... Tenha pena deste pobre diabo, que anda aqui pelo queixo!...

— Não tem dúvida! — aquietou o Custódio — Ela há de ir... O que eu quis foi apanhar-lhe o fraco... Se for preciso, até dou um tiro para o ar, a fingir que me mato... E ela há de ir!...

CAPÍTULO 8: ENTRE IRMÃOS

Paulo de Noronha, depois que se filiara na Mão-Negra, não obstante saber que um rival lhe disputava a posse de Beatriz, alimentava a esperança bem fagueira de conquistar em breve uma posição que lhe permitisse apresentar-se a Custódio a pedir-lhe a mão da filha.

Preocupava-o, porém, a ideia de que sobre o seu nascimento pesava um mistério que ele não sabia explicar e que o havia de colocar em terríveis embarços, quando o pai da Beatriz muito naturalmente lhe perguntasse o nome de seus pais.

O pobre rapaz não conhecia o usurário. Supunha-o um homem honesto, buscando para a filha uma aliança limpa, e o sigilo que o padre Filipe e madre Paula se obstinaram em guardar acerca daqueles a quem devia a existência, fazia-o tremer pelos resultados da pergunta a que não podia responder.

Ele ignorava que Beatriz também não tivera nascimento legítimo e que, se podia apresentar-se como filha de um homem que a perfilhara, esse homem não era seu pai.

O padre Filipe aconselhara-o a que revelasse a madre Paula os segredos do seu coração e ouvisse os conselhos que ela maternalmente entendesse dever dar-lhe.

Mas se o padre Filipe se retraía e teimava em não o elucidar acerca do seu misterioso nascimento, o mancebo julgou, e com razão, que madre Paula também nada mais adiantaria a esse respeito.

Não procurou, pois, madre Paula e preferiu procurar o seu amigo Jorge, o mesmo que o iniciara nos mistérios da Mão-Negra.

— Posso falar-te com franqueza, não é verdade, Jorge? — perguntou-lhe ele.

— Como se falasses a um irmão — replicou o outro — Desde ontem que nos achamos ligados indissolúvelmente pelos laços de uma associação secreta em que é condição essencial que os filiados se considerem e se amem como verdadeiros irmãos.

— Pois muito bem. Vou falar-te como a um irmão e espero que como tal prestarás atenção ao que vou dizer-te.

— Fala.

— Como te expliquei, amo uma mulher que é todo o meu pensamento, todo o meu sonho, toda a grande aspiração da minha vida!

— Já m'o disseste.

— Essa mulher corresponde com lealdade e com ardor ao sentimento afetoso que me inspirou. Mas tem pai, um homem rico, um argentário que busca para a filha uma aliança vantajosa, aliança de dinheiro, e que há de necessariamente repelir-me com desdém, quando souber que eu, simples acadêmico, apenas rico de esperanças no futuro, lhe pretendo a mão da filha...

— Mas — objetou Jorge — que necessidade tens de que ele o saiba antes de haveres conquistado a posição que te há de permitir constituir família?

— A necessidade está bem patente desde que ele pensa em casar Beatriz com um rapaz rico, que se apresenta como pretendente à sua mão.

— Ah! ah! — fez Jorge — E a pequena?

— Tenciona opor a mais tenaz recusa. Mas o pai é ríspido, severo, chega mesmo a ser brutal... É capaz de querer impor pela violência este enlace e, conquanto eu não receie pela firmeza e constância de Beatriz, receio contudo pelos maus tratos e sofrimentos que o pai é capaz de lhe infligir...

— Não estamos em terra de selvagens — replicou Jorge sorrindo. — Como se chama esse amável progenitor?

— Custódio de Jesus....

— Mora?

— Na rua do Príncipe.

— E o outro?

— Qual outro?

— O teu pretendido rival?

— Não o conheço. Sei apenas que se chama Eugênio de Melo.

— Eugênio de Melo... É do Porto?

— Não; suponho que é um rico proprietário na província.

— Já entrado na idade, não?

— Pelo contrário. É novo ainda. Bem vêes que lhe chamei um rapaz.

— Os homens ricos são sempre rapazes em questão de casamento... A mocidade tem para eles a duração do seu dinheiro...

— Mas este, mesmo pobre que fosse, seria ainda rapaz.

Jorge tomou apontamento destes nomes numa carteira.

— Muito bem! — disse ele — Urge, antes de tudo, conhecer os adversários com quem temos que medir-nos... Eu vou obter informações e veremos depois o que convém fazer...

— Mas poderei ao menos alimentar esperanças?...

— Dou-te a certeza de que esse casamento não se fará e de que Beatriz não será maltratada pelo pai...

— Obrigado, meu amigo, meu irmão! — exclamou Paulo, caindo-lhe nos braços. — Escuta ainda, — continuou. — Preciso de te dizer tudo. Entre nós não deve haver segredos...

— Fala, meu irmão!

Paulo hesitou um instante. A face ruborizara-se-lhe de vergonha.

— Chamas-me irmão — e contudo eu creio que não posso ser irmão de ninguém.

— Por quê?

— Porque não tenho pai nem mãe, porque eu mesmo, sabendo o que sou, ignoro quem sou!

Contou-lhe então o desespero em que se debatia por não conhecer o segredo do seu nascimento. Conhecia apenas o padre Filipe e madre Paula como seus protetores, ignorando contudo porque série de circunstâncias se encontrava sob a tutela daqueles dois religiosos, recebendo toda a proteção e amparo.

— Vê tu, pois, meu amigo, as terríveis circunstâncias em que me encontro! — concluiu ele desalentado. — Ainda que me encontrasse de um momento para o outro em circunstâncias de pedir Beatriz, como poderia eu fazê-lo não sabendo o nome de meus pais?

— Os irmãos da Mão-Negra — disse Jorge gravemente — são todos filhos do mesmo pai — o Pensamento Altruísta que os reuniu e congregou, e da mesma mãe — a Associação Invencível que os protege e lhes dá força. Com semelhante parentesco qualquer de nós pode considerar-se suficientemente nobilitado para aspirar à mão da mais nobre e rica princesa do mundo, quanto mais à de uma simples burguesinha, filha de um rico burguês chamado Custódio de Jesus!

— Não duvido da grandeza e poder da nossa Associação, meu amigo; mas, pelo caráter secreto que a reveste, o fato de pertencer-lhe não constitui título, que possamos apresentar publicamente, em abono da origem honesta do nosso nascimento...

— O homem — voltou Jorge — criatura de Deus, não pode ser jamais responsável por atos que não praticou nem estava na sua mão impedir. Tanta culpa teve ele em nascer filho do mais ínfimo ladrão, como glória em descender do mais poderoso monarca da terra. Filho de um criminoso ou filho de um rei, ele é sempre um homem igual aos outros e deles só pode distanciar-se pelos seus talentos e virtudes próprias, ou ser-lhes inferior pelas suas abjeções e pelos seus crimes.

— Ah! meu amigo! que bela e sã doutrina seria essa, se todos os homens a compreendessem assim!

— Para isso trabalhamos e nem outro é o pensamento que nos une. Temos de lutar, bem sei, contra o preconceito, contra o prejuízo de muitos séculos, contra a rotina — que é a famosa trincheira erguida a impedir a marcha do

aperfeiçoamento moral da humanidade. Mas se não houvesse luta, não seria tão glorioso o triunfo nem teria tanto valor a conquista.

Dizendo isto, Jorge apertou a mão a Paulo e despediu-se, deixando o mancebo mais tranquilo e confiado no futuro.

Sigamos Jorge e vejamo-lo bater à porta de uma casa de modesta aparência, na rua de S. Bento da Vitória...

É um prédio de dois andares, que nada tem de notável e que quase se confunde na linha de casas modestas, senão pobres, que se erguem do lado nascente daquela rua, em frente à Relação, desde a esquina dos Mártires da Pátria até à travessa de S. Bento da Vitória.

Posto fosse de dia, a porta principal desse prédio permanecia fechada. Mas logo que Jorge bateu abriu-se, franqueando-lhe a passagem.

Todavia, no portal não apareceu pessoa alguma, e assim que o amigo de Paulo transpôs a entrada, tornou a fechar-se sem que alguém a impelisse.

Jorge, que parecia familiarizado com estes estranhos hábitos da casa, penetrou no corredor escuro do portal e subiu o primeiro lanço das escadas até ao primeiro andar.

Chegando aí, parou em frente da porta de uma sala que ficava para o lado das traseiras do prédio e pronunciou em latim:

— Licet?

— Entrai! — disse de dentro uma voz.

Jorge empurrou a porta e entrou numa sala, ao centro da qual se via uma ampla mesa de carvalho, coberta de livros e papéis e a que estava sentado um homem, de roupas escuras e óculos verdes. A longa barba grisalha que lhe descia até ao peito dava-lhe um aspecto de patriarca bíblico, que infundia respeito e terror a quem pela primeira vez se encontrava na sua presença.

Rodeado de livros que se viam espalhados pelo chão, em cima das cadeiras e colocados em desordem nas estantes que cobriam as paredes, desde o soalho até ao teto, não era preciso grande esforço de inteligência para desde logo compreender que se estava em presença de um homem de estudo, sabedor e profundo.

Jorge foi passando peio estreito carreiro que se abria entre rumas de livros, da porta até à mesa, fazendo prodígios de equilíbrio para não por os pés sobre os volumes que lhe obstruíam a passagem.

— É preciso estar na graça de Deus e ter azas como os querubins — disse ele rindo — para entrar no vosso santuário, sem pisar aos pés a ciência, Mestre!

O homem dos óculos verdes ergueu a cabeça, fitou-o por trás dos óculos e respondeu grave e pausado:

— Só a ciência vã cai por terra e desaparece esmagada pelo pé inclemente do homem, na sua marcha para o Bem, para a Verdade e para a Justiça. A verdadeira ciência, porém, não sente mais o peso de um pé que se lhe põe em cima do que a torre dos Clérigos o peso de uma mosca que vá pousar-lhe no pára-raios.

Indicou uma cadeira desocupada que se achava junto da sua, e disse ao recém-chegado:

— Sentai-vos, meu amigo. Já cá vos esperava e estava estranhando a vossa demora...

— Mestre — respondeu o outro — teria vindo mais cedo, se um caso novo, de que urge tratar, me não tivesse tomado o tempo.

— Um caso novo! O que temos, pois?

— Uma injustiça grave, uma monstruosidade revoltante de que se pretende fazer vítima um dos irmãos da Mão-Negra.

— A Mão Negra tem já força e poder bastante para desviar de sobre a cabeça de seus irmãos a iniquidade e a injustiça dos homens, por muito alto que eles estejam colocados. De que se trata?

— Do último iniciado no nosso grêmio, de Paulo de Noronha...

— Ah! O que lhe sucede?

— Este rapaz ama uma mulher, que corresponde ardentemente ao seu amor. O pai dela, porém, rico capitalista, pretende violentá-la a casar com um herdeiro rico, que ela não deseja nem estima.

— E sabe ele dos amores da filha com Paulo?

— Não o deve saber, pois que este nosso irmão, movido de honestos e nobres intuitos, não se julga autorizado a tornar ostensivos os sentimentos amorosos do seu coração, enquanto não houver conquistado uma posição social que lhe permita pedir a mão da mulher que ama.

— O que deseja ele então? Que lhe conquistemos a posição de que precisa?

— De modo nenhum. Paulo tudo espera do seu esforço próprio. Simplesmente o que desejaria era que a mulher que ama e em que faz consistir toda a sua ventura não fosse compelida a unir-se a um outro.

— Está na mão dela. Que recuse.

— Mas a recusa, Mestre, importa o suplício da pobre menina, e é isso o que Paulo pretende evitar.

— Pois bem. A Mão-Negra cumprirá o seu dever. Como se chama o pai dessa menina?

— Custódio de Jesus?

— E o pretendido noivo?

— Eugênio de Melo.

— Cumpre, antes de tudo, averiguar quem sejam esses dois homens; conhecer-lhes a biografia, saber porque série de circunstâncias vieram a encontrar-se e a aliar-se para uma violência dessa ordem.

— Assim entendo que deve ser; e se vós, Mestre, não ordenais o contrário, eu mesmo me encarregarei de todos esses trabalhos.

— Pois que assim o quereis, nada impede que procedais. Conheceis todos os irmãos que podem prestar-nos auxílio. Recorrei a eles, e colhidas as informações, procederemos como for de justiça.

Jorge inclinou-se.

— Temos ainda mais — disse ele.

— O quê?

— Paulo não conheceu seus pais, e ignora por completo o segredo do seu nascimento...

— Que pode isso importar-lhe? Se os que lhe deram o ser o repudiaram, que tem o filho que ver com os pais que o não quiseram ser?

— Perdão, Mestre! É essa a grande dúvida e portanto o grande tormento do pobre rapaz... Paulo não pode dizer-se um abandonado... A sua infância correu sob a proteção carinhosa de dois religiosos, um padre e uma freira, e ainda agora são eles os que ocorrem, como sempre, a todas as despesas da sua educação científica.

— Conhece ele esses protetores?

— Conhece-os e dedica-lhes verdadeira afeição filial!

— Nesse caso, porque não pensa esse rapaz que podem ser eles os seus próprios pais?

— Não são, porque madre Paula foi sua madrinha e o padre Filipe não usa o apelido Noronha...

— Madre Paula e padre Filipe, dizeis? — interrogou o homem dos óculos verdes com um leve tremor na voz.

— Sim. São estes religiosos os protetores de Paulo de Noronha.

O homem a quem Jorge dava o respeitoso tratamento de Mestre, cruzou os braços, inclinou a cabeça sobre o peito e ficou por algum tempo imerso em profunda reflexão.

Dir-se-ia que os nomes de madre Paula e padre Filipe lhe tinham despertado tristes recordações, porque, ao levantar a cabeça e reprimindo a custo um fundo suspiro, disse, mal disfarçado ainda o tremor da voz:

— Pensaremos nisso, veremos se será conveniente indagar a verdadeira origem desse rapaz.

Depois acrescentou:

— há mistérios de tal modo tenebrosos na vida do homem, que às vezes mais vale não querer desvendá-los nunca... Ide, e deixai-me só, meu amigo.

Jorge levantou-se.

— Amanhã — disse ele — deve reunir o capítulo e lá nos encontraremos à hora do costume. É possível mesmo que daqui até lá eu tenha podido obter os esclarecimentos que desejamos acerca de Custódio de Jesus e de Eugênio de Melo.

— Se assim acontecer — replicou o homem dos óculos verdes — poderemos deliberar em capítulo o que convirá fazer.

Jorge inclinou-se e saiu com as mesmas precauções com que havia entrado para não calcar com os pés os livros dispersos pelo sobrado.

Ao vê-lo sair, o homem dos óculos fincou os cotovelos sobre a mesa, encostou a frente às mãos e ficou assim por largo tempo, engolfado em profundo cismar.

— Madre Paula e padre Filipe! — disse ele por fim. — Porque extraordinário acaso se encontram estes dois nomes ligados à existência desse adolescente que usa o mesmo apelido da Irmã Dorotéia?

Pegou de uma pena e traçou algumas palavras em um papel que dobrou por fim cuidadosamente, lacrando-o em seguida.

Depois, abriu a gaveta da mesa e tirou dela um grosso volume encadernado a preto, que abriu e começou folheando.

As páginas deste livro estavam todas em branco. No entanto, o misterioso personagem ia volvendo-as com um sorriso amargo a vincar-lhe os lábios, como se do fundo branco daquelas folhas ressaltasse um pensamento negro.

Chegando ao ponto em que uma fita preta, intercalada nas folhas, punha uma espécie de sinal, o novo personagem, fez saltar a mola de um tinteiro em forma de caixa, pegou de uma pena de pato, que molhou nesse tinteiro, e começou escrevendo vertiginosamente. Ao passo, porém, que a pena ia traçando as palavras, estas iam-se apagando rapidamente; retomando o papel a sua brancura imaculada.

É que o homem dos óculos verdes escrevia com tinta simpática.

Que misteriosos pensamentos lançaria ele naquele papel que os guardava discreto, como um vasto mar guarda no fundo os corais e as pérolas, as algas e os peixes que o povoam, sem que a esmeraldina superfície das suas águas denuncie a existência dos tesouros que ele oculta no seio?

CAPÍTULO 9: AMORES FÁCEIS

Eugênio de Melo, deixando o procurador e a família, seguiu pela rua de Cedofeita, subiu à rua dos Bragas, desandou à rua da Soveia e, passando o Campo da Regeneração, entrou na rua da Rainha.

O relógio da Lapa fazia soar uma hora da madrugada quando o boêmio parou em frente de uma casa de um único andar, construção moderna, em que se notava decência e bom gosto.

Eugênio tirou uma chave do bolso, introduziu-a na fechadura, abriu a porta e entrou. Subiu os quatro degraus de pedra que davam acesso ao corredor, sem que o ruído dos passos abafados no tapete parecesse dever chamar a atenção do dono ou dona da casa.

Mas o boêmio era sem dúvida esperado, porque a meio do corredor abriu-se uma porta e apareceu no limiar uma gentil figura de mulher, trazendo na mão um castiçal de prata em que ardia uma vela.

— És tu, Eugênio?

— Sou eu, minha querida!

O boêmio aproximou-se da formosa dama que assim lhe falava, acariciou-lhe amorosamente os longos cabelos louros, esparsos sobre o fino roupão de veludo granada que lhe cingia o corpo airoso, e beijou-a longamente nos lábios.

— Demorei-me, não é verdade? — perguntou ele, lançando-lhe um braço à roda da cintura e conduzindo-a para o interior da saleta de onde ela havia surgido.

— Principiava a desesperar-me... Imaginei que já não virias e pensava na maneira de te castigar bem castigado pelo teu abandono!

— Louquinha! Pois tu pensavas em fazer mal ao teu Eugênio, que tanto te quer, que tanto te adora?!

— Que queres! O ciúme começava a atormentar-me! Lembrava-me que estavas talvez nos braços de outra, esquecido da tua Leonor, que só é feliz quando te vê, quando te tem a seu lado!

A formosa criatura que Eugênio chamara Leonor, pousou o castiçal sobre um velador de pau ébano que ficava ao lado do mármore do fogão, e lançando os braços ao redor do pescoço do mancebo, sorveu-lhe nos lábios, com verdadeiro frenesi, um segundo beijo, mais lento e voluptuoso que o primeiro.

— Mas tu não estiveste com outra, não? — disse num gemido em que havia receio e esperança, súplica e perdão.

— Que ideia! Estive com uns amigos, de quem não pude ver-me livre...

— É que eu amo-te tanto que, quando não te vejo, penso sempre que te perco, que não voltas mais ao pé de mim, que me esqueces, que foges com outra para nunca mais!

Eugênio ria.

— Descansa, meu amor... Quem é que me há de querer? Não vês que eu sou tão infeliz, tão desgraçado, que não tenho ninguém no mundo que deveras me estime senão tu?

— E também de ninguém mais precisas! — disse com veemência a dama loura. — Não estou eu aqui para te rodear de carinhos, de ternura, de afetos que só eu sei tributar-te? Não preencho eu todas as necessidades do teu coração, todas as ambições da tua existência? Não faço eu por adivinhar os teus pensamentos, por satisfazer os teus desejos, as tuas mais caprichosas fantasias? De quem mais precisas para ser feliz, meu amado, meu querido e doce sonho de amor?!

— Decerto, decerto, minha querida amiga! — fez Eugênio, suspirando. — Eu seria feliz, muito feliz contigo, seria o mais ditoso dos homens se...

E interrompeu-se suspirando.

— Se quê? Anda, acaba!

— Se fosses minha somente... se eu fosse rico bastante para não consentir que outro partilhasse os teus afetos...

— Mas eu não o amo! — protestou a dama loura. — Bem sabes que o não amo, Eugênio! Recebo-o com desdém, suporto-o com sacrifício, porque dele me vem o teu e o meu bem estar... E cada prova que ele me dá do seu amor, cada manifestação da sua ternura, mais acrescenta o meu tédio e o meu desprezo por ele!

— Ah! se eu fosse rico — tornou a suspirar o boêmio — com que prazer eu o correria a pontapés desta casa para fora, e com que deliciosa fúria eu quebraria todos estes cristais, rasgaria estes tapetes, reduzindo tudo a cacos, tudo a farrapos, para só salvar de todo este montão de ruínas, puro e intato, o adorado coração da minha pobre Leonor!

Levantou-se agitado, passando frenético as mãos pelos cabelos, numa atitude de herói de melodrama.

Leonor correu a ele, apoiou-lhe nos ombros as mãos alvas e pequeninas, em cujos dedos luziam brilhantes, suplicando:

— Então! Vá! Não sejas louco!... Isto há de acabar um dia... Bem sabes que ele é velho... não pode durar muito... E como promete contemplar-me no testamento, ainda nos esperam dias muitos felizes...

— Dias muito felizes! — repetiu o boêmio com desânimo, deixando-se cair de novo sobre o estofado do sofá. — Antes disso hei de eu morrer de desespero!

— Morrer! — exclamou a loura, cobrindo-o de cariciosos beijos. — Não me fales em morrer, se és meu amigo, Eugênio! És novo, forte e vigoroso e receias que um velho dure mais que tu?!

— Não! eu não temo que a morte me colha antes do tempo... Mas tenho um vago pressentimento de que serei eu que hei de ir ao encontro da morte... às vezes, para certos desgraçados como eu, a única felicidade possível neste mundo só existe na paz da sepultura!

— Jesus! que fúnebre vens hoje! Não tens dinheiro, aposto!

— O não ter dinheiro é o menos... Desde que rompi com a minha família, que quis por força tolher o meu destino, aniquilar o meu futuro, habituei-me às privações inevitáveis que resultam de uma mesada, que minha mãe me manda às escondidas de meu pai... Mas o pior não é isso... o pior são as decepções, os desenganos que todos os dias um homem nas minhas circunstâncias está recebendo de amigos que o conhecem e que nunca deviam ser os primeiros a humilhá-lo.

— Mas o que foi? Conta-m'o, filho! — suplicou Leonor com interesse.

— Para que hei de eu afligir-te com coisas que não podes remediar? Falemos antes de ti, do nosso amor, tão puro e tão ardente que, se não fora ele, já há muito eu teria acabado com este negro fadário!

— Não, não! quero saber... Anda, fala! — insistiu ela amorosamente.

Eugênio passou a mão pelos cabelos, sacudiu a cabeça com um fundo suspiro e principiou contando, em tom de confiança:

— Quando eu vivia ainda em casa de meus pais e dispunha de todo o dinheiro que me era preciso para satisfazer todos os meus caprichos, todas as minhas loucas fantasias, tinha amigos que todos os dias e todas as horas me protestavam uma eterna dedicação, uma amizade sem limites... Oh! como eu os tenho conhecido agora, na adversidade, esses falsos e indignos amigos, esses canalhas, esses biltres, esses miseráveis!

O boêmio interrompeu-se para verberar indignado com estas apóstrofes violentas uns amigos que nunca teve.

— Vamos! Não te aflijas! — aquietou em voz doce a carinhosa e ingênua Leonor.

— Um destes, um dia, a meu pedido, consentiu em valer a um pobre rapaz, nosso novo companheiro de rapaziadas, emprestando-lhe trezentos mil reis, que o infeliz tinha desviado da casa comercial em que servia como empregado, achando-se na dura contingência de entrar para a cadeia, se não apresentasse esta quantia. O pobre moço apaixonara-se por uma atriz e, arrastado pelo amor, alcançara-se naquela importância. Veio ter comigo aflito, contando-me a sua desgraça e pedindo-me que lhe valesse. Nessa ocasião, infelizmente, eu não podia dispor do dinheiro, porque tinha perdido em uma só noite perto de um conto de réis. Mas como a todo o custo queria salvar a reputação e o futuro do pobre rapaz, lembrei-me de escrever ao tal amigo de quem falo, pedindo-lhe que abonasse ele aquele dinheiro sob minha responsabilidade.

— Generoso coração! — exclamou a loura, envolvendo-o num olhar terníssimo, em que havia um misto de sensualidade e de respeitosa veneração.

O boêmio continuou:

— Valeu-se ao rapaz, que continuou desempenhando o seu lugar, sem que nunca ninguém, suspeitasse a sua falta, até que um dia, poucos meses depois, foi colhido pela febre tifóide e morreu... Tive muita pena dele!

— Coitado! Esse rapaz era infeliz, — comentou ingenuamente a loura, mais por comprazer ao amante do que por se sentir movida à compaixão.

— Era! Era muito infeliz! — suspirou o boêmio. — Como ele morreu, é claro que não pode pagar...

— Não deixou nada?

— Deixou dívidas o infeliz! Poucos meses depois, meu pai queria obrigar-me ao casamento com uma minha prima de que te falei e que eu detestava e detesto!

Eu recusei-me, ele irritou-se e mandou-me sair de casa. Saí. E calculas que eu, que até ali era o menino bonito da família, fiquei de repente reduzido a uma magra mesada que minha pobre mãe me manda às escondidas de meu pai, porque ele, de cada vez mais enfurecido contra mim, teima em não me dar um real...

— Cruel pai!

— Retirei então para o Porto, para esta terra onde ninguém sabe quem sou, para não dar às pessoas que me conheciam o desagradável e triste espetáculo da minha decadência, da minha, triste e apertada situação...

— Era o destino que te chamava e te impelia para mim, meu amor!

— Pois sim... era! Mas por essa ventura que a sorte me deparou, quantas amarguras, quantos dissabores, quantos cruéis desenganos! Este amigo de quem te falo, este indigno, que é rico, que está altamente colocado, e que sabe a difícil situação em que me encontro, tem-me escrito mais que uma vez a pedir-me o reembolso dos trezentos mil reis, que ele sabe que eu não utilizei, que não foram para mim e que não posso pagar nesta ocasião! Escrevi-lhe a expor-lhe a minha má situação e a pedir-lhe que não me apertasse por uma dívida que, por enquanto, me é impossível solver. Pois este miserável, este infame ameaça-me com os jornais, se eu não lhe mandar na volta do correio os trezentos mil reis! O biltre! o canalha! E é capaz de o fazer, desacreditando-me, cobrindo-me de opróbrio e de vergonha aos olhos de todo o mundo, sem ter em consideração que eu um dia hei de ser rico e que basta que de hoje para amanhã morra minha tia Quitéria, que é doida por mim, e que me deixa tudo por sua morte, para eu poder atafulhar-lhe de contos de reis a goela ignóbil!

Dito isto com o calor e a convicção que põem nas mentirosas fantasias todos os intrujões que fazem ofício de o ser, o boêmio tornou a levantar-se de repelão, passeando agitadamente pela sala.

— E é que, se ele cumpre a ameaça, eu sou um homem perdido! Sou um homem perdido, porque vou ter com ele, meto-lhe uma bala na cabeça e depois acabo com a vida, dou um tiro num ouvido!

— Eugênio! meu Eugênio! — exclamou aflita a loura Leonor — não penses em fazer tolices...

— Como queres tu, meu anjo, que eu continue a viver depois de ter sofrido este horroroso ultraje? Homem honrado, antes morto do que injuriado! E eu não posso... não posso com esta ideia de me ver ofendido por um homem que se dizia meu amigo! Ah! eu só queria ter os trezentos mil reis para lhe atirar

com eles à cara e dizer-lhe: “Aí tens, miserável! Eugênio de Melo é mais nobre na sua pobreza, do que tu, infame, em todo o teu fastígio de homem rico!”

— E assim lhe dirás, meu amigo! — exclamou fremente de indignação a apaixonada loura. — Não será por trezentos mil reis que esse canalha, quem quer que ele é, há de desacreditar o meu Eugênio... Os trezentos mil reis tê-los-ás amanhã.

— Oh! mas eu não posso aceitar... — recusou o boêmio, em cujos olhos fulgiu um raio de alegria. — Tens feito tantos sacrifícios por mim... Devo-te já tantas provas de ternura e carinhosa dedicação, que não devo consentir em que te sacrifiques mais...

— Cala-te, não sejas criança! — interrompeu Leonor, pondo-lhe a pequenina mão na boca para o impedir de continuar. — O meu maior prazer, a minha maior felicidade neste mundo seria dar a vida para te ver contente e feliz!

— Como és boa e como eu te adoro! — exclamou Eugênio, cingindo-a ardentemente nos braços com amoroso impulso.

Não devemos nem é justo deixar mais tempo o leitor sem a explicação que esta cena extraordinária requer.

Em poucas linhas se resume a vulgar e triste história destes abjetos e sujos amores.

Leonor era uma criatura plebéia, divinamente escultural, que um velho comendador — o sr. comendador Garcia — encontrara um belo dia à saída da loja da modista onde a pobrezinha picava os dedos afilados e bonitos, a preço de três tostões por dia.

O comendador Garcia, picado também pela beleza provocante da rapariga, começou a sentir-se apaixonado por ela, e a tal ponto, que ofereceu envolvê-la em sedas e veludos, recamá-la de pérolas e brilhantes, se ela lhe cedesse a ele, comendador, os graciosos encantos da sua mocidade e da sua gentileza em vez de os desperdiçar no provável matrimônio com algum pobre operário faminto e honrado.

Leonor ouviu os conselhos autorizados de uma comadre experimentada em vários lances desta natureza e ao cabo de poucos dias, sentindo-se abalada nos seus escrúpulos de mulher honesta, aceitou o dinheiro do generoso comendador.

Deslumbrou então o Porto e a sociedade elegante do Palácio de Cristal com o rico esplendor dos seus vestidos caros e com a fenomenal beleza da sua figura gentilíssima.

O comendador deu-lhe mestra de francês e professora de piano, que passaram um tênue verniz de educação por sobre aquela rudeza nativa do berço humilde da linda Leonor; e então era vê-la, esquecida da sua pobre origem, afetar modos de duquesa, desdenhosa e altiva, quando passava nas ruas, fazendo gala do seu impudor.

Entre o rapaziada fina do Porto foi por muito tempo Leonor o apeteçido pomo, tanto mais cobiçado quanto era difícil colhê-lo, tal era a altura em que o comendador bizarro e dadivoso a colocara.

Por esse tempo apareceu Eugênio no Porto, bafejado por uma sorte rara à roleta, que em três dias sucessivos o favorecera com quatro contos de reis em uma das nossas praias mais concorridas.

O boêmio, de origem pobre e plebéia, porém, naturalmente fino e inteligente, educara-se na convivência dos rapazes estróinas da capital e deles copiara as maneiras elegantes, a linguagem culta e até — oh supremo instinto de imitação! — o aparente desprezo pelo dinheiro que os outros desperdiçavam às mãos cheias, porque eram ricos e que ele raras vezes possuía, porque era pobre.

Com tais predicados e numa sociedade para a qual as aparências são tudo, e que abre sem escrúpulos os braços e as portas ao primeiro adventício que lhe mostra uma mão-cheia de libras, sem dizer de que maneira as adquiriu, Eugênio foi, como não podia deixar de ser, logo recebido como uma das primaciais figuras da elegância portuense.

Viu Leonor. Atrevido e audacioso com as mulheres, habituado, além disso, a explorar o vício dourado da capital, compreendeu desde logo que estava ali uma fonte de receita apreciável, pois que podia facultar-lhe vida larga por muito tempo, e tentou a conquista. Ora como as mulheres do mau sempre escolhem o pior, Leonor, que rejeitara desdenhosa as homenagens de tantos que podiam aumentar-lhe os rendimentos, afinal decidiu-se por aquele que não podia senão diminuir-lh'os.

Começou então entre os dois um doce idílio, em que para Leonor havia apenas o travo do comendador Garcia a empecer-lhe as noites até às dez horas e a impedir-lhe a expansão franca do seu coração amoroso.

Eugênio, é claro, apresentou-se como um rico herdeiro do Alentejo, futuro senhor de porcos e cortiça que chegariam para pagar a dívida externa, mas, por

desgraça, vítima imbele dos rigores de um pai protervo e sem coração, que o condenara à pobreza por ele não querer sacrificar o seu coração de rapaz brioso à cortiça e aos porcos de uma prima com quem pretendiam casá-lo.

Assim, Leonor, orgulhosa de ter conquistado o coração rebelde de um moço que tão impavidamente resistia ao despotismo paterno e à cortiça de uma prima detestada, pusera à disposição do amante número dois, o seu coração virgem de afetos e todo o dinheiro que lhe sobrava das despesas a que ocorria o amante número um.

Dera-lhe uma gazua da porta e marcara-lhe a hora da entrada: à noite, depois das dez. De dia, a toda a hora.

Eugênio, porém, hospedara-se no Hotel Francfort como convinha e era prudente, para que estas relações, que deviam conservar-se clandestinas, não chegassem a escandalizar o comendador Garcia.

Logo que Leonor lhe deu a certeza de que no dia seguinte lhe facultaria os trezentos mil reis para atirar com eles à face estanhada do amigo indigno, o boêmio mudou de aspecto e entregou-se sem restrições e sem sombra de melancolia à mais carinhosa e entusiástica adoração que um coração de mulher louca e linda jamais recebeu do seu amante.

— Sabes? — disse-lhe ele. — De ti recebo estas provas de afeto e orgulho-me dos sacrifícios que fazes por minha causa, porque te amo, porque o meu coração todo te pertence e, assim, vejo que entre nós não há meu nem teu, tudo é comum, tudo é igualmente compartilhado pelos dois. E de minha prima... vê tu lá! — ainda que viesse de rastos lançar-se a meus pés, pedir-me que recebesse dela a salvação da minha vida, a salvação da minha alma, eu repeli-lá-ia, morreria, iria para o inferno, mas não aceitava dela um real que fosse!

— É porque não a amas...

— É porque te amo, Leonor! É porque só tu neste mundo tiveste poder para quebrantar o meu orgulho de homem e fazer que eu recebesse de ti um dinheiro que, vindo de outra parte, me escaldaria as mãos!

— Como és bom! e como eu gosto de ti, meu amigo! Só queria ser bem rica para te fazer o mais rico dos homens! Nenhum havia de fazer melhor figura que tu, nenhum havia de poder colocar-se ao pé de ti!

— Quando eu for senhor daquilo que é meu, então, Leonor, o que tu hoje desejas fazer-me, é justamente o que eu te hei de fazer a ti! Hei de pegar nessas joias todas e atirá-las pela janela fora! Hei de trazer-te como uma princesa,

viveremos em Lisboa, que é outra terra, e então verás o que é vida, o que é gozar! Havemos de ir a Paris, à Itália, a Londres, ver esse mundo todo, unidinhos como dois noivos que se amam, que se adoram e que fazem a inveja do mundo inteiro! Queres?

— Se quero! Como eu seria feliz, se pudesse viver contigo sozinha, sem estorvos, sem empecilhos, ainda que fosse num canto bem retirado do mundo, numa casinha bem pobre, onde só eu e tu coubéssemos!

— Amor e uma cabana! — disse rindo maliciosamente o velhaco, beijando-a com entusiasmo. — Graças a Deus, havemos de ter melhor do que isso...

E suspirando com tristeza:

— Para isso bastava só que morresse meu pai!

— Deixa-o lá, coitado! - intercedeu piedosa a ingênua loura.

— Deixo, deixo... Eu não lhe desejo a morte... Mas acredita que, às vezes, Leonor, até chego a pensar que não tenho pai!

O velhaco tinha razão.

Ele não só já o não tinha, como nunca fizera caso dele, desde que pôde abandonar o pequeno cubículo em que o desgraçado vendia, como adelo, botas e livros velhos, numa das alfurjas do Bairro Alto, ali pelas imediações da travessa dos Fiéis de Deus.

Mãe, uma esfregadeira que a miséria tinha levado na sua onda negra para o hospital de S. José, onde faleceu, nunca ele a conheceu.

Portanto, esta exclamação: “às vezes até chego a pensar que não tenho pai”, ficaria verdadeira, horrivelmente verdadeira, se dissesse que desde criança se habituara a pensar que o não tivera.

No dia seguinte, Leonor mandou pedir ao comendador Garcia os trezentos mil reis que o boêmio devia levar, não para o fantasiado amigo, mas para o jogo do monte, que era o sorvedouro horrível onde o miserável não só afundava o dinheiro que podia obter à custa de tranqüibernias e abjeções, mas ainda a sua própria saúde e robustez de homem válido.

O comendador, capitalista opulento, mandou o dinheiro pedido, não sem notar de si para consigo a frequência com que tais exigências se repetiam.

No entanto, como a sua paixão por Leonor era violenta como um incêndio numa casa velha, ainda desta vez não se atreveu a fazer a menor objeção.

Foi com extremo contentamento que Leonor passou para as mãos do seu anjo mau o dinheiro extorquido à imbecilidade senil do comendador.

— Aqui tens — disse ela — paga a esse canalha, a esse falso amigo, e lembra-te que no mundo ninguém te ama tanto como a tua amiguinha!

— Juro-te, meu amor, minha alma, minha vida, que ninguém no mundo adora tão ardentemente os teus encantos como eu! — replicou o boêmio, radiante de contentamento, guardando na algibeira a generosa dádiva da amante.

Almoçou e saiu, pretextando que ia enviar aquela quantia ao seu destino.

Eram onze horas da manhã quando entrou no escritório do Belchior.

— Olhe lá — disse ele — esta noite posso dispor de mim, ou teremos nova estopada?

— Não sei... Deixe ver o que diz o Custódio. Ele lá ficou encarregado de tecer os pauzinhos...

— O diabo da sirigaita é dura da boca... Mas não tem dúvida que, se me entra para a loja, eu saberei aplicar-lhe a espora e obrigá-la a tomar andadura regular.

— Isso, depois, é lá consigo e com ela — respondeu rindo o procurador. — Mas eu sempre lhe darei de conselho que a leve por bem, enquanto o Custódio não esticar o pernil...

— Isso é dos livros! Mas sabe você que já me vai enfadando tanta dificuldade?

— Meu amigo, não se agarram trutas a bragas enxutas... Nestas coisas, é preciso muita paciência, porque de outro modo não se faz nada.

— Mas vamos a saber: poderei hoje ao menos convidar alguns amigos para uma ceia?

— Pode... Se tem dinheiro, pode. Quem é que o há de impedir?

— Quem me impediu ontem. Você é sempre o meu desmancha prazeres, amigo Belchior!

— Para seu bem.

— E para seu...

— Claro! Para o bem de nós ambos. Mas muito mais para você do que para mim.

O boêmio ia a retrucar, quando a porta se abriu e apareceu o Custódio de Jesus.

— E então? — interrogaram os dois.

— Então, sabem o que ela me disse?

— O que foi?

— Adivinhem!

— Não somos bruxos! — replicou o procurador — Fale para aí, com seiscentos diabos! Sim ou não?

— Pois bem — não!

— Hein?! — fizeram os dois espantados.

— É verdade! Disse-me agora muito terminantemente que não.

— E você não voltou à história do tiro na cabeça? — observou o procurador.

— Espere aí, que o mais bonito está por dizer. A pequena não só me declarou abertamente que não queria casar com o sr. Eugênio, mas fez mais. Pediu-me que visse eu quanto me era preciso para solver as minhas dívidas e que lhe apresentasse uma nota dos credores, porque ela se encarregaria de resolver a questão de modo satisfatório e que nos pusesse a coberto da miséria que eu tanto temia...

— E você o que respondeu a isso? — perguntou o Belchior.

— O que havia de eu responder? Fiquei entalado com esta saída... Sim, porque você bem vê que, depois de uma resposta destas, eu já não podia dizer que ia dar um tiro na cabeça...

— Mas o que pensa então fazer? — interrogou Eugênio.

— Esperar, a ver o que sai daqui...

— Daí o que sai é ela perceber que você não está arruinado como diz, e não só recusar-se a casar aqui com o meu amigo e sr. Eugênio, mas ainda pôr-se a chuchar consigo! — exclamou o Belchior furioso. — Segue-se que você representou mal a cena e não é por esse modo que nós conseguiremos nada.

— Espere, homem, espere! — interrompeu o Custódio. — Eu tenho uma ideia.

— Que ideia é?

— Ela ontem, depois que vocês saíram, foi ainda à janela falar ao tal rapazelho que a namora...

— Você viu?

— Vi, porque eu, como já estou prevenido, ando desconfiado, e quando eu desconfio ninguém me faz o ninho atrás da orelha... Não ouvi o que disseram, mas cálculo... A rapariga disse ao rapaz o que se passava, e ele, naturalmente, prometeu-lhe salvar-me das dificuldades financeiras em que me encontro, para evitar que o casamento se faça...

— Isso é lá possível! O rapaz é pobre, e se prometeu isso, com certeza temos intrujice no caso, porque ele não pode arranjar cem mil reis, quanto mais uns poucos de contos.

— Bem! Mas a mim lembra-me uma coisa: é apresentar-lhe a nota dos meus credores e deixar que ele confesse que não pode fazer nada. Então eu torno a ameaçar que me mato e ela não terá remédio senão ceder.

— Mas isso então quer-se para breve! — objetou o procurador — Aqui o sr. Eugênio de Melo também não pode estar na contingência da pequena querer ou não querer... Porque é pessoa respeitável e tomaram-no muitas meninas em tão boas ou melhores condições de fortuna do que sua filha...

— Eu é porque deveras a amo! — explicou o boêmio — Sinto-me loucamente apaixonado pela senhora D. Beatriz e estou disposto a todos os sacrifícios para conquistar a ventura imensa de a possuir como esposa. Mas permita-me que eu lhe pergunte: se esse rapaz conseguir ofertar generosamente a quantia que o meu amigo disser carecer para reconstituir a sua fortuna... o que fará o sr. Custódio de Jesus?

— O que farei? Essa é boa! Faço o que deve fazer todo o homem de juízo: pego no dinheiro com as mãos ambas, e depois não dou o consentimento para a pequena casar.

— Ande-me assim, seu Custódio! — bradou o procurador. — Essa é de mestre... Mas nesse bolo havemos de ir feitos...

— Está dito! Reparte-se pelos três... Mas acho que não havemos de ter questões por causa da partilha...

Os três desataram a rir.

— Vamos a ver o que sai daqui! — disse por fim o Belchior. — Tinha graça se o rapazote nos saía à última hora a fazer chover dinheiro ao toque de uma varinha mágica, tal qual como nas peças de teatro!

— Amigo Belchior — expôs o Custódio — parece-me que andei bem em não apertar o fiado... O melhor que temos a fazer agora é preparar uma relação dos credores e apresentá-la à rapariga...

— Qual relação de credores! — protestou o procurador. — Você não tem senão um credor... Esse credor sou eu. Você deve-me cinquenta contos, e ele que venha entender-se comigo...

— Justamente! — apoiou Eugênio. — E assim ficaremos sabendo os recursos de que o tal menino dispõe...

— Está dito! — decidiu o Custódio. — É claro que cinquenta contos não se arranjam como se fossem cinquenta reis; e logo que o tal badameco ouça falar em tanto dinheiro, põe-se a andar e não torna a aparecer. Então ficaremos com o campo livre para continuar a representar a cena do tiro na cabeça, se a pequena teimar em não querer este casamento.

— Se se der o caso do rapaz, assustado com tamanha quantia, passar o pé, a própria pequena, por despeito e por vingança, será a primeira a dizer que pensou melhor e que aceita o noivo que se lhe propõe — opinou o procurador.

— Fiquemos então nisto. Você é meu credor, com letras aceites por mim, e impõe que ou este casamento se faça, ou eu pague no dia do vencimento, que está para breve — concluiu o Custódio, voltando-se para o Belchior.

— Exatamente — respondeu este. — E mandemos para cá, que eu me encarregarei de resolver a questão.

O procurador piscou o olho a Eugênio e fez-lhe um sinal para que saísse.

O boêmio compreendeu-o e despediu-se, afirmando que estava irresistivelmente apaixonado por Beatriz e apelando para a amizade dos dois, a fim do que envidassem os seus esforços em defesa da sua causa.

Logo que o Belchior se viu a sós com o Custódio, abriu a gaveta da escrivaninha e, tirando de dentro uma certidão do escrivão de fazenda de Borba; apresentou-lha, dizendo:

— Veja você, amigo Custódio, a pechincha a que a sua filha torce o nariz!

O Custódio pegou na certidão das contribuições pagas por Eugênio de Melo à Fazenda Nacional.

— Com os diabos! — disse ele — para pagar tudo isto, perto de dois contos de reis, é preciso que tenha uma fortuna enorme!

— Este diabo nem sabe o que tem de seu! E ainda você está com panos quentes com a rapariga! Onde vai ela encontrar um partido como este?

— Pois, amigo Belchior — afirmou o Custódio com resolução — ainda que saiba de a levar pelos cabelos à igreja, esta fortuna é que eu não deixo perder.

— Mas é preciso que isto não demore muito tempo a decidir.

— Isto por esta semana rebenta! Deixe-me cá manobrar à vontade e você verá como a coisa se arranja...

Tendo afirmado isto, o Custódio deixou o procurador e partiu a arranjar a conta do seu debito para apresentar à filha.

CAPÍTULO 10: PARA OS GRANDES MALES...

Custódio de Jesus não se enganara quando dissera aos seus dois cúmplices em patifaria que supunha ter sido Paulo quem inspirara a Beatriz o pedido da relação das dívidas do pai, para pensar na melhor maneira de as solver.

Efetivamente, Paulo de Noronha, animado pelos conselhos de madre Paula, a quem fizera a confidência dos seus amores, e pelas palavras de esperança que ouvira da boca do seu amigo Jorge, fora nessa mesma noite falar com Beatriz.

A pobre menina, aterrada, contara-lhe tudo, a sua recusa formal, as instâncias do pai, o arrebatamento de cólera com que ele, a princípio, pretendia impor-se-lhe, e afinal a dolorida confissão em que caíra das suas desgraças financeiras

e do funesto desígnio em que estava de recorrer ao suicídio, se o casamento que propunha como único recurso salvador fosse de todo em todo repudiado pela filha.

Mais contou a apaixonada criança o expediente de que lançara mão para retardar o desenlace da tragédia com que o pai a ameaçava, pedindo uma entrevista com Eugênio de Melo, a fim de expor a este, com lealdade e franqueza, as circunstâncias difíceis da casa de seu pai e os laços de inquebrantável afeição que já tinha contraído com Paulo de Noronha.

— E o que respondeu esse homem? — interrogou Paulo.

— Ao contrário de que eu supunha, mostrou-se de cada vez mais apaixonado e declarou não desistir da sua pretensão, com o fundamento de que, em face da minha lealdade, agora mais que nunca, o seu coração lhe impunha o dever de salvar meu pai da ruína e a mim da pobreza.

— E tu?...

— Despedi-o sem responder, disposta a recusar, mas também a pensar no meio de evitar que meu pai pratique o ato de verdadeiro desespero com que me ameaçou.

— E se não encontrares esse meio?

— Sucederá o que Deus quiser, mas eu não serei jamais mulher de outro homem que não sejas tu, meu Paulo! — exclamou Beatriz com firmeza.

O mancebo sentiu na alma um transporte de sincera alegria ao ouvir estas palavras.

— Ouve, Beatriz — disse ele. — É possível que sejamos vítimas de uma dessas astuciosas ciladas que os pais ambiciosos às vezes preparam à ingênua afeição de suas filhas para as compelirem a aceitar um enlace de que se lhes afigura depender a felicidade delas e deles... Mas o nosso dever é tomar como verdadeiras as palavras de teu pai e tratarmos de remediar do melhor modo os males de que se diz vítima. Eu sou pobre, não tenho fortuna, porque, se a tivera, desde este momento ela pertenceria inteira a teu pai, sem um documento, sem uma promessa sequer de que mais tarde me solveria essa dívida. Por mim nada posso. Mas tenho amigos valiosos com quem conto e em quem espero encontrar auxílio para remover as dificuldades que afligem teu pai, sem ser preciso sacrificar o meu e o teu coração, prendendo-te a um homem que não estimas e que não duvido afirmar indigno de ti. Pede, pois, a teu pai uma nota das suas dívidas, e eu verei se me é possível libertá-lo da responsabilidade delas.

— Mas, meu Paulo, o que pensas fazer? — interrogou Beatriz comovida, quase adivinhando a nobre intenção de mancebo.

— Penso pedir aos meus amigos que me constituam seu devedor por essa quantia, que pagarei quando haja concluído a minha carreira e conquistado a posição a que tenho direito na sociedade. Tu és filha única, e, portanto, a universal herdeira de teu pai. É o teu dote que asseguro por esta forma. Se eu morrer antes de solver toda a dívida, tu, um dia, quando te encontrares senhora da herança paterna, restituirás aos meus credores o que faltar para seu integral reembolso. Assim, não prejudicaremos ninguém e teremos salvado a vida de teu pai.

— Ah! meu Paulo, como tu és um grande e nobre coração! Como tu és digno do santo amor que te dedico! — exclamou a donzela.

Foi assim que no dia seguinte Beatriz fez a seu pai o estranho pedido de uma nota dos credores, declarando ao mesmo tempo que recusava terminantemente o enlace com Eugênio de Melo.

O antigo marido de D. Carlota podia perguntar, com a sua autoridade de pai tirano, como é que uma menina de dezenove anos ousava pensar em remediar desastres financeiros que ele, velho agiota, encanecido na usura, não podia sanar; e dando-se por ofendido e desrespeitado nos seus brios de progenitor, por um momento esteve para exigir que a filha, em vez de pedir contas, lh'as desse ali, claras e categóricas de todos os seus atos.

Mas o mariola, que na convivência do padre Anselmo ganhara em manha o que perdera em dinheiro e não em honra — porque essa nunca ele a tivera — achou prudente e de bom aviso levar a farsa até ao fim, aparentando uma inteira e absoluta submissão à vontade da filha.

O secreto plano que formara, já nós lh'o ouvimos no escritório do procurador em conversa com este e com Eugênio de Melo: apanhar o dinheiro, se Paulo o arranjasse, e negar o consentimento para o casamento dos dois jovens; ou esperar que o mancebo, assustado com a grandeza do sacrifício que era preciso para obter a mão de Beatriz, desaparecesse sem dar novas suas, o que resolveria a teimosa menina a aceitar a mão de Eugênio sem repugnância.

Firme neste propósito, entrou no escritório e fantasiou uma conta corrente com o procurador Belchior, em que este aparecia com um saldo a favor de cinquenta contos, representado por letras aceites em poder do credor e com vencimento em curto prazo.

Eram estas letras que o Custódio declarava não poder pagar, se o casamento com Eugênio não se realizasse, devendo seguir-se o protesto e a execução em poucos dias, pois que o procurador, amigo de Eugênio e deveras interessado no seu enlace com Beatriz, recusaria a reforma, exigindo imediato embolso.

Organizada a conta corrente, o Custódio subiu ao quarto de Beatriz e, apresentando-lhe o papel, disse:

— Aqui tens, minha filha... aqui tens o documento da nossa desgraça! Por ele verás que estamos perdidos sem remédio, visto que tu recusas o meio único da nossa salvação!

— Não falemos nisso, meu pai! — retorquiu mansamente Beatriz — Vamos a ver se por outro meio mais em harmonia com a dignidade de ambos, conseguimos fazer face à adversidade que nos persegue.

— Mais em harmonia com a nossa dignidade, dizes — observou o sr. Custódio — Suponho que não pode haver nada mais digno do que o casamento com esse rapaz, que é rico, que é de boa família e que te ama loucamente...

— Mas não o amo eu, e é nisso que estaria a indignidade, se eu consentisse em me vender a ele por dinheiro...

— Vender! Tu não ias como escrava, ias como mulher recebida à face da igreja e ficarias senhora de metade do que é dele.

— Ainda que ficasse senhora de tudo quanto lhe pertence, reputaria uma venda ignóbil o ato de me unir a ele, desde que o meu coração o repudia...

— O coração! — fez o sr. Custódio com um desdenhoso encolher de ombros — O coração, minha filha, está sempre bem, desde que o estômago não está mal...

— Essas teorias não se compreendem na minha idade, meu pai...

— Compreende-as toda a gente, em todas as idades, Beatriz... Só não as compreendes tu, porque até agora, graças a Deus, não tens sentido falta de nada e foste sempre considerada como pessoa rica. Mas quando a miséria chegar e tu vires fugir de ti todos quantos agora te fazem muita festa, então compreenderás que teu pai tem razão no que diz.

O usurário, com refalsada velhacaria e crente em que Paulo sentiria gelarem-se-lhe os ardentes impulsos do seu coração amoroso ante a horrível perspectiva daquela medonha conta-corrente, ia predispondo o espírito da filha para aceitar no fim o casamento com Eugênio, como único recurso que se lhe oferecia.

Beatriz não respondeu. Pegou no papel e dobrou-o, depois de lhe relancear a vista.

— Eu verei isto — disse ela — e pode ser que Deus me inspire alguma ideia salvadora que nos livre de apuros, sem ser necessário recorrer ao sr. Eugênio de Melo.

— Deus te ouça, minha filha, mas duvido bem...

E depois de um curto instante de silêncio:

— Enfim, pensa e repara que não é brincadeira... São cinquenta contos. há muito que isto teria dado um estouro, se não fosse o Belchior, coitado, que, ainda assim, tem sido meu amigo... Agora é que está lá emburrado com a história do casamento e já me disse que, se tu não aceitares, escuso eu de contar com ele para mais nada... Aquelas malditas letras de ouro do Banco de Crédito Real do Brasil arrasaram-me! — suspirou por fim.

— E foi só o pai que teve prejuízos com elas? — perguntou Beatriz.

— Não. Ficaram muitas famílias reduzidas à miséria... Mas cada qual sente o seu mal...

— E Deus o de todos.

— Pois é verdade, Deus sente o de todos... Mas quando Ele oferece o remédio à criatura e ela o não aceita, também se ofende e não sente nada...

— Será o que Deus quiser.

O Custódio notou que a filha começava a impacientar-se e fazia visíveis esforços para respeitosa e disfarçadamente disfarçar o seu enfado.

Resolvido a representar o seu papel de pobre humilde e dependente da vontade de Beatriz, retirou-se, dizendo:

— Só te peço, minha filha, que não me sujeites à vergonha de me porer fora desta casa por justiça. Eu, já agora, estou velho, pouco se me dá da vida... O que quero é ter tempo de dar cabo de mim, antes de sofrer um tal desgosto...

— Não se aflija, meu pai, que Deus tudo há de fazer pelo melhor...

Nessa noite, o usurário, fingindo recolher-se cedo aos seus aposentos, conservou-se à espreita, para ver se a filha falava da janela com Paulo.

Teve um sorriso de velhaco satisfeito quando, aí pela meia noite, deu conta de que Beatriz descia ao rés-do-chão para ir falar através da janela gradeada com o mancebo.

— Vais entregar-lhe o passaporte que o há de levar para longe de ti!... — resmoneou escarninho o velho, esfregando as mãos de contente. — Cinquenta contos era o bastante para fazer fugir o homem mais rico do Porto, quanto mais um pobre diabo que não tem cinquenta vinténs.

E certo do seu triunfo sobre a relutância da filha, enfiou-se na cama.

Dáí a pouco, ressonava.

Dias depois, Jorge entrava em casa de Paulo e dizia-lhe:

— Ora, meu amigo, dou-te os sentimentos pela má escolha que fizeste do homem que há de ser teu sogro.

— Então? — interrogou o mancebo.

— Segundo as informações que acabo de obter, o pai da tua Beatriz é um usurário, um agiota insaciável, com instintos de chacal, incapaz de deixar sair com pele o desgraçado que lhe caía nas garras implacáveis.

Paulo encarou o amigo:

— Tens bem a certeza disso? — perguntou.

— Se tenho a certeza! Não me resta a menor dúvida. Esse homem empresta a vinte e a trinta por cento sobre hipotecas bem garantidas. Não larga das unhas um real sem lh'o caucionarem pelo menos com dois, e é assim que tem conseguido amontoar uma fortuna que se calcula superior a cem contos de reis.

— Como é então que ele diz dever cinquenta contos ao procurador Belchior e que está perdido porque não lh'os pode pagar?

— Esse procurador Belchior — disse Jorge — é também um refinado patife. Não trata senão de causas escuras e há em toda a sua vida uma longa série de revoltantes ladroeiras. Não seria para admirar que o Custódio de Jesus lhe devesse cinquenta contos, se esse Custódio fosse homem para se deixar roubar

por alguém. Mas não. O Belchior e o Custódio entendem-se. Pactuaram sobre a melhor maneira de esfolar a pobre humanidade, e não se mordem um ao outro. Vê-se, pois, que os dois estão combinados para roubarem um terceiro, que é esse tal Eugênio de Melo, a quem pretendem casar com a tua namorada.

— E ele quem é?

— Quem? O Eugênio do Melo? Faltam-me ainda esclarecimentos exatos sobre esse figurão, mas hei de obtê-los breve. Por enquanto, o que se sabe é que é um rapaz estróina que tem dado que falar no Porto pelas suas liberalidades e extravagâncias. Supõem-no rico e é de crer que o seja pelo interesse que o Custódio tem em querer casar com ele a filha.

— De maneira que — observou Paulo — essa dívida dos cinquenta contos...

— Não é mais que uma fantasia para justificar a insistência em que o casamento se faça e compelir Beatriz a aceitar o noivo que se lhe oferece.

— Eu já tinha suspeitado isso mesmo! — redarguiu Paulo indignado — Mas o que precisamos agora é provas dessa infâmia.

— Descansa que não de aparecer. Por agora, o que quis foi dar-te a certeza de que o pai da tua amada não se matará por falta do dinheiro dele — que esse está bem garantido. O que pode é matar-se por não poder apanhar todo o dinheiro dos outros. Previne, pois, a pequena de que pode recusar a mão do tal sr. Eugênio e dormir tranquila, que o pai não pensa em deixar este mundo, que é muito do seu gosto enquanto nele houver quem tome dinheiro a trinta por cento, com hipoteca...

— Mas, se Beatriz recusa, certamente o pai não transige com a decisão da filha. Tendo-lhe falhado o plano que imaginou, há de buscar outro...

— E nós cá estamos!

— Pois sim, estamos... Mas não impediremos que ele empregue a violência, visto que os meios suasórios lhe não deram resultado...

Jorge pôs-se a rir.

— Desde que a Mão-Negra protege Beatriz, o pai, o pretendido noivo e o procurador não têm senão que tremer pelas consequências do seu procedimento, se não for correto.

Paulo, nessa mesma noite, transmitiu a Beatriz todas as informações obtidas por Jorge acerca das verdadeiras condições de fortuna em que se encontrava o sr. Custódio de Jesus.

— Teu pai não deve coisa algum ao procurador Belchior — disse-lhe o mancebo — Essa dívida, com que ele finge afligir-se tanto, não passa de um pretexto para te mover a aceitar a mão desse rapaz...

— Tens tu a certeza disso, meu Paulo? — perguntou Beatriz admirada.

— Afirmo-te que teu pai possui uma fortuna superior a cem contos de reis, solidamente garantidos por boas hipotecas. Não tenhas, pois, receio de que se mate apavorado com a ideia da miséria.

— Mas se isso é assim, como é então que o procurador Belchior exerce sobre meu pai um tal ascendente?

— São aliados. Quem apresentou em vossa casa Eugênio de Melo?

— Foi o Belchior.

— Pois bem; logo, o Belchior é que planeou este casamento. Conhecia Eugênio de Melo, viu nele um bom partido para ti, apresentou-o a teu pai e os dois, de acordo, procederam de modo que levaram esse rapaz a pedir a tua mão. Como o negócio se lhe afigura vantajoso, teu pai emprega todos os meios para te resolver a casar. A violência nestes casos é quase sempre inútil, quando não é contraproducente... Portanto, qual o melhor meio de vencer a tua resistência? Era levar-te pelo lado da compaixão e da ternura filial, pois que, pelo sentimento do interesse material e grosseiro, teu pai deve conhecer-te bem para te julgar invulnerável. Daí, as suas queixas, as suas lágrimas e as suas ameaças de por termo à existência. Mas com o que ele não contava era comigo. Teu pai que queira fazer uma cedência de todos os seus haveres atuais por cem contos de reis, e avisa-me, porque eu prontamente lhe apresentarei quem realize a transação. Propõe-lhe isto, minha amiga, e ouve o que ele te diz.

— É extraordinário! — disse Beatriz — Supunha meu pai um homem de gênio ríspido, despótico, intratável mesmo, mas nunca o julguei capaz de descer a representar comigo uma comédia tão aviltante da dignidade paternal!

— Minha querida amiga, bem sabes que te amo por ti, somente por ti, e não por tua família, e ainda menos pelos teus haveres, que nunca tratei de indagar quais fossem; e se agora sei isto, foi porque as circunstâncias me obrigaram a fixar a minha atenção sobre tal assunto, e Deus sabe com que boas e generosas

intenções. Mas, visto que tanto te admiras, permite-me que te pergunte: sabes que gênero de negócio é o de teu pai?...

— Não sei. Meu pai nunca falou diante de mim sobre assuntos comerciais. Ele foi sempre homem de poucas palavras e de nenhuns carinhos para mim. Eu, desde que vim do colégio, tenho vivido nesta casa quase como uma estranha... A primeira vez que lhe ouvi falar de negócios foi agora, depois que este rapaz se apresentou a pedir a minha mão e eu recusei...

— Então saberás, minha boa amiga, que teu pai empresta dinheiro ao juro de vinte por cento, o mínimo, sobre hipotecas que ordinariamente representam o dobro do valor emprestado. Vê tu se, em tais condições, teu pai, que tem dinheiro para emprestar, pode dever cinquenta contos ao procurador Belchior e encontrar-se na situação desesperada que diz.

— O que entendes que devo então fazer? Que resposta deverei dar-lhe? Eu não queria vexá-lo e desafiar talvez a sua cólera dizendo-lhe abertamente que estou conhecedora da sua odiosa mentira...

Paulo refletiu por alguns instantes.

— Tu, por enquanto, nada dizes a teu pai, senão que estás pensando no que melhor convirá fazer em face da grave situação em que ambos vos achais...

— No entanto, ele não deixará de insistir por uma decisão rápida...

— Muito bem; e tu dizes-lhe que não tens dúvida em aceitar o marido que se te propõe, desde que esse casamento seja a única solução que se te apresente para salvar teu pai. Antes disso; porém, não te dispensas de estudar o assunto com o cuidado e a reflexão que ele requer.

— Mas esta situação é insustentável por muito tempo, meu Paulo...

— Não te dê cuidado o resto. Antes de seres obrigada a dar uma resposta definitiva, tenho esperança que os acontecimentos hão de obrigar teu pai a mudar de resolução.

— Oxalá que assim seja!

O sr. Custódio de Jesus, que não perdia o menor movimento da filha, ansioso como estava de saber que solução daria ela ao intrincado problema dos cinquenta contos que se lhe propunha, sentiu que Beatriz viera mais uma vez à janela do escritório conferenciar com Paulo; e no dia seguinte, depois de

almoço, pondo os olhos enternecidos na pobre menina, perguntou-lhe com fingido carinho:

— Então, minha querida filha, já pensaste na nossa terrível situação?

— Já, meu pai — respondeu Beatriz baixando os olhos.

— E o que resolves?

— Por enquanto, nada.

— Nada! — exclamou o snr. Custódio afetando grande espanto. — Pois é possível que, tendo-me tu prometido uma resposta decisiva sobre esta questão de vida ou de morte para mim, te mostres assim indiferente ao que pode suceder? Para que me pediste então essa conta que te apresentei?

Beatriz fitou um olhar persistente no pai e respondeu placidamente:

— Pedi-lha, meu pai, para ter bem a certeza do que cumpre fazer.

— O que! Pois não sabes o que cumpre fazer? Quando se devem cinquenta contos de reis e o credor os exige, o que cumpre é pagar.

— Pagar ou casar... — replicou Beatriz com amarga ironia.

— Ninguém te obriga a isso. Eu mesmo, que sou teu pai e que podia impor a minha autoridade paterna, prefiro deixar-te ampla liberdade na escolha do homem que há de ser teu esposo, embora eu tenha de sacrificar a vida...

— Não lhe será preciso sacrificá-la, meu pai.

— Isso tudo são palavras, Beatriz... Mas as dívidas não se pagam com palavras... Prometeste-me resolver a questão, e afinal já lá vão uns poucos de dias e tão adiantados estamos hoje como ontem.

— Alguma coisa temos já adiantado...

— O que?

— A resolução em que estou de salvar meu pai...

— Sério, Beatriz!? Tu aceitas o casamento que se te propõe, minha filha?

— Se outro recurso não houver, aceitá-lo-ei.

— Pois olha que não tens outro recurso, crê!

— Veremos.

— Pensas ainda em conjurar o mal que nos ameaça por outra forma?

— Talvez.

— Ah! minha filha, minha filha! se confias no auxílio de qualquer das pessoas nossas amigas, desde já te digo que nada conseguirás... Os amigos fogem da desgraça como as andorinhas fogem do inverno. Se lhes falamos em dinheiro, — emigram!

Beatriz meneou a cabeça e respondeu com voz submissa, porém firme e serena:

— Quando se é leal e sincero para com todos; quando se não abrigam no peito sentimentos de egoísmo e de torpe má fé, a Providência, que vela pelos bons, envia-nos sempre alguém que nos compreende e nos vale nos lances mais desesperados da nossa vida...

— Pois sim! — tornou o sr. Custódio num tom de mal disfarçado motejo — é bom a gente confiar na Providência, mas é muito melhor conhecer o mundo e tratar cada qual de se livrar de apuros pelos meios que puder... A Providência já não faz pouco em nos enviar esse rapaz que te quer para esposa...

— Pois se ela se não manifestar por outra forma, aceitarei o casamento que se me oferece... Mas, antes disso, meu pai, rogo-lhe que me deixe pensar refletidamente sobre o caso...

— Pensa o que quiseres, minha filha, e resolve o que te parecer melhor, contanto que não pareça, pela demora em dar uma resposta decisiva, que estamos a caçoar com esse rapaz e com o Belchior que o apresentou e que é, como sabes, nosso credor...

— Ninguém pode tomar como caçoada o fato de eu querer refletir maduramente antes de dar um passo de que vai depender o meu destino...

— Sim, isso é justo... — tornou o Custódio com brandura — Mas quantas no teu lugar, minha filha, se o Eugênio lhes pedisse a mão, lhe estenderiam logo as duas sem mais cerimônias, antes que ele se arrependesse!

— Não vejo vantagem nenhuma nisso. Se tiver de se arrepender, mais vale que seja antes do que seja depois. Justamente para que o arrependimento me não

sobrevenha, é que eu desejo pensar bem no que vou fazer, antes de me decidir...

— Faze lá como entenderes. Para mim, como já pouco posso durar, a questão está resolvida: é mais mês, menos mês, mais dia, menos dia... Quando se chega à minha idade, a vida já pouco prende... Preferiria morrer sossegado na minha cama, da morte que Deus me desse, e não ter eu que por termo à vida para me livrar de vergonhas... Mas se Deus tiver determinado o contrário, cumprirei resinado a sua divina vontade... Acredita que, se me aflijo, não é tanto por mim como por ti, a quem eu não queria deixar no mundo sozinha, pobre e desamparada!

— Sim, meu pai... — respondeu Beatriz levemente irônica — Eu conheço quanto lhe devo pelas provas de carinho que sempre me tem dado... Mas não se aflija por mim como eu não me aflijo por meu pai, pois que Deus há de valer-nos...

— Tens essa fé, Beatriz?

— Tenho a certeza, meu pai. Pois não lhe disse já que, se outro remédio não houver, casarei com o sr. Eugênio de Melo?

— Deus te abençoe, minha filha, pela grande consolação que me dás! E hás de ser feliz, crê, porque o Eugênio é bom rapaz e está perdidamente apaixonado por ti.

— É pena que eu não possa apaixonar-me por ele...

— Minha filha, depois, a convivência faz tudo... Pensa, pensa e hás de ver que não encontras outra solução melhor do que esta para nos tirar de dificuldades: casar e deixar de tolices...

Disse, e retirou intimamente satisfeito, por lhe parecer que tinha com o seu discurso adiantado um grande passo no caminho do ambicionado casamento que sonhava para a filha.

— Naturalmente — ia dizendo consigo — lá o tal franganito mostrou-se desanimado e ela vai perdendo a esperança que tinha nele... É questão de mais dois dias ou três, e ela aí está a dizer que sim, que se resolve a querer o Eugênio... Se todos os pais fizessem como eu... se quando as filhas se inclinam para um bigorilha sem cinco reis, lhes dessem logo com as precisas, fazendo-as pensar na pobreza e na miséria que as espera, não se via tanto casamento desgraçado como se vê!

E esfregava as mãos, satisfeito de haver conseguido iludir a filha.

Mal sabia o velhaco que n Mal sabia o velhaco que neste caso, o verdadeiro iludido era ele!

CAPÍTULO 11: JOÃO LÁZARO

Jorge tinha o hábito de ir todos os dias ao Suíço tomar café, depois de jantar.

Ali passava uma hora em palestra amena com os amigos, se os encontrava, ou a ler os jornais estrangeiros que o criado lhe punha diante — para matar tempo.

Nestas rápidas leituras encontrava coisas que pareciam interessantes, porque às vezes puxava do seu livro de lembranças e tomava notas a lápis nas folhas em branco.

Foi numa ocasião destas que sentiu bateram-lhe amigavelmente no ombro e ao mesmo tempo uma voz dizer-lhe:

— Estás a copiar alguma receita para te lembrares dos amigos?

Jorge levantou a cabeça e encarou o recém-chegado.

— És tu, João! — exclamou levantando-se com ímpeto e estendendo os braços para ele. — Como estava longe de te ver agora aqui!

Os dois abraçaram-se efusivamente e sentaram-se em seguida.

— Ora o meu João Lázaro! — tornou Jorge com alegria — Com que, voltaste ao Porto!

— É verdade! — disse o outro recostando-se na cadeira com importância e tomando uma atitude de príncipe que regressa do exílio — O bom filho à casa torna...

— E o bonito é que encontras a casa como a deixaste...

— Infelizmente. Isso, porém, não me admira nem espanta. Não era de esperar outra cousa desde que eu faltava cá para a reformar.

— Quando chegaste?

— Hoje de manhã.

— Que tempo te demoras?

— Não sei. Venho conferenciar com uns amigos sobre assunto importante, e não posso calcular o tempo que isso me levará...

— Não tencionas fixar residência no Porto?

— Não. Isto é pequeno demais para mim...

— Bravo, seu João! Você está crescendo! — disse Jorge galhofeiramente.

— Pois tu compreendes um vulto político de certa importância a viver no Porto? Já Lisboa é uma deprimente miséria, meu caro! Mas, enfim, como não há outra terra maior, não há remédio senão resinarmo-nos com ela...

Lançou em volta de si um olhar superior, de desdém, mordeu a ponta do charuto caro, com afetação, e exclamou:

— Que mal servido está este café! Não há aqui um criado que venha receber as ordens?...

Jorge bateu as palmas, chamando o criado.

— O que tomas? — perguntou ao amigo.

— Vou tomar cerveja.

— Cerveja a este senhor — disse Jorge ao criado que se aproximara.

Este relanceou um olhar curioso para o freguês que dava pelo nome de João Lázaro, e perguntou:

— Inglesa?

— Inglesa, sim! — respondeu o João Lázaro.

E voltando-se para Jorge, enquanto o criado se afastava a cumprir a ordem:

— Única coisa em que transijo com esses bêbedos ingleses!

— Pagas-lhes assim a afeição que manifestam pelo nosso vinho...

— Pelo nosso vinho e pela nossa África! — disse o João Lázaro com olhar torvo.

— Pela nossa! Pois o Brasil também tem África? — interrogou motejador o amigo de Paulo — Porque tu, meu caro Lázaro, se bem me recordo, és Brasileiro...

— Mas português pelo coração! — respondeu o outro com ênfase.

E acrescentou:

— Ah! se não fosse o coração, cuidas tu que eu teria posto a minha mocidade, a minha energia, o meu talento, ao serviço de um país tão pequeno como este?...

— Efetivamente, meu rapaz, tu és grande de mais para uma terra tão pequena como esta... E ela assim o compreendeu expulsando-te do seu seio por duas vezes... Porque não vais tu servir o Brasil, que é a tua pátria, com a grande vantagem de encontrares lá já realizado o teu ideal político?

— Já te disse: sou português pelo coração...

— E ninguém é profeta na sua terra. Ah! velhaco! sabe-te melhor o pão negro das terras brancas, do que a farinha branca das terras negras...

A conversa foi interrompida neste ponto pela aproximação de Eugênio de Melo que, tendo avistado João Lázaro, dirigiu-se a ele familiarmente:

— Ó João — preveniu o boêmio — não te comprometas para amanhã à noite, porque temos ceia de rapazes em tua honra...

— Oh, diabo! — replicou o Lázaro, sempre com ares de grande senhor — Para amanhã não será possível, porque tenho negócios importantes a resolver e não sei se de dia ficarão concluídos...

— Não sei; arranja-te como puderes, porque a rapaziada resolveu isto e é uma sensaboria se tu não apareces... Demais a mais, o elemento feminino, o elemento galante, faz-se representar, e tu não podes deixar de ser gentil para com as damas.

— Está bem: irei.

E voltando-se para Jorge:

— Não se conhecem?

— Não tenho essa honra — disse Jorge.

João Lázaro então apresentou:

— O meu amigo Eugênio do Melo...

E para este:

— O meu amigo Jorge de Gusmão.

Os dois cortejaram-se.

— Estimo conhecer v. ex.a — disse um.

— Iguamente — disse o outro.

E apertaram-se as mãos.

— Como se trata de uma festa íntima, de amigos pessoais do João — disse Eugênio de Melo, dirigindo-se a Jorge — V. ex.a, que é também amigo dele, dar-nos-á muito prazer, comparecendo. É no Palácio, às 10 da noite.

— Agradeço, mas é-me absolutamente impossível, o que muito sinto, associar-me a essa homenagem de estima ao nosso amigo, porque amanhã de tarde devo partir para Braga, aonde me chamam negócios urgentes e inadiáveis — respondeu Jorge.

— Creia v. ex.a — tornou Eugênio amavelmente — que teria imenso prazer em o ver lá...

Jorge agradeceu com uma inclinação de cabeça.

O boêmio, que não se sentara à mesa, despediu-se, dizendo ao Lázaro:

— Vê lá! Se não nos virmos antes, às 10, lá te esperamos. Fui encarregado de te dirigir o convite e agora não queiras colocar-me mal perante a rapaziada.

Quando Eugênio se afastou, Jorge que, pelo nome, reconhecera nele o rival de Paulo, perguntou:

— Quem é este rapaz?

O outro sorriu desdenhosamente.

— Um aventureiro! — respondeu.

— A classificação é pouco lisonjeira para ti e menos ainda para ele...

— De acordo. Mas é verdadeira. De resto, sabes que um homem político tem por vezes a dolorosa e imprescindível necessidade de se relacionar com a gente da mais baixa espécie.

— Mas este rapaz é...?

— É um tipo como há muitos. Apresenta-se bem encadernado, insinua-se na confiança da gente fina e é útil para muita coisa que nós outros não podemos fazer.

— E vive disso?

— Vive de tudo. A sua existência é uma série de expedientes engenhosos.

— Supunha-o rico. Tenho-o visto frequentando a melhor roda de rapazes e passa entre eles por ser possuidor de grande fortuna...

— Essa é a sua grande habilidade. Explora o jogo e o amor com tanta arte que, em vez de explorador, parece ele o explorado. Agora, por exemplo, gasta somas enormes que lhe dão uma aparência de rapaz rico, à custa de uma loura, que é a sanguessuga deliciosa do comendador Garcia... Conheces?

— Conheço o comendador Garcia perfeitamente.

— E a loura?

— Poderei tê-la visto, mas não estou certo.

— Não sabes nada! —olveu o João Lázaro desdenhoso.

— Mas como é que tu, chegando ontem ao Porto, já pudeste saber tudo isso?

— Disse-m'o ele, porque o conheço de Lisboa, e comigo não tem reservas. Conta-me tudo.

— Então, devia contar-te também que tem o casamento ajustado com uma rica herdeira...

— Ele!?

— Ele, sim!

— Oh, diabo! Não me disse nada a esse respeito. Falas sério?

— Absolutamente sério. E o mais interessante é que o pai da noiva supõe-no um rapaz riquíssimo...

— É boa! E não me disse nada! Que grande patife!

— Pois é verdade.

— Tens bem a certeza?

— Conheço a noiva...

— Ela quem é?

— É filha de um capitalista, chamado Custódio de Jesus...

— Não conheço.

— Anda nisso metido um procurador chamado Belchior... Esse deves conhecer...

— De nome apenas... Tenho desse homem as piores referências, já do tempo em que vivi no Porto.

— Pois mantém ainda hoje a boa reputação que já gozava no tempo em que ouviste falar dele. O que ou não sabia era que espécie de relações podiam ligar o procurador Belchior a este rapaz. Mas, visto dizeres-me que ele é um cavalheiro de indústria, está explicado o caso. Os dois combinaram-se para roubar o capitalista, apanhando-lhe a filha...

— É bonita essa pequena?

— Creio que sim.

— Crês?

— Nunca a vi, e por isso não a conheço pessoalmente. Mas tenho dela informações que a dão como uma beleza indiscutível.

— É pena, porque, se é formosa, merece outro marido que não um escroque... Mas que imbecil progenitor é esse, e demais a mais capitalista, que entrega assim a filha a um tipo como é o Eugênio de Melo?

— Não sei. Naturalmente supõe-no rico, como toda a gente.

— Pois, meu amigo, se te interessas por essa pequena, avisa o pai da cilada em que o querem fazer cair.

— Eu! — replicou Jorge — Não tenho nada com isso... Deixemos lá o rapaz. Pode ser que a fortuna o regenere.

— A quem? Àquele? É impossível! Jogador, bêbedo, extravagante, só está bem quando gasta ouro às mãos cheias. Em Lisboa explorava o amor de várias Messalinas da alta roda... Aqui, no Porto, segue o mesmo caminho, e com bastante felicidade pelo que vejo, pois que o encontro levando vida do príncipe e belamente relacionado...

— E melhor estará daqui por alguns dias, porque o casamento, segundo se diz, está para breve...

— Os jornais já deram notícia?

— Não. Este negócio trata-se no maior segredo. E é natural, porque ele não deve desejar que a formosa lourinha o saiba e lhe transtorne os planos...

— É curioso! — tornou o João Lázaro — Como as mulheres são estúpidas nos seus amores! Essa loura a que te referes teve a audácia de me resistir. Assediei-a durante muitos meses, nos primeiros tempos da sua ligação com o comendador Garcia. Eu era incapaz de a explorar pecuniariamente... Contentava-me em que não me fizesse exigências de dinheiro, porque para isso lá estava o outro. Escrevi-lhe cartas apaixonadas no meu estilo... tu sabes! todo literário, que até era mal empregado naquela couçoeira de formas divinas, incapaz de me compreender... Pois, meu caro, entrincheirou-se na sua fidelidade ao comendador e não houve de quê! Por fim, aparece este idiota, sem instrução, sem elegância, sem espírito, sem nada que o recomende, e conquista-a!

— É sempre assim, meu amigo. As mulheres têm uma tendência especial para escolherem o pior.

— Não são só as mulheres. Toda a humanidade é assim. Segues uma estrada que se bifurca em dois caminhos, um dos quais te conduz e outro te afasta do sítio a que te diriges. Escolhes ao acaso. Pois tem a certeza de que o que escolheste é sempre o pior. Mas o que me irrita é a fortuna estúpida desse imbecil. Não vale a pena um homem ter talento, ser distinto, ser finamente

superior a essas vulgaridades ignóbeis que para aí enxameiam, porque as mulheres, meu caro, não de ser sempre pela matéria contra o espírito!

O João Lázaro atirou fora o charuto com afetado desdém e levou o copo da cerveja aos lábios com a solenidade de quem estivesse dando exemplos de suprema elegância num salão aristocrático.

Jorge Gusmão disfarçou um sorriso de motejo e disse:

— Quem te ouvir há de julgar que tens sido infeliz com as damas...

— Não; não tenho sido. Muito pelo contrário, tenho sido alvo do carinhoso interesse de mulheres finas, elegantes, da primeira roda. Mas essas, impede-me a minha posição política de lhes corresponder, porque se tal fizesse, as mediocridades do meu partido tratariam logo de lançar sobre mim a suspeição, acusando-me de me deixar subornar pela aristocracia.

— Sacrificas o amor à política...

— Ao meu ideal sacrifico tudo!... E só assim, crê, é que um homem pode afirmar-se capaz de salvar um país à beira do abismo...

— Mas, ó João, tu seriamente pensas em salvar os outros ou em te salvar a ti? Porque afinal, sejamos francos, tu que diabo tens sacrificado ou o que é que podes sacrificar ainda? Tu és pobre, tu nunca possuístes dez reis, tu não passavas de um anônimo perdido na massa dos anônimos, dos obscuros, dos humildes. Chegou uma ocasião em que julgaste poder especular com o sentimento patriótico do país e especulaste, sem critério, sem fé, sem consciência, armando à popularidade, muito disposto a sacrificar os que te escutavam ao teu interesse pessoal... Erraste no cálculo, porque, na hora em que julgavas ter triunfado, caíste. Depois, por coerência com os teus planos de ambição, e também porque te era impossível retrogradar, visto que não tinhas adquirido valor que te desse direito a uma cotação razoável no campo adverso, seguiste avante, simulando convicção onde só havia má fé.

— Não é tanto assim, meu caro — protestou o João Lázaro frouxamente.

— Que diabo! sabes que te conheço e por isso de nada te vale o fingimento para comigo... Tu és um especulador político, como o teu amigo Eugênio de Melo é um especulador amoroso... Vives dos *kalenderes* do ideal como ele vive das infelizes sonhadas como ele vive das infelizes sonhadoras do amor. As tuas fontes de receita são tão ocultas e tão inconfessáveis como as dele.

— Jorge, tu hás de ser sempre brutal com os amigos!

— Sincero, sincero e leal é que eu sou. Não admito que os amigos, porque o são, vão julgando que me iludem e que não os conheço cabalmente.

— Eu não quis nem quero iludir-te... Confio demasiado na tua amizade para não ser sincero contigo. Mas que demônio queres tu que eu faça nestas circunstâncias? Eu bem sei que foi um mau passo o que dei misturando-me com esta canalha... Mas agora que remédio tenho senão prosseguir no caminho mau em que me lancei?

— Também não é tão mau como dizes. Que poderias tu esperar dentro das velhas normas? A manga de alpaca e dezoito a vinte mil reis por mês com papel dos ofícios para as intermitências jornalísticas. Mais nada, porque as repartições estão atulhadas de ociosos e mais um importa já um verdadeiro atentado orçamental. Assim, dás-te ares de mártir, de príncipe destronado, diante dos papalvos que vêem uma aureola de glória a circundar-te a fronte, e pedes-lhes dinheiro emprestado para poderes sustentar o prestígio da causa...

— Oh! mas estão já desmoralizados... São uns verdadeiros biltres! Imagina tu que, para vir ao Porto onde preciso de me mostrar, porque quem não aparece esquece, foram-me precisos seis idiotas dos mais fanáticos para, espremidos e quotizados, poderem dar-me duzentos mil reis!

— Pois sim, meu bom Lázaro... Concordo que nem tudo sejam rosas no teu caminho. Mas tu em certo modo tens tido a culpa.

— Eu?

— De certo. Tens hábitos de grandeza, jantas como um príncipe, o que não custa a fazer quando se tem às ordens a bolsa dos parvos. Mas os parvos também às vezes ganham juízo...

— Que queres tu que eu faça? Nas circunstâncias em que me encontro, se deixo de honrar a minha posição, apresentando-me em harmonia com o meu nome, sou um homem perdido, sou um homem morto pelo ridículo!...

— E o que vens tu fazer ao Porto?

— Venho arranjar dinheiro...

— Para quem?

— Para mim.

— E supões que t'o dêem?

— Ainda aqui há gente de muito boa fé...

— Mas da outra vez não deixaste a vinha vindimada?

— Isso já esqueceu. Agora o processo é outro...

— Bem; anda lá!

João Lázaro levantou-se.

— E tu, sempre o mesmo?

— O mesmo sempre.

— És um homem singular!

— Divirto-me com isto... Gosto de observar a humanidade, que é realmente o livro mais curioso e mais difícil de ler.

— Um homem com o teu espírito, com a tua inteligência e com a tua fortuna podia ir longe, se quisesse, neste país onde só os audaciosos vencem.

— Não sou ambicioso e confio muito pouco nos homens. Conheço-os tão bem!

João Lázaro consultou o relógio.

— Ainda posso tornar a ver-te antes de partir?

— Podes. Sabes a minha casa. Encontras-me lá todos os dias até à uma hora da tarde.

— Irei dizer-te adeus.

— Pois sim.

Apertaram-se as mãos e despediram-se.

João Lázaro saiu com ar altivo e majestoso, relanceando um olhar de desprezo pelos frequentadores abancados às mesas.

Já na rua, ia murmurando:

— Ora o patife do Eugênio de Melo, que vai abotoar-se com a filha de um capitalista!

Os lábios grossos, de mulato, vincaram-se-lhe num sorriso mau. É que ao cérebro acudira-lhe um pensamento terrível.

— Boa ocasião de lhe empalmar a loura e de me vingar dele pelo cuidado com que ocultou de mim o seu projeto de casamento! — rosnou por entre dentes — Decididamente, eu sou um homem de gênio e não devo consentir que este idiota me passe adiante e se me avante em amor, em fortuna e em posição social.

João Lázaro, vaidoso, vingativo e perverso, raça de preto e branco, minado de inveja, roído de ambições, irritava-se e agitava-o um rancor profundo quando algum dos seus amigos ou companheiros de mocidade, por esforço próprio, por acaso, ou por capricho da fortuna, melhorava de posição e subia mais um furo na escala das considerações sociais.

A perspectiva de ver Eugênio de Melo casado com a filha de um capitalista, pompeando grandezas e vivendo a vida feliz que o dinheiro dá, acendera-lhe um inferno de invejas na alma parda como um céu de maio, prenhe de trovões, e como a própria parda Brasileira de quem era filho e cujas feições retratava na cor bronzeada, nos lábios grossos, nos dentes brancos, no nariz de ventas largas e acachapadas e no cabelo, onde havia ainda uns longes de carapinha.

De resto, alto, entroncado, de andar desenvolvido e um tanto gingado, de preto capoeira, tinha o quer que era de elegante e distinto, e chegaria mesmo a ser atraente e simpático, se não fora a pretensão ridícula que se lhe traía nos gestos e atitudes de grande senhor.

Tal era física e moralmente João Lázaro, que o leitor terá ocasião de apreciar melhor em capítulos subsequentes.

Por agora, deixemo-lo ruminar o seu infame plano de aniquilar o amigo que o convidava para uma ceia em sua honra, e vamos nós travar relações com outros personagens importantes desta complicada mas verídica história.

CAPÍTULO 12: VELHOS CONHECIMENTOS

Em S. Martinho de Campo, concelho da Povia de Lanhoso e não longe da casa de Norberto de Noronha, que os leitores da Irmã Dorotéia já conhecem, havia uma outra casa de boa aparência, — casa nobre, como lá se diz, — mas de severo e melancólico aspecto.

Permanecia a maior parte do ano fechada, e apenas na quadra estival as suas janelas se abriam e as salas se iluminavam num rumor de alegria e de festa.

É que a proprietária dessa casa, D. Aurélia de Magalhães, tendo casado e perdido marido e filho no curto espaço de quinze dias, ao cabo de cinco anos do seu consórcio, envolvera-se nos crepes da viuvez e encerrara-se numa tristeza calma e resinada que a solidão do seu viver tornava ainda mais profunda.

Ocupando um aposento interior do edifício, servida apenas por uma velha criada que fora sua ama de leite, raras vezes saía do seu quarto; mas quando saía, num curto passeio, nunca transpunha os limites da vasta propriedade murada e inacessível às vistas exteriores.

Os caseiros encarregados do amanho e sementeira das terras passavam meses que a não viam, nem mesmo ao domingo à hora da missa, na capela da casa; porque a pobre viúva, oculta nas sombras do coro que comunicava com o interior da vivenda, podia assistir sem ser vista à celebração do santo sacrifício.

O irmão desta senhora, Gustavo de Magalhães, o sensato acadêmico que na Irmã Dorotéia vimos desempenhar um curto mas simpático papel como amigo de Júlio de Montarroio e do infeliz Norberto de Noronha, doutorara-se em direito e, impulsionado pelo talento, fora abrir banca de advogado em Lisboa, onde conquistou rapidamente uma reputação brilhantíssima de orador e jurisconsulto notável.

Quando soube que a irmã enviudara, quis levá-la a viver consigo na capital; mas a magoada viúva recusou, preferindo gemer as saudades do esposo e do filho mortos na solidão de S. Martinho do Campo, a abafá-las no ruidoso e atordoante bulício da grande cidade.

Gustavo de Magalhães, respeitando a dor da irmã, não insistiu, e como também na vida agitada da capital as saudades da sua aldeia o punham, reservava os meses do estio para ir em piedosa romagem ao berço natal, e ali se demorava de junho a setembro.

Era então, quando ele chegava com a mulher e os filhos — e já contava nada menos de três — que a vida entrava na casa, e ao silêncio e à tristeza sucediam o ruído e a alegria.

Os amigos vinham de Braga e Guimarães visitá-lo, demoravam-se dias, havia passeios, jantares na Senhora do Porto, os pequenos chilreavam na casa logo de madrugada e arrastavam a titi a longas caminhadas pelo campo.

E D. Aurélia, sempre triste e resinada na sua dor e no seu luto, acariciava os pequenos e mostrava-se contente com a alegria dos outros.

— Aurélia — dizia-lhe o irmão — se vivesses um ano em Lisboa, verias como isso te fazia bem.

— Não, Gustavo, não — replicava a dolorida viúva. — Aqui nasci, aqui vivi feliz na companhia de meu marido e de meu filho, e aqui desejo morrer na saudade dos que me foram queridos.

— Mas este ruído, esta alegria de que nós te cercamos contraria-te, não é verdade?

— Não, meu irmão! De modo nenhum. A vossa alegria é a minha alegria, a única que pode ser-me suave além da que sinto na recordação dos entes que perdi.

No entanto, D. Aurélia, quando o irmão se retirava para a capital, sentia como que uma espécie de alívio íntimo, por poder regressar ao silêncio e à solidão dos seus hábitos, silêncio e solidão que eram um lenitivo às amarguras do seu espírito.

Ora é justamente numa destas visitas de Gustavo à sua aldeia que nós vamos encontrar a casa de D. Aurélia de Magalhães em festa.

Gustavo chegara havia oito dias e os velhos amigos e discípulos, ao saberem da sua chegada, apressaram-se a visitá-lo.

Vamos encontrá-los reunidos no vasto salão, à noite, com as janelas e sacadas abertas, rindo e conversando, enquanto que D. Albertina, a gentil esposa de Gustavo, sentada ao piano, executava algumas das modernas composições mais em voga.

A noite estava bela, de luar — desse luar sereno e calmo das noites claras do estio.

Em volta do velho palacete, reinava a doce paz silenciosa das aldeias, apenas quebrada pelo rumor dos mil insetos que, num admirável concerto, faziam ouvir essa mágica sinfonia dos campos adormecidos, sinfonia cujo maravilhoso segredo de orquestração nenhum grande maestro pôde ainda devassar.

Na sala, o piano calara-se e os hóspedes de Gustavo de Magalhães, atraídos pela beleza da noite, vieram debruçar-se nas sacadas continuando as conversações em que estavam entretidos.

— É verdade, sabes, Gustavo? — disse D. Aurélia — vende-se outra vez o palacete que foi de Norberto de Noronha.

— Vende? — respondeu o advogado — Então o Pinho, o Brasileiro para onde vai?

— Volta para o Brasil, segundo contou hoje a mulher do caseiro à Matilde, à minha criada de quarto.

— É singular! Mas o Pinho, segundo se dizia, veio senhor de uma grande fortuna e não tencionava tornar para o Brasil.

— O Pinho — esclareceu o médico de partido, o dr. Gomes, que fora substituir o Negrão, falecido há anos — tem sofrido, ao que me consta, prejuízos importantes no Brasil... Depois, ele não é um homem econômico... tem despendido.

— Pois parece que não deveria ser assim — objetou Gustavo — Um homem, com uma fortuna superior e que vem enterrar-se numa aldeia, não tem razões para dissipar as fabulosas somas que o doutor diz... Em que? Se vivesse no Porto ou em Lisboa, compreendo. Mas aqui, em S. Martinho de Campo!

— Pois é verdade! — tornou o doutor — Aqui mesmo, em S. Martinho de Campo, o Pinho tem tido a habilidade de dar cabo de mais de cinquenta contos em dez anos.

Houve um murmúrio de incredulidade no pequeno auditório.

— Não pode ser! — insistiu Gustavo — Ele comprou a casa que foi de Norberto de Noronha, por um preço inferior; gastou alguma coisa em a reformar, mas não foi muito, porque não lhe alterou a planta e apenas se limitou a uma simples questão de limpeza... Não me consta que tenha dado bailes, que reúna em sua casa grandes companhias ou que se haja cercado de uma opulência tal que justifique as loucas despesas que o doutor lhe atribui.

— Pois aí é que está a desgraça! — retorquiu o médico — Soube ganhá-lo e não o soube gastar... O Pinho desfez-se em dádivas a todo o mundo desde que chegou...

— A todo o mundo!?

— É um modo de dizer. Deu um manto bordado a ouro a Nossa Senhora do Porto; ofertou um palio novo à junta de paróquia; mandou fazer um painel à

irmandade das almas; mandou construir à sua custa a torre que faltava na igreja, pôs-lhe dois sinos, um relógio, e tem sido ele o que tem feito à sua custa a festa a Santo Emilião... Tudo isto parece que não é nada, mas bocado hoje, bocado amanhã, no fim vai-se a ver e soma contos de reis...

— Isso é verdade! — concordaram alguns do grupo.

— Mas cinquenta contos, doutor, olhe que é muito dinheiro! — contestou ainda Gustavo.

— Mas não se têm limitado só a isso as despesas do Pinho... Tem protegido muita gente... tem dotado muita rapariga pobre cá dos sítios, tem sido padrinho de todos os afilhados, tem emprestado dinheiro a toda a gente e de onde se tira e não se põe...

— Bem sei! Em todo o caso...

— Em todo o caso — concluiu o doutor — se não fossem os últimos revezes sofridos lá no Brasil, o Pinho, com um bocado de juízo, podia ainda aguentar-se. Mas, ao que me consta, as perdas foram importantes e ele não tem remédio senão ir acudir ao resto, para não ficar literalmente sem nada.

— Pobre homem! Tenho pena.

— O Pinho é um belo coração. Um bocadinho vaidoso, gostando de se impor pelo seu dinheiro, mas, no fundo, um pobre diabo. Os de cá conheceram-lhe o fraco; começaram a lisonjeá-lo, tudo era o sr. Pinho isto, o sr. Pinho aquilo... Se até o meteram em folias de eleições! A última não lhe ficou por menos de dez contos...

— E nem sequer o fizeram visconde? Pois admira!

— A esse respeito, houve umas histórias muito compridas... O título estava-lhe arranjado, mas quem lh'o arranjava, à última hora, precisou de uma soma importante... O Pinho soube-o e não se lembrou de a oferecer. Nisto, o Pires de Briteiros, que andava com o cheiro em ser titular, apresentou-se a fazer o oferecimento, e apanhou o título para ele...

— Que miséria! — disse Gustavo enojado.

— E até foi bom para o Pinho — tornou o doutor. — Porque, se lhe tivessem dado o título, agora a sua situação era muito mais difícil. Imaginem: um homem sem dinheiro e com um título às costas...

— Deve ser horrível!

— Pois foi do que ele se livrou! há males que veem por bem...

— E quanto quer ele agora pela casa?

— Não sei... Deve vendê-la barata. Como sabe, ele não ficou com todas as propriedades do velho Noberto. Apenas comprou os campos que circundam o prédio e que podem valer, com os melhoramentos que ele lhes tem feito, os seus nove a dez contos de reis. Mas estou persuadido que se aparecer quem lhe dê oito, o homem não diz que não...

Neste momento ouviu-se o rodar de uma carruagem que parou ao portão da casa de Gustavo.

— Quem nos honra? — disse o doutor, ao ver apear um sujeito de sobretudo claro e franquear o portão de entrada, depois de falar ao criado.

— Querem vocês ver que é o Sampaio que se aborreceu nas Taipas e veio até cá para se distrair um pouco?

Disse e ia a encaminhar-se para a porta, a fim de o receber, quando Sebastião, o criado da casa, apareceu no limiar, dizendo:

— Senhor doutor, saberá v. ex.a que está lá em baixo um senhor que diz que deseja falar ao sr. doutor....

— A qual de nós? — disse rindo Gustavo. — Aqui há uns poucos de doutores... Solicita o socorro da medicina ou as luzes da jurisprudência, esse estranho recém-chegado?

— Ele diz que é ao sr. doutor Gustavo.

— Ah! então é comigo... Não disse o seu nome?

— Não quis dizer... É um senhor de barbas...

— Bem! Vamos lá ver as barbas desse senhor.

E voltando-se para os hóspedes:

— Meus amigos, dêem-me licença... Isto é por força gracejo de algum amigo de nós todos... A esta hora, não é natural que um desconhecido me procure... Eu volto já.

Gustavo de Magalhães passou à sala onde o aguardava o desconhecido visitante.

Era este um homem que figurava ter quarenta a quarenta e cinco anos, estatura regular, barba loura em que se entremeavam já muitos fios brancos, acusando, com as rugas profundas que lhe cavavam as faces, uma vida de longo sofrimento moral. Vestia corretamente um sobretudo escuro apesar da estação calmosa ser mais própria ao uso das cores claras.

Ao ver entrar Gustavo, caminhou para ele de braços abertos, numa expansão de velha amizade, dizendo:

— Já me não conheces, não é assim, Gustavo?

— Júlio! Pois és tu?

— Sou eu, meu amigo!

E Júlio de Montarroio, pois que era ele, estreitou efusivamente nos braços o seu amigo e companheiro de infância.

— Mas o que é feito de ti? — perguntou Gustavo — há quantos anos não tenho tido notícias tuas!

— Tenho viajado. há perto de dezoito anos que deixei o país...

— Singularíssima ausência!

— Que queres? Precisava de movimento, precisava das estranhas comoções do imprevisto, porque precisava de esquecer...

— E esqueceste, afinal? Ainda bem!

— Não, não esqueci nem esquecerei jamais... E a prova é que, ainda agora, velho, doente, alquebrado, eu venho ao sítio onde ela viveu e de onde partiu para não mais voltar, dar à minha alma o supremo lenitivo de contemplar os lugares que a viram criança, pura, inocente, feliz, e onde tudo me há de ainda falar dela!

Gustavo encarou surpreendido o seu amigo. Atravessara-lhe o cérebro a suspeita de que as faculdades mentais daquele homem estavam desgraçadamente transtornadas.

Júlio percebeu esta suspeita no olhar do amigo e disse, sorrindo:

— Julgas-me doido, não é verdade?

— Não, não julgo... — replicou o irmão de Aurélia de Magalhães — Surpreende-me apenas que, volvidos tantos anos, as viagens e o tempo não pudessem ainda desvanecer-te do peito essa fatal paixão.

— Nada a desvaneceu nem desvanecerá, meu amigo. Ama-se uma vez na vida, uma única; e aquele que pode esquecer a mulher que uma vez disse amar, é porque sinceramente não a amou.

— Mas não tiveste mais notícias de Helena de Noronha?

— Nunca mais. Recebi dela uma carta, participando-me que ia para Paris, transferida para uma casa de irmãs Dorotéias e pedindo-me que a fosse esperar naquela grande cidade, onde me daria notícias suas. Fui. Esperei muitos meses inutilmente uma carta, um recado, uma palavra que me tirasse da infernal situação em que me encontrava e me desse uma esperança, ainda que longínqua, de a tornar a ver...

— E como pudeste esperar tanto tempo?

— Esperaria até ao fim do mundo se, pelas indagações a que procedi, pudesse capacitar-me de que ela estava em Paris. Relacionei-me com os jesuítas, aparentei uma crença profunda, fiz-me beato, frequentei as igrejas, as casas religiosas, percorri todos os institutos, todos os colégios jesuíticos e não a encontrei. Então tive a suspeita de que talvez houvessem descoberto a intenção em que aquela infeliz estava de se unir a mim e a tivessem enviado a outra parte. Passei à Espanha, percorri todas as cidades e usei de todos os meios que podiam permitir-me o encontrá-la. Tudo inútil. Tomado da febre da investigação, segui para a Bélgica, passei à Itália, familiarizei-me com toda a ala negra, ocultando sempre o meu pensamento secreto. Dali fui à África Oriental, percorri as missões onde me seria fácil encontrá-la, e sempre baldadamente. Nem pelo nome, nem pela figura, nem ainda pela família, me foi possível obter notícias dela. Afinal, desalentado, velho, gasto, alquebrado e doente, resolvi regressar a Portugal, convencido de que Helena de Noronha, na ala negra conhecida pela irmã Dorotéia, já não existe!

— Meu pobre amigo! — disse Gustavo envolvendo-o num olhar de funda compaixão — que grande fatalidade foi para ti essa mulher na tua existência!

— Bem pensado, não foi — volveu Júlio — Devo-lhe sofrimentos acerbos, mas também lhe devo alegrias intensas, esperanças dulcíssimas que outra mulher

jamais poderia alentar-me! Quando em meio dos meus desalentos me sorria uma probabilidade de a encontrar, que felicidade meu amigo! que doída alegria a minha! Agora, regressando a Braga, leio num jornal que se vende o palacete de Norberto de Noronha, e venho comprá-lo.

— Comprar a casa de Norberto de Noronha!

— Sim.

— Com que fim? O que pretendes fazer?

— Viver nela os últimos dias da minha vida, que não será longa...

— Mas vens só, não tens família?

— Minha mãe morreu há mais de dez anos. Minhas irmãs casaram, constituíram família, e eu encontro-me só... só com as minhas recordações!

— Muito bem, meu Júlio. Aqui me tens como amigo e como irmão, hoje como sempre. És meu hóspede, e espero que me darás o prazer da tua companhia enquanto me demorar por estes sítios.

— Já sabia que estavas aqui, e por isso te procurei. Desejo a tua interferência neste negócio.

— Estou ao teu dispor, meu caro. Mas deixa-me apresentar-te aos meus amigos que tiveram a santa caridade de vir alegrar-me as horas desta triste solidão. Também quero apresentar-te minha mulher e meus filhos, que já te conhecem de me ouvirem falar muitas vezes de ti... Minha irmã, essa já t'a apresentei em outros tempos, e hás de gostar de a ver, porque, como amiga de infância de Helena de Noronha, falar-te-á dela com aquele entranhado afeto que sempre lhe tributou, apesar da sua ingratidão... Vem!

Deu-lhe o braço e conduziu-o até à sala onde já todos os esperavam com grande curiosidade.

A entrada de Júlio de Montarroio produziu geral impressão nos circunstantes.

Alguns deles, antigos companheiros, mal reconheciam naquele velho o elegante moço bracarense de há 18 anos, notável nas duas cidades — Braga e Guimarães — pelo apurado esmero no trajar e pelos distintos primores da educação.

Feitas as apresentações, todos quiseram ouvir da boca do recém-chegado a relação das suas viagens, que ele narrou numa linguagem viva, cintilante, pitoresca, cheia de encantos, ocultando, no entanto, o secreto motivo de tão longa e demorada permanência em países estranhos.

— De modo que — disse por fim o comendador Seabra, um dos mais velhos discípulos de Júlio — eis-te de novo entre nós, qual filho pródigo que regressa à casa de seus pais!

— É verdade, meu amigo! Verdadeiramente um filho pródigo, que desperdiçou vida, mocidade e dinheiro entre os estranhos e que regressa velho, cansado e cheio de achaques, a pedir à terra em que nasceu um canto onde possa morrer descansado.

— Morrer! Quem fala aqui em morrer? — atalhou Gustavo alegremente — Tens ainda vida para muito tempo, meu amigo! Vens robusto, vigoroso, cheio de saúde, e falas em morrer! O que direi eu, gasto e cansado por uma vida inteira de trabalho, pai de três filhos, três enormes traquinas, que reclamam constantemente os meus cuidados e que todos os dias me recordam a necessidade impreterível que tenho de viver para eles, até os fazer homens e acompanhar a sua entrada no mundo com os conselhos da minha experiência e do meu amor de pai? E, no entanto, não penso em morrer sem ter cumprido a minha missão...

— É justo — respondeu Júlio — há um objetivo na tua existência, que te faz amar a vida e te dá força e coragem para a não perderes: são os filhos, é a esposa, é a família, é toda essa inquebrantável cadeia de afetos que prende o homem ao mundo e o faz triunfar dos desalentos, das dores físicas e morais, conduzindo-o, confiado e alegre, através a velhice como o viajero através os areais do deserto, com os olhos fitos no oásis que, de longe, lhe promete repouso e frescura. Mas eu, abandonado e só, sem família, sem o estímulo dos grandes afetos que tornam o homem superior a si mesmo, que outra coisa posso desejar senão a morte redentora dos grandes desgraçados?

— Casa-te, meu amigo, casa-te! — aconselhou o comendador Seabra num tom de convicta autoridade. — Olha que não há como o casamento para fazer um homem perder certas ideias... Eu também fui rapaz, também tive as minhas estroinices, as minhas excentricidades... Não andei lá por fora, porém, cá dentro mesmo, no meu país, e até sem sair de Guimarães, fiz o que pude... Mas quando cheguei a certa altura e senti que começava a aborrecer-me da vida, disse comigo: “Nada! isto não está bem... Preciso ter alguém a quem me dedique de alma e coração... alguém a quem eu estime e que me estime também, porque um barco só não faz carreira...” Tive a fortuna de encontrar o que desejava, uma esposa que é um anjo, um gênio em tudo igual ao meu, e foi dito e feito! Casei e

temo-nos dado muito bem... Não é assim, Gracianinha? — rematou, pondo os olhos na esposa, a D. Graciana, uma senhora adiposa, de enorme carão vermelhusco, toda cheia de requebros e denguiques, mais do que é permitido a uma mulher que passa dos quarenta.

— É assim, meu amigo! — suspirou a D. Graciana, revirando para o marido os olhos ternos e abanando-se com o leque, na pudibunda atitude de uma paixão confessada.

— Não temos tido filhos — tornou o comendador, muito roliço, muito gordo, envolvendo a mulher num olhar carinhoso — mas não é por falta de amor... É que ela não é de qualidade de os ter... Mas vê tu que eu era um espeto... lembras-te que eu era um espeto? Pois estou isto que vês! Gordo e forte, que nem pareço o mesmo!... E tudo isto foi depois que casei... Não há nada como o casamento para dar saúde a um homem!

E empertigava-se vaidoso, com os polegares metidos na cava do colete, e tamborilando com os dedos restantes no peito, numa exibição grotesca das fartas enxundias que lhe repuxavam a pele e lhe avolumavam o rotundo abdômen.

Os circunstantes riam desta apologia do matrimônio feita pelo comendador que, segundo rezavam as más línguas, sofria uma cruz em casa com os destemperos da D. Graciana, ciumenta e desconfiada.

— Ora agora o que é preciso — propôs o juiz de direito, um velhote de óculos, bigodes brancos, com uma voz aflautada e cheia de impetuosidades nervosas — é não deixar passar despercebido este feliz acontecimento do regresso de um querido e distinto filho do Minho aos encantos da sua província e aos braços dos velhos amigos, que todos gemiam saudades pela sua prolongada ausência!

E, numa voz de cada vez mais aflautada e repassada de sentimento:

— Isto é mais do que um regresso, isto é uma ressurreição! Proponho, pois, uma *Páscoa inter amicus*, uma festa aleluítica, em que se celebre condignamente o *resurrexit* deste ilustre cavalheiro, que eu não tinha a honra de conhecer pessoalmente, mas a quem já estimava e de quem era sinceramente amigo, pelo conhecimento de seus primores e gentilezas, que a tradição oral tinha trazido até mim!

Este alvitre do festeiro magistrado obteve calorosa aprovação e logo ali se decidiu promover uma festa ruidosa em honra de intrépido viajante, que dezoito anos gastara em percorrer as sete partidas do mundo, como o infante D. Pedro.

O juiz foi o encarregado de elaborar o programa e nomear a comissão que havia de proceder aos festejos.

Era uma alegria louca entre os hóspedes de Gustavo pela perspectiva de mais um dia de grossa pandega.

— Livra-me desta gente, meu amigo! — segredou Júlio a Gustavo. — Tu, que conheces o estado do meu espírito, bem deves avaliar quanto esta alegria me mortifica!

— Nem eu, nem poder algum da terra poderá livrar-te destas honras, que só aos eleitos da amizade se concedem, meu caro; salvo se tiveres a má lembrança de emigrar outra vez; e, ainda assim, há de ser clandestinamente, porque, se constar que andas a tirar passaporte, agarram-te e não te deixam partir sem gramares a festa!

— Meu Deus! Em que má hora eu vim a tua casa! — murmurou Júlio. — Venho a fugir do bulício, do ruído, da curiosidade dos amigos e conhecidos, e eis-me o alvo de alegrias, quando mais devera ser um objeto de tristezas!

— Tem paciência, meu amigo! A tua larga ausência do país fez-te esquecer, pelo que vejo, os hábitos festivos da nossa província, que ainda não mudaram. O português, especialmente o minhoto, não perde ocasião, e tudo lhe serve de pretexto, para se evadir às melancolias do temperamento. Um casamento, um batizado, um dia de anos, um amigo que chega, um amigo que parte, tudo isso constitui motivo de festa. Fora daí, é sisudo, sorumbático, macambúzio, incapaz de, por coisa alguma deste mundo, se arredar da linha inquebrantável de uma inquebrantável bisonhice. Deixa-os, pois, deixa-os divertir-se, que a alegria deles não é daquelas que magoam o coração dos que sofrem...

No dia seguinte, Júlio levantou-se cedo e, num curto passeio, dirigiu-se sozinho para os lados da velha casa de Norberto de Noronha.

O Brasileiro Pinho, que conservava os hábitos madrugadores, adquiridos no Brasil, todo vestido de linho cru e na cabeça um boné de gorgorão preto, debruçava-se no caramanchão erguido em um dos ângulos do jardim.

Respirava a longos haustos o ar fresco da manhã, tendo cravado no horizonte um vago olhar de tristeza.

Pensava talvez nas fundas saudades que já curtira longe da pátria, e naquelas que ainda o haviam de consumir, agora que, depois de velho e quando esperava

morrer tranquilo naquele adorado canto da sua aldeia, era outra vez obrigado a expatriar-se.

Júlio, ao vê-lo, parou na estrada e cortejou:

— Bons dias!

O Pinho levou a mão ao boné e correspondeu, saudando:

— Muito bons dias!

— É o proprietário desta casa?

— Um seu criado!

— Li que ela se vende. Posso vê-la?.

— Pois não! Eu lhe vou mandar abrir a porta...

E chamando pelo criado:

— Ó Manéca, vai na porta abrir ao cavalheiro, hein! — ordenou.

O Manéca, um labrego de jaqueta, chapéu braguês e suíça talhada em forma de foicinha, foi abrir, com grandes zumbaias, levando no lábio escanhado o sorriso humilde e servil de quem nasceu para ser mandado e obedecer.

Júlio entrou e daí a pouco travava com o Brasileiro Pinho este diálogo:

— V. s.a vende esta propriedade, não é assim?

— Me *résólvi* à vender ela, porque estou preparando minhas coisas p'ra tornar no Brasil...

— Esta casa — disse Júlio — era de um antigo fidalgo que aqui morou e aqui morreu, o sr. Norberto de Noronha...

— Não conheci ele, mas tenho ouvido *fálár*... Boa *péssôa*, pelas informações que dão-me dele, hein!

— Não foi, portanto, ao velho fidalgo que v.a s.a comprou a casa?

— Nada. Quando vim do Brasil e cheguei em Portugal, a primeira coisa que lembrou-me foi comprar casa boa, que tivesse cômodos ela... Mas eu a queria já

feita, hein! Me aborrecia estar esperando que fizesse-se ela, já viu? Depois meu compadre Damião me escreveu um dia para o Porto, dizendo que tinham botado anúncio numa gazeta de Braga p'ra vender este palacete... Vim ver ela, me agradou por ficar nos meus sítios e a comprei... É uma rica peça, que tenho muita pena de deixar ela!... Mas como vou no Brasil outra vez e não sei o tempo que demorarei-me por lá...

— Norberto de Noronha — tornou Júlio — tinha uma filha... Foi a essa senhora que comprou esta casa?

— O negócio foi tratado com um procurador dessa mínima, que estava ela, dizem, nas irmãs da caridade e tinha passado procuração a esse tal João Ignácio para vender ele todos os bens, já viu? Mas eu lhe fiquei só com a casa e com estes campos de ao pé da porta... As outras propriedades si venderam a diferentes... Vossa *excélencia* conheceu a família de Norberto, já vejo...

— Conheci. A casa sofreu modificações?

— Não alterei-lhe a planta, a ela, não... Lhe mandei botar papel e pinturas novas, hein! mas lhe deixei ficar as divisões todas... O mesmo jardim ainda é do risco que estava ele no tempo do fidalgo...

O Pinho, muito amável, convidou Júlio a ver a casa para certificar-se de que era uma vivenda muito boa ela e que se conservava quase no mesmo estado em que o fidalgo a deixara.

Júlio, ao entrar na sala onde falara pela primeira e última vez a Norberto de Noronha, já paralitico, cerrou um momento os olhos, comovido, e a sua memória evocou a figura daquele pobre morto-vivo, que ali jazera por tanto tempo ainda, na esperança de tornar a ver a filha, criminosamente ingrata ou assombrosamente desgraçada, por quem morria.

Esse compartimento da casa, por uma destas casualidades difíceis de explicar, não merecera as atenções do Brasileiro para o mandar reparar. Conservava-se no mesmo estado e na mesma disposição em que Júlio o vira a primeira vez quando ali entrou. Apenas alguns dos velhos móveis de Norberto, inclusive a cadeira de rodas em que tão longamente agonizara, achavam-se ali acumulados, em monte, a um canto.

— Isto aqui me tem servido para arrumações — explicou o Brasileiro. — Aqui encontrei esta cangalhada quando vim na casa e, de dia em dia, p'ra por ela fora, nunca resolvi-me, hein! e aí ficou, já viu?

— Quanto pretende v. s.a pela casa? — perguntou Júlio.

— Com mobília ou sem ela?

— Tal como está, exceto os objetos de seu uso pessoal...

— Me custou a mim dez contos... Com mais de dois que gastei em mobília e concertos, anda isso por doze, hein! Más se v. ex.a me quiser comprar ela por dez, eu lhe deixo ficar tudo, já viu?

— Não, senhor! — acudiu Júlio. — Se por doze contos lhe ficou, doze contos lhe darei por ela.

O Pinho teve um olhar de espanto para o comprador. Julgara que ele iria regatear o preço, achar caro, desfazer no valor da propriedade e reservava-se para, em último caso, fazer uma redução de um ou dois contos de reis. E via com surpresa que este generoso desconhecido queria embolsá-lo integralmente de tudo quanto havia despendido, elevando a soma, de dez, a doze contos, que era o que calculava ter gasto.

— Quer assim? — interrogou Júlio.

— Mas... — objetou honradamente o Brasileiro consciencioso — eu tenho vivido na casa, os móveis me custaram dinheiro que já não valem ele ágora...

— Pequenas coisas! Não compro isto para negócio, e por isso não penso em o adquirir por menos do seu justo valor.

— Mas então a casa é de v. ex.a! — decidiu o Brasileiro com uma profunda cortesia.

— V. s.a não me conhece — disse Júlio — mas eu dou como fiador à validade deste contrato o meu amigo dr. Gustavo de Magalhães, aqui seu vizinho. Quando quiser, faremos a escritura!

— O sr. doutor Gustavo! Pois não! Conheço ele muito bem. V. ex.a é hóspede dele, já vejo...

— Sou. V. s.a dirá agora quando quer legalizar o contrato e quanto devo dar-lhe de sinal.

— Sinal! — protestou o Brasileiro — não é preciso ele... Os homens se conhecem pelas palavras, já viu?

— Como queira.

— Me dê v. ex.a oito dias para tratar de minha mudança, e iremos no tabelião fazer a escritura, hein!

— Não lhe dou oito, dou-lhe vinte, dou-lhe um mês. Não tenho pressa de vir para esta casa, mas tenho-a de lhe chamar minha.

— Lhe pode chamar desde já. Minha palavra vale uma escritura! Mas não há precisão de mais demora, não... Homens de bem se entendem sempre eles... Quando v. ex.a quiser, vamos no tabelião...

Júlio ofereceu-lhe a mão e despediu-se, voltando a casa de Gustavo.

— Já comprei a casa de Noberto de Noronha — disse ele ao amigo, logo que chegou.

— O que! — exclamou Gustavo. — Pois logo de manhã, tão cedo, foste tratar um negócio dessa ordem?

— Se eu tinha resolvido comprá-la, não vejo motivo para protelar a compra. Agora conto contigo, como advogado, para que o contrato tenha uma realização legal.

— Por quanto a compraste?

— Por doze contos, tal como está.

— Podias tê-la adquirido por oito ou nove!

Alguns dias depois, legalizava-se o contrato e Júlio era o proprietário da casa que pertencera a Noberto de Noronha.

O Brasileiro Pinho, tendo recebido o preço da venda, apressava agora a sua partida, no intuito somente de não ocupar por muito tempo a casa alheia.

Os convidados de Gustavo, em assembleia magna, tendo sabido que Júlio comprara a casa de Noberto e se constituíra, por este fato, um dos proprietários da localidade, resolveram adiar a celebração dos festejos para o dia em que ele tomasse posse e fixasse residência na sua nova propriedade.

Esta deliberação fora tomada em segredo e mantinha-se discretamente guardada entre todos, sem chegar ao conhecimento do melancólico amigo de Gustavo de Magalhães.

— Havemos de fazer dele um companheiro alegre, sociável, sem os absurdos preconceitos de um homem que, tendo percorrido o mundo e visto tudo, chega a capacitar-se de que nada mais há no mundo capaz de o emocionar e lhe causar alegria — dizia o magistrado de voz aflautada, presumindo de hábil conhecedor das diversas fraquezas e aberrações do espírito humano.

— Fatalmente — comentava o médico — ali há desequilíbrio de faculdades... Aquela melancolia profunda, aquele afastamento sistemático de todo o ruído e de toda a convivência, acusa uma grave enfermidade mental, própria de um homem que passou a vida em viagens, sob a impressão dos variados aspectos da natureza e sob a influência de diversos e opostos costumes...

— Quem sabe? Talvez ali haja mistério do coração... amores mal sucedidos... — aventou um dos menos teóricos e mais práticos.

— Não, ali o que há é tédio, cansaço, o *spleen* dos ingleses — opinou o juiz. — O homem correu tudo, viu tudo, gozou tudo — menos a amizade dos amigos e o amor inconsútil da mulher que toda se dedica ao homem amado. Nas viagens — acrescentou com grande autoridade e ênfase de sabedor — perde-se a sensibilidade pela frequente e repetida excitação dos sentidos. O espírito habitua-se à contemplação dos espetáculos grandiosos e desdenha, como insignificantes e mesquinhos, os suaves e dulcíssimos prazeres da convivência remansosa e plácida de almas irmãs, prazeres que são a vida do coração... Amores mal sucedidos, como diz aqui o nosso amigo Gilberto, não creio... Mais me inclino a crer que seja o desdém pelos demasiados amores bem sucedidos, pelos amores fáceis que não faltam nunca aos viajantes ricos e que são, por via de regra, os únicos que eles conhecem... E quem me diz a mim que o que este homem sente é justamente a falta de um amor sério, verdadeiro, como é o de uma esposa por seu marido?...

— Pelo menos, quando não seja isso — disse o comendador — o casar devia fazer-lhe bem... Se a mulher fosse destas que às vezes aparecem na vida de um homem como um flagelo, que com tudo embirram e com coisa alguma se satisfazem quando estão a sós com os maridos, ele buscaria a convivência da sociedade como um refúgio contra as impertinências da esposa!

Todos se riram a esta indiscreta confirmação dos rumores que corriam acerca da vida torturada que o comendador passava, de portas a dentro, com a D. Graciana.

— Que eu por mim — emendou logo com solícita dissimulação — com bem o diga, não sei praticamente o que isso é... Mas tenho ouvido vários maridos queixarem-se do inferno que passam em casa com as mulheres, e faço ideia do petisco que há de ser...

— Nós também fazemos ideia... — atalhou o juiz sarcasticamente, na sua voz de assobio.

— Meus amigos — interrompeu Gustavo, que ouvira esta conversação sem tomar parte nela — não se cansem em conjecturas sobre os motivos que podem ter feito do Júlio de Montarroio o misantropo que hoje é. A vida deste homem é um mistério que não seria fácil decifrar nem mesmo aos que na mocidade o conheceram intimamente, quanto mais àqueles que só agora o encontram, não está na nossa mão o dissipar-lha. Querer à força fazer de um homem triste um homem alegre, parece-me coisa tão insensata e absurda como querer mudar as tardes melancólicas do outono nas rissonhas manhãs da primavera. Cada qual é como é; e nem me parece que a nós nos seja lícito avaliar da tristeza ou da alegria íntima de um homem, pelo simples aspecto da sua fisionomia ou pela estranha soturnidade dos seus hábitos. O que para nós é tédio pode ser para ele distração; o que para nós é dor pode muito bem ser para ele um grande prazer. Quantas pessoas há que, por temperamento, por índole, ou por caráter, se comprazem, desde a infância, na solidão mais absoluta, achando insuportável a convivência em que outras pessoas encontram uma verdadeira felicidade, um incomparável prazer?

— Isso é verdade! — acudiu o comendador — eu já tive uma época na minha vida em que todo o meu prazer era agarrar moscas para as dar a comer a um pisco que tinha metido numa gaiola... Passava nisso horas e horas, sem dar palavra, e se alguém me interrompia naquela tarefa em que sentia um prazer enorme, ia tudo com seiscentos diabos! E em todo o caso, aposto que nenhum dos senhores acharia distração numa coisa tão simples...

— Não tanto! — replicou o juiz — Quem não tem que fazer caça moscas, diz o vulgo. Ora se o meu amigo não tinha mais que fazer, acho acertado que se distraísse por esse modo... e não estranho que ainda agora se entregue ao divertimento...

— Agora não! — tornou o comendador.

— Por falta de pisco? — perguntou o médico.

— Por falta de pisco e por falta de paciência... Mudei completamente... Agora não me entretém nada dessas coisas. Minha mulher embirra com pássaros em casa.

A conversação prosseguiu animada de ditos picarescos a propósito desta ingênua confissão do comendador que, sem o querer, veio desviar as atenções do grupo disposto a escarpelar a vida de Júlio de Montarroio.

A esta mesma hora, Júlio encontrava no jardim a D. Aurélia de Magalhães e travava-se entre os dois este diálogo:

— Então, já sei que vou tê-lo por vizinho, não é verdade, sr. Júlio de Montarroio? Disse-me o Gustavo que v. ex.a já comprou a casa de Norberto de Noronha.

— A casa de Helena, minha senhora... É verdade, comprei-a.

— Na intenção de a habitar?

— Sim, minha senhora. Faço tenção de passar nela os últimos dias da minha vida.

— É muito triste este sítio a que neste momento empresta uma aparência de alegria a permanência dos nossos hóspedes... Mas, quando meu irmão retirar para Lisboa e todos regressarem a suas casas, tudo isto recai num silêncio e numa tristeza que só pode agradar às almas tristes...

— É justamente esse silêncio e essa tristeza que a minha alma anseia...

— A solidão e a tristeza são um lenitivo para a alma quando nos prendem recordações saudosas aos sítios em que habitamos e em que outrora fomos felizes. Estou eu nesse caso, porque aqui nasci, aqui me criei, aqui passei dias felizes na companhia dos que me eram caros, e aqui os vi desaparecer para sempre e para nunca mais. Mas v. ex.a, snr. Júlio de Montarroio, que aqui veio apenas uma vez, que me lembre, e em dias bem lutosos e bem tristes para o pobre Norberto de Noronha...

— E para o meu coração, minha senhora! Quando se é verdadeiramente desgraçado, quando nunca se teve uma hora de felicidade, sente-se um prazer amargo, um prazer cruel, em permanecer nos sítios em que mais sofremos, em que o nosso coração sentiu mais profundos e mais lancinantes os golpes da desventura. Foi justamente nesse prédio que hoje comprei que eu presenciei um dos mais dolorosos e lancinantes espetáculos de toda a minha vida. Ao entrar naquela casa, dezoito anos volvidos, pareceu-me ver ainda, ao canto da mesma sala, sentado na mesma poltrona de rodas, aquele pobre velho semi-morto, com os olhos fitos em mim, ouvindo com a alma ansiada a espelhar-se-lhe na pupila dilatada e imóvel, as palavras de animadora esperança que então proferi, e que deviam ser-lhe um bálsamo consolador no meio daquele infernal martírio! E esta evocação terrível, bem longe de aumentar o meu sofrimento, suaviza-o. Comparando o que sofro e o que tenho sofrido com o que sofreu aquele pobre pai, encontro motivo para me julgar feliz. Depois, foi ali que ela

viveu, que ela passou os únicos dias venturosos da sua infância cheia de sonhos vãos e de anelos de felicidade, até que a negra mão da desventura a veio empolgar...

— Pobre Helena! — murmurou D. Aurélia — se v. ex.a a conhecesse nesse tempo, se pudesse avaliar os finos quilates daquele espírito, a suave candura daquele nobre coração! Eu, que fui sua amiga, sua companheira de infância, eu que tão de perto privei com ela e conheci todos os primores daquela alma nobilíssima, ainda hoje me espanto, e não sei como explicar aquele rápido e insólito reviramento, senão pela loucura. Para mim, Helena de Noronha sofreu grande abalo nas faculdades mentais, antes de abandonar o pai, por quem era extremosa, e esquecer os sagrados deveres de filha, que ela se esmerava em cumprir sempre com uma religiosa pontualidade!

— V. ex.a nunca mais teve notícias dela?

— Nunca mais. E isso mesmo me faz pensar que a minha pobre amiga perdeu a razão antes do fatal passo que havia de custar-lhe não só a própria ventura, mas também a vida do pai e do primo.

— Álvaro, segundo me disseram, morreu assassinado em casa de um taberneiro da Serra do Carvalho...

— É certo. Foi um tal Pernetá quem, atraindo-o ali sob pretexto de que encontraria Helena, lá conseguiu matá-lo e roubá-lo. A princípio, supôs-se que a morte fora obra de malfeitores que o tivessem assaltado em viagem, porque o cadáver apareceu na estrada. Mas uma denúncia anônima, enviada às autoridades e confirmada mais tarde por um sapateiro de Braga, por alcunha o Tomba, que foi testemunha no processo, pôs a justiça na pista do criminoso, e o Pernetá foi julgado e condenado a galés por toda a vida.

— O Tomba! — disse Júlio — Conheci muito bem esse sapateiro e procurei-o agora no meu regresso a Braga, esperançado em obter dele esclarecimentos que talvez me explicassem o destino de Helena. Mas há muitos anos que desapareceu, e ignora-se o rumo que levou, podendo ser até que já tenha morrido...

— Não sei, não conheci o Tomba. Ouvi falar muito nesse homem por aquela ocasião e sei que veio depor como testemunha no tribunal de Lanhoso, mas ignoro completamente o que fosse feito dele.

— Se o Tomba esclareceu a justiça e depôs como testemunha, então o assassinato do pobre Álvaro obedeceu a um plano de vingança a que não foi estranho o raptor de Helena...

— O padre Anselmo?

— Justamente. Como conhece v. ex.a esse nome?

— Pois não sabe v. ex.a que ele andou por aqui missionando e que foi com as suas perniciosas práticas ao canto do confessionário que conseguiu desvairar a minha pobre amiga ao ponto de a fazer abandonar a casa paterna?

— E v. ex.a era sabedora das intenções de Helena?

— Eu! Se ela me tivesse dito alguma coisa, eu trataria de impedi-la de um semelhante passo. Guardou-se de mim como de toda a gente. O que eu lhe notava era uma tristeza profunda, um recolhimento místico de que cheguei por vezes a repreendê-la. Mas, como ela insistia, não me preocupei muito com isso, por supor que, retirando os missionários, breve retomaria a sua habitual despreocupação de espírito. Enganei-me! O mal tinha lavrado fundo, e o que eu supunha não passar de um momentâneo devaneio místico, era afinal a monomania religiosa, com todos os sintomas da loucura incurável! Pobre Helena! nem chego sequer a acusá-la de ingratidão pelo seu procedimento para comigo, porque, apesar de quanto se possa dizer e de quanto tenho ouvido a meu irmão Gustavo, julgo-a irresponsável.

— É esse o juízo que v. ex.a forma de Helena de Noronha?

— É. E formo-o assim, porque a conheci desde a infância, e posso assegurar a v. ex.a que não havia mais nobre alma, coração mais terno e cheio de afetos. Extremamente sensível e impressionável, de uma boa fé e candura de anjo, foi talvez tudo isso que a perdeu.

— O pai, segundo creio, projetava casá-la com o primo, com o Álvaro...

— Sim, essas eram as supremas aspirações de Norberto.

— E Helena amava o primo?

— Não o amava. Mas também não tinha preferência por outro homem. Muitas vezes falamos nisso e lhe ouvi dizer que, posto o primo lhe fosse indiferente, casaria com ele por obediência ao pai. Recordo-me até que, de uma das últimas vezes em que nós falamos a tal respeito, ela me afirmou: “Meu primo é para mim um homem como os outros. Caso com ele como casaria com outro que meu pai indicasse. O mesmo não sucederia, se eu tivesse, como muitas meninas da minha idade, algum rapaz a quem quisesse mais...”

— Não foi, portanto, a repugnância Invencível pelo primo que a levou a abraçar a vida religiosa....

— Decerto não foi. Mesmo porque Norberto de Noronha amava muito a filha para a constranger a casar com um homem que ela abertamente recusasse. Em Helena, o que houve foi a imaginação excitada pelas perigosas e sedutoras pinturas que o padre Anselmo lhe fez da vida religiosa, fanatizando-a e enlouquecendo-a com infernal habilidade.

Os dois calaram-se por instantes.

— Sabe v. ex.a — disse Júlio de Montarroio por fim — que me tem sido imensamente grata ao espírito esta conversação a respeito de Helena?

— É natural. Dei-lhe talvez esclarecimentos que v. ex.a ignorava...

— Por isso, e porque não há para mim felicidade igual àquela que experimento em poder falar de Helena com pessoa que a tivesse conhecido. Com efeito, v. ex.a acaba de me contar pormenores que me eram de todo o ponto desconhecidos... Mas ainda isso não é tudo: é que sinto verdadeiramente um grande lenitivo em ouvir falar de Helena de Noronha e de coisas que de longe ou de perto se relacionem com ela. Foi esse, e não outro, o motivo porque vim comprar a casa onde ela nasceu, onde se criou, onde se passou a sua infância. Parece-me que ali tudo me há de falar dela. Cada um daqueles lugares me dará como que uma recordação daquela criatura, que o destino pôs no meu caminho para logo a fazer desaparecer com a rapidez com que foge e desaparece um meteoro no espaço, em noite calmosa de estio!

— V. ex.a, sr. Júlio de Montarroio, amou Helena de Noronha com uma paixão que tornaria feliz a minha pobre amiga, se ela tivesse podido apreciar como eu toda a veemência do seu afeto!

— Helena, minha senhora, sabia bem quanto eu a amava...

— Sabia e não lhe correspondeu a esse amor que preencheria as mais ardentes aspirações de um coração sedento de afetos?

— Correspondeu! Helena correspondeu tanto quanto a sua nobre alma lh'o permitia, a esta paixão que me inspirou. E se não abandonou o convento para vir salvar o pai moribundo e tornar feliz o homem que ela amava, é porque foi vítima de alguma infame cilada que para sempre a perdeu.

Então Júlio de Montarroio contou a D. Aurélia que tivera repetidas entrevistas com Helena no convento do Sardão; que aí combinara com ela a fuga, quando uma inesperada e repentina enfermidade veio transtornar todo o plano concertado entre os dois; e que, sendo compelida a seguir para Paris, lhe escrevera uma carta convidando-o a ir esperar notícias dela na grande capital do mundo civilizado. E tendo aí passado muitos meses, aguardando as prometidas notícias, nunca mais lhe fora possível ouvir sequer falar dela.

— Conclui portanto que Helena...

— Foi infamemente iludida mais uma vez pelos seus cruéis algozes!...

— Se Helena tinha alguma vez pensado seriamente em abandonar a vida religiosa, creio bem que não seria fácil impedi-la de realizar o seu pensamento. Helena de Noronha era por demais ativa e dotada de energia de caráter suficiente para não se deixar prender e laquear por outra vontade que não fosse a sua.

— Eu creio que Helena de Noronha já não vive... Procurei-a por toda a parte, percorri o mundo em sua procura, e em parte alguma pude jamais achar quem de longe sequer houvesse tido conhecimento dela. Isto me leva a crer que a suprimiram antes que ela pudesse efetuar a sua evasão.

— Seria possível?

— Nos antros jesuíticos tudo é possível, minha senhora.

— Mas não sabe v. ex.a que o padre Anselmo foi quem resolveu Helena a professar?

— Sei muito bem.

— Pois esse padre não poderia dar notícias de Helena, se lh'as exigissem?

— O padre Anselmo! Esse decerto poderia informar-me com verdade do destino de Helena, se me fosse fácil encontrá-lo. Mas é homem de quem também ninguém me deu notícias... A única pessoa que poderia talvez dizer-me o que foi feito dele morreu há muitos anos em Lisboa... Era uma tal D. Carlota que, tendo auxiliado Álvaro e a mim próprio em todos os esforços que empregamos para libertar Helena do convento, à última hora nos traiu, reatando as suas relações com o padre Anselmo... Regressando a Braga, alimentava ainda esperanças de a encontrar; mas a morte incumbiu-se de tornar ainda mais negro o mistério que envolve tanto a existência de Helena como a do jesuíta que a arrebatou para sempre à família e à sociedade.

— Pobre Helena! — suspirou D. Aurélia — que negro destino foi o seu!

— Infelicitou-se e infelicitou quantas pessoas se lhe aproximaram. há criaturas assim dotadas deste fatal condão de trazerem o sofrimento e a desgraça consigo.

— E no entanto as suas intenções eram sempre nobres e puras. Ninguém conviveu mais de perto com ela e também por isso ninguém melhor do que eu pode avaliar o tesouro de bondade que se abrigava naquele coração!

— V. ex.a que vai ter-me por vizinho, há de ter paciência, sr.a D. Aurélia, e permitir-me que alguma vez peça às suas recordações o doce lenitivo de me falar de Helena...

— A minha vida é também uma interminável cadeia de amargas tristezas neste solitário canto do mundo, onde nasci e me criei, onde gozei e sofri todas as alegrias e todas as dores da existência... Posso dizer que hoje vivo, como v. ex.a, só de tristes recordações... — replicou D. Aurélia com um fundo suspiro.

A conversação foi interrompida neste ponto pela chegada do juiz e do comendador que desciam ao jardim discutindo entre si o programa das festas em honra de Júlio.

Ao verem-no a distância, em conversa animada com a D. Aurélia, os dois entreolharam-se e, com um sorriso significativo, disse o magistrado:

— Quer ver que andamos, sem o pensar, preparando uma festa de núpcias?

— Pode ser... — replicou o comendador — A D. Aurélia está ainda muito fresca e, se o Júlio tiver juízo, o que deve fazer é casar com ela para se distrair.

Assim dizendo, foram aproximando-se sem darem a perceber nos gestos ou nas palavras a impressão. que aquele encontro lhes causara.

Mais tarde veremos se o juiz tinha razão.

CAPÍTULO 13: DENÚNCIA

João Lázaro fora pontual em comparecer à hora marcada para a ceia que os amigos ofereciam em sua honra, no Palácio de Cristal.

O aventureiro sentia-se intimamente lisonjeado e envaidecido por esta demonstração de afeto e estima que Eugênio de Melo e os seus amigos lhe davam. Mas aparentava grande desdém e indiferença por tudo quanto o cercava, assumindo a atitude altiva e soberana de quem dispensa uma honra quando recebe um favor. Chegou mesmo a dizer a um de seus íntimos, no tom cansado e aborrecido de quem se vê obrigado a aturar importunos:

— Estes idiotas maçam-me, não me largam e oferecem-me banquetes para terem a honra de se sentarem ao meu lado!

— Não será bem isso — replicou o outro delicadamente, para não o ferir — Devemos conceder que a amizade, a justa admiração pelos teus talentos e, acima de tudo uma certa comunhão de ideias, mais que a vaidade pessoal, são as determinantes destas manifestações de que és alvo...

— Comunhão de ideias! — tornou o João Lázaro desdenhoso — Que comunhão de ideias podem eles ter comigo, se são uns idiotas, uns cretinos incapazes de terem no cérebro impenetrável outra coisa que não seja arroz cosido em vez de miolos?

— Talvez tenhas razão, talvez...

— Com toda a certeza que a tenho! Se eu não fosse um homem notável, se não tivesse conquistado uma popularidade que me torna a primeira figura do meu país, cuidas tu que estes imbecis, estes biltres, teriam a generosidade de me pagar um café, quanto mais uma ceia? Eu conheço-os. Querem explorar-me, querem iluminar-se da radiosa aureola de imortalidade que me circunda a fronte. Com os olhos postos no futuro, querem, a troco de uma ceia, que os seus nomes brilhem a par do meu, quando se fizer a minha história e quando os séculos repetirem com admiração o meu nome e o de todos aqueles a quem dei a honra de se aproximarem de mim.

O íntimo, que era um homem sensato, porem delicado, não pôde conter-se que não dissesse:

— Agora, depois de te ouvir, convenço-me de que realmente os idiotas são eles, se pensam como tu dizes... Pois queres que te fale com franqueza?

— Dize lá.

— Creio que outro qualquer que te ouvisse, sem ser eu, juraria que o idiota és tu!

João Lázaro mordeu os grossos lábios e, percebendo que irritara o amigo com a sua estúpida filaucia, mudou de tom e disse brandamente:

— Confesso que fui talvez demasiado violento e um pouquinho injusto na apreciação desses sujeitos, que podem ser muito boas pessoas, e animados das melhores intenções, mas que me irritam profundamente, vindo, com esta futilidade de uma ceia, roubar-me o tempo que necessito para tratar assuntos mais sérios e de que depende a salvação de todos. Porque é preciso que tu o saibas, eu não vim ao Porto unicamente para os amigos me darem de cear...

— Para que então?

— Para ver se querem colaborar comigo na grande obra da salvação pública...

— Já lhes expuseste o teu plano?

— O meu plano é tão vasto que não pode ser resumido num discurso para se repetir a cada um em particular; e é de tal modo melindroso, que também não pode ser publicamente revelado a uma assembleia. Aqui, de duas uma: ou há confiança em mim, ou não ha. Se ha, faça-se o que eu digo, facultem-se-me os meios de que careço e mais tarde se verá a obra grandiosa que projeto e para cuja realização todos devem concorrer. A glória, por isso, será de todos. Eu não a quero só para mim... Se não ha, é inútil perguntar-me o que penso e o que desejo fazer. Se eu submeto o plano à discussão, admitindo emendas e correções, então o plano deixa de ser meu para ser de todos, e eu deixo de ser a cabeça pensante para me converter num simples instrumento como os outros. Ora a isso não me sujeito. Sinto aqui dentro — e batia na testa com ímpeto — alguma coisa de grande e de superior, para que consinta em me nivelar com essas vulgaridades que nada têm feito e nada podem fazer, pela simples razão de que não nasceram para dirigir, nasceram só para serem dirigidas. Ora aí tens a razão porque eu sou às vezes injusto com aqueles mesmos para quem o não devo ser... É que queria ver mais ardor, mais entusiasmo e, sobretudo, mais despreendimento e menos egoísmo naqueles que me rodeiam!...

— Bom! Mas, afinal, o que queres tu?

— Dinheiro!

— Oh, diabo! isso é o mais difícil de obter, porque é isso precisamente o que todos querem...

— Pois se o querem, que m'o ponham às ordens, que o semeiem, que eu lhes volverei cem por um! — exclamou o João Lázaro, convicto. — Não me falta mais

nada. O meu plano está completo. Para o realizar, apenas careço de dinheiro. Dêem-me dinheiro e, dentro em três meses, eu terei mudado a face do país.

— Mas bem vê, meu caro, que isso depende de circunstâncias...

— Quais circunstâncias?

— Se o dinheiro que tu pedes para a realização do teu plano for uma soma tão importante que não esteja nas forças dos nossos amigos...

— Nas forças dos nossos amigos deve estar sempre tudo aquilo de que depende a salvação da pátria. Quando se trata de um caso destes, ninguém está a medir e a calcular o que pode fazer. As forças medem-se pela grandeza da obra e da vontade de cada um para a realizar.

— Não é tanto assim. Convencido estás tu da excelência e eficácia do teu plano, e também mais que ninguém deves sentir o desejo ardente de o realizar. E, no entanto, tropeças na dificuldade suprema de o por em ação e pedes o concurso dos correligionários para que o teu pensamento não fique na categoria das coisas irrealizáveis...

— Certamente. E creio que todos têm obrigação de me ajudar. O bem não é só para mim, o bem é para todos.

— Perfeitamente de acordo. Isso não se discute. O que se discute é se as somas que a realização do teu plano exige estão nas forças dos nossos amigos. Bem sabes aquele aforismo: Onde não ha...

— Pois sim, mas aqui não é o rei que perde, é o povo.

— E o rei ganha, bem sei. Mas se a fatalidade das circunstâncias assim o impõe, o que havemos de fazer?

— Assim o impõe, dizes tu! Nesse caso, já sabes que não há dinheiro! — exclamou João Lázaro num tom de amargo despeito.

— Eu não sei nada! — voltou-lhe o interlocutor. — Isto são apenas considerações que eu faço sobre o que pode suceder. Ainda não me revelaste o teu plano, ainda não me disseste de quanto carecias... Como queres tu que eu saiba se é realizável ou não a soma que desejas? Simplesmente, o que me parece é que, se essa soma for avultada, haverá dificuldade em a conseguir.

— Onde está então o amor desses patriotas à ideia?

— Está no coração. Mas tu bem sabes que o coração sem dinheiro é uma força tão fraca que, hoje, nem sequer remove as dificuldades de um casamento, quanto mais as dificuldades da salvação de um povo.

João Lázaro fez um gesto de supremo desprezo.

— E é por um partido destes que eu penso, trabalho e me sacrifico! Vale bem a pena, realmente, expor-se um homem a todas as violências, a todos os ódios e todas as perseguições, para melhorar a sorte de um povo que não está ainda educado para as grandes reformas sociais! Cuida a gente que encontra ao seu lado crenças profundas, dedicações sinceras, homens capazes de sacrificarem tudo ao seu ideal, e dá mas é com um bando de egoístas, agarrados ao dinheiro como a ostra à casca, incapazes de soltarem um vintém sem se consumirem em cálculos sobre o livro do Deve e Haver! Raça ignóbil de bacalhoeiros ignaros, que estão a pedir João Branco e Pita Bezerra!

Depois desta violenta explosão de cólera, por não achar abertos os cofres dos homens a quem dantes chamava filhos e netos de heróis e aos quais agora malsinava de bacalhoeiros ignaros, visto que não lhe davam o dinheiro que ele queria para sustentar a ociosidade infame, o João Lázaro despediu o amigo com um gesto altivo.

— Bem! — disse ele — tenho entendido. Não se arranja nada. O pior mal é deles. Hão de arrepender-se, mas há de ser tarde...

E consultando o relógio:

— São horas. Vou ao Palácio, à tal ceia, mas recolherei cedo, porque não estou para os aturar. Amanhã, se quiseres, aparece. Mas vem de dia, porque à noite talvez retire para Lisboa.

— O que! Retiras sem conferenciar com os nossos amigos?

— Se me dizes que eles não estão dispostos a sacrificar-se...

— Entendamo-nos! Eu digo apenas o que penso... Mas isto não é nem pode ser tomado como uma resposta decisiva ao teu pedido...

— Não, que eu não peço! — exclamou Lázaro com enfatuada altivez — Eu proponho. Era o que me faltava! Servi-los com as minhas ideias, com o meu talento, com o meu nome e vir ainda implorar-lhes que mo aceitem o favor de os salvar! Se querem ser homens, se querem ser livres, aqui estou eu, pronto a resgatá-los com o meu plano: dêem o dinheiro preciso para o por em execução. Se, pelo contrário, preferem ser escravos abjetos, vis instrumentos de

especuladores sem dignidade nem consciência, fiquem-se com o seu dinheiro e a sua escravidão, que eu por mim não darei mais um passo em benefício de semelhante canalha!

Disse e caminhou para a porta, majestoso e solene como um deus sagrado.

— Vais para a ceia dos teus amigos, não é isso? — perguntou o outro despedindo-se.

— Vou fazer ainda esse último sacrifício à popularidade de um partido que me não merece.

— Pois bem; vai, que eu vou tocar a capítulo, a ver o que se pode arranjar... Tu, porém, tens de ser ouvido...

— Não terei dúvida em falar e expor as coisas com as reservas precisas, se porventura eles estiverem dispostos a entrar nisto a sério. Se, porém, vires que se retraem e que apenas desejam ouvir-me por simples devaneio, peço-te que não me incomodes, obrigando-me a descer até esses bilhostres.

Estendeu-lhe com superioridade dois dedos que o outro apertou, e desceu a meter-se na carruagem de praça, que o esperava à porta do hotel.

— Para o Palácio! — ordenou ao cocheiro.

Pelo caminho, ia monologando:

— Este idiota ficou aterrado com a minha atitude, e estou certo de que vai mover os outros estúpidos a largarem o dinheiro... Se não for assim, à valentona, por boas palavras não se se faz nada... Preciso de lhes apanhar dinheiro para ir até Espanha.

E com um sorriso lúbrico a bailar-lhe nos lábios sensuais, numa atávica reminiscência da tanga:

— Oh! as espanholas... as espanholas são um encanto!

Quando entrou no Palácio, passava já da hora marcada. Os amigos, com Eugênio à frente, vieram recebê-lo numa doida expansão de alegria.

— Cuidei que não vinhas! — disse-lhe Eugênio. — Seria um grande desgosto para nós todos, que te estimamos, mas muito principalmente para estas damas, que nos honraram com a sua presença e que estavam ansiosas por te conhecer.

O aventureiro saudou gravemente, com um forçado sorriso de polidez e, respondeu num tom de pedantesca superioridade:

— Foi em verdade um sacrifício grande para mim o ter de comparecer a esta hora, e tanto que me vi forçado a transferir para amanhã uma reunião importantíssima que devia efetuar-se hoje. Amigos políticos, que desejam ouvir-me sobre negócios da mais alta transcendência, insistiam comigo para que vos enviasse um bilhete de desculpa e não protelasse a reunião que se havia marcado; mas eu recusei-me a aceder aos seus desejos, pois não quero que se diga que sou menos amável com os velhos amigos da mocidade e com as belas e gentis damas que os acompanham.

Seguiram-se as apresentações:

— Senhorita Lola...

— Senhorita Dolores...

— Senhorita Consuelo...

O João Lázaro, com os ademanos de um príncipe, sorria benevolmente a cada um destes nomes, inclinando-se amável, com modos de grande senhor.

Abancaram à mesa e principiou o festim.

A esta mesma hora, a loura Leonor, despedido o comendador Garcia, que havia entrado às sete, vinha debruçar-se à janela, na ansiosa expectativa de sentir ao longe os passos de Eugênio, quando um moço de recados parou à porta da rua, espreitando para o número, e bateu, depois de se certificar de que era realmente aquela a casa que procurava.

A criada desceu a ver quem batia o pouco depois voltou com uma carta.

— Um moço de fretes com esta carta para a menina...

A criada, velha onzeneira e confidente das perfídias ao comendador, usava deste tratamento meio familiar, meio respeitoso, sempre que se achava a sós com Leonor.

— Dê cá! — disse a loura, pegando na carta e examinando o sobrescrito. — Queres ver que é algum maçador a seringar-me com uma declaração?

— O portador não esperou reposta.

— Bem sei que não esperou. Eu estava à janela e vi-o partir logo que entregou a carta.

E rasgou com um sorriso de curiosidade o sobrescrito.

— É singular! O papel não vem perfumado — disse ela, mostrando o papel vulgar em que a missiva vinha escrita.

— É de homem de dinheiro! — comentou a velha, muito prática em negócios de amor. — Os cheiros são para os pelintras que só querem agradar com bugigangas e a respeito de louça... nem um pires!... Homem sério, homem de massas, não está lá com essas coisas... Confia no seu dinheiro e é bastante...

Leonor, sem prestar atenção ao palanfrório da criada, ia lendo numa agitação crescente. Quando chegou ao fim, exclamou horrivelmente pálida, amarfanhando o papel entre as mãos:

— Oh! mas isto é impossível! Isto é uma infâmia!

— O que é, menina? — perguntou a velha serviçal, num movimento de curiosidade.

— Dizem-me aqui — tornou Leonor com voz rouca de comoção — que Eugênio vai casar.

— Casar-se o sr. Eugênio! Credo, menina! Olhe que isso hão de ser ditos de gente que lhe quer mal... Que isto é, eu direi... nos homens não há que fiar... Eles pregam-na na menina do olho e, quando uma pessoa mal cuida, parece que estão muito seguros e põem-se a avoar!

Leonor, agitadíssima, relia o papel para se certificar de que não tinha compreendido mal o que nele se lhe dizia e que era o seguinte:

“Uma pessoa amiga, que muito a estima e que daria a vida para lhe ser agradável, julga dever avisá-la de que Eugênio de Melo acaba de pedir em casamento uma menina de rara beleza, filha única de um capitalista muito conhecido nesta cidade, e que o enlace se prepara para muito breve.

“Na roda dos rapazes finos, onde este acontecimento é muito comentado, discute-se de maneira bastante humilhante para a gentilíssima Leonor o procedimento de Eugênio.

“Uns afirmam que ele, cansado da amante, aborrecido de uns amores que já não lhe oferecem encanto nem prazer, busca pelo casamento com uma menina

rica, prendada, e muito formosa, a quem ama apaixonadamente, libertar-se de umas relações que considera desprezíveis e impróprias da sua dignidade. Outros sustentam que, pelo contrário, Leonor e Eugênio, receando que o comendador Garcia, de um momento para outro, escandalizado com o mau uso que ambos fazem do seu dinheiro, suspenda pagamentos, combinaram que o melhor era garantirem-se contra a miséria provável, casando Eugênio com uma mulher de dinheiro e ficando Leonor a receber dele o preço dos seus amores como agora o recebe do comendador Garcia.

“Quem estas linhas escreve tem a certeza de que Leonor é vilmente atraída por Eugênio, e por isso caridosamente a previne deste fato, a fim de evitar que a sua reputação, continue a ser infamemente enxada pelos mais íntimos amigos do pérfido e ingrato amante.

“Se for discreta e prudente e quiser informar-se em segredo da veracidade deste aviso, a pessoa que lhe escreve esta carta estará amanhã às 11 horas em sítio de onde aviste a sua casa. Se a janela do meio estiver aberta, a sala iluminada e no piano se ouvir a valsa Leonor, é sinal de que deseja recebê-la e então essa pessoa apresentar-se-á para lhe dar todos os esclarecimentos que desejar.

“Até lá, silêncio e discrição é a única coisa que se recomenda.”

Relida esta carta em voz alta, Leonor encarou desvairada a velha confidente, exclamando:

— Se é verdade isto que aqui se diz, mato-o!

— Credo, menina! — bradou a velha benzendo-se — Isso são tentações do demônio! Deixe lá, não faça isso, que não vale a pena uma pessoa ir pagar c'os ossos na cadeia um burro ruim por um bô! Homens há muitos, tão bôs e melhores do que aquele... Olha agora, se a menina, com uma carinha dessas, que parece mesmo uma imagem, não achava homem que lhe desse o merecimento senão aquele! Credo! andam aí rapazes como uns soes, babadinhos pela menina que tomaram eles quem lhes desse atenção... Era só a menina abrir a boca e veria!... Eu é que não quero dizer nada, mas tenho observado muita coisa... Só eu é que sei!

— Que e o que você tem observado, Joana? — interrogou Leonor roída da curiosidade de saber alguma coisa que lhe esclarecesse a perfídia de Eugênio.

— Tenho-os visto por aí a oferecer-me prendas se eu fizer com que a menina lhes dê atenção... Mas eu cá... como a via virada p'ró sr. Eugênio... mal haja ele, se é certo o que diz a carta!

— E você nunca ouviu dizer nada, Joana? Nunca ouviu que Eugênio tivesse outro namoro?

— Não, lá isso, na minha salvação se eu ouvi boquejar nem tanto como isto!

E mostrava a ponta da unha suja, para indicar o termo da comparação.

— Mas será verdade? — tornava a loura passeando agitadamente na sala — Ele terá ânimo para me fazer uma afronta destas, sabendo quanto o amo, quanto me tenho sacrificado por ele?

— O amor dos homens é como a folha do olmo... ora vira para um lado, ora p'ró outro, menina...

— Oh! mas isto é impossível! Eu não lhe mereço um tamanho desprezo, uma tamanha perfídia! É preciso que um homem seja muito infame para abusar assim do amor de uma pobre mulher, para andar assim nas trevas preparando um golpe de morte ao meu coração!

E irritada, anelante de desespero torcia as mãos, com frenesi.

A velha apaziguava:

— às vezes *támem* se diz mais do que é...

— Mas diz-se, e nada se diz sem motivo... Além disso, esta carta não pode ser uma impostura, porque a pessoa que a escreve presta-se a dar-me esclarecimentos... E ninguém ousaria vir comprometer-se afirmando uma coisa que mais tarde se saberia ser mentira... Oh, meu Deus! meu Deus! que mal te fiz eu para me fazeres tão desgraçada?! — exclamou por fim, rompendo em soluços.

— Desgraçado é o diabo! — consolou a velha Joana — Quem conta um conto sempre lhe acrescenta um ponto... Isso às vezes pode ser que não seja tanto assim... Mas se for, o que a menina deve fazer é botar o coração ao largo... Mal por mal, antes disso do que o sr. *comandador* Garcia dar por ela e não tornar cá... Antão sim, antão é que a menina se devia afligir, porque o amor é muito bonito, mas sem dinheiro não se arranja nada...

— Cale-se, Joana, cale-se! — bradou Leonor num ímpeto de desespero — Você pensa como ele, que também vai atrás do dinheiro, sem se lembrar que eu, para o amar, não estive a fazer cálculos nem a perguntar-lhe quanto possuía! Oh! mas eu lhe juro que não chegara a gozar esse maldito ouro pelo qual me troca!

Miserável! neguei-lhe eu alguma vez todo o dinheiro que me pedia? Sendo uma pobre mulher, vivendo unicamente da proteção de um homem, eu nunca hesitei em sacrificar todos os meus recursos, o meu dinheiro, as minhas joias, a minha posição — o próprio amor do homem que me sustenta — às suas necessidades, aos seus caprichos, aos seus prazeres! E anda em segredo tratando casamento com outra, vendendo ao dinheiro dela o meu coração, o meu sossego, a minha tranquilidade! E expõe-me aos ditos e às chufas dos seus amigos, arrasta o meu nome pelas mesas dos botequins onde me julgam capaz de me associar a ele na infame exploração de uma mulher! Oh! a ser verdade, mil vidas que ele tivesse não chegariam para pagar esta afronta!

No íntimo de Leonor tumultuavam todas as paixões que podem agitar um peito de mulher: o amor desprezado, o amor próprio ofendido, a vaidade irritada, o ódio, o ciúme, enfim.

A velha encarava-a receosa, sem já se atrever a proferir palavras de prudência ou de banal consolação.

De pé, a um canto, com as mãos cruzadas sobre a barriga, limitava-se a suspirar, murmurando em voz lamurienta:

— Seja pelas almas! Ninguém diga que está bem... Nossa Senhora do Alívio nos acuda pela sua infinita misericórdia!

Decorreram assim algumas horas. Por fim, Leonor, mais tranquila, pareceu tomar uma resolução.

— Joana — disse ela — de tudo isto que aqui se passou, você não dá uma palavra ao sr. Eugênio.

— Ó menina! Credo! — protestou a velha — a minha boca não se abre para nada! Não diga a menina coisa nenhuma, que eu *támém* faço de conta que nada *assucedeu*... Mas a menina é capaz de não ter mão em si e começar-lhe por aí com climas, que ele logo desconfia...

— Eu nada digo. Preciso inteirar-me da verdade, e para isso não convém que Eugênio suspeite que alguém me disse qualquer coisa...

— Por mim, não é que ele há de desconfiar nada! E olhe que se a menina fizer isso, anda às horas!... Ao menos, assim, não dá lugar a que ele se encubra. E depois de se infirmar da verdade, já fica sabendo quem tem...

— É justamente isso o que eu quero.

— Porque às vezes — comentou a velha — *támem* são *malquerências*... Pobre do rapaz! pode ser que às vezes nem lhe passe pela cabeça nenhuma coisa dessas e lhe estejam a alevantar esse falso testemunho, só p'ra amor da menina se dar mal *co'ele*... Olhe que no mundo *támem* hão muitas *invejidades*!...

— Pois é por isso... — tornou Leonor dominando-se — Eu vou-me deitar... Não desejo que ele me encontre a pé quando vier... E como isto é contra o meu costume, vocemecê, amanhã, quando eu a chamar ao meu quarto, a primeira coisa que tem a fazer é perguntar-me se estou melhor...

— Bem sei; a menina quer-se *infingir* doente esta noite p'ra ele não desconfiar...

— É isso mesmo. Vocemecê não esquece isto que lhe digo?

— Ora essa! Agora esqueço!...

— Bem! Boa noite! Pode-se ir deitar...

— Então, com bem passe a noite, menina!... Se for preciso alguma coisa, não tem senão chamar...

Quando Eugênio recolheu a casa, era madrugada. A ceia prolongara-se e a alegre companhia das espanholas tivera o singular condão de fazer voar as horas com a rapidez de minutos.

Não foi sem um íntimo constrangimento que o boêmio penetrou, às quatro horas da manhã, no quarto da amante.

Conquanto a tivesse prevenido de que recolheria tarde, por motivo da ceia oferecida a João Lázaro, esperava uma cena de ciúmes, recriminações e queixas, como sucedia sempre que a fazia esperar.

Foi, pois, com grande surpresa que a encontrou deitada e, ao parecer, tranquila.

— Deitaste-te? — disse ele — Fizeste bem, minha querida. A ceia prolongou-se mais do que eu esperava, e depois, conversa daqui, anedota de acolá, quando demos conta de nós eram estas horas que vês!

Leonor afetava uma grande serenidade e respondeu com ternura:

— Estava ansiosa que viesses, porque me senti muito incomodada... Deitei-me por não poder estar de pé, mas não tenho dormido...

— Estás doente, meu amor! O que foi isso? O que sentes?

— Nem eu sei o que isto foi! Comecei a sentir muito frio e grandes dores de cabeça... E creio que tive uma ponta de febre...

— Foi constipação, com toda a certeza! És uma descuidada, não te agasalhas... Quando Deus quer, puseste-te por aí à janela, a ver quando eu chegava, e deu-te esse resultado!

— Não! Como sabia para onde tinhas ido, não te esperava senão mais tarde... Não sei, não posso calcular do que isto fosse...

— Mas estás melhor, não é verdade?

— Sim... agora sinto-me um pouco melhor... Depois que tomei uma chávena de chá bem quente, as dores abrandaram-me um pouco...

— Para que deixaste deitar a Joana? Ela podia ter ido chamar-me... Tu sabias onde eu estava, e se mandasses dizer-me o teu estado, viria imediatamente.

— Não valia a pena ir incomodar-te por uma coisa tão ligeira... Isto passa.

A conversação prosseguiu assim serena, e amigável, podendo Leonor ocultar aos olhos do amante o terrível inferno que lhe ia n'alma.

O boêmio, confiado e desprevenido, acreditou na simulada doença da formosa loura e atribuiu a isso a palidez mortal que no dia seguinte lhe notou nas feições.

Ela, pela sua parte, ameigava a voz, mostrava-se doce e carinhosa, mais ainda do que de costume, e quando chegou ao fim da tarde e o boêmio teve de sair para dar lugar ao comendador Garcia, foi com um transporte de ternura infinita que lhe disse:

— Peço-te que não venhas tarde, mas também não desejo que sacrifiques a companhia dos teus amigos à ideia de que estou mal, porque, felizmente, sinto-me melhor...

— Não, eu venho cedo...

— A que hora?

— Depois da meia noite. Mas tu deita-te, não me esperes a pé, filhinha...

— Sim... se me sentir doente, deito-me, e a Joana, quando tu vieres, servir-te-á a ceia, se ainda não tiveres ceado...

— Nesse caso, combinemos assim: eu ceio hoje fora para não dar trabalho à criada quando recolher. E tu não me esperas a pé... Valeu?

— Pois sim.

Beijaram-se e o boêmio partiu a encontrar-se com os amigos no botequim.

Pelas onze horas da noite, e tendo já saído o comendador Garcia, Leonor, com a janela do centro aberta e a sala iluminada, sentou-se ao piano e começou executando a valsa Leonor, conforme o seu anônimo correspondente lhe havia indicado.

Quando mais não fosse senão a natural curiosidade de conhecer quem lhe escrevia denunciando-lhe a atroz perfídia de Eugênio, já era motivo mais que bastante para que Leonor aceitasse o oferecimento que se lhe fazia e desse o sinal convencionado. Mas, muito mais que isso, imperava no espírito da ardente rapariga o sentimento do ciúme e o irresistível desejo de conhecer toda a verdade.

Ainda a valsa não tinha chegado aos últimos compassos e já à porta da rua carregava no botão da campainha elétrica um homem, embuçado numa ampla capa à espanhola e tendo oculto o rosto pelas abas largas de um chapéu de feltro.

A velha Joana desceu a escada e, abrindo a porta, franqueou a entrada ao desconhecido, indo em seguida postar-se de vigia em outra janela, para avisar da chegada de Eugênio, se acaso o pressentisse na rua.

Leonor, tendo descido a vidraça e corrido o *store*, esperava o denunciante, de pé, na sala, com o coração palpitante de ansiosa curiosidade.

O desconhecido entrou desembaraçadamente, fechou a porta sobre si e, parando em frente de Leonor estupefata, desembuçou-se, tirou o chapéu e disse, inclinando-se em garboso cumprimento:

— Não esperava que fosse eu, não é verdade?

— O senhor! — disse Leonor com pasmo, reconhecendo no embuçado as feições de João Lázaro.

— Eu mesmo, é verdade! — replicou João Lázaro num tom meio grave, meio galanteador; — julgava-me bem longe do Porto e completamente esquecido desse rosto lindo... Bem vê que se enganou e que o interesse que uma vez despertou na minha alma não desapareceu, antes mais se fortaleceu e acrisolou com a ausência.

— Mas, perdão! — tornou Leonor, franzindo o sobrolho num gesto de impaciência — creio que não foi para insistir nos seus protestos de estima que aqui veio...

— Bem sei! Está impaciente por conhecer toda a negra perfídia de Eugênio... Vamos de vagar, minha querida, e deixe-me primeiro expor-lhe quais os motivos que me impeliram a dirigir-lhe a carta que ontem recebeu...

— Mas não estão eles expostos nessa mesma carta? Se, como creio, os fatos nela relatados são verdadeiros, basta a existência desses fatos para explicar o seu procedimento...

— Perdão, minha adorável e gentil senhora! Tenho visto cometer muitas perfídias, tenho sido testemunha de vilanias e infâmias bem censuráveis, e nem por isso me tenho julgado no dever de intervir em favor das vítimas. E isto por duas razões bem simples: a primeira, porque, hoje em dia, no mundo a velhacaria, a traição, é moeda corrente; e a segunda, porque as pessoas a quem tenho visto ludibriar e escarnecer são em geral criaturas pelas quais o meu coração não se interessa. Ora com a gentil Leonor não estamos no mesmo caso. Creio que já em tempo lhe declarei, e bem sinceramente, quanta simpatia, quanto interesse e quanta dedicação a sua estonteante formosura despertava na minha alma... Não me quis atender, ou melhor, não tive a fortuna de lhe merecer a mais ligeira estima. Outro mais feliz, porém imensamente menos digno e mais ingrato do que eu, teve a doce ventura de tocar o seu coração. Fui preterido. Paciência! O que nessa preterição houve de injusto e cruel para mim o de imerecido para ele vai agora a adorável e encantadora Leonor sabê-lo...

— Por Deus, sr. Lázaro! conte-me tudo, não me oculte nada!

— É então certo que o ama muito? — perguntou o aventureiro com um sorriso irônico.

Leonor franziu ainda o sobrolho e respondeu num ímpeto de irreprimível desespero:

— Não sei se o amo, se o aborreço; sei que desejo saber quem é, como se chama e onde mora a mulher com quem vai casar. Sei que o sr. acusa Eugênio de me haver iludido, de me haver trocado por outra, e de me haver ultrajado,

fazendo supor que eu e ele entramos de sociedade e de íntimo acordo num casamento de exploração infame. Estas acusações são gravíssimas, quer para o caráter de Eugênio, quer ainda para o meu coração de mulher. É preciso que o senhor justifique perante mim, sem subterfúgios e sem rodeios, tudo quanto ontem me escreveu, aliás...

— Aliás? — interrogou João Lázaro, sorrindo.

— Aliás terei o desgosto de lhe meter uma bala na cabeça.

E, num arrebatamento de justa indignação, os olhos faiscantes, os lábios descorados e trêmulos, Leonor tirou do bolso do vestido um pequeno revolver, com coroa de marfim, e apontou-o a João Lázaro.

— É justo! — disse ele tranquilamente, sem perder a linha do amável galanteador. — O castigo deve sempre igualar o delito, e eu não mereceria outra punição se caluniasse de maneira tão infame o homem que a senhora ama e que, além disso, é meu amigo... Mas, vejamos: se a mentira merece ser punida, a verdade não tem direito a ser premiada?

— O que quer dizer?

— Uma coisa muito simples e ao mesmo tempo muito justa. Se eu minto, mata-me... Se eu falo verdade, não é justo que me dê vida? Porque é preciso que o saiba, Leonor: a morrer de amor por esse esquivo e ingrato coração, que a outro se abandonou, ando eu há muito tempo!

Leonor encarou-o com altiva dignidade:

— É o meu coração o que me pede ou... a minha beleza?

— Tudo, Leonor! Desejo tudo quanto pode dar-me a vida, a felicidade, que sem o seu amor não existe para mim, e que outro ingrato indignamente me tem usurpado! Prometa-me que não me recusará a esmola que lhe imploro do seu afeto, e terá de mim a prova evidente, clara, irrecusável, da negra perfídia de Eugênio!

Leonor ficou um momento perplexa, fitando o João Lázaro atentamente, como se quisesse ler-lhe no rosto os pensamentos mais íntimos. Por fim, respondeu:

— O meu coração, por enquanto, não está livre.

— Mas se aquele que neste momento o ocupa for dele expulso, como merece, poderei ao menos contar com um ínfimo lugar no mais afastado recanto do seu peito, Leonor?

— Não costumo ser ingrata para os que uma vez me provaram dedicação e estima sincera.

— Não o será então para mim, porque, desiludindo-a, dou-lhe a prova mais completa de quanto lhe quero, de quanto a amo!

A loura indicou uma poltrona a João Lázaro e recostou-se no sofá que lhe ficava próximo.

— Assim entendidos — disse ela — queira dar-me as explicações que me prometeu.

— Perdão, minha querida! — tornou o aventureiro, sorrindo amavelmente — Por enquanto ainda não passamos de promessas vagas, que a nada obrigam...

— O que deseja então?

— Que me prometa, que me jure duas coisas...

— Dirá.

— A primeira que será discreta, que obedecerá em tudo e por tudo às minhas indicações, para chegar a obter a certeza absoluta da infidelidade de Eugênio.

— Prometo.

— A segunda é que, confirmada a minha acusação e adquirida a certeza completa dos fatos que lhe aponto, conceder-me-á uma hora de felicidade, ao menos, consentindo que eu ocupe durante ela, o lugar que, nesta casa, ocupava Eugênio...

A loura hesitou, tomada de invencível repugnância por este homem que mercadejava infamemente com a paixão terrível que abrasava o seu coração de mulher ciumenta.

— E se eu recusar essa última condição? — perguntou.

— Calar-me-ei, deixando-lhe o direito salvo de indagar por si o que pode ficar sabendo desde já.

— Pois bem, prometo. Fale e diga tudo o que sabe!

— Vê que confio na sua promessa e que não lhe peço como penhor a mais leve liberdade, nem sequer o adiantamento de um beijo...

— É de mais! — bradou Leonor, colérica e impaciente. — Se veio aqui, para se divertir à minha custa, fez muito mal, porque pode sair-lhe cara a brincadeira!

— Ora vamos, minha querida... sossegue! — voltou o Lázaro com um sorriso cínico. — Bem vê que eu sou incapaz de abusar da sua credulidade, submetendo o seu coração a um rude sofrimento por mero gracejo. Mas estes casos, por isso mesmo que são graves e sérios, querem-se meditados e refletidos. Temos obrigação de os encarar com serenidade e sangue frio, para procedermos com acerto e prudência.

— Pois bem; eu estou tranquila e, se alguma impaciência me nota, é apenas a de ouvir as revelações que me interessam e que certamente me vai fazer.

— Ora muito bem! — principiou o João Lázaro. — Disse-lhe na minha carta que Eugênio pediu em casamento uma menina formosa e rica. E disse a verdade.

— Como se chama essa menina?

— Beatriz.

— Onde mora?

— Na rua do Breiner e é filha do capitalista Custódio de Jesus.

— Diz então que o casamento está projetado para breve?

— Digo.

— Nesse caso, essa menina ama-o?

— Tanto não sei, mas é de supor que sim, visto que está disposta a recebê-lo por marido. O que, porém, não oferece dúvida é que Eugênio a ama, pois que pediu a sua mão.

— Foi Eugênio quem lhe disse que ia casar?

— Eugênio nada me disse. Não atraíção, portanto, o amigo, descobrindo o seu segredo...

— Como o soube então?

— Se é público e notório! Se nos cafés não se fala de outra coisa!

— Não será isso uma invenção de rapazes levianos, que gostam de se divertir à custa alheia?

— Citam-se nomes e fazem-se comentários. Além disso, a pessoa que mais particularmente me elucidou deste caso não conhecia Eugênio e veio pedir-me informações a seu respeito.

— O que lhe disse?

— O que não podia deixar de dizer de um homem de quem sou amigo: que Eugênio é muito bom rapaz, um cavalheiro a toda a prova.

— Mas é forçoso impedir esse casamento!

— Talvez não seja impossível.

— Conhece o pai dessa menina, esse tal Custódio de Jesus?

— De vista apenas. Não tenho com ele relações pessoais; mas conheço amigos íntimos seus. O que deseja dele?

— Informá-lo de que Eugênio mantém relações comigo e fazer compreender que não deve dar a filha a um homem que tem uma amante...

— Está doida! E o comendador Garcia?

— Que me importa a mim o comendador Garcia, contanto que Eugênio não case! — bradou Leonor, erguendo-se arrebatadamente do sofá em que se achava sentada e dando alguns passos pela sala, numa agitação indescritível.

— Venha cá, sossegue! — disse João Lázaro, tomando-lhe a mão. — Prometeu-me obedecer a todas as minhas indicações, e é forçoso que cumpra o que prometeu.

— Pois sim... Diga então o que devo fazer...

— Em primeiro lugar, certificar-se de que é verdade o Eugênio traí-la.

— Como?

— Pela sua criada, que deve merecer-lhe toda a confiança...

— Merece...

— Pois a sua criada procurará travar relações com alguma das criadas de Custódio de Jesus, e por esse modo saberá o que há de verdade acerca do que se diz. Os criados sabem tudo e são os melhores informadores deste mundo.

— E obtida a certeza?

— Obtida a certeza, nada diz a Eugênio até ao momento que eu lhe marcar. Faz isto?

— Faço.

— Que Eugênio não suspeite que lhe está no rasto da perfídia.

— Não suspeitará.

— E eu voltarei a informá-la.

— Quando?

— Quando tiver obtido todos os informes que precisamos.

— E até lá nada devo dizer nem fazer?

— Nada, senão isto: por a sua criada em relações com as criadas do Custódio de Jesus.

— Mas sabe que me condena a uma tortura horrível? Como quer que eu, com o inferno no coração, guarde silêncio e me sujeite às dilações de uma informação tão morosa? Eu preciso de resolver e atuar imediatamente! Não está no meu gênio ocultar por muito tempo o que me vai n'alma...

— As circunstâncias impõem-lhe dissimulação e prudência.

— As circunstâncias! Qual é a mulher que no meu caso atende às circunstâncias?

— Todas. No seu caso, todas — replicou João Lázaro com reflexiva gravidade.

E amaciando a voz, num tom de convicção profunda:

— Ora venha cá! — disse ele — Deixe-me pensar pela senhora e defender os seus interesses, o seu futuro, a sua posição, uma vez que essa cabecinha transtornada não se mostra em estado de pensar coisa alguma com acerto. E, creia, foi principalmente por isso que não quis logo dizer-lhe tudo na minha carta... Calculei que faria escândalo se não tivesse ao seu lado alguém que a dirigisse, e procedi de forma a obrigá-la a ouvir-me e a atender-me...

— Pois sim... já o ouvi e já o atendi... Mas o que não posso, o que os meus nervos não consentem é, obtida a prova da perfídia de Eugênio, remeter-me a uma passividade absoluta, deixando que o infame realize os seus torpes intentos!

— Não seja criança e vamos a ver se consigo convencê-la de que um escândalo ruidoso nada impede e a mais ninguém prejudica senão à senhora...

— Só a mim, diz?

— Sim, só à senhora. Ora ouça, Leonor: Imagina que se se apresentar em casa de Custódio de Jesus e disser: “eu sou amante ostensiva do comendador Garcia, e o Eugênio de Melo é o meu amante clandestino”, essa declaração pesará no espírito do abastado capitalista o bastante para impedir o casamento?

Leonor baixou os olhos e não respondeu. João Lázaro continuou:

— O mais que com isso poderá fazer, é provocar explicações da parte de Eugênio que, bem longe de negar, confessará essas relações, que nada afetam a reputação de um rapaz livre e em pleno gozo da sua mocidade; pois, infelizmente, toda a gente considera perdoáveis uns amores que sempre se calculam do duração efêmera e que, por isso mesmo, ninguém toma a sério.

A loura ergue-se como impelida por oculta mola. Os olhos faiscaram-lhe de cólera, numa indignação suprema.

— Ninguém toma a sério o amor de uma mulher como eu! — exclamou ela — E porque? Acaso o meu coração vale menos do que o de outra mulher? Acaso sou eu uma criatura diferente de todas as outras, e por isso condenada a não sentir no meu coração os doces afetos que são a vida e a felicidade ainda dos seres mais desprezíveis e obscuros? Não terei eu o direito de amar e de exigir que o homem que despertou na minha alma o terno sentimento a que jurou corresponder cumpra lealmente os seus juramentos?

João Lázaro ouviu impassível esta rajada de indignação, sem perder um só instante o sorriso meio amável, meio irônico, que desde o princípio lhe brincava nos lábios.

— Tem razão — disse ele por fim — Mas que quer, minha querida? A sociedade é quase sempre cruel e iníqua nas suas decisões; e aí está precisamente um caso em que ninguém, da boa fé, poderá atribuir-lhe retidão e justiça. No entanto, como a sociedade é que dita a lei pela qual cada um se rege, segue-se que Eugênio, na sua perfídia, tem a seu favor a lei, que todos acatam, ao passo que a senhora tem apenas a razão, que ninguém atende.

— há de pelo menos atendê-la ele!

João Lázaro teve uma gargalhada de zombaria.

— Não o creia, minha querida! Se Eugênio prestasse ouvidos à razão, se ao menos tivesse uma sombra de respeito por esse coração que ele esmaga, por esse amor que calca aos pés, não teria pensado em casar-se. Mas, digo-lh'o eu, e a senhora vai em breve ter a confirmação do que lhe assevero, o Eugênio pensa, em se fazer homem sério por meio de uma aliança vantajosa e respeitável, e está disposto a romper os laços de uma afeição que nunca reputou duradoura nem digna dele.

— Esbofeteá-lo-ei publicamente como a um verdadeiro canalha que é! — bradou Leonor completamente dementada.

— Eis o perigo! Eis o gravíssimo desatino que eu me julgo no dever de impedir, porque a amo, porque a estremeço, Leonor, e porque nunca poderia absolver-me de ter sido eu a causa indireta dessa grande loucura! O que lucraria com isso? Fazer um escândalo cujo ridículo cairia inteiro sobre a senhora? Obrigar a que a discutissem nos cafés e a ultrajassem nas conversações particulares, como a uma mulher desprezada, uma mulher publicamente repelida? A sociedade é assim, minha querida amiga! Não perdoa aos vencidos. E depois, o ruído deste escândalo chegaria aos ouvidos do comendador Garcia, seu protetor. Por muito que ele lhe queira, por muito que transija com os despóticos ímpetos do seu temperamento e do seu coração de mulher galante, bem vê, Leonor, que seria criar-lhe uma situação que nenhum homem, nem mesmo o comendador Garcia, poderia aceitar... O rompimento, portanto, com este seria inevitável, e daí um acréscimo de desgraça e mais um motivo de prazer para todos aqueles a quem o seu desdém tem magoado. Repare bem nisto, Leonor, olhe que é um amigo sincero e verdadeiro que lhe está falando.

— Mas o que devo então fazer, santo Deus! — clamou a formosa Laura, estorcendo as mãos em desespero.

— Ter prudência e esperar.

— Ter prudência! Esperar... o que e como?

— Nunca ouviu dizer, Leonor, que a vingança é o prazer dos deuses? Pois tenha prudência e vingue-se, Leonor...

— Vingar-me? Sim! quero e hei de vingar-me... Porém, como? Como é que eu hei de levar a cabo essa vingança tremenda que o meu coração anela?

— Primeiro, convença-se serenamente do delito. Depois, julgue com provas à vista, e fulmine a condenação que o seu coração lhe ditar. Para a auxiliar na execução da sentença, cá estou eu. Façamos uma aliança, um pato íntimo, para nos auxiliarmos um ao outro. Eu ajudá-la-ei a vingar-se do homem que a traiu; a senhora ajudar-me-á a...

— A que?

— A realizar grandes empresas que premedito...

Leonor fitou-o com uma viva curiosidade.

— E que empresas são essas?

— Mais tarde lh'o direi... Por enquanto, basta só que saiba que podemos auxiliar-nos reciprocamente com grande vantagem e interesse para ambos. Posso contar com a senhora?

A loura hesitou. Por fim respondeu:

— Pode. Mas há de de ajudar-me a impedir o casamento de Eugênio, ou, pelo menos, a vingar-me dele.

— Isso mesmo é o que eu lhe estou propondo.

— Está bem! — disse a loura estendendo-lhe a mão — pode contar comigo.

João Lázaro embuçou-se no capote, carregou o chapéu sobre os olhos e dispôs-se a sair.

— Amanhã voltarei à mesma hora — disse ele à saída. — E o sinal convencional para eu saber que me recebe, pode ser o mesmo de hoje.

— Espere! — refletiu a loura — Se às vezes, por qualquer motivo, não me for possível recebê-lo...

— Claro está que não dá o sinal.

— Mas se me for preciso preveni-lo de que pode vir mais tarde...

— Toque então a marcha da Cadiz.

— Está bem.

— Ainda mais — tornou o Lázaro — se quiser prevenir-me de que não venha no dia seguinte, substitua a marcha da Cadiz pela Cavalaria Rusticana. Ouvindo-a, já fico sabendo que só poderei vir dois dias depois.

— Não se dará esse caso, mas sempre é bom prevenir...

— Compreendeu-me perfeitamente. Até amanhã.

— Até amanhã.

O aventureiro tomou a mão de Leonor, depositou nela galantemente um beijo, e saiu.

CAPÍTULO 14: MISERÁVEL!

João Lázaro recolheu ao hotel e no dia seguinte batia à porta de Jorge. Era uma casa modesta, de homem só, em que se notava o natural desarranjo de quem não tem os cuidados inteligentes de uma mulher a dirigir o serviço doméstico.

— Venho fazer-te a prometida visita — disse João Lázaro ao amigo que estava já sentado à banca no seu gabinete de trabalho.

— Bem vindo sejas, meu caro! — voltou-lhe Jorge, interrompendo a escrita e indicando-lhe uma cadeira.

— Sempre a trabalhar! — disse João Lázaro com um sorriso de curiosidade. — Em que diabo te ocupas agora?

— Tomo apontamentos para um bosquejo histórico... Bem vês, a história é a minha paixão...

— Bonito entretenimento para quem não tem que fazer...

— Que queres? Em alguma coisa se há de matar o tempo...

— Olha lá, porque não colaboras tu no jornal que eu dirijo em Lisboa?

— Eu!

— Sim, que dúvida? O teu auxílio podia ser-me de imensíssima utilidade. Há tão pouco quem escreva bem, e tu estás aí a desperdiçar talento num trabalho obscuro que ninguém lerá, que a ninguém importa, quando podias brilhar entre os primeiros, tornares-te lido, popular... Queres?

— Eu não! Detesto os jornais políticos, bem o sabes, e principalmente os da tua cor.

— Mas, homem, eu não te peço a colaboração política, posto que ela me fosse extremamente agradável e vantajosa... Mas, ao menos, a colaboração literária. A literatura pertence a todos os campos e não impõe solidariedade de princípios, nem sequer afinidade de ideias políticas. O meu jornal está a precisar de sangue novo... Eu esforço-me por fazer dele um jornal moderno, mas sou só e todo o meu esforço se perde por não ter uma pena vigorosa, uma pena brilhante que me secunde. Além disso, o público não está educado, o público não compreende o que é bom nem o que é mau, e daí resulta preferir o mau a que está habituado, deixando no olvido e na indiferença o que é bom!

— Por esse lado, tenho eu a certeza de que não me havia de escassear público... — disse Jorge rindo. — Mas não, meu caro, eu não estou resolvido a colaborar em jornais...

— Fazes mal! O jornal é ainda hoje uma arma formidável, a única que a sociedade respeita, porque é a única que a faz tremer.

— Mas eu não pretendo amedrontar ninguém — tornou Jorge impassível. — Não tenho ambições, não alimento a vaidade de querer tornar-me célebre por nenhum título, e portanto prefiro o sossego, a tranquilidade do meu gabinete e a suave alegria de um estudo que me não cansa à luta violenta do jornalismo diário, famulento Minotauro, que consome vida, atividade, talento que a todos aproveita, menos a quem lh'o sacrifica. Deixemos isso, meu João, e dize-me: sempre partes hoje para Lisboa?

— Não. Demoro-me ainda por cá uns dias, não sei quantos...

— Bem! Folgo com a tua permanência entre nós... É sinal de que tiveste bom acolhimento por parte dos teus amigos...

João Lázaro fez uma careta de despeito.

— Uns pulhas, os tais meus amigos!

— O que! Acaso não estás contente com eles?

— Queres que te fale com franqueza? A ti posso dizer tudo, porque és meu amigo...

— Bem sabes que não tenho o menor interesse em revelar as confidencias que me fazes.

— Pois bem; declaro-te que estou arrependido de me haver sacrificado por um partido de verdadeiros bilhostres!

— Ai, já?!

— Já! E, com franqueza, agora não me fica bem recuar... seria um escândalo comprometedor da minha popularidade, do meu nome... Mas, acredita, que se fosse coisa que eu pudesse fazer sem dar nas vistas, fazia-o sem a mais leve hesitação.

— Não podes... isso com certeza não podes — tornou Jorge.

— Pois esse é todo o meu desespero! Tenho de permanecer atrelado a estes imbecis que numa hora de irreflexão surpreenderam a minha camaradagem, e não posso tirar deles a vingança que merecem!

— Mas de que te queixas? Qual é o motivo do teu desgosto?

— São uns miseráveis! Não há quem lhes apanhe dinheiro para nada... Estou comprometido, cheio de dívidas, porque tenho gasto somas enormes, tudo para honrar o partido e sustentar o brilho do meu nome, única coisa que ainda dá importância a esse agrupamento de idiotas...

— És modesto, João! — interrompeu Jorge rindo.

— Que diabo! entre amigos não há necessidade de estarmos com cerimônias. A verdade é esta...

— Tens razão. *Inter amicus non est gerigonça*, dizia-se no meu tempo. Continua.

— Pois imagina que eu tinha fantasiado um projeto que não passava de um plano bem combinado para arranjar uma soma de que preciso para me livrar de apuros. Bato à porta dos correligionários mais endinheirados de Lisboa e digo-

lhes que preciso de vir ao norte combinar com os nossos amigos um golpe decisivo, mas que não posso vir sem dinheiro, porque ele é, ainda hoje como sempre, a grande arma, a suprema força. Claro está, eu não pedia para mim, pedia para o serviço do partido, para o triunfo da causa... Calcula lá as dificuldades que tive de vencer para lhes arrancar os magros cobres com que fiz a viagem?

— Cálculo, cálculo... o dinheiro é sangue!... — disse Jorge com sarcasmo.

— É sangue... mas não têm eles obrigação de dar o sangue pela pátria?

— É que eles não estão talvez bem convencidos de que a pátria és tu...

— Eu sintetizo a pátria! sou a sua verdadeira imagem, pelintra e cheio de necessidades como ela! Dar-me dinheiro a mim é dá-lo à pátria, porque ela tem por dever sustentar-me, como eu tenho por nobre missão o salvá-la! Pois os grandes burros não se capacitam disto!

— Mas, afinal, de que tens tu vivido?

— Deles. Hoje um, amanhã outro, todos têm ido largando os cobres, persuadidos uns de que a coisa estava para já, outros pela simples vaidade de se aproximarem de mim e de partilharem da minha glória... Mas agora começam a retrair-se, e sei que alguns até já têm dito que lhes sou pesado em demasia! Vê tu lá, acham pesado o mais brilhante ornamento do seu partido!

— O mundo está cheio de ingratos, meu caro!

— Agora chego ao Porto, apelo para o seu esforço, reclamo dinheiro à ordem para a realização do meu plano, e contra a minha expectativa, em vez de porém à minha disposição os seus cofres, torcem o nariz e perguntam-me quanto é preciso, como se isto fosse uma saca de arroz ou um costado de bacalhau que convém regatear! É inaudito, não achas?

— Acho... acho que vieste sem dinheiro e que voltas sem ele... Meu caro João, sejamos francos, tens levado uma vida de expedientes, uma vida de exploração política que não podia durar sempre... Tu devias pensar que não há minas inesgotáveis e que o mais vigoroso organismo não resiste a sangrias repetidas...

— É certo, mas eu não vim ao mundo para viver de ar e de esperanças... Tenho trabalhado, tenho sacrificado a minha mocidade, a minha vida, é justo que me auxiliem aqueles que eu auxílio...

— Mas, que diabo! o teu auxílio é perfeitamente inútil, improfícuo, e os fatos demonstram que, em vez de prestares auxílio, o verdadeiro auxiliado és tu...

— Estás muito enganado! Eu tenho segredos que valem dinheiro... Se eu quisesse falar, se eu quisesse reduzir a dinheiro tudo o que sei, não teria dificuldades...

Jorge sorriu.

— Isso também eu creio — disse ele.

— E afinal é o que eu venho a fazer, se vir que eles não correspondem à sinceridade e dedicação com que eu os tenho servido...

— Queres dizer, se não continuarem a corresponder...

— Pois está claro! Eu não tenho obrigação de respeitar mais os interesses deles do que os meus...

Houve um silêncio de alguns minutos.

— É verdade, ainda te dás com o Avioso? — perguntou o Lázaro.

— Continuamos a ser amigos como sempre fomos.

— Esse homem é meu adversário político, dos mais ferrenhos e intransigentes, mas eu pessoalmente simpatizo com ele.

— É um belo e generoso caráter. O pior defeito que lhe conheço é o de ser político.

— Talvez me convenha aproximar-me dele...

— Quando quiseres, estou ao teu dispor.

— Por enquanto não. Deixa ver no que isto pára... Mas, se me for preciso, conto contigo, com a tua discrição, com a tua amizade...

— Já sabes que estou sempre ao teu dispor...

— Bem; havemos de falar.

Nestas meias palavras Jorge traduziu o pensamento íntimo do aventureiro, e disse consigo:

— Temos o chefe mudado em espião...

João Lázaro acendeu um charuto e passado um instante, expelindo uma fumaça:

— A vida está para os vadios, para os valdevinos, para os impostores... Olha aquele rapaz por quem na dias me perguntaste no Suíço, o Eugênio de Melo, como vai casar-se com uma herdeira rica, hein!

— É verdade... Ele deu-te parte do seu projeto de casamento?

— Qual! muito meu amigo, muito íntimo, mas a respeito desse negócio, nem pio! Os amigos, em geral, são assim... guardam o melhor para eles.

— É que não estará ainda definitivamente resolvido o enlace...

— Mas tu disseste-me que sim...

— Foi o que constou. Mas tu sabes o que são os homens de dinheiro. Primeiro que se resolvam a consentir no casamento de uma filha, tratam de indagar se o noivo tem bens que correspondam à fortuna que vai adquirir... E como tu dizes que ele não tem nada de seu...

— Não tem onde caia morto, essa te posso eu jurar!

— Então aí está! talvez que não sejas tu o único a saber essa particularidade com respeito ao teu amigo, e daí sobreviessem dificuldades... Apesar de que o procurador Belchior afirma, segundo ouvi, que ele possui importantes propriedades no Alentejo.

— O procurador Belchior? Que sabe o procurador Belchior acerca do Eugênio?

— Não sei... talvez indagasse.

— Pois se indagou e diz que ele é rico, mente! Aí há de haver por força grande embrulhada.

— Talvez. No entanto, o Belchior é muito amigo desse tal Eugênio, que, não obstante, gasta dinheiro a rodos e sustenta bizarramente a fama de rapaz rico...

— à custa do comendador Garcia...

— Será, não contesto. Mas para ser dinheiro fornecido por uma mulher nessas condições, parece-me demasiado... Salvo se ela também é rica...

— Não é, mas o comendador despende muito com ela.

— Ainda assim! Esse rapaz deve ter outra fonte de receita para tamanha dissipação...

— Ele também joga, e às vezes a sorte favorece-o.

— O jogo constitui uma ruínosa verba de despesa e nunca uma fonte de receita, tu bem o sabes...

— Pois é verdade; mas como tem cambiantes, permite a ilusão...

— Nada! Com tão pobres elementos, ser-lhe-ia impossível viver como vive, despende como despende, e, sobretudo, conquistar a amizade do procurador Belchior... Ali deve haver mais alguma coisa...

— A não ser que o procurador vá feito com ele para embarrilar o capitalista...
— aventurou João Lázaro.

— Também pode ser. Julgo o Belchior muito capaz disso.

— Hei de averiguar! — tornou o João Lázaro.

— Que interesse tens tu em o saber?

— O interesse que tem todo o homem em conhecer as patifarias do seu semelhante... Imagina tu que este Eugênio de Melo amanhã me aparece rico, senhor de grandes capitais, personagem importante na política e que, por uma destas reviravoltas tão frequentes no homem que muda de posição para melhor, acaba por se esquecer de mim, a quem hoje chama amigo e oferece ceias?...

— E se tal acontecer, que te importas tu com isso? É mais um biltre que ficas conhecendo...

— Pois sim, mas é um biltre que me ofenderá impunemente, se eu não tiver o cuidado de ir arquivando as notas das suas patifarias de hoje, para lhe dar com elas na cara amanhã, quando ele se fizer fino...

— Eu, no teu lugar, e realizada semelhante hipótese, nem mais me lembrava dele... O meu desprezo seria castigo suficiente à sua canalhice...

— Nada, nada, menino! — protestou João Lázaro — Quem o inimigo poupa nas mãos lhe morre...

— Ele, porém, não é teu inimigo...

— Mas pode ainda vir a sê-lo... E a experiência tem demonstrado que o homem previdente está sempre a coberto dos maiores perigos...

— Tu és extraordinário, João! Se procedes assim com os amigos, como procederás com aqueles a quem odeias?...

— Queres ver? Olha!

João Lázaro meteu a mão no bolso e tirou dele uma carteira que abriu.

— Tenho aqui — disse ele — uma relação dos meus inimigos — a quem hei de um dia dar lembranças minhas... É uma espécie de lista da loteria em que só estão os nomes dos indivíduos premiados... Vê!

Apresentou a Jorge uma longa relação de nomes conhecidos.

— Para que é isto? — perguntou Jorge.

— Para que? São credores meus a quem tenciono pagar um dia... Há de ser uma liquidação completa!

E fez um gesto de quem aperta um laço.

— Serias capaz disso, João? — disse Jorge num tom sombrio.

— Oh! os candeeiros não se fizeram para outra coisa! Hás de ver... Hei de dar-te o espetáculo duma iluminação como nunca viste.

— Não darás...

— Por quê?

— Porque se a festa se preparar, eu já sei que, para evitar o espetáculo de uma semelhante iluminação, tenho de te procurar e meter-te uma bala na cabeça antes de mais nada.

— Tu!

— Eu.

— Mas o caso não é contigo. Tu não és meu inimigo.

— Mas posso vir a parecê-lo, e com um homem como tu, é preciso estar sempre prevenido...

João Lázaro estremeceu. Cobarde até ao extremo, teve medo de Jorge.

— Tu bem sabes que sou muito teu amigo e que não posso nunca duvidar da tua amizade. Além disso, eu estava gracejando...

— E a gracejar confeccionaste esta lista...

— Para apavorar simplesmente. É uma forma inofensiva de vingança — aterrar os que são meus inimigos, os que me fizeram mal!...

Jorge sorriu com desprezo:

— Mau processo é esse de apavorar os inimigos com ameaças que não tencionas realizar... — disse ele.

— Ao menos sobressalto-lhes as noites... — replicou o João Lázaro.

— Sobressaltas-lhes as noites sem reparares que comprometes os teus dias... Queres um conselho, João?

— Dize lá?...

— Rasga essa relação de nomes, que é o mais infame documento que podes dar do teu carácter... e se a mais alguém, sem ser eu, tiveste a leviandade de a mostrar, pede-lhe que esqueça tamanha indignidade.

— Jorge, vejo que levas muito mais longe do que eu supunha um caso de mera brincadeira da minha parte! — disse João Lázaro, verdadeiramente comprometido.

— É que a mim revoltam-me os atos de cobardia, mesmo quando não passam de uma invenção absurda e idiota.

Fez-se um silêncio constrangido entre os dois.

— A prova de que nem sequer houve ou há da minha parte a intenção de realizar a vingança que te disse contra os indivíduos cujos nomes figuram nesta

relação, está em que t'a mostro justamente no momento que mais afastado vou ficar do campo que lhes é hostil...

Jorge encarou-o.

— Vais então mudar de campo de ação política? — perguntou.

— Não vou mudar, mas vou conservar-me inativo, indiferente. Não me entendo com semelhante canalha!

— Entendamo-nos. Se conseguires que eles te dêem dinheiro para a realização do teu decantado plano, o que farás?

— Ao dinheiro? Gasto-o.

— E ao plano?

— O plano vou realizá-lo para Espanha; e é possível que eu por lá fique e mais ele...

Jorge riu-se.

— É então ainda uma mistificação que projetas?

— Mistificação, propriamente dita, não é... Estreitarei relações com os principais vultos da península, darei importância ao meu partido, farei que se fale nele e se julgue uma força muito mais considerável do que é... Isto creio que é serviço de algum valor e que bem vale o dinheiro que me derem...

— E se não conseguires que te dêem coisa alguma?

— Terei que pedir emprestado aos adversários — que, mais avisados, não me recusarão o que os meus correligionários me negam...

— Sejamos francos: foi para isso que me perguntaste se eu estou ainda em boas relações com o Avioso?

— Foi.

— Mas tu sabes que o Avioso não confiará em ti, se eu não te apresentar.

— E tu apresentar-me-ás. Tens dúvida nisso?

— Conforme. Se te comprometeres comigo a não abusar da boa fé do Avioso, estou ao teu dispor. Do contrário, não.

— Até faço mais... Isto para tu veres a minha lealdade...

— Dize lá!

— Eu não me aproximo do Avioso, para não dar nas vistas nem despertar suspeitas... Faço-te as comunicações a ti para tu lh'as transmitires. Já vêes que assim assumo a responsabilidade inteira para contigo. Aceitas?

— Está combinado. Aceito.

— Mas... tu compreendes... a minha situação financeira é difícil...

— Já sei. Quanto?

— Por uma vez só?

— Não. Por mês.

— Diabo! Eu não sou um espião vulgar...

— O que é bom paga-se bem. Quanto?

— Duzentos mil reis será muito?

— Não sou eu que hei de dizê-lo...

— Pois quem?

— Tu e mais ninguém. Não se compra o homem, compra-se o serviço...

— Pois bem; que me assegurem duzentos mil reis por mês e eu prestarei serviço que valerá muito mais.

— Tê-los-ás.

— Mas — observou João Lázaro com uma certa hesitação — há ainda uma coisa...

— Dize.

— Eu estou crivado de dívidas... tenho compromissos sérios que não posso protelar por mais tempo.

— Bem sei, precisas de um adiantamento...

— É isso.

— Quanto calculas que te seja preciso?

— Nesta data, seiscentos mil reis não era tudo, mas era um grande auxílio.

— Não há dúvida. Eu creio que o Avioso fará o adiantamento. Mas, tu bem sabes, ele é curioso, excessivamente curioso mesmo...

— Compreendo.

— Então, se compreendes, não perderei tempo a explicar-te qual a maneira de obteres do Avioso a soma que desejas.

— Olha lá: uma relação completa dos que mais se salientaram nas últimas reuniões secretas e das resoluções nelas tomadas bastará por enquanto?

— Basta.

— Nesse caso, amanhã, se, como eu suponho, as minhas dificuldades não forem removidas por outra forma, trarei tudo isso.

— Está bem.

— Visto isso, falas ainda esta noite com o Avioso?

— Falo.

— Mas recomenda-lhe o maior segredo e discrição. Que isto não transpire por modo algum.

— A quem mais interessa guardar segredo é a ele. Bem vês que, inutilizado o agente, de nada serviria gastar dinheiro com ele.

— É precisamente isso.

— Não ha, pois, que recomendar-lhe um segredo que a ele próprio convém guardar.

João Lázaro acendeu outro charuto.

— Só a tua grande amizade e dedicação me poderia levar a isto!

Jorge sorriu.

— A minha amizade e a sovinice sórdida dos teus amigos...

— É claro. Mas se não confiasse tanto como confio em ti, eu não aceitaria uma aproximação de semelhante natureza com o Avioso.

— E eu, se não fosse tão teu amigo como — E eu, se não fosse tão teu amigo como sou e não sentisse um grande desejo de te auxiliar na situação difícil em que te encontras, também não tomaria sobre mim o encargo de resolver o Avioso a dar-te dinheiro. A propósito: sempre partes breve para Lisboa?

— Já, já, não. Demoro-me aqui ainda alguns dias. Mas quando partir para Lisboa, de lá mesmo nos entenderemos.

— Perfeitamente. Outra coisa: sempre tencionas indagar a espécie de relações que existem entre Eugênio de Melo e o procurador Belchior?

— Estou resolvido a tratar disso.

— Não me disseste que esse Eugênio tem uns amores inconfessáveis, oculta fonte de receita que equilibra o largo orçamento em que estão representados todos os vícios com as respectivas verbas de despesa?

— Digo e sustento. E a ti, como amigo, direi mais: essa loura, ciumenta como um demônio e apaixonada como uma gata, já sabe que Eugênio projeta casar-se.

— Sabe? Quem lh'o disse?

— Eu. Tu não me pediste segredo.

— Nem me interessa que ela o não saiba.

— Pois bem; essa loura repudiou-me quando eu me propus, e tomou amores com Eugênio de Melo. A hora da minha vingança havia de chegar, e chegou. Acendi-lhe um inferno de ciúmes no coração, e a esta hora está ela esperando impaciente que eu lhe leve as minhas informações e as minhas ordens.

— Eu já sabia isso.

João Lázaro encarou o amigo com espanto.

— Já?! — perguntou.

— Já.

— Como o soubeste?

— Eu sei tudo.

— Não supus que te interessassem os meus atos a ponto de me mandares espionar.

— Não fui eu. Bem sabes que alguém mais do que eu se interessa em saber a tua conduta.

— Ah! sim... — fez João Lázaro refletindo. — Mas esta visita que eu fiz não tinha carácter político — e não acho correto que me espionem e me sigam numa aventura galante com o mesmo encarniçamento com que me perseguem quando eu conspiro...

— Vamos a saber — disse Jorge. — Tens interesse em que Eugênio de Melo não realize o casamento com a filha do capitalista?

João Lázaro fez uma careta.

— Não me importo absolutamente nada com isso. O meu empenho é só castigá-lo pela sua falta de franqueza e lealdade para comigo. Devia ter-me dito que ia casar, visto que se afirma meu amigo... Isto pelo que lhe diz respeito a ele. Agora pelo que respeita a Leonor, vingo-me e preparo o terreno para ocupar a praça, que vai ficar abandonada.

— Se Eugênio casar...

— Quer case, quer não, Leonor não lhe perdoará. Convencida do que o amante quis traí-la casando com outra, cortará imediatamente as suas relações com ele, e, para se vingar, tratará de o substituir pelo maior amigo do pérfido. Ora ela sabe que o maior amigo de Eugênio sou eu...

— E portanto, és tu o que reúne as maiores probabilidades de vir a ser admitido ao lugar vago...

— Justo!

— É curiosa essa aventura!

— É curiosa, mas muito vulgar entre amigos.

— Será, mas entendo que deves proceder com cautela...

— Porque?

— Porque não te fica bem que se torne público o teu papel nada invejável nessa intriga. Queres fazer uma coisa?

— Dize.

— Não envolvas essa endiabrada lourinha em qualquer aventura sem me consultares primeiro. Valeu?

— Está dito. Mas não te esqueças de falar ao Avioso. Estou imensamente precisado de dinheiro...

— Não me esqueço.

O aventureiro estendeu a mão a Jorge, despedindo-se.

— Adeus — disse ele — Amanhã procuro-te.

— Pois sim. Adeus.

Quando João Lázaro saiu, Jorge, que o acompanhou com a vista até ele transpor a porta da sala, murmurou:

— Sempre o mesmo biltre! Sempre o mesmo miserável!

CAPÍTULO 15: **CONLUIO INFAME**

No escritório de Custódio de Jesus, discutiam animadamente o dono da casa e o seu amigo e confidente, o procurador Belchior.

— A coisa é esta: — dizia o procurador — com panos quentes não se faz nada.

— Ai, já? Você já é da minha opinião? — replicou o Custódio, triunfante. — Pois, meu amigo, se eu, contra o meu gênio, tenho usado de panos quentes, a culpa foi toda sua... Quando eu queria usar da minha autoridade de pai e levar a

rapariga à força à igreja, você não deixou... Segui o seu parecer, tentei levar as coisas pela brandura, e agora é tarde para tomar outro caminho...

— Qual outro caminho?

— O caminho de onde eu nunca deveria ter saído... o caminho da autoridade e do rigor paterno... Mas agora, depois de eu ter descido até ao ponto de chorar diante da rapariga e de a deixar levantar a crista, a julgar que estou dependente da sua proteção, como é que eu hei de chegar ao pé dela e dar-lhe dois safanões e quatro berros que a façam entrar na ordem?

— Mas não é preciso nada disso, homem!

— Não é preciso? Pois você diz que com panos quentes não se arranja nada e acha que não é preciso empregar a força?

— Acho que se pode empregar a força, sem que você passe por ser um pai cruel...

— Pois está claro que eu também não vou empregar a violência diante de gente. O que se passa em minha casa escusa de se saber no meio da rua. Mas não posso... a rapariga perdeu-me o respeito, agora... boas noites!

— Homem, deixe-se de tolices... há uma força que nós podemos empregar muito bem e a que a pequena não terá remédio senão obedecer...

— Mas que força é essa então?

— É a força das circunstâncias, homem! Quem é que não se dobra à força das circunstâncias?

— Ó demônio, mas essa força já eu empreguei; já disse à pequena que as nossas circunstâncias não podiam ser mais desgraçadas e nem assim consegui convencê-la.

— Pois bem; mudemos de sistema — disse o Belchior, piscando um olho.

— Mudemos do sistema como? — perguntou o Custódio, sem compreender.

— Se ela não quer largar o tal namorico, obriga-se o namorico a largá-la a ela...

— Quer você dizer que lhe mande eu dar uma carga de pau, qualquer noite quando ele cá vier à porta... Mas isso o que faz? A rapariga é capaz de tomar o

freio nos dentes e então é que não haverá forças humanas que a obriguem a aceitar este casamento...

— Ninguém fala em empregar esses meios violentos...

— Não?

— Pois com certeza. Isso seria uma tolice sem resultado prático. Aqui o caso é outro...

— Mas então diga lá.

O Belchior fitou demoradamente o Custódio e disse:

— A questão é você querer...

— Pois eu quero! Tomara eu... Diga lá, homem!

— O processo é um bocado esquisito, mas dá resultado...

— Se dá resultado, vamos a ele! — concordou o Custódio — Então como é isso?

— É de uma maneira muito simples; rapta-se a pequena...

— Hein! O que? Rapta-se?

— É claro! Prepara-se um rapto, faz-se escândalo e conduzem-se as coisas de modo que a rapariga não tenha remédio senão casar com o Eugênio...

— Mas... — obtemperou o Custódio indeciso — torne a dizer, que eu não percebi bem?...

— Isto não tem que perceber: combina-se um passeio ao campo... Vai você com a pequena, vou eu com a minha mulher e minha cunhada... Andamos por lá, petiscamos, e a páginas tantas minha cunhada afasta-se para mais longe com a Beatriz, a admirar a paisagem...

— Sim... E depois?

— Depois, o Eugênio, que está emboscado com dois amigos, salta de lá, agarra na Beatriz, mete-se numa carruagem e parte com ela a todo o galope. Minha cunhada grita, tem um desmaio, nós acudimos, mas já é tarde — não lhe podemos valer... O resto segue-se depois naturalmente...

— O resto... Mas qual resto?

— Ora qual resto! O casamento. Pois que quer você que se siga senão o casamento depois disto? Beatriz, depois de raptada, não terá remédio senão aceitar por marido o homem que a raptou...

— Não sei... Ela é muito capaz de ainda assim recusar...

— Qual recusa! Quando ela reconhecer a impossibilidade de casar com esse pintalegrete que lhe endoideceu a cabeça ou com outro qualquer que não seja o Eugênio, não terá remédio senão resolver-se...

— E você sabe lá se o rapaz, ainda mesmo assim desiste?

— Pois desiste, porque a gente faz escândalo... E depois dela desacreditada, só se ele não tiver vergonha.

— Desacreditada! Então a rapariga há de ficar desacreditada? Isso não... isso é que eu não consinto! Não é por mais nada... Mas enfim... ela usa o meu nome, passa por minha filha, e eu não estou para me sujeitar e andar falado nas bocas do mundo! — recusou honestamente o marido de D. Carlota.

— Que diabo! Você não sabe que tudo isto é uma planta-forma para obrigar a pequena a casar? Que diabo tem que a rapariga seja raptada, uma vez que o raptor a receba por mulher?

O Custódio ficou silencioso e meditativo por alguns instantes como que ruminando o plano do seu amigo Belchior.

— A coisa — disse ele por fim — talvez desse bom resultado... Mas isso era um escândalo de seiscentos diabos!

— Pois era... era um escândalo bastante grande, e isso mesmo era o que convinha...

— O que! Convinha o escândalo — interrogou o Custódio escandalizado — Então você quer que eu, como pai — porque afinal ela não tem outro — goste e ver uma filha minha ou que passa por isso metida em escândalos?

— Você não compreende, Custódio, você não compreende... Isto era escândalo e não era escândalo... E como naturalmente fazia barulho, a cidade alvorotava-se com a notícia do rapto e isso era justamente o que convinha...

— Mas convinha porque? — insistiu o Custódio.

— Convinha por todos os motivos. Em primeiro lugar, Beatriz, depois deste escândalo, compreenderia que não podia casar com outro homem, senão com o Eugênio... Em segundo lugar, ainda quando ela teimasse em alimentar no coração essa paixoneta pelo tal estudantelho que a namora, não teria remédio senão curar-se, porque o rapaz, depois dela desacreditada, não a queria e não lhe tornava a aparecer... Depois da praça abandonada, que remédio terá a pequena senão render-se?

— Sim... e demos o caso que esse tal Eugênio, enfim... como é rapaz e estróina, depois de a ter raptado, não se resolve a tomá-la por mulher, senão debaixo de certas condições?

— Quais condições?

— Por exemplo... exigir que eu aumente o dote à rapariga e querer que se façam escrituras, de modo que o que é dele fique perfeitamente a coberto...

— O Eugênio não é capaz disso! — protestou o Belchior.

— Eu sei lá! A gente vê caras e não vê corações... Depois da rapariga perdida, eu não terei remédio senão sujeitar-me às condições que ele impuser... Nada, isso não é bom plano.

— Pois então, meu amigo, o melhor é desistirmos do negócio, porque não vejo outro meio...

— Desistir também não... Talvez que, se eu a metesse num convento com ordem de a tratarem com rigor e de não a deixarem falar nem escrever ao namoro, isso desse bom resultado.

— Não dá resultado nenhum. Que diabo! Você é um homem desconfiado com quem se não pode tratar nada a sério...

— O mal dos meus burricos é que me tem feito alveitar — volveu o Custódio coçando a suíça — Por eu ter confiado demais nos amigos é que aquele ladrão do padre Anselmo me roubou a fortuna e a mulher... Depois é que eu vim a saber tudo... Mas era tarde, já lhe não podia dar remédio...

— Pois sim, mas agora não se trata de lidar com gente de sotaina... Você conhece-me há muito tempo e sabe que tenho sempre zelado os seus interesses como se fossem meus...

— Bem sei isso, mas o caso não é propriamente com você, Belchior. Se fosse você que tivesse de casar, eu aceitava o plano com os olhos fechados, porque bem sei que você não era homem capaz de faltar ao que promettesse... Mas com esse rapaz o caso é outro...

— Não é outro nada... — replicou o Belchior. — Se ele se comprometer comigo a casar com a pequena nas mesmas condições em que está tratado, cumpre com toda a certeza.

— E se não cumprir?

— Isso não pode ser... Mas se ele caísse na asneira de faltar ao contrato, eu caía-lhe em cima com uma querela, que ele havia de ir por uma barra fora e nem tudo quanto tem lhe havia de chegar para a justiça...

— E o que lucrava eu com isso? — perguntou o Custódio com um sorriso velhaco.

— O que lucrava?

— Sim, o que lucrava eu, se a justiça lhe apanhasse todos os haveres pela maroteira feita a mim?

— Homem, ninguém quer meter-se em assados... Logo que ele visse que o caso era sério, chegava-se à razão... Você não compreende?

— Compreendo... isso compreendo eu... — mascou o Custódio indeciso.

— Então, se compreende, que mais quer?

— E você compromete-se a fazê-lo cumprir?

— Está claro que comprometo! Eu falo com ele, percebe? Falo com ele e proponho-lhe o expediente do rapto como coisa minha... Não lhe digo que você está feito conosco, porque, enfim, você é pai e é preciso salvar as aparências...

— Sim, isso é bom... Mesmo para ele me não perder o respeito.

— Justíssimo! É isso mesmo! — apoiou o procurador. — Ofereço-me a proporcionar-lhe ensejo para a obra, mas imponho-lhe a condição de que há de casar sem mais preâmbulos e sem mais contratos, logo que seja encontrado com ela.

— Justo! — disse o Custódio.

— Porque, se assim não fizer, compromete-me e então será comigo que ele terá de se haver... Está bem assim?

— Está ótimo! — apoiou o Custódio radiante.

— E o dito dito — tornou o Belchior — eu levo a percentagem combinada...

— Isso está sabido. Arranje você as coisas de modo que o casamento se faça nas condições combinadas e o dinheiro passa-lhe logo para as unhas.

CAPÍTULO 16: O RAPTO

Dois dias depois da conferência entre o procurador e Custódio, Beatriz, que fora convidada pela mulher e a cunhada do Belchior para as acompanhar num passeio ao campo, levantou-se de manhã muito contrariada por não poder furtar-se ao convite que lhe não proporcionava o mínimo prazer.

O Custódio fingia-se também contrariado, e tendo-se levantado muito cedo, resmungava de modo que a filha o ouvisse, maldizendo a lembrança de o convidarem para um passeio que alterava os seus hábitos e talvez lhe pusesse a saúde em risco.

— Ora a minha desgraça! — clamava ele — Não basta ter tanta coisa que me aflija, senão ainda agora obrigarem-me a andar um dia inteiro pelo campo, a apanhar sol e a aturar senhoras!

— Mas se o papá não quer — propôs Beatriz — manda-se dizer que está doente e não vamos...

— Isso não! Não pode ser. O Belchior ficaria desgostoso...

— Mas se é um caso de força maior...

— Não, já agora, estou a pé, sempre vou... Não quero que o homem suponha que não tenho desejo de lhe acompanhar a família. Mas isto custa-me muito, porque a minha idade já não permite estas folias...

A este tempo parava um trem à porta e o Belchior e a família subiam açodadamente, gritando:

— Então vamos?

— Vamos lá... estou pronto! — disse o Custódio ao Belchior — A pequena também já está preparada, acho eu...

A mulher e a cunhada do procurador dirigiram-se aos aposentos de Beatriz numa grande alegria:

— Vamos, avie-se, sua preguiçosa! Então ainda nesse estado?

— Estou pronta. É só levar para o carro um pequeno cesto com umas coisas que mandei preparar...

— O quê! Mandou fazer de comer? Que tolice! Nós levamos ali comida que chega para um regimento!...

— Por demais não perde... — apoiou o procurador — Vamos embora que são horas... O bonito é sair cedo para andarmos por lá todo o dia...

Entraram no carro, um *char-à-bancs* enorme, e seguiram as duas famílias aos solavancos em direção à quinta da Lavandeira.

A mulher e a cunhada do procurador não faziam senão soltar exclamações de admiração e alegria, encantadas com a paisagem.

A tudo achavam graça, tudo achavam muito bonito.

Obtida a permissão de entrarem na quinta, nessa época ao cuidado dos caseiros, seguiram os passeantes por baixo do copado arvoredo, dividindo-se em dois grupos: um formado pelas três senhoras, e o outro pelos dois homens.

O procurador, alegando que para baixo todos os santos ajudam, despediu o cocheiro, dizendo-lhe que não voltasse, porque regressariam a pé para a cidade.

— Vamos indo devagar por aí fora e até é mais pitoresco... não acha, amigo Custódio?

— A distância, realmente, não é grande...

— Em chegando à Bandeira, estamos em casa... A rua do General Torres desce-se bem...

— Eu cuidei que o passeio era para mais longe — disse a mulher de Belchior.

— Mais longe para que? Aqui estamos muito bem... A quinta é bonita e é muito grande, dá bem lugar para passearmos... E quando nos sentirmos cansados, abancamos e toca a palestrar... Aqui o que faz bem é o ar...

Passou-se o dia como não podia deixar de ser numa horrível monotonia para Beatriz, que de modo algum podia achar-se bem numa companhia que não lhe oferecia o menor sentimento de agrado.

O Custódio conversava com o Belchior sobre negócios, repisando o assunto. As duas senhoras que constituíam a família do procurador, esgotado o repertório da má língua contra a vizinhança e várias outras famílias conhecidas, calaram-se e, sentadas à sombra de uma árvore frondosíssima, começaram a cabecear com sono.

Haviam-se levantado cedo e ressentiam-se do longo passeio.

Beatriz, portanto, ficou uma grande parte do dia entregue a um aborrecimento cruel, que a punha de muito mau humor.

Pensava por vezes em Paulo, lembrando-se de que talvez não lhe fosse possível vê-lo, falar-lhe na noite que ia seguir-se a um dia tão horroroso.

Não pudera preveni-lo daquele passeio, porque o mancebo havia duas noites que não aparecia a falar-lhe.

Dissera-lhe que negócios importantes de que dependia o futuro dos dois o deviam ter afastado do Porto por alguns dias, mas não se afligisse ela, porque ele voltaria com boas novas.

— Mas o que vais fazer? — perguntara-lhe interessada em tudo o que o mancebo intentava.

— Permite-me que por ora t'o não diga, meu amor. Breve saberás tudo e tenho bem fundadas esperanças de que hás de aplaudir o meu procedimento.

Esta persistência em guardar absoluto segredo sobre os seus desígnios, quando Paulo não tinha tido até ali um único pensamento que lhe não comunicasse, impressionou-a.

E era ainda sob a influência deste estranho procedimento do seu bem amado que a pobre Beatriz se encontrava naquele dia, um dos mais aborrecidos e tristes de toda a sua vida, porque, além das mágoas íntimas que a torturavam, tinha ainda a constrangê-la e a agravar-lhe o sofrimento a presença de pessoas que, se não lhe eram odiosas, eram-lhe pelo menos antipáticas.

Ao cair da tarde Custódio e o procurador fingiram entusiasmar-se numa grande polemica a propósito de uma questão comercial palpitante; e com grande profusão de gestos e de berros, interrompiam-se frequentemente um ao outro, sem chegarem a acordo. De modo que, esquecidos da distância que os separava do Porto, foram deixando-se ficar até ao cair da tarde.

A noite estava de luar, serena e calma, convidativa de longo passeio pela fresca.

— São horas de nos irmos chegando a casa... — advertiu a mulher de Belchior, quando notou que a conversa se ia demorando.

— É verdade, vamos indo... — disse o procurador, travando de braço de Custódio para continuar na discussão acalorada em que estava interessado.

E voltando-se para as senhoras:

— Andem lá adiante...

Saíram para a estrada, a essa hora silenciosa e deserta.

As damas, levando Beatriz cada uma por seu braço, tomaram a dianteira, e muito alegres, muito lépidas, iam cantarolando por entre dentes alguns números mais populares de uma revista em voga.

— Ah! que dia tão bem passado! — exclamava a cunhada do procurador — Não há nada para abrir o apetite e dar saúde à gente como é um passeio ao campo!

— E a noite está linda! — acudiu a mulher do Belchior — dá mesmo gosto passear por uma noite assim! Não gosta do campo, Beatrizinha?

— Não desgosto... —olveu a namorada de Paulo com o coração opresso de ignoto receio.

O procurador e Custódio, de cada vez mais encarniçados na controvérsia, paravam de vez em quando, falando muito, gesticulando, aduzindo argumentos sem tom nem som.

Era uma esperteza dos dois velhacos para justificarem a distância a que queriam encontrar-se no momento do assalto.

— Deixe-as ir... deixe-as ir... — murmurava o Belchior — Quanto mais longe estivermos delas, mais facilmente o Eugênio e os amigos deitam a luva à pequena.

Assim foram caminhando, até que, numa volta da estrada, as damas deram de frente com um trem parado, quase obstruindo a passagem.

Detiveram-se esperando, que o carro seguisse na direção que elas levavam, para poderem continuar o seu caminho. Mas rapidamente dois homens mascarados saltaram à estrada e, sem darem tempo à mais leve resistência, apoderaram-se de Beatriz e atiraram-na para dentro do carro, que partiu em carreira desabrida.

— A mulher e a cunhada do procurador, industriadas pelo marido e perfeitamente conhecedoras do que havia de suceder, quando viram partir o carro, desataram a gritar por socorro, simulando uma grande aflição.

Os dois patifes ao ouvir gritar as damas, correram para elas muito açodados, perguntando:

— O que é? O que aconteceu?

— Dois homens, saindo-nos ao caminho, agarraram a Beatrizinha e fugiram com ela dentro daquele trem!

E apontavam a carruagem que desaparecia numa curva da estrada.

— E ela não gritou? — disse o procurador.

— Ela soltou um grito, mas eles abafaram-lhe a voz, de modo que a pobrezinha não se tornou a ouvir!

— Talvez a amordaçassem... — aventurou o Belchior.

— Ou talvez perdesse os sentidos... — concluiu a mulher.

O Custódio julgou conveniente fingir grande desespero, e levando as mãos à cabeça, não fazia senão gritar:

— Oh! minha filha! minha filha! desgraçado de mim, que me roubaram a minha filha!

— Um rapto! — gritava o procurador — O crime foi praticado de noite, e de noite bastam os indícios... Vamos já ter com a autoridade da freguesia e apresentemos-lhe a queixa...

— E quem diremos que foi o raptor? — perguntou o Custódio.

— Ora essa! Foi o Eugênio de Melo... Pois quem havia de ser?

— Sim... foi ele...

— Está visto que foi — tornou o procurador — Ele queria, ela não queria... raptou-a!

E em tom mais baixo:

— Convém afirmar desde já que o vimos e o reconhecemos perfeitamente, que é para o entalarmos logo desde o princípio, de modo que não haja outro remédio senão fazer-se o casamento sem escrituras.

— Vamos a isso! Foi ele, o grande maroto!... Eu bem o reconheci... Isto não é coisa que se faça a um pai!

— Mas que coisa! que coisa! — dizia a mulher do procurador, simulando a maior consternação. — Ainda não estou em mim!

— Ai, meu Deus! — acrescentava a cunhada — Em que perigo nós nos metemos! Olhem se aqueles malditos se lembravam de me raptar também a mim!

— à senhora?! — disse inconvenientemente o Custódio, com um sorriso escarninho.

— E então? — retorquiu a cunhada do Belchior, ofendida — Eu sou solteira, e eles eram dois...

— Aí está a prova! — afirmou o procurador — Vinham dois e raptaram só uma... Logo, provará que o réu premeditou o crime, porque escolheu a que lhe fazia conta. Foi o Eugênio de Melo, não há que ver... Vamos ter com o regedor para perseguir os fugitivos!

Tudo isto era dito a andar esbofadamente pelo caminho que conduzia ao largo da Bandeira, em Vila Nova de Gaia, onde afinal chegaram depois das nove horas da noite.

Tendo indagado onde morava o regedor, apresentaram-se-lhe, e contaram-lhe o sucedido.

— E para onde foram eles? — perguntou o funcionário.

— Nós ainda os seguimos um bocado gritando; mas ninguém nos acudiu, e afinal perdemo-los de vista...

— Os senhores reconheceram os raptos ou suspeitam quem fossem?

— Eles levavam a cara coberta, mas um deles descobriu-se sem querer, deixando ver o rosto, e todos nós reconhecemos um rapaz que vive no Porto e que se chama Eugênio de Melo.

— Bem! — concluiu o regedor — Eu vou mandar os meus cabos indagar, a ver se descobrem os criminosos... E amanhã dou parte para a administração. Mas sempre será bom os senhores aparecerem lá para formularem a queixa.

E preparando-se para tomar nota num papel:

— Os seus nomes, fazem favor?

O Belchior declinou os nomes de todos, figurando ele, a mulher e cunhada como testemunhas e o Custódio de Jesus como queixoso.

— Vou já mandar proceder a rigorosas pesquisas na minha freguesia — disse o regedor — a ver se se encontram os delinquentes. Mas, amanhã, o sr. administrador terá conhecimento do fato e tomará as providências precisas...

— Veja v. s.a, sr. regedor, a situação em que me encontro com uma filha roubada nas minhas barbas!... — lamuriou o Custódio.

— E demais a mais, menor! — declamou o procurador — É crime de casamento ou penitenciária!

— Tudo vem a dar na mesma... Pobre de quem as tem! — Concluiu o regedor.

— E agora — disse o Belchior muito solícito — em chegando à cidade, vamos direitos ao comissário de polícia, apresentar a queixa...

— Está visto... — apoiou o regedor — Ninguém sabe o caminho que os fugitivos tomaram, e a polícia, telegrafando para todos os concelhos, pode muito bem fazê-los capturar...

— O que vale é que nós conhecemos o raptor...

— Sim, isso é meio caminho andado — disse o regedor — e se tivessem fotografias, ainda melhor...

— A verdadeira fotografia é o nome — acudiu o procurador — Ele é conhecido.

— Bem, bem! Eu vou tratar de ver se eles estão na minha freguesia, mas não me parece... Amanhã, amanhã na administração do concelho, o snr. administrador dará as ordens.

Despediram se do pacífico funcionário que, interrompido no trabalho de empacotar pregos para a África, voltou à sua tarefa, logo que os viu sair.

— E daqui para a polícia! — bradou o Belchior já na rua.

Meteram pela rua do General Torres abaixo, em direção à cidade.

— Tudo correu bem! — segredava o procurador ao Custódio — Agora, na polícia, é que a coisa vai dar eco... Talvez amanhã saia nos jornais...

— Ó diabo! mas isso é uma vergonha... fica-me a rapariga perdida!

— E você a dar-lhe! Ela fica mas é achada, porque não terá outro remédio senão casar com o Eugênio...

— Sim... isso é verdade.

— Pois aí está! Quanto maior for o escândalo, melhor. Deixe falar os jornais... Tomáramos nós que eles berrassem bastante... Até nos convinha...

— Mas os jornais só depois de amanhã é que se ocuparão do caso, porque já hoje não vão à polícia...

— Pois sim; mas vou eu aos jornais... Isto é preciso não deixar arrefecer... Precisamos de lhe tapar todas as saídas... Ela há de casar, quer queira, quer não!

Deixemo-los seguir caminho da polícia e dos jornais, e vejamos o que foi feito de Beatriz, a essa hora seguindo caminho desconhecido na companhia dos dois mascarados que a raptaram.

Surpreendida pelo assalto inesperado daqueles dois homens, Beatriz quis resistir e gritar, mas vendo-se cingida por uns braços possantes e atirada para dentro do carro com uma rapidez assombrosa, foi tal a comoção que sofreu, que perdeu os sentidos.

Quando o trem se pôs em fuga numa corrida vertiginosa, um dos mascarados quis naturalmente serená-la, porque disse numa voz repassada de ternura, pegando-lhe na mão:

— Beatriz!

Mas a pobre pequena reclinada sobre um dos lados do trem, não se mexeu.

— Beatriz! — tornou a dizer a voz, sacudindo-lhe levemente a mão fina e delicada.

O mesmo silêncio e a mesma imobilidade.

Estão o desconhecido que a chamava, inclinou-se-lhe sobre o rosto, pôs-lhe a mão na fronte, que estava banhada de suor frio, e notou que a filha do Custódio não respirava.

— Perdeu os sentidos! — disse ele visivelmente comovido.

— É natural — replicou o companheiro. — Compleição franzina e delicada, assustou-se e desmaiou.

— E agora? — perguntou o que primeiro falara.

— Agora é caminhar... caminhar sempre até chegarmos a casa... O trem vai em boa carreira e não devemos demorar muito a chegar lá.

E vendo que o companheiro se mostrava de cada vez mais inquieto e aflito:

— Não te assustes — tranquilizou. — Isso passa. É um ligeiro delíquio, que até nos favorece o bom êxito da empresa.

— Parece-me que não somos seguidos. — tornou o outro, inquieto.

— Quem querias tu que nos seguisse, se tudo estava tão bem combinado e tudo correu tão de molde ao nosso desejo que os que podiam impedir-nos foram os próprios que nos auxiliaram?...

— É verdade. Eles conservavam-se a distância, mandando as senhoras adiante...

— Já esperavam o lance, os patifes!

— Pois é claro. O que eu queria era ver a cara deles quando souberem que a raptada seguiu caminho diferente daquele que lhe haviam assinalado...

— Era para Vilar do Paraíso, pois não era?

— Era.

O trem havia descido a rua do General Torres e parara à entrada do tabuleiro inferior da ponte D. Luiz para pagar a portagem.

— Estamos na ponte — disse o primeiro dos dois desconhecidos.

— Estamos. Agora falta-nos atravessar a cidade. É questão de meia hora.

Paga a portagem pelo cocheiro, o trem continuou o seu caminho, sem que alguém reparasse na veloz corrida que levava. Andou assim meia hora, até que afinal entrou na estrada do Carvalhido, parando em frente de um largo portão de ferro.

— Eis-nos, enfim! — disse um dos dois raptos.

E levando um apito aos lábios, tirou dele um silvo agudo e prolongado.

Imediatamente o portão se abriu e a carruagem entrou num largo pátio, seguindo por uma extensa alea de frondosos castanheiros, até junto de uma casa de severo aspecto, que ali se erguia, dominando os vastos campos que a circundavam.

Os dois desconhecidos saltaram do trem, conduzindo nos braços Beatriz, ainda em delíquio, para uma sala interior ricamente mobiliada.

Depositaram a pobre criança sobre um sofá, e rapidamente, correndo-se um reposteiro, apareceu na sala uma dama alta, de nobre aspecto, que fez aspirar a Beatriz um frasco de sais.

Dos dois mascarados, um murmurou algumas palavras ao ouvido da dama e retirou-se; o outro, tirando a máscara, ficou com os olhos pregados em Beatriz, sem preferir palavra.

Momentos depois, a filha de Custódio, suspirou, abriu os olhos e circunvagando um olhar pela sala, soltou um grito de alegria.

— Paulo! És tu? — disse ela.

— Sou eu, Beatriz, sou eu! E Paulo aproximou-se da namorada, pegou-lhe na mão e beijou-lha com transporte.

— Paulo! — tornou a filha de Custódio, visivelmente intrigada — o que é isto? Como me encontro eu aqui?

— Encontras-te aqui, minha querida, porque eu te salvei de um grande, de um enorme perigo...

— Ah! bem sei... aqueles homens que nos assaltaram na estrada... Meu Deus! — disse ela, recordando-se da cena estranha que se dera. — Mas como pudeste tu saber?

— Pude saber que te queriam raptar, de acordo com teu pai e com o procurador Belchior — esclareceu Paulo: — Era uma cilada infame que te estava armada e em que te queriam fazer cair...

— Com o consentimento de meu pai?! — gritou Beatriz.

— Com o consentimento de teu pai, sim. E eu que fui advertido da desgraça a que semelhante infâmia ia condenar-te, resolvi substituir os raptores e, em vez deles, apresentar-me eu a raptar-te.

— Ah! então os dois homens que me assaltaram no caminho e me lançaram dentro do carro...

— Era eu e um meu amigo. Teu pai e o Belchior ficaram persuadidos de que foi Eugênio de Melo quem efetuou o rapto, porque tinha de se realizar, estava combinado entre eles, e nem por sombras suspeitam a esta hora que, em vez de caíres nas mãos do noivo que te queriam impor, estás ao lado do escolhido do teu coração!...

Beatriz relanceou um olhar curioso para a dama desconhecida que, junto dela, o estava fitando com expressão de ternura maternal.

— E esta senhora — disse ela — quem é?

Antes que Paulo respondesse, madre Paula, pois que era ela, respondeu à pergunta:

— É uma amiga que muito a estima e que só deseja a sua felicidade, minha filha.

— É minha mãe! — acrescentou Paulo, beijando carinhosamente a mão à religiosa, mais elegante e simpática nos seus trajes seculares.

Madre Paula sorriu amável e dirigindo-se a Beatriz:

— Este louco — disse ela — teima em querer impor-me um título que me não pertence e a que de forma alguma tenho direito...

— Não diga isso, minha mãe! — protestou Paulo — Pois quem me acalentou na infância, quem protegeu e amparou os meus primeiros passos, quem tem tido sempre para mim todos os desvelos, todas as ternuras e carinhos de uma mãe por seu filho? Conheci eu outra mãe? Ouvi alguma vez palpitar junto do meu berço outro coração que não fosse o seu, grande e generoso?

— Mas, meu filho... — ia a dizer madre Paula comovida.

— Meu filho! vês? — interrompeu o mancebo voltando-se para Beatriz — Diz que não é minha mãe e chama-me seu filho!

Madre Paula replicou num tom cheio de bondade e doçura:

— “Meu filho”, é a fórmula terna, cariciosa do meu tratamento para contigo... Mas se me deves afeições e cuidados que outra qualquer no meu lugar te dispensaria, é todavia bem certo que outra tem direito à funda veneração e aos tiníssemos afetos do teu coração de filho...

— Outra! — exclamou Paulo indignado — Quem quer que ela seja não a conheço, nunca a vi nem desejo vê-la! Se tive outra mãe, aquela de quem a natureza ou a fatalidade se serviu para me lançar a este mundo, é tão pouco o que lhe devo em afeição e tanto o que dela me veio em dores e sofrimentos, que já faço muito não a odiando, para somente sentir por ela indiferença.

— Paulo, não digas isso! — repreendeu madre Paula — Sabes que me mortificas falando assim. Não te aconselhei e não busquei sempre incutir no teu coração o sentimento do amor e respeito que se deve aos pais?

— Perdoe-me, minha boa mãe! Os seus conselhos não foram esquecidos nem os seus esforços baldados. E a prova é que a amo e a respeito com todas as véras da minha alma, com todas as forças do meu coração. Mas como quer que eu tenha os mesmos afetos, os mesmos ternos sentimentos de respeitosa veneração por uma outra que não conheço, que nunca vi, que me abandonou e me deixou entregue à generosa caridade de seu nobre coração, minha boa e santa mãe? A ela devo os sofrimentos, as angústias da vida que eu lhe não pedi e que de bom grado dispensava. A madre Paula devo tudo o que um filho deve a sua mãe: devo-lhe o amparo, o carinho, a proteção o amor que uma boa mãe tem sempre por seu filho. Quem é, pois, minha mãe? A quem devo eu todo o respeito, toda a obediência, toda a estima e gratidão que constitui a obrigação

de um filho para com seus pais: aos que me criaram e protegeram, ou aos que me deram o ser e me abandonaram?

E voltando-se para Beatriz, que assistia silenciosa e comovida a esta cena:

— Responde tu, minha amiga! Tu, que tens sido também vítima da crueldade e dureza de um pai descarado e egoísta, que a todo o momento te torturava, consulta o teu coração e dize-me se sentes por ele o mesmo enternecido afeto que sentias por tua mãe, de quem me tens falado com tão viva saudade?

Beatriz corou e disse:

— Se é um crime não amar os pais, que, depois de nos terem lançado ao mundo, se julgaram dispensados de ter por nós desvelos e amável compaixão para com a nossa infância desvalida, confesso que sou também uma grande criminosa... Por meu pai não senti nunca o suave e doce afeto que me inspirava minha pobre mãe. Ela era meiga, terna e bondosa para mim. Ele, ríspido, austero, seco, intratável. Nunca me dispensou um afago, nunca teve para mim um sorriso, a não ser agora, nos últimos tempos, quando, representando comigo uma comédia... inclassicável, queria sacrificar o meu coração ao dinheiro de um homem que eu não podia amar. Até aí, porém, só teve para mim arremessos, gestos bruscos, despotismos de senhor que se vê compelido a tolerar um escravo de que deseja desfazer-se. Depois da morte de minha mãe, esse mau tratamento acentuou-se de cada vez com mais rigor. Cheguei a pensar que, se eu morresse, a minha morte seria motivo de grande alegria para meu pai. Não ia ver-me ao colégio, não me escrevia uma carta, não buscava saber de mim, nem mesmo quando uma ligeira doença me prostrava no leito. Contentava-se em pagar todas as despesas mas ternura paternal, este doce sentimento que liga, numa cadeia interminável, a humanidade de um ao outro extremo dos séculos, eu conhecia bem que não existia nele... Chorei muito a minha orfandade, cheguei mesmo a pedir a Deus a morte. E quando via o alegre alvoroço das minhas companheiras ao receberem notícias dos pais que adoravam, perguntava a mim mesma porque é que a lembrança de meu pai não despertava em mim o mesmo sentimento, e o meu coração ficava frio e indiferente.

Madre Paula escutava Beatriz, visivelmente comovida com o tom de sinceridade e candura que ela punha nestes dizeres.

— Minha filha — disse-lhe a abadessa — eu creio bem que, apesar de não sentir por seu pai os extremos de ternura que seriam para desejar, não sentiu nunca por ele indiferença e muito menos ódio...

— Oh, não, minha senhora! Meu pai inspirava-me receio e temor pelo seu gênio desabrido, pela rispidez e quase rancor com que me tratava. Mas eu não pensei jamais em faltar aos meus deveres de filha obediente... E ainda mesmo quando ele falsamente alegava que dependia de mim a sua velhice sossegada e tranquila, estava resolvida a sacrificar-me por ele, tanto quanto fosse compatível com a minha honestidade e com os sentimentos do meu coração.

E cortou a frase para envolver Paulo num olhar caricioso e apaixonado.

— E todavia — observou Paulo — esse homem não tem o mínimo direito à obediência e ao afeto de Beatriz! Um pai que desce à ignomínia de consentir no rapto violento de sua filha para a obrigar a casar com o homem que ela detesta, é um miserável, um monstro desprezível, não é um pai!

— Paulo! Paulo... então! — suplicou Beatriz.

Madre Paula interveio:

— O procedimento do pai desta menina foi incorreto, não há dúvida; mas a Providência encarregou-se de o punir, fazendo voltar contra ele as próprias armas da perfídia que queria empregar contra a filha.

E dirigindo-se a Beatriz:

— Minha menina — acrescentou — agradeça ao céu o havê-la protegido e amparado contra a odiosa cilada em que queriam fazê-la cair. Sem praticar nenhum ato de desobediência para com seu pai, encontra-se liberta do homem a quem queriam entregá-la com manifesta repugnância do seu coração e grave ofensa da sua reputação e da sua honestidade. Aqui se conservará em minha companhia, se assim o deseja, em quanto não puder livremente dispor do seu destino, unindo-se pelos laços conjugais ao escolhido do seu coração. Servir-lhe-ei de mãe e serei uma garantia segura da retidão e honestidade de seu comportamento. Quer assim?

— Oh, minha senhora! quanto lhe devo e quanto a minha alma se sente agradecida por tanta bondade e tão valiosa proteção!

— Paulo virá vê-la — continuou Madre Paula — mas falar-lhe-á sempre na minha presença, para que a todo o tempo eu possa testemunhar a nobreza e correção com que ambos procuram unir os seus destinos. Espero, pois, que deste modo concorrerei para a realização dos seus mais vivos e ardentes desejos, sem que uma leve sombra de suspeita possa macular a honra e a reputação dos meus queridos filhos.

Beatriz e Paulo ajoelharam, beijando enternecidamente a mão da gentil abadessa.

Esta, sorrindo com um carinho e uma doçura verdadeiramente maternal, disse para Beatriz, levantando-a nos braços:

— Deve estar fatigada, minha filha... Vou mandar servir-lhe uma leve refeição e acompanhá-la em seguida ao seu quarto.

E dirigindo-se a Paulo:

— Vai, meu filho. Despede-te da tua noiva e faze por merecer sempre a estima e o afeto que — Vai, meu filho. Despede-te da tua noiva e faze por merecer sempre a estima e o afeto que tens encontrado no meu coração.

CAPÍTULO 17: QUEM SEMEIA VENTOS...

O Belchior e o Custódio, mal chegaram ao Porto, dirigiram-se ao comissariado de polícia e aí formularam a sua queixa contra Eugênio de Melo, acusando-o do rapto de Beatriz.

O procurador e a família apresentaram-se como testemunhas, e todos declararam haver reconhecido o boêmio num dos dois raptos.

A polícia pôs-se em campo para descobrir os fugitivos, e o Custódio, esfregando as mãos de contente, recolheu a casa à espera dos acontecimentos.

— Agora, amigo Custódio — disse-lhe o Belchior — como tudo correu à medida dos nossos desejos, vá descansado, que o casamento não leva oito dias a fazer-se...

— Como o rapaz não tenha ainda gasto toda a cortiça da quinta... — respondeu o Custódio com um sorriso velhaco — o casamento vem em boa ocasião.

— Deixe lá, que por falta de cortiça não é que o negócio há de ir ao fundo...

Despediram-se, prometendo voltar a ver-se no dia seguinte.

Ao chegar a casa, porém, o Belchior ficou surpreendido ao encontrar um bilhete de Eugênio de Melo, em que este lhe declarava que, tendo-o procurado sem o encontrar, voltaria no dia seguinte de manhã, para, saber que novidade tinha havido.

— É boa! — disse o procurador à mulher — Este maluco rapta a rapariga e quer que eu lhe diga a novidade que houve!

— Mas — observou a esposa — quando te deixou ele esse bilhete?

— Não sei... Encontrei-o na caixa das cartas... Naturalmente, mandou-m'o por algum portador de confiança, depois do rapto.

— Mas ele diz que veio procurar-te e que não te encontrou...

— É verdade! Confesso que não percebo isto... Ele não iria com ela para Vilar do Paraíso como havíamos combinado?

— Não sei... não estaria o dono da casa prevenido para os receber?...

— Qual! estava tudo prevenido. É uma casa isolada no fundo de uma quinta e de que um meu constituinte tem a chave... E ele estava prevenido... Nada, aqui houve tolice do rapaz...

Intrigado com o bilhete de Eugênio, que não sabia como explicar, o Belchior meteu-se na cama e dormiu regaladamente, na ideia de que levava o negócio do casamento a bom caminho.

No dia seguinte, pelas dez horas, descia ao escritório quando Eugênio entrou:

— Então? — disse-lhe o procurador. — Você já aqui, em vez de estar a convencer a pequena!

— Qual pequena? — interrogou Eugênio, sem compreender.

— Qual pequena? É boa! Então você não sabe o que fez?

— O que fiz? Eu não fiz nada, e não sei de quem me fala...

— Essa agora! Pois você quer-me meter em cabeça que não raptou a Beatriz?

— Eu?!

— Homem, sim! Pois quem diabo havia de ser? Fui eu talvez?!

— Mas se lhe digo que não pratiquei rapto nenhum...

— Mau! — disse o Belchior, abespinhado com a ideia de que Eugênio estava gracejando. — Isto são negócios muito sérios e eu não gosto dessas brincadeiras!

— Que diabo! mas se lhe estou dizendo que não brinco... Você mandou-me um recado, prevenindo-me de que não fosse, que o rapto não podia efetuar-se como se havia combinado... Como queria que eu, depois disto, fosse raptar a pequena?

— Com os diabos! — berrou o procurador, desesperado. — Mas eu vi! Você, quer-me negar uma coisa que eu presenciei?!

E numa fúria crescente, persuadido de que Eugênio premeditava maroteira grossa:

— Olhe que isso não é digno, ouviu? Eu bem sei aonde você quer chegar... Mas comigo é preciso ver como se fazem, porque eu não sou menino que se deixe enganar!

O boêmio encarou-o fito, franziu o sobrolho e replicou num tom meio zombeteiro, meio ameaçador:

— Você está doido, amigo Belchior?

— Não estou doido nem você é capaz de me tirar o juízo, percebeu? É preciso notar que eu cumpri tudo aquilo a que me obriguei, e você há de cumprir também, ou então temos muito que ver!

— O que quer você dizer com isso, Belchior?

— Quero dizer que escusa você de vir negar o rapto que eu presenciei, com a ideia de se furtar a entregar-me a comissão que tínhamos combinado... Eu sei qual é a sua ideia... A sua ideia é fazer-se com o Custódio para arranjam o casamento a ocultas e deixarem-me a mim a chuchar no dedo... Mas lembre-se que eu tenho-os a ambos na mão... De você, descubro tudo, digo quem é e quem não é, faço ver que não tem onde cair morto, e depois sempre quero saber se o Custódio não prefere mandá-lo por uma barra fora, a dar-lhe a filha. E a ele, se se fizer fino e me quiser ser falso, tenho cá uns certos segredos que o comprometem e veremos quem neste jogo leva a melhor! Comigo é preciso muito cuidado, ouviu? Eu não me deixo ir assim na rede, ainda que a você lhe pareça o contrário!...

O procurador punha tal indignação nas suas palavras, que Eugênio compreendeu que havia ali um equívoco a desfazer.

— Homem, não se zangue e falemos sério — disse ele, procurando serenar o Belchior. — Eu não percebo uma palavra do que você está para aí a dizer...

— Não percebe? Ah! você agora não percebe, mas eu sou muito capaz de o fazer perceber... — tornou o Belchior, sempre persistente na ideia de que o aventureiro o queria enganar. — É preciso que se lembre de que eu estava lá, vi-o chegar, apagar-se do carro com o outro, deitar as mãos à pequena, atirar com ela para dentro do carro e abalar... Isto a mim não se me nega e bem pode você vir com um santo Cristo dizer-me o contrário, que eu não o acredito.

— Pois não fui, amigo Belchior, creia que não fui! — protestou Eugênio, verdadeiramente espantado das afirmações do procurador.

— Não foi! Então quem foi?

— Não sei. Eu é que posso dar-lhe a minha palavra de honra de que não entrei nisso, nem pensei mais em tal, desde que você me mandou recado a dizer que o rapto ficava transferido para outro dia...

— Que recado? Eu mandei-lhe algum recado?

— Certamente. Eu estava no Suíço, eram quatro horas da tarde, conversando com o amigo que devia acompanhar-me, quando entrou um homem, que me chamou de parte e me disse: “O sr. Belchior manda dizer que tenha a bondade de não ir ao sítio onde sabe, porque houve transtorno e o passeio da menina ficou adiado para outro dia. Ele depois lhe explicará os motivos.” Ouvindo isto, perguntei-lhe: — “Onde está o sr. Belchior?” — “Em casa do sr. Custódio de Jesus com a família e não regressa a casa dele senão à noite.” Ora, depois disto, como queria você que eu fosse raptar a pequena?

O procurador ficou-se a olhar espantado o aventureiro.

Ele queria convencer-se de que Eugênio falava verdade, mas os fatos de que tinha sido testemunha, contradiziam totalmente a narrativa do boêmio.

— Sim... tudo isso está muito bem — disse ele. — Mas o pior é que a rapariga foi raptada; eu vi, o pai viu, minha mulher e minha cunhada viram, e ninguém podia ter sido senão você...

— Mas você não está gracejando, amigo Belchior? — interrogou por sua vez o boêmio. — Realmente Beatriz foi raptada?

— Essa agora! Então não sabe que o foi?

— Ah! sim... então foi raptada por outro!... Não tem dúvida... Você indeniza-me dos prejuízos e está o negócio arrumado...

— Dos prejuízos... Que prejuízos?

O boêmio, sem perder a gravidade, replicou num tom cheio de convicção:

— Obrigou-me a despesas excessivas, na ideia deste casamento. Depois, entretendo-me com as suas promessas e os seus palanfrórios de me arranjar esta noiva que me convinha, fez com que eu perdesse outra união mais vantajosa. Tudo isto são prejuízos que eu não estou disposto a sofrer; e você, antes de me roer a corda, devia pensar nisso...

— Com seiscentos diabos! — gritou o procurador desvairado — Então já o ladrão é o roubado, hein! Então a você não lhe basta raptar a rapariga e negar, para se safar com ela e casarem-se ocultamente em sítio que eu não saiba, para me não darem nada, senão ainda por cima quer que eu lhe dê dinheiro, a título de indenização? Diz que gastou mundos e fundos! E de quem era esse dinheiro, não faz favor de me dizer? A conta está ali, e o preto no branco fala como gente!

E apontou para o cofre onde guardava os documentos da dívida de Eugênio.

— É verdade! — replicou o rapaz com soberano desprezo — E esse preto no branco, que você ali tem, diz de uma maneira bem clara e bem evidente que você é o maior ladrão que a roda do sol cobre!

— Veja como fala... Olhe que eu estou em minha casa! — berrou o procurador num gesto de ameaça.

— Esta casa não é sua, é dos desgraçados que você tem esfolado, seu malandro! A sua casa é a penitenciária, e lá é que você devia estar.

— Pulha! — regougou o Belchior, rouco de cólera — Ponha-se lá fora! ponha-se lá fora!

O boêmio avançou para ele com o punho estendido. O procurador, lívido de medo, foi recuando até à parede.

Então aí, sereno e imperturbável, Eugênio, pondo-lhe a mão vigorosa sobre o ombro, disse:

— Amigo Belchior, você escolheu mau parceiro para a sua bisca, porque eu não tenho que perder, e só posso ganhar... Tome bem conta no que lhe digo: eu não sou homem de quem se escarneça impunemente. Você fez raptar a rapariga por outro... Por ela, pouco me importa, porque eu não tinha empenho na mulher. Mas pelo dote, faz-me diferença e eu não posso perder. Tenho, pois, direito a uma indenização e ou você m'a dá ou lhe mando a vida para o inferno. É um ladrão que fica de menos no mundo e os tribunais, se não me absolverem, também não hão de dar-me grande pena. Estou novo, posso bem com alguns anos de penitenciária, mesmo porque não tenho nada que fazer cá fora... Pense nisto e não seja tolo. Eu não sou exigente. Receberei mesmo em prestações. Adeus!

O Belchior, desorientado, saiu também pouco depois, dirigindo-se apressado a casa de Custódio.

Não podia crer no que ouvira da boca do boêmio, e parecia-lhe, em face de tamanha audácia, que havia já combinação feita entre Eugênio e o pai de Beatriz para o roubarem a ele, despojando-o da comissão que ambos haviam combinado dar-lhe.

— É incrível — murmurava ele — a desfaçatez com que aquele maroto nega uma coisa que eu vi e ainda por cima me pede uma indenização! Agora o que falta é que o patife do Custódio também queira que eu o indenize... Ah! mas não tem dúvida! Eu arranjo-os... Comigo não brincam eles!

Atravessou a cidade a passo acelerado e entrou em casa do Custódio no momento mesmo em que este se preparava para sair.

— Ia agora mesmo a sua casa — disse-lhe o agiota.

— Sim? Então o que há de novo? — perguntou-lhe o Belchior, que tivera tempo de serenar e recobrar o sangue frio.

— Que eu saiba, não há nada... O que eu queria saber era se sempre temos de ir à administração de Vila Nova de Gaia ratificar as declarações que fizemos ontem ao regedor e à polícia...

— Pois está claro que sim! — tornou o procurador — Agora é carregar-lhe com a pólvora toda, declararmos que o vimos, que o reconhecemos, de modo que ele não possa negar ainda que queira...

— Você julga-o capaz disso? — perguntou o Custódio em sobressalto.

— Não... eu não o julgo capaz disso... Mas suponhamos que lhe dá o diabo na cabeça para se arrepender e dizer que não foi ele? É preciso que a gente tenha força nas declarações para o obrigar.

— Mau! Mas você não falava assim antes do rapto... — observou o Custódio desconfiado.

— Eu sempre falei como falo agora, amigo Custódio. Eu não sou homem de duas caras nem digo uma coisa por outra... O que eu disse é que ficava por minha conta obrigá-lo a casar com a pequena depois dele a raptar. Mas para isso é preciso que você me ajude e puxe certo...

— Eu estou pronto! —olveu o Custódio — Diga você como quer que puxe...

O Belchior adquiriu nesta resposta a certeza de que o Custódio ainda nada sabia da negativa de Eugênio e que, portanto, não estava combinado com ele para o espoliarem da parte que lhe cabia naquele infame negócio.

— Trabalha por conta própria — pensou — e quer ver se faz jus a mais dinheiro por parte do velho e a dar-me menos dinheiro a mim... Mas está enganado. É mais fácil eu arranjar-lhe a cama na penitenciária e perder tudo, do que deixar-me comer por aquele patife!

E voltando-se para o Custódio de Jesus:

— É teimar sempre que foi ele e que foi ele! Eu juro que o reconheci, porque deixou ver a cara na ocasião em que raptava a pequena... Minha mulher e minha cunhada juram a mesma coisa... e você, já se sabe, tem de dizer conosco... não nos pode contradizer...

— Ágora contradigo! Nessa não caio eu...

— E assim, com esta prova, ainda que ele negue e diga que não foi, ou casa ou vai para a Penitenciária que nem Santo Antônio o livra de lá...

— Mas a você palpita-lhe que ele seja capaz de negar? — insistiu o Custódio de cada vez mais apreensivo.

— A mim não me palpita nada... Mas você nunca ouviu dizer que o seguro morreu de velho? É preciso a gente prevenir sempre o pior...

— Bem; pois então vamos lá para o administrador de Gaia.

Chegaram à praça de Carlos Alberto, tomaram um trem à hora e partiram para Vila Nova.

CAPÍTULO 18: REVELAÇÃO

O padre Filipe, quando chegou a casa, depois de ter assistido aos últimos momentos de Maria do Carmo, tirou da sotaina a saca das libras e o manuscrito que a moribunda lhe confiara, atirando tudo para dentro da gaveta da sua secretária, sem se dar pressa em observar de perto o estranho legado.

Vinha fatigadíssimo e como a idade já lhe não permitia prolongadas vigílias, recolheu-se ao leito, reservando para o dia seguinte o exame do misterioso manuscrito.

A confissão da velha, porém, impressionara-o.

Ele conhecera o padre Hilário e sabia muito bem, pelo que lhe dissera madre Paula, que o novel capelão da Covilhã era filho do padre Anselmo. O que de todo o ponto ignorava eram as particularidades que a velha lhe revelara nos últimos momentos.

Nunca tivera grande curiosidade de saber a origem daquele filho que o padre Anselmo parecia querer encobrir, não obstante a grande proteção que sempre lhe dispensara e que era o que afinal traíra o seu segredo. Mas, comparando os relativos cuidados havidos para o padre Hilário com o abandono a que Paulo fora votado, o padre Filipe não sabia explicar a diferença, senão pelo grau de afeto que separava aquelas duas mães no coração do padre Anselmo.

Todavia, madre Paula supunha a Irmã Dorotéia vivendo em país estrangeiro, protegida pelo seu sedutor, a essas horas talvez elevado ao cargo de Provincial ou Assistente, com outro nome diverso do que a princípio tivera. E neste caso, como é que os dois esqueceram Paulo, deixando-o entregue aos cuidados de duas pessoas amigas, de quem mais não quizeram saber?

Emaranhado nesta ordem de considerações, o padre Filipe adormeceu, reservando para o dia seguinte a leitura do manuscrito, que talvez viesse fazer luz em tão escuro labirinto.

Se essa leitura alguma coisa o esclareceu, poderemos nós avaliar pela conversação que, na tarde desse mesmo dia, se travou entre ele e madre Paula, na casa das Sereias.

— Sabes, minha amiga — disse o padre Filipe, entrando na cela da abadessa — que tive notícias do padre Anselmo?

— Sim? — perguntou madre Paula com curiosidade.

— É verdade. Notícias bastante retardadas, mas em todo o caso novas para mim e creio que também para ti...

— Decerto. há muitos anos que não tenho notícias do padre Anselmo. É ainda vivo?

— Não sei. A pessoa que dele me falou é já morta, e, ao expirar, não soube dizer-me se ele ainda vivia.

— Alguém, ao morrer, falou-te do padre Anselmo?

— Uma tal Maria do Carmo, que foi criatura muito dele...

— Tenho ideia dessa mulher. Persuado-me que a vi duas ou três vezes procurar o padre Anselmo, quando ele se demorava nesta casa.

— Eu não a conhecia, mas fui chamado ontem à noite para a ouvir de confissão, porque a pobre criatura não queria morrer sem fazer revelações importantes.

Contou então toda a conversação que tivera com a moribunda e o legado de que ela o fizera depositário.

— E o manuscrito o que diz?

— O manuscrito — replicou o padre — é uma sentida e comovente narrativa feita pela mãe do padre Hilário ao filho, revelando-lhe o segredo do seu nascimento e dando conta dos funestos amores que, desde muito nova ainda, a ligaram ao padre Anselmo...

— É singular!

— Pelo que desse manuscrito se depreende, essa mulher não vira mais o filho desde o momento em que o dera à luz. O padre Anselmo arrebatara-lh'o da vista, dera-o a criar e encarregara-se da sua educação, conservando no mais rigoroso mistério as circunstâncias do nascimento daquela criança. Chamava-se Carlota a mãe, e por sugestões do padre Anselmo, casara em Braga com um agiota chamado Custódio de Jesus...

— Custódio de Jesus! — repetiu madre Paula, sobressaltada.

— Sim, Custódio de Jesus — tornou o padre Filipe — Porque te sobressalta esse nome?

— É porque Custódio de Jesus se chama também o pai de Beatriz, a namorada de Paulo; e creio ter ouvido dizer que esse homem residira primitivamente em Braga.

— É extraordinário! — exclamou o padre Phillippe — Dar-se-á caso que Beatriz seja filha da amante do padre Anselmo?

— Não sei. É possível, como é possível que a própria Beatriz seja... irmã de Paulo.

— Convém esclarecer esse mistério, mas de modo que não transpire a menor suspeita do que se trata.

Madre Paula ficou por alguns instantes pensativa.

— Chamava-se D. Carlota — disse — a mãe do padre Hilário?

— Chamava.

— É ela mesma quem se declara casada com Custódio de Jesus, no manuscrito que te veio às mãos?

— É. E posto não diga claramente que as suas relações íntimas com o padre Anselmo continuaram, bem o deixa perceber nas diferentes passagens em que se refere às súplicas que frequentemente lhe fazia para que a deixasse ver e beijar o filho, seu único amor, sua única aspiração.

— De modo que — tornou ainda madre Paula — se Beatriz é filha de D. Carlota...

— Não haverá remédio senão impedir por todos os modos o casamento dessas duas crianças, ainda mesmo que não tenhamos a certeza moral do impedimento dirimente.

— E teremos então que revelar a Paulo o segredo do seu nascimento?

— Não me parece que o devemos fazer enquanto não tivermos esgotado todos os outros meios ao nosso alcance.

— Paulo ama loucamente essa menina e é correspondido com igual veemência por parte dela... Creio bem que será empresa difícilima arrancar ao coração dos dois um sentimento que ali tem criado tão fundas raízes.

— Buscaremos convenientemente empregar os nossos esforços no sentido de suavizar o melhor que pudermos o golpe que talvez sejamos obrigados a vibrar-lhes... E se queres que te diga, minha querida, acho extemporâneas quaisquer considerações a esse respeito... Primeiramente, devemos informar-nos acerca da identidade desse Custódio de Jesus. Pode muito bem acontecer que, em vez de se tratar da pessoa que suspeitamos, se trate apenas de um homônimo do marido de D. Carlota.

— Tratarei de averiguar por alguma das serventuárias do convento.

— O que não convém — recomendou o padre Filipe — é que Paulo tenha conhecimento destas nossas indagações que não devem perder o caráter do mais íntimo segredo...

— Descansa, meu amigo. Paulo nada saberá.

Nessa mesma tarde, madre Paula chamou à sua cela uma das serventuárias do convento e incumbiu-a de averiguar e saber de certeza certa quem era Custódio de Jesus, que pessoas compunham a sua família, qual o seu estado, e como se chamava a mãe de Beatriz.

— Quero saber isto com a máxima exatidão e a mais breve possível — disse madre Paula.

— Isso é uma coisa que eu vou já tratar de saber... Ali perto tenho uma alminha do senhor, muito devota e que sabe a vida de toda a gente da vizinhança... Ela diz-me tudo assim que eu lá for...

— Veja lá, olhe que tenho o máximo interesse em saber tudo...

— Ó minha senhora! Fique vossa maternidade descansada que lhe trago aqui tudo sabidinho, sem faltar nada... Eu parece-me que essa família não é lá de grande religião, porque não tenho ideia de a ver muito pelas igrejas...

— Saiba se esse Custódio de Jesus é de Braga e se vive cá no Porto há muito tempo.

— Sim, minha senhora.

— Saiba também se a mãe da menina que é filha dele, e que se chama Beatriz, tem o nome de D. Carlota...

— Sim minha senhora! Eu vou saber tudo isso...

Saiu a serventuária e duas horas depois regressava com tudo sabido.

— Já aqui estou de volta com tudo na ponta da língua! — disse lépida a cuscuvilheira.

— Então, o que soube?

— O homem é de Braga, chama-se Custódio de Jesus e já cá está no Porto há muitos anos. Emprasta dinheiro sobre hipotecas e pelos modos leva couro e cabelo... Tem má fama, mas é home de dinheiro...

— E a família?

— A família é só ele e mais a filha e mais a criada — uma *focinho* de cão que primeiro que se lhe *arrinque* uma palavra do bucho é um dia de juízo!

— E a mulher? Ele não é casado?

— Já é viúvo duas vezes. A primeira mulher morreu-lhe ainda ele estava em Braga... Chamava-se D. Carlota e dessa não teve filhos. A segunda chamava-se D. Ana, tinha vindo do Brasil com fama de trazer mundos e fundos, mas acho que eram mais as vozes do que as nozes...

— E o que foi feito dessa mulher? Morreu também?

— Pois já se sabe! Morreu e ele fez-lhe um enterro muito rico...

— Então esta menina Beatriz é filha da segunda mulher, da tal snr.a D. Ana?...

— É como diz, minha senhora! Ela é um palminho de cara muito bonito... E parece que não há de ter mau interior; mas o pai, que é má farda, não a deixa por pé em ramo verde... Veja lá como aquela alminha há de estar carregada de pecados!

— Tem vocemecê bem a certeza de que essa menina Beatriz é filha da segunda mulher do Custódio de Jesus?

— Então não tenho, minha senhora?! Aquilo foi chegar a casa daquela santa Maria do Rosário e ela contar-me tudo *p-a-pá* Santa Justa, nem que estivesse a

ler num livro aberto! E olhe que ela não me engana, porque quem lhe disse tudo, como era e como não era, foi a criada do seu *prescurador* chamado o snr. *Mélchior*, que é lá todo da casa do Custódio de Jesus e mais as senhoras dele, que são as que contam estas coisas todas diante da criada... Inda ela *onte* lá esteve, porque agora, pelos modos, vai lá um inferno em casa p'ra amor do namorico — Credo! Santo nome de Jesus! — que a pequena traz com um estudante que se chama Paulo... E o pai quer mas é que ela case com outro, que diz que é *pôdre* de rico.

— Está bem! — disse madre Paula.

— Veja lá a senhora as *desgrácias* que vão por esse mundo, tudo causado pela falta de religião e temor de Deus!...

— Está bem! — repetiu madre Paula, despedindo a devota onzeneira. — Vá na graça de Deus e escusa de dizer a alguém que eu a incumbi deste serviço...

Quando o padre Filipe voltou ao outro dia, madre Paula disse jubilosa:

— Já sei tudo. O pai de Beatriz é o mesmo Custódio de Jesus, marido da D. Carlota do padre Anselmo... porém, esta pequena é filha do segundo matrimônio... A mãe era uma tal D. Ana, que também já morreu, pois que o Custódio de Jesus é viúvo duas vezes...

O padre Filipe, encarou, sorrindo, madre Paula:

— As tuas informações condizem perfeitamente com aquelas que eu pude obter...

— Ah! também indagaste?

— Também. Ha, porém, um ponto escuro que eu ainda não pude aclarar...

— Qual é?

— É que D. Carlota morreu há dezoito anos, envenenada em Lisboa pelo padre Anselmo, e esta pequena Beatriz, se não tem mais, deve ter pelo menos uma idade que regula por esse tempo...

— D. Carlota morreu envenenada pelo padre Anselmo, dizes?

— Morreu.

— Como o sabes?

— Revelou-m'o a velha Maria do Carmo na hora extrema.

— De modo que essa desgraçada não chegou a ver o filho?

— Não.

— E o padre Hilário, pela sua parte, se ainda é vivo, deve ignorar quem foi sua mãe?

— Decerto.

— Aquele padre Anselmo era um sicário da pior espécie! — disse ainda horrorizada a bela abadessa.

— O padre Anselmo, que nós conhecemos, era um facínora como tantos outros que se acobertam com a religião santa do Crucificado... Ambicioso e profundamente perverso, tudo era capaz de sacrificar sem escrúpulo à sua desmedida ambição...

— Envenenaria também a pobre Helena de Noronha? Quem sabe?

— Para isso, bastaria só que ela lhe fosse um leve estorvo na sua carreira de crimes...

— Não terias meio de indagar se ela ainda vive?

— Como? Se é hoje Provincial ou Assistente e usa de outro nome, como poderei descobrir-lhe o rasto? Mas nem isso agora nos serviria de nada. Paulo é para todos os efeitos nosso filho adotivo. Desde que tomamos sob a nossa proteção essa criança devemos proceder para com ela como se fôramos seus únicos e verdadeiros pais... De que serviria sabermos que o padre Anselmo e a irmã Dorotéia são ainda vivos? A mãe renegou-o ao nascer, e o pai nem talvez tivesse notícia do seu nascimento. Dizer ao filho o nome dos que lhe deram o ser era ensinar a Paulo o nome dos que devia amaldiçoar... Não, minha amiga... Sejam caridosos para com a pobre criança. Uma vez que não tem fundamento o nosso receio de que Beatriz seja irmã de Paulo, deixemo-los amarem-se e unirem-se livremente. Concorramos na medida das nossas forças para a sua união e que sejam felizes amando-se como nós nos temos amado sempre.

O padre Filipe, sempre de uma galanteria correta a despeito da idade, selou estas últimas palavras com um delicado beijo na face de madre Paula, que, a sorrir, o estreitou com frenesi ao seio palpitante de alegria.

— Sempre o mesmo gentilíssimo espírito! sempre o mesmo generoso e nobre coração! — disse ela comovida.

— Esse Custódio de Jesus — continuou o padre Filipe retomando a sua atitude grave — é, ao que me consta, um sórdido usurário que sonha um casamento rico para a filha... há de ser difícil demovê-lo deste propósito, que seria desculpável se ele não tivesse a certeza de que vai assim sacrificar o coração de duas pobres crianças.

— Talvez que tu, procurando-o, o pudesses convencer a dar o seu consentimento...

— Já me lembrou isso. Mas se ele alguma vez veio a ter conhecimento dos amores da sua primeira mulher com o padre Anselmo, a presença de um homem de sotaina não deve ser-lhe muito simpática... E talvez mesmo que, em vez de o demover a favor de Paulo, isso o irrite e de cada vez mais o mantenha no propósito de contrariar o casamento...

Como respondendo a esta pergunta, ouviu-se fora da porta da cela a voz de Paulo:

— Dá licença, minha mãe?

— Ah! és tu? Entra, entra, meu filho! — exclamou a abadessa correndo ao seu encontro.

O mancebo beijou-lhe a mão com respeito filial, e vendo o padre Filipe dirigiu-se a ele, de braços abertos, dizendo com sincera alegria:

— Que felicidade! encontro-os a ambos reunidos quando tanto precisava de os consultar e pedir o seu conselho e o seu auxílio!

— Tu dirás, meu amigo, o que desejas — disse, bondoso, o padre Filipe — e se for, como creio, coisa compatível com as nossas forças, podes dispor de nós...

Paulo principiou dizendo:

— O que venho pedir-lhes é realmente um sacrifício... Mas sacrifício de que está dependente a minha vida, mais que a minha vida, toda a minha felicidade futura, e por isso espero bem que o não recusarão ao seu filho, a este filho que não conheceu nunca outros pais nem tem no coração lugar para outro afeto igual...

— Fala, fala, meu Paulo! — animou com doçura a bondosa abadessa.

— O caso é este — continuou o mancebo — Beatriz, de quem lhes tenho falado, está em risco de ser vítima de uma monstruosa infâmia com a cumplicidade de seu próprio pai!

— O que! O que dizes tu, meu filho? — interrogou madre Paula.

— A verdade, minha mãe!

O padre Filipe silencioso, encarando fito o mancebo, parecia observá-lo com atenção.

— Repara, meu amigo, que essas palavras envolvem uma acusação terrível para o pai da tua amada, o que é sempre uma coisa grave e digna da maior censura, quando se não tem a certeza do que se afirma...

— Mas eu tenho a certeza! — protestou Paulo — E porque a tenho é que venho pedir-lhe o auxílio no sentido de obstar a que tal infâmia se realize.

— Fala! — disse o padre Filipe.

O mancebo prosseguiu:

— Custódio de Jesus, o pai de Beatriz, depois de ter inutilmente envidado todos os esforços para coagir a filha a casar com um tal Eugênio de Melo, que se diz um rico proprietário do Alentejo, resolveu, de combinação com o pretendente e com o procurador Belchior, que tem sido o agente desta ignóbil negociata, proteger o rapto da própria filha, com o fim de, por este meio, a violentar a aceitar o noivo que se lhe impõe e que ficará sendo o único que em tais condições não duvide recebê-la por esposa.

— Isso é impossível, Paulo! — bradou madre Paula, indignada — Não há um pai que pense em realizar uma tal monstruosidade! Tu és por força vítima de um engano, talvez de um cruel gracejo de alguém que deseja ver até que ponto vai a tua cegueira por essa menina, que não te recusas a aceitar invenções de tal ordem!

— Não, minha mãe! — volveu Paulo — O que lhe digo é absolutamente certo e vai realizar-se, se eu o não impedir como me cumpre. Um amigo íntimo de Eugênio de Melo e que com este deve tomar parte na miserável aventura foi quem o declarou diante de mim.

— É o que eu digo! gracejo de rapazes.

— Não é gracejo como supõe, minha mãe. Quem isto revelou fê-lo em tais circunstâncias que não podia nem lhe era permitido gracejar. O rapto está combinado e deve efetuar-se amanhã, durante um passeio ao campo que as duas famílias — a do Belchior e a de Beatriz — têm preparado.

— E Beatriz sabe a infame cilada que lhe querem armar?

— Beatriz nada sabe, nem eu tenciono preveni-la.

— O que tencionas então fazer? — perguntou o padre Filipe.

— Castigar o miserável pai que assim malbarata a honra da própria filha num trafico infame, aproveitando-me das circunstâncias por ele preparadas, para lh'a raptar eu.

— Tu?!

— E porque não? Se ela me ama e eu a adoro e a quero para minha mulher, hei de deixar que m'a roubem e levantem entre mim e ela uma barreira impossível de transpor — a barreira da desonra? Tenho tudo prevenido e tudo preparado para arredar sem escândalo, e até sem suspeita do que vai passar-se, os raptos de Beatriz, e tomar eu e um outro meu amigo o seu lugar. Falta-me apenas uma coisa.

— O que é? — interrogou madre Paula.

— A salvaguarda de uma mulher honesta para garantir a reputação de Beatriz que eu não quero ver maculada, com a sombra de uma suspeita, antes de a receber por esposa perante o altar do Deus Vivo.

O padre Filipe e madre Paula trocaram um rápido olhar.

Se o mancebo pudesse conhecer o segredo da sua origem e saber a quem devia a vida, teria traduzido nesse olhar esta frase que estava no pensamento dos dois:

— “Não parece filho do padre Anselmo!”

— Desejas então...? — interrogou madre Paula dirigindo-se ao mancebo.

— Que minha boa mãe, de cuja virtude ninguém ousará suspeitar, se digne receber a minha noiva em sua companhia durante todo o tempo que ela seja forçada a conservar-se oculta...

— Queres trazê-la para aqui, Paulo? Isso, meu filho, é um passo muito grave, que pode por em risco a boa ordem e segurança desta santa casa... Imagina que as autoridades são obrigadas a intervir, e por qualquer circunstância descobrem aqui essa menina, que, de mais a mais, não consultaste ainda sobre se consente em acolher-se à nossa proteção?

— É tal a confiança que tenho no amor de Beatriz, minha mãe, que não duvido asseverar que ela dará por bem feito tudo quanto eu haja deliberado, logo que conheça os motivos que me obrigaram a raptá-la...

O padre Filipe, que durante esta conversação guardara absoluto silêncio, resolveu-se afinal a intervir.

— Parece-me que tudo se pode conciliar muito bem — disse ele. Paulo deseja salvaguardar a reputação da sua noiva, o que é de todo ponto justo e nobre. Para isso, pois, pede o concurso de sua mãe adotiva, porque sob a égide da virtude da madre Paula, ninguém se atreverá a julgar menos lícitos os intuitos deste rapto. Portanto, madre Paula deve intervir com a sua presença, porque é um ato de verdadeira caridade evangélica o que se lhe pede. Mas surge uma dificuldade, que é o poder comprometer por esta forma os interesses desta santa casa, se a trazer para aqui...

— É justamente esse o inconveniente que já apontei — interrompeu a abadessa.

O padre Filipe fez um gesto e prosseguiu:

— Ha, porem, um meio, que me parece razoável, de obviar a esse inconveniente...

— Qual?

— Paulo buscará uma casa profana para onde conduzirá a sua noiva; e aí, madre Paula, vestindo trajos seculares, receberá a pobre menina e conservá-la-á em sua companhia durante os primeiros dias. Se depois de Beatriz conhecer do que se trata, manifestar desejos de acompanhar madre Paula para esta santa casa, poderemos então, com as devidas cautelas e resguardos, interná-la aqui até que as circunstâncias lhe permitam legalizar a sua união com Paulo. Não acha aceitável este alvitre, minha amiga? — concluiu interrogando a abadessa.

— As opiniões do padre Filipe têm para mim o valor de leis indiscutíveis. Far-se-á como diz, concordou madre Paula.

Paulo abraçou numa expansão de reconhecimento o padre Filipe.

— Sempre generoso e bom para mim! disse o mancebo com as lágrimas nos olhos.

— Vamos, vamos! — replicou o padre Filipe comovido, procurando furtar-se às demonstrações de reconhecimento do pobre rapaz — Trata de procurar uma casa em condições de abrigar por alguns dias tua mãe adotiva e a tua noiva. Os meus recursos são minguados — concluiu — Sou um pobre sacerdote que fez eterno voto de pobreza... de pouco posso dispor... Mas até onde as minhas magras economias o permitam, tudo está à tua disposição, porque tudo é teu, meu Paulo.

— Oh, meu pai!

— Essa menina deve ser tratada com a decência e conforto a que certamente esta habituada...

— Eu tenho amigos, meu pai! — afirmou Jorge.

— Os teus primeiros amigos somo nós, eu e madre Paula. Não tens, pois, o direito de recorrer ao auxílio monetário dos segundos enquanto existirem os primeiros. A minha casa irás buscar todo o dinheiro de que careceres. Vê bem a casa que escolhes para receberes nela a tua família.

— Tenho um amigo, quase um irmão, que não só me acompanha e auxilia na aventura do rapto, como põe à minha disposição a sua casa, onde não tem mais família e onde nada falta.

— Muito bem. Se entendes que aí podem acolher-se sem perigo, deves aceitar.

— Já aceitei, meu pai!

O leitor já conhece como o rapto se efetuou e como madre Paula recebeu com os extremos e carinhos de mãe a gentil Beatriz, salva das garras do aventureiro Eugênio de Melo e da sua alma negra, o procurador Belchior, por maneira tão original como inesperada.

Agora, enquanto a pobre menina, livre de perigo, encontra na doce convivência da abadessa os afetos maternos que a morte lhe roubara e os três sujeitos heróis desta repelentíssima, porém verídica, história se empenham numa luta de desconfianças e malquerenças, que são o seu verdadeiro castigo, voltemos a S. Martinho do Campo, onde novos e interessantes episódios se estão dando.

CAPÍTULO 19: UM VELHO AMIGO

Júlio de Montarroio, logo que o Brasileiro lhe deu por desocupada a casa que pertencera a Norberto de Noronha, tomou posse da sua nova propriedade e instalou-se nela imediatamente, sem mesmo esperar que se fizessem os convenientes e indispensáveis reparos.

Este acontecimento foi celebrado pelos convivas e amigos de Gustavo de Magalhães com um jantar lauto, em que houve discursos, brindes e poesias, como estava combinado muito tempo antes.

O amigo de Gustavo, que tinha adquirido foros de excêntrico, suportou como pôde toda a ruidosa alegria daqueles amigos e passada a glorificação, como eles lhe chamavam, encerrou-se na sua habitual tristeza, sem contudo se mostrar intratável e esquivo a convivências afetuosas.

No entanto, furtou-se obstinadamente a toda e qualquer recepção festiva em sua casa, dando como desculpa a falta de pessoal habilitado para bem servir num banquete de cerimônia.

O caso, porém, não era esse.

Júlio de Montarroio considerava um sacrilégio infame fazer ressoar os risos da alegria naquelas salas onde morreram abafados os gemidos de tamanha desgraça, de tão profunda e inconfortável dor.

Ele adquirira aquela casa para recolher nela a sua grande tristeza, o luto eterno do seu coração.

Não podia por isso, ainda que o desejasse, converter aquele túmulo, em que queria encerrar-se vivo com as suas recordações e os seus desalentos, num lugar de festivas alegrias, de expansivos afetos.

Os amigos de Gustavo, que o eram também seus, compreenderam-no e não se ofenderam.

— É um excêntrico — dizia o juiz — Não há que ver, é um excêntrico...

— É um paranóico com a tendência romântica! — afirmava o médico. — Aquilo desanda num volume de líricas mais hoje, mais amanhã. E talvez esteja aí a sua salvação.

— Não é nada disso, meus amigos — contrariava Gustavo — Este homem é um de tantos incompreendidos que têm atravessado a vida como o viajero

atravessa os areais do deserto, sem jamais encontrar o apetecido oásis. O maior benefício que lhe podemos fazer é deixá-lo entregue à sua grande tristeza, à sua enorme e insanável dor.

Júlio de Montarroio começou, pois, a ser uma figura estranha às alegrias ruidosas daquela vida campesina, passada em convivência íntima de amigos.

Os dias do melancólico amante de Helena de Noronha decorriam-lhe numa taciturnidade de espírito aterradora.

Encerrava-se horas e horas na sala onde pela primeira e última vez falara a Norberto de Noronha e parecia experimentar um cruel prazer em recordar, em todas as suas tristes minudências, essa estranha e dolorosa entrevista.

Mandara colocar todos os móveis que serviram a Norberto na sua disposição primitiva. Lá estava a cadeira de rodas, onde o desgraçado agonizou por tanto tempo. E em frente dela, passava horas esquecidas a monologar as suas recordações e os seus desgostos.

Um dia, viera ao jardim e sentara-se no caramanchão que olhava sobre a estrada.

Devia ser ali, supusera ele e confirmara-lh'o depois a irmã de Gustavo, que Helena de Noronha vinha sentar-se muitas vezes, nos tempos felizes da sua infância, e era por isso mesmo o lugar por ele preferido para as suas meditações ao ar livre.

De repente ao portão chegou alguém que fez vibrar a sineta. Júlio de Montarroio debruçou-se na grade do caramanchão e olhou.

Viu um pobre mendigo, um ermitão, de longas barbas brancas, vestindo um garnacho remendado e encostando-se a um bordão. Trazia ao peito, pendente de uma correia, um nicho de folha de Flandres, em que se via a imagem de um Santo Antônio, cercada de flores artificiais.

— O que deseja? — interrogou Júlio.

— Esmola para Santo Antônio, meu rico senhor! — suplicou de baixo o pobre, tirando o chapéu e indicando o santo.

Júlio de Montarroio não reconheceu aquela figura, mas ficou estranhamente impressionado com o metal de voz do pedinte.

Parecia-lhe que já a tinha ouvido em qualquer parte, e como toda a sua vida, naquele ermo, se compunha de recordações, aventurou uma pergunta.

— Você é destes sítios?

— Não, meu senhor... Eu sou de Braga.

— De Braga?!

— Sim, meu senhor, mas já lá não vou há muitos anos...

— Vem então de muito longe?

— Venho, meu senhor!

— Espere aí.

Júlio desceu ao portão e franqueou a entrada ao pedinte.

— Entre! — disse ele.

O pobre entrou.

— Você é de Braga? — tornou a perguntar Júlio.

— Nascido e batizado, meu senhor! — confirmou o pobre.

— há que tempo saiu da sua terra?

— há muitos anos, meu senhor...

— Olhe lá; você conheceu lá um sapateiro chamado Tomba?

— Conheci, meu senhor, conheci! Era um bom home, amigo do seu amigo... E eu *támem* era muito amigo dele!

— Ah! você então era amigo do Tomba?

— Oh, senhor! pois se nós éramos da mesma criação... Eu e mais ele éramos como a unha e a carne...

— E o que foi feito dele? Não sabe?

— Se não morreu... há de estar vivo por força, meu senhor...

Júlio reconheceu nesta resposta o espírito velhaco do antigo sapateiro.

— Diga-me: o que é feito de D. Carlota e do padre Anselmo? — interrogou Júlio a meia voz.

O pedinte, surpreendido, encarou o seu interlocutor e de repente, como se a memória se lhe tivesse avivado, exclamou:

— Ora espera! *Vossa incelência* é o sr. Julinho de Montarroio, pois não é?

— Sou.

— Cá me queria a mim parecer!

E batendo na testa desesperado:

— Ah! grande cabeça de burro, que nem já conheces quem te deu tanto pão a comer!... Ah, sr. Julinho, *vossa incelência* perdoará, mas eu estava agora bem longe de o topar aqui! *Antão cumpassou?* — perguntou o Tomba, lisonjeiro e carinhoso. — *Vossa incelência* está *féro*! Está que é uma bizzarria!

— Estou velho, amigo Tomba, estou velho!

— Qual velho! Velhos são os farrapos! Mais velho estou eu e olhe que, graças a Deus e a Santo Antônio, que está aqui e que bem me ouve, ainda as pernas me levam p'r'a onde eu quero.

Júlio de Montarroio, alegre por ter encontrado este homem, que podia talvez elucidá-lo acerca de fatos que ele tinha interesse em conhecer minuciosamente, conduziu o Tomba através do jardim, até ao interior da habitação.

— Venha cá, Tomba, venha cá, homem, que temos que falar...

— Ora o sr. Julinho! Como eu havia de vir aqui topá-lo! Isto foi milagre de Santo Antônio, que eu trago aqui comigo... Foi ele que me *trouve inté* aqui, por sua infinita misericórdia!

Chegados ao gabinete de Júlio, este voltou-se para o sapateiro e disse-lhe:

— Arrume o santo, mestre Tomba, e diga-me se tem vontade de comer...

— Oh, meu senhor! Vontadinha, graças a Deus, há sempre...

— Bom! Vou mandar que lhe dêem alguma coisa.

Júlio ordenou que dessem de almoçar ao Tomba que, fiel ao seu costume, honrou a cozinha do seu generoso anfitrião.

Depois, mais animado, e dando parabéns à sua fortuna por ter encontrado aquele grande e rico amigo, passou à sala onde o aguardava o dono da casa.

— Já matei quem me matava! — disse ele satisfeito. — Ora agora aqui tem vossa *incelência* um home p'ra tudo que for preciso!

— Conte-me cá, mestre Tomba, o que é feito de você? O que foi feito de D. Carlota, do padre Anselmo e daquele doivanas do Álvaro de Noronha?

— Pois vossa *incelência* não sabe? — disse o sapateiro admirado.

— Nada! Não sei nada.

— Pois já tudo isso lá vai!

— Tudo?

— Tudo ou *acaijo* tudo... *Inté* é de *inorar* o sr. Julinho não saber as *desgrácias* todas que se *deram* logo assim que o sr. Julinho *arretirou* p'ra Braga.

— Não! Eu fui obrigado a partir para Paris pouco depois de sair do Porto e por lá andei muitos anos sem ter mais notícias de Portugal.

— Pois é! O sr. Julinho é que fez bem... Foi-se *inté* Paris de França e não deu mais cavaco às tropas... Pois a sr.a D. Carlota, coitada! lá deu ao *penagal* em Lisboa... O padre *Inxelmo* — rais o parta! — lá teceu tais *indrominas* com o *Custoido* a *dezer-lhe* que ela que lhe tinha sido falsa com o sr. Julinho...

— Comigo! — exclamou Júlio admirado.

— Pois então não sabia?

— Eu não sabia de nada...

— Bem digo eu! Então já vejo que não sabe nem da missa a metade!... Pois o maroto do padre *Inxelmo*, enquanto nós *estávamos* no Porto a ver se lhe deitávamos a luva, *vêo* a Braga dizer ó *Custoido* que a sr.a D. Carlota andava lá pelo Porto metida c'o sr. Julinho de Montarroio... E vai ele, o malandro, que nunca se importou enquanto ela lhe desfeiteou as barbas c'o padre, começou a

dar por paus e por pedras, *assubiu-lhe* a honra à cabeça, e quando ela vinha p'ra tornar p'ra casa, pô-la fora e pouco faltou p'ra lhe bater...

— Isso é extraordinário! — disse Júlio.

— E lá em Braga toda a gente se *acuarditou*, porque demais a mais, como o sr. Julinho se *prantou* na *planta-giria*, todos *dixeram* que foi verdade, porque quem se *cia* alhos come...

— Mestre Tomba, é impossível que você não esteja doido! Isso que você está a dizer é tudo quanto há de mais absurdo!

— Valha-me Deus, sr. Julinho! Eu o que digo é o que por lá se constou naquele tempo...

— E você não podia desmentir esses boatos, não podia desmascarar os caluniadores?

— Eu a esse tempo, estava, mas era engaiolado no Sardão, mais morto que vivo, *estrelicadinho* com fome, porque aquelas carochas de seiscentos diabos tinham-me a jejum de pão e *auga*, que eu cuidei que não tornava mais a ver sol nem lua, e que, a respeito de petiscos, não se faziam mais para os queixos do Tomba!

E contou a maneira ardilosa como o padre Anselmo o encerrara no convento do Sardão e aquela outra mais ardilosa ainda como ele conseguira escapar-se da prisão, depois de ter pregado uma sova mestra na freira que o guardava quase à vista.

— Eu só queria que vossa *incelência* visse, sr. Julinho... Aquilo foi uma *trépa* co'as correias, que *inté* o *sengue* lhe esguichou pelo sítio da tripeça, salvo seja! Depois pus-me a andar e marchei p'ra Braga a saber novidades... A sr.a D. Carlota tinha morrido em Lisboa, o sr. Alvarinho — Deus lhe perdoe! — lá tinha o Perneta dado cabo dele... Raios o parta! Se quer ó menos, inda fui testemunha escontra ele, que o enterrei!

— Ah! você foi testemunha no processo contra o Perneta, mestre?

— Pois *atão* não havia de ser? Eu tinha a verídica certeza de que o sr. Álvaro tinha ido p'ra casa do Perneta, porque *arrecebeu* uma carta da sr.a D. Carlota — Deus a chame lá p'ra bem, que eu não a chamo cá p'ra nada! — a *dezer-lhe* que a prima dele, a sr.a D. Helena de Laronha estava lá metida com vossa *incelência*...

— Comigo?! — tornou a exclamar Júlio de Montarroio, de cada vez mais espantado.

— Tal e qual como eu lhe estou a *dezer*, sr. Julinho! Pode-se *acuarditar* em mim, porque eu ouvi ler a carta e *escorda-me* como se fosse hoje tudo quanto ela *dezia*...

— E ele acreditou! Pois Álvaro de Noronha, conhecendo-me e tendo convivido comigo por algum tempo, pôde acreditar em semelhante carta, pôde julgar-me capaz de uma semelhante infâmia?!

— Eu bem lhe dizia que não se fiasse, que aquilo era *tramoia* que lhe queriam armar... Mas ele, que tinha aquele gênio de espirra-canivetes, começou logo a atirar co'aparelho ao ar, a *dezer* que ia matar sete e esfolar quatorze e nem à mão direita de Deus Padre fui capaz de ter mão nele! Lá foi e se eu bem lh'o disse, melhor lhe aconteceu... Chegou lá e aquele ladrão do Pernetá e mais dois que ele lá arranjou deram-lhe tamanha carga de paulada que o deixaram *cadable* no meio da estrada! Eu, já se sabe, nessa maré estava preso no Sardão e nem tal coisa me passava pelo sentido... Mas quando saí e cheguei a Braga, *atãõ* é que eu soube tudo... E disse comigo: “Ai o alma do diabo do Pernetá que deu cabo do *probe* rapaz! Pois deixa que eu te vou fazer a cama!...” Fui-me à Pova, falei com o sr. *amenistrador*, contei-lhe as coisas como foram e como não foram, e o Pernetá, que inda estava preso, mas não confessava nada, assim que o acarinham comigo, não teve mão em si, começou a entoar e dixe tudo! Lá foi por uma barra fora, que o levou *seicentos* diabos!

Júlio ouvia espantado estas revelações do Tomba.

— Mas como é — disse ele — que D. Carlota pôde escrever uma carta dessas a Álvaro de Noronha na mesma ocasião em que eu recebia uma carta de Helena, dizendo-me que partia para França? Se D. Carlota vivia com o padre Anselmo, como podia ela ignorar que Helena seguia para Paris?

— Vossa *incelência* quer que eu lhe diga uma coisa, sr. Julinho?

— Diga lá, mestre.

— A mim ninguém me tira da pinha que a sr.a D. Carlota não escreveu carta nenhuma... Aquilo foi o maroto do padre *Inxelmo* que mandou escrever a carta em nome dela para arranjar a trempe ó *probe* rapaz! Vossa *incelência* não se *escorda* do sr. Álvaro dizer muitas vezes que o patife do padre *Inxelmo inté* uma vez escreveu uma carta muito bem *escrevida*, co'a letra da sr.a D. Helena, a dizer ó pai dela que estava em Coimbra com um sujeito com quem se queria

casar, e no fim de contas vai-se a ver e estava mas era agachada em casa do Pernetá!

Júlio de Montarroio deu um salto na cadeira. Só ao ouvir estas palavras do Tomba é que pensou na possibilidade de ter sido vítima de uma infame mistificação.

— Eu também recebi uma carta de Helena convidando-me a segui-la, pois que ia partir para uma casa religiosa de Paris. Seria essa carta escrita por Helena, ou seria ainda uma *tôrpe* cilada do padre Anselmo?

— Olhe, sr. Julinho; o cesteiro que faz um cesto faz um cento, se tiver verga e tempo... O padre já tinha feito uma e por isso *támém* era capaz de fazer a outra...

Júlio de Montarroio ficou por algum tempo silencioso e pensativo. Estava recordando o singular e extraordinário mutismo de Helena, a qual tendo-o solicitado a esperar notícias suas em Paris, nunca mais lhe mandara aviso nem recado. Porque não teria D. Carlota revelado ao padre Anselmo o interesse que ele tomava pela libertação da filha de Norberto e sugerido por esta forma ao jesuíta a ideia de se livrar dos dois ao mesmo tempo, matando um e expatriando o outro?

Mas, nesse caso, Helena não teria saído do país, e ao passo que ele a procurava pelo mundo, morria ela ignorada no mesmo convento onde a deixara.

— Mestre Tomba — disse ele — sabe o que foi feito do padre Anselmo? Tornou a ter notícias dele?

— O padre *Inxelmo*, depois que roubou o *Custoido* nunca mais tornou a por os pés em Braga, ó menos que eu o enxergasse... Aquilo sumiu-se como o fumo, que nunca mais vi raça dele!

— Diz você que o padre Anselmo roubou o Custódio?

— Pois roubou! O *Custoido*, p'ra não dar nada à mulher, assinou letras a fingir ao João Ignácio, que era p'ra ela lhe não poder pegar em nada... E quem meteu o *probe* do home, coitado! nessas fofas foi o patife do padre... Vai *óspois* a D. Carlota esticou o pernil em Lisboa... diz que se matou... Tanto sei eu se ela se matou como se foi o padre que lhe deu cabo da casta... E vai nisto, assim que se constou a morte dela, o João Ignácio salta em riba do *Custoido* co'as letras e leva-lhe tudo, que o deixou sem um fio! O *Custoido* *barregava* *escontra* o padre a *dezer* que foi ele que o meteu co'aquele ladrão, que era uma coisa por demais! Mas o padre *esguipou-se* que ninguém soube mais dele!

Júlio de Montarroio relacionava mentalmente todos estes fatos e procurava o fio misterioso que devia explicá-los.

— É singular! — disse ele — E o Custódio? Morreu?

— Qual morreu! Casou-se *oitra* vez e fez um *bô casorio*... Foi *co'uma* Brasileira... *co'a* Aninhas das Travessas, que tinha ido p'ró Brasil há um *rô* de anos e que *vêo* de lá rica que não sabia o que tinha de seu... O home, como em Braga todos o conheciam, pegou e foi *co'ela* p'ró Porto, e acho que lá estão na santa paz de Deus... *Porfilhou-lhe* a filha que ela *trouve* e inda apanhou uma riquezazinha bem boa!

— De modo que — tornou Júlio — você, mestre, não voltou mais a saber de Helena de Noronha?

— Eu, como a sr.a D. Carlota e o sr. Álvaro tinham morrido... e o sr. Julinho *támem* não dava rumor de si... tratei mas foi de governar a minha vida... Os fregueses, como eu andei por lá todo aquele tempo, sem dar nova nem recado, foram ó aprendiz buscar os sapatos e levaram-nos a outro... O senhorio, como eu não paguei o aluguer, tomou-me conta da *farramenta* do ofício e pôs-me o rapaz na rua! Veja lá o alma do diabo, que *inté* *co'a* tripeça me ficou! Vi-me *desauriado*! P'ra me tornar a estabelecer, eu já não tinha *farramenta* nem freguesia... estava *desacuarditado*! Peguei e fui-me *inté* Vilaverde, à tia do sr. Julinho, contei-lhe a minha *desgrácia* e ela teve dor de mim e deu-me uma libra de esmola!

— E você contou a minha tia tudo o que se tinha passado com respeito a Helena de Noronha?

— Eu não disse nada! Nestas coisas, antes carta de menos do que carta de mais... Peguei na libra que ela me deu, mandei arranjar este Santo Antônio e botei-me a pedir por essas terras de Cristo fora, tal e qual como o meu compadre Longuinhos que *támem* se arranjou muito bem *co'este* modo de vida... Tenho corrido todas essas Europias de Portugal, e louvado seja o meu rico padre Santo Antônio, sempre tenho tirado mais do que quando trabalhava pelo ofício!...

— Diga-me uma coisa, mestre: você seria capaz de dar conta de uma incumbência que eu desejo fazer-lhe?

— Ó sr. Julinho! que me pedirá vossa *incelência* que lhe eu não faça?!

— Bem! Desejava eu que você fosse ao Porto e indagasse nas Sereias ou no Sardão, se ainda lá está como abadessa uma senhora chamada madre Paula...

— Madre Paula... disse o sapateiro procurando reter na memória este nome. — Eu vou lá e trago-lhe isso sabido, que é um regalo... O diabo é o Sardão que se lá me conhecem fazem-me pagar os açoites que preguei na freira velha... Mas da raça do diabo será ela se não estiver já a fazer tijolo!

— Não tenha receio, que lá ninguém o conhece... Eu mesmo, que tão de perto lidei consigo, já quase o não reconhecia, como hão de conhecê-lo pessoas que nunca lhe falaram?...

— Bem! eu vou — decidiu o sapateiro — mas não levo o santo, porque se a polícia do Porto me apanha lá com ele, é capaz de ferrar comigo no *Asílio da Mendicidade*, que, aquilo, pelo que me tem zoadado cá pelos ouvidos, é pior do que estar nas profundas do inferno a arder!...

— Pois não leve o santo...

— Eu deixo-o cá ao sr. Julinho, mas faça favor de ter cautela, que m'o não estraguem, que é o meu ganha-pão...

— Vá descansado, mestre Tomba. O santo fica a meu cuidado... Ninguém cá lhe bulirá nele...

— *Atã*o quando quer o sr. Julinho que eu vá?

— O mais depressa que possa...

— Eu vou já hoje, se for preciso... É verdade: e se ela lá estiver, o que quer que lhe diga?

— Nada. Saiba só se ela está em qualquer dessas duas casas.

— E se lá não estiver?

— Saiba se é viva e em que casa religiosa da província se encontra.

— Está bem! Vamos a ver se ainda tenho jeito para estas coisas — disse o Tomba radiante.

E nesse mesmo dia partiu para o Porto.

CAPÍTULO 20: ALMA NEGRA

Voltemos a casa da loura Leonor, da doida amante do comendador Garcia, apaixonada por Eugênio de Melo e instrumento de torpes vinganças nas mãos de João Lázaro.

O comendador Garcia retirara à hora habitual, dez da noite, muito desconsolado, porque o seu pecado — que era assim que ele chamava à endiabrada criatura que o tinha preso nos laços de uma afeição insensata — havia tempos que o recebia desabridamente, com repelões de histérica, irritando-se sem motivo, chorando sem saber porquê, nuns acessos de nervosismo que faziam a sua tortura e a tortura do encarquilhado protetor.

Solícito e amoroso, o bom do homem falou em chamar o médico, consultá-lo, podia ser que aquilo às vezes fosse sangue alvoroçado, que podia subir-lhe à cabeça, e então o melhor era tratar-se com tempo, porque todas as moléstias em princípio têm cura e depois de tomarem posse do corpo é que custam mais a debelar.

Mas a loura indignou-se, teve um ataque de fúria e quase lhe bateu. Ela não tinha sangue na cabeça; o que lá tinha era a ideia de se ver só por algum tempo, sem aquele cáustico do comendador a importuná-la, a fazer-lhe arrelia com as suas mimalhices de velho babão. E dizia-lh'o com crueza, nuns arremessos de doida. Falava em se matar, em acabar com aquela vida que não podia continuar assim.

— Mas o que queres tu? — perguntava-lhe lacrimoso o comendador — Falta-te alguma coisa? Queres vestidos, joias, dinheiro? Anda, fala, minha filha! Eu estou pronto a satisfazer todos os teus desejos, todos os teus caprichos, contanto que não fales em me deixar! Bem sabes que eu sem ti não podia viver...

E era sincero o pobre homem quando assim se expressava. Efetivamente, a loura era a sua incurável mania. Também, não tivera outra em toda a sua vida, senão a de ser comendador.

A princípio alugara os afetos da loura como quem adquire um animal de luxo, um cavalo de preço. Tinha vaidade em que se dissesse que ele era o possuidor daquela bela mulher, que fazia a cobiça de todos e a inveja de muitos. O seu amor próprio sentia-se singularmente lisonjeado quando os íntimos, nas assembleias dos bancos de que era acionista, lhe batiam amigavelmente no ombro e lhe diziam num sorriso discreto:

— Ah! maganão, você é que a sabe toda!... Aquela pessoa está de cada vez mais bonita... Sim, senhor! mulher de gosto! Se algum dia se quiser desfazer, endosse-me a letra...

Depois, o comendador, à força de hábito, foi afeiçoando-se. Em cada dia descobria novos atrativos naquela criatura singular que sabia prendê-lo com os encantos de uma linguagem por vezes apaixonada e que mais refinava em carícias quanto mais comodamente o atraía com outro.

Julgando-se sinceramente amado e não ignorando que o coração daquela mulher lhe era disputado por outros que ofereciam inutilmente mais dinheiro, o comendador passou insensivelmente da simples afeição ao amor profundo e deste à paixão louca. A loura era o seu ídolo. Mais depressa renunciaria à comenda do que à posse daquela bela e extraordinária mulher.

E era feliz, depositando uma confiança ilimitada na fidelidade e constância de Leonor — que para ele tinha sempre carinhos e meiguices que nenhuma outra saberia fazer-lhe.

Desde, porém, que João Lázaro lhe aparecera pondo-lhe em evidência a negra traição de Eugênio, a loura, obrigada a dissimular com o pérfido amante, descarregava agora todas as suas iras sobre a cabeça inocente do infeliz comendador.

E isto trazia-o aflito, apreensivo acerca da saúde do seu pecado!

Temia desgostá-la ou exacerbar-lhe mais o padecimento, contrariando-a. Por isso pensava na melhor maneira de a submeter ao tratamento do médico que, no seu entender, devia pô-la boa.

Nessa noite apresentara-se com bons modos, procurando convencê-la suavemente a que se deixasse observar por quem sabia, porque ela estava doente, e às vezes as doenças vão com qualquer coisa.

A loura explodiu numa descompostura tremenda e ameaçou de lhe fugir, deixando-lhe o ninho, se ele tornasse a ter o atrevimento de lhe falar em médicos.

Teve o pobre homem um trabalhão para a serenar, e retirou depois de lhe prometer que não mais se pensaria em remédios de botica.

Ausente o comendador, a loura passou febrilmente pela sala, abriu com ímpeto a janela e perscrutou com ânsia o prolongamento da rua deserta.

Depois sentou-se numa otomana e batendo impaciente o pezinho breve no tapete, pôs se a mordiscar as unhas.

— O João Lázaro — murmurava ela — prometeu de vir hoje fazer-me revelações importantes, e ainda não veio... O que terá ele que me dizer?

Que provas terá ele para apresentar-me da falsidade e perfídia de Eugênio?

Nisto, ouviram-se passos no corredor, o reposteiro da sala abriu-se e apareceu a figura de João Lázaro.

Tirou logo o chapéu e lançou sobre uma cadeira o capote à espanhola em que vinha embuçado.

— Tardei, não é verdade? — disse ele.

— Esperava-o com ansiedade — respondeu a loura febrilmente, levantando-se para o receber — Diga-me: que notícias traz de Eugênio?

— Eugênio, como sabe, desapareceu há dias, acusado de ser ele o autor do rapto da filha do Custódio de Jesus...

— Pois sim, bem sei — disse a loura impaciente — Mas Eugênio jurou-me que era vítima de uma odiosa calúnia dos seus inimigos, que ele não tivera a menor cumplicidade nesse rapto.

João Lázaro sorriu.

— No entanto — disse ele — a polícia procura-o, porque sobre ele recaíam todas as provas, as mais completas. O procurador Belchior, a mulher e a cunhada são unânimes em declarar que o reconheceram na ocasião em que arrebatava Beatriz para dentro do carro. O próprio pai da vítima é concorde com estas declarações, afirmando que também o reconheceu. Nestas circunstâncias, creio bem que Eugênio de Melo viu que não poderia defender-se de tão grave acusação e tomou o expediente de se homiziar...

— Até que a luz se faça e os fatos provem a sua inocência. Foi isso o que ele me disse no bilhete que me escreveu no próprio dia em que partiu...

— Sem lhe dizer para onde... — tornou o Lázaro com um sorriso de mofa.

— Não m'o podia dizer porque ele mesmo não sabia ainda para onde ia...

— E se o sabia, não lhe convinha dizer-lh'o...

— O senhor é terrível! faz gosto em me torturar! — exclamou a loura irritada.

— Não, minha querida, faço apenas diligência para que veja as coisas como elas são. Eugênio de Melo disse-lhe que estava inocente no crime de rapto de que o acusam e a senhora acreditou-o, não obstante saber que ele diligenciava casar-se com Beatriz...

— A própria acusação destrói a suspeita de uma tal intenção por parte de Eugênio...

— Por quê?

— Porque se Eugênio quisesse realmente casar com Beatriz, e a esse enlace não se opunha senão a noiva, é claro que o rapto só seria um pretexto para a forçar a aceitar o noivo; e então não teria Eugênio a necessidade de negar e de fugir, nem o pai da rapariga andaria tão açodado em perseguição do raptor da filha.

João Lázaro tornou a sorrir com um ar de cruel zombaria.

— É bem deduzido — disse ele — Aí há lógica. É pena que o raciocínio esteja muito longe da verdade...

— Pois bem; se o senhor sabe a verdade, diga-a! — exclamou Leonor com ímpeto — tire-me deste suplício em que me debato há dias sem saber o que hei de pensar!

— Prometi trazer-lhe revelações importantes, e é isso justamente o que venho fazer.

Avançou alguns passos na sala com ar sombrio, deixou-se cair com abandono em um sofá, indicou uma cadeira a Leonor como se fora ele o dono da casa, puxou de um charuto, que mordeu distraído, e, enquanto o acendia, disse para Leonor, agora ansiosa e humilde com os olhos fitos nele:

— Sente-se e escute-me. Eu disse-lhe que Eugênio de Melo tinha o casamento projetado com a filha do capitalista Custódio de Jesus; e isto era verdade. A senhora mesmo, pelas indagações a que procedeu, veio a conhecer que eu a informara da verdade.

— Mas soube também que Beatriz repudiara esse casamento — objetou Leonor.

— Devagar! Peço-lhe que não me interrompa para me recordar minúcias, porque eu ainda não me esqueci...

E atirando uma baforada do charuto, prosseguiu:

— Beatriz recusava-se a aceitar a união com Eugênio de Melo porque tinha o coração preso a um outro amor. Custódio de Jesus, porém, influenciado pelo procurador Belchior, seu íntimo e colaborador de agiotagens sórdidas, empregava todos os esforços para convencer a filha a realizar o enlace que se lhe propunha... É isto ou não o que lhe disseram as suas informações?

— É.

— Muito bem! prossigamos agora analisando os fatos: Como Beatriz se recusasse a anuir aos desejos do pai, concertaram os três entre si jogar um lance decisivo que entregaria a pobre pequena sem resistência nos braços do apaixonado noivo, obrigando-a por fim a aceitar o recusado enlace como a única solução redentora da sua honra. Esse lance era o rapto por Eugênio de Melo, num passeio combinado ao campo, rapto que se efetuou como se havia projetado...

— Por Eugênio?

— Pois por quem? Por mim é que não foi nem podia ser, pois que nada se combinou comigo.

— Mas é isso o que Eugênio nega...

— Deixe-o negar. A verdade é só uma e isso está averiguado de modo que não admite dúvidas.

— Mas então, se é assim, que interesse tem Eugênio em negar, quando o que mais lhe convinha era apresentar-se como culpado, porque mais depressa realizaria o casamento?

— É esse o ponto escuro da questão, que eu já consegui esclarecer... A rapariga tem apenas um dote de vinte contos. Custódio de Jesus possui mais de noventa. O dote da noiva, portanto, mal chegaria para solver as dívidas de Eugênio, a quem o procurador Belchior tem já adiantado somas enormes à conta deste casamento...

— Mas como pode ser isso, se eu mesma tenho dado muito dinheiro a Eugênio?...

— Vejo que não conhece o seu amante, minha querida. Eugênio tem hábitos de dissipação e de luxo. Passa aí no Porto por ser um rico proprietário do Alentejo, quando ele não possui em parte alguma do país um palmo de terra a que possa chamar seu. Todo o dinheiro que a senhora tem dispêndio com ele não lhe chegaria sequer para o café e para os charutos...

— Que exagero! — disse Leonor com desgosto.

— Minha querida amiga — tornou João Lázaro com modo afável — não é isto desmerecer a importância das somas que o seu louco capricho por Eugênio lhe tem custado: é que esse rapaz tem gasto em jogo, em ceias, em mil desperdícios de vaidosa ostentação, mais talvez de dez contos de reis nos últimos quatro meses. A senhora certamente não lhe tem abonado todo esse dinheiro...

— Tanto, não...

— Pois aí tem! Raptada a rapariga, Eugênio, por sua parte, entendeu que devia fazer outro jogo... Em vez de a conduzir para a casa que se havia combinado entre os três, levou-a para outra parte até agora desconhecida e negou aos próprios cúmplices que tivesse sido ele o autor do rapto...

— Mas para quê! meu Deus! para quê? — exclamou a loura de cada vez mais aturdida.

— Para quê! Pois ainda não compreendeu? Para forçar o pai de Beatriz a aumentar o dote da filha...

— Mas isso é uma infâmia!

— Infâmia é tudo o que Eugênio de Melo tem praticado, mesmo com a senhora. O certo é que o mariola evadiu-se e lá está com a sua gentil raptada, sabe Deus onde, até que o Custódio se resolva a acrescentar o dote da pequena. O casamento, no entanto, far-se-á. É questão de mais mês, menos mês, até o Custódio chegar ao preço...

— Mas o senhor tem bem a certeza de que isso é assim? — interrogou Leonor com os olhos chamejantes de cólera.

— Se tenho a certeza! Tudo isto que lhe estou contando foi-me revelado em confiança pelo próprio Belchior.

— Mas o Belchior é então cúmplice de Eugênio nessa projetada extorsão ao velho! Se ele conhece o que Eugênio premedita, não deve ignorar onde ele se encontra...

— Não! O Belchior não sabe nada do paradeiro de Eugênio e de Beatriz, e está por isso furioso. O que ele imagina é que Eugênio pretende ludibriá-lo a ele e conjuntamente ao velho, para se furtar ao pagamento do dinheiro que lhe pediu emprestado com promessa de o reembolsar logo depois do casamento.

— Que súcia de miseráveis! — bradou a loura enojada.

— Verdade, verdade — observou João Lázaro, rindo — a partida foi bem pregada. Vê-se que Eugênio conta com os recursos da sua sedutora figura e com os artifícios da sua linguagem para apaixonar a ingênua raptada, enquanto esta questão se não dirime em casa do tabelião e vai ter o seu natural desenlace na igreja da freguesia.

— Nunca! Nunca! — protestou Leonor levantando-se enfurecida. — Antes disso, hei de eu encontrá-lo e tirar-lhe contas rigorosas da sua infame perfídia!

— O que quer fazer? — perguntou João Lázaro fleumaticamente.

— O que quero fazer? Procurá-lo até o encontrar.

— E depois?

— Depois dar-lhe a escolher: ou eu ou ela.

João Lázaro soltou uma gargalhada.

— A escolha está feita, minha amiga! — disse ele. — Pois ainda tem dúvidas?

Leonor franziu o sobrolho e encarou fito João Lázaro.

— Está feita! Como é que o senhor sabe que está feita? — perguntou.

— Foi à senhora que ele raptou? Era com a senhora que ele pensava em casar?

— às vezes rapta-se uma mulher por capricho...

— E casa-se com ela por amor.

— Se ele a amasse, não prolongaria uma situação que lhe retarda o casamento...

— Mas que não lhe impede a posse do objeto amado, visto que é ele hoje o único senhor de Beatriz... Além disso, a demora no cumprimento da

formalidade... social só representa para ele interesse e não prejuízo, pois que o velho acabará por se submeter a todas as condições que ele impuser.

Leonor bateu o pé furiosa.

— O senhor tem um modo de ver as coisas que irrita os nervos à gente! — disse ela.

— Oh, minha querida amiga, a culpa não é minha em as ver assim: a culpa é das próprias coisas que se apresentam com tal aspecto. Bem sabe, eu conheço Eugênio, sei do que ele é capaz, e a paixão não me cega a ponto de não me deixar ver o que é mais claro do que o sol.

Houve uns momentos de silêncio.

— Não será possível saber onde se oculta Eugênio com... essa rapariga? — perguntou por fim.

— A polícia procura-os, mas duvido que os encontre. Eugênio é fértil em expedientes para se esquivar à perseguição da polícia...

— Mas o senhor... o senhor não será capaz de lhe achar o rasto?

— Que juízo forma de mim? — perguntou João Lázaro encarando-a com desdém — Pois amando-a eu como a amo, querendo-a para mim como a quero, julga-me tão imbecil que vá buscar-lhe o amante que lhe fugiu?

— Mas não foi isso o que o senhor me prometeu! — bradou Leonor indignada.

— O senhor disse-me que me informaria de tudo...

— E creio que assim tenho feito. Por quem sabe a senhora o que se passa, senão por mim? Eu disse-lhe que lhe apresentaria provas da infidelidade de Eugênio, e creio que essas provas estão bem patentes...

— Mas disse-me também que ele não casaria sem que eu fosse previamente prevenida...

— Ele ainda não casou...

— Mas vive com ela, tem-na a seu lado, está a esta hora fazendo-lhe mil protestos, mil juras de amor!

— Tudo isso, porém, não é casar — tornou João Lázaro com placidez.

— Mas é amar outra, é esquecer-me, é ultrajar-me! — gritou Leonor num despedaçamento do coração.

— Bem! E o que quer a senhora?

Leonor encarou-o com os olhos cintilantes e os lábios trêmulos de cólera:

— Pois ainda não compreendeu? — rouquejou ela — Quero vingar-me!

— Para isso não precisa procurá-lo nem saber onde ele está... Pena de Talião, minha amiga... Tem-me aqui, doido de amor, a implorar-lhe um momento de compaixão, e a sua generosidade para com ele é tanta que ainda não pensou em que eu podia ser-lhe um ótimo instrumento de vingança... Creio bem que Eugênio, sabendo-o, morder-se-ia de desespero, por ver que a formosa Leonor não tinha perdido na troca...

— Cale-se! — intimou ela, repelindo com desespero e asco o João Lázaro, que tentava tomar-lhe as mãos para lh'as beijar — Essa não é a vingança que me satisfaz, a vingança que eu sonho!

João Lázaro encarou-a com um ar de desdenhosa superioridade e disse:

— Pois que outra vingança pode tirar uma mulher nas suas circunstâncias?

A loura empalideceu e depois fez-se rubra como se tivesse levado em cheio uma bofetada na face.

— Quem lhe deu ao senhor o direito de me insultar? — disse ela tremula de cólera.

— Perdão, minha querida Leonor, mas não suponho ter-lhe feito um insulto lembrando-lhe que, nas circunstâncias melindrosas em que se encontra, não lhe conviria sacrificar as relações do comendador Garcia à vingança ruidosa contra Eugênio...

— Cuidei que não se referia somente à situação, mas também à qualidade da mulher... Julguei que não me supunha moralmente em condições de tirar uma desforra digna do miserável que me traiçou!

— Oh! por Deus, Leonor! Toda a mulher tem direito a ser respeitada nos seus afetos, e a senhora mais que nenhuma outra, porque tem sido de uma grande e excepcional dedicação para Eugênio. O sentido das minhas palavras era muito outro. A senhora não é a amante declarada de Eugênio de Melo. A sua ligação com ele tem um caráter clandestino... Como poderia a senhora tirar razoavelmente um desforço público, impedir o casamento desse homem, se toda a gente a considera a amante do comendador Garcia?

— E que me importa a mim o comendador Garcia, quando se trata de punir quem ousou ludibriar-me e esmagar o meu coração?

— Punir, disse?

— Punir, sim! Pois o que julga o senhor? Cuida talvez que eu seria mulher para deixar nos braços de outra o homem que amei e que me pagou com a perfídia mais infame, com o desprezo mais cruel? Teria que ver se Eugênio havia de ficar contente e feliz, gozando o amor e o dote de outra mulher a quem chamaria sua esposa, a quem apresentaria no mundo cercada dos respeitos e das considerações de todos, enquanto que eu, ultrajada e esquecida, ficasse tragando em silêncio todas as amarguras da minha humilhação, todos os desesperos do meu amor escarnecido! Não! Eugênio de Melo não casará, juro-lh'o eu, porque eu saberei procurá-lo por toda a parte e encontrá-lo onde ele estiver. E se for tão hábil que se case antes de eu dar com ele, a mulher, se o amar, terá o desgosto de ficar viúva...

João Lázaro ouvia atentamente as palavras de Leonor, pesando-as e calculando até que ponto elas podiam ser tomadas como a expressão de uma ameaça realizável.

— Minha querida — disse ele — sossegue e veja bem que nesse estado de excitação nada podemos fazer...

— Mas se eu já não quero fazer nada! — bradou Leonor. — O que eu quero unicamente é saber onde posso encontrar Eugênio...

— Venha cá, Leonor! — exclamou João Lázaro pegando-lhe na mão e obrigando-a a sentar-se ao seu lado. Sejamos, antes de tudo, razoáveis e conversemos como bons amigos... Sabe que a amo desde muito e que por coisa alguma eu consentiria num desvario que pudesse trazer-lhe desgraça irremediável. Quer vingar-se de Eugênio, não é assim?

— Oh! sim! sim! quero! — respondeu ansiosamente Leonor, num estremecimento nervoso.

— Diga-me: que gênero de vingança desejaria tirar?

— A única que ele merece e a única que me pode satisfazer: matá-lo!

— Bem sabe que não se mata um homem sem se assumirem graves responsabilidades perante a justiça — ponderou João Lázaro.

— E que me importa a mim a justiça? à justiça direi: “Matei-o porque me ludibriou, porque me traiu!”

— A justiça não se contentará com essa explicação e puni-la-á com todo o rigor da lei...

— Embora! Mas eu ficarei vingada.

— Não! Ficaré perdida. Calcula, minha boa amiga, qual vai ser a sua sorte, atirada para o fundo de uma prisão, de parceria com outras criminosas, exposta aos desprezos e aos sarcasmos de toda uma multidão ávida de escândalos e de crueldades que assistirá ao seu julgamento e aplaudirá com uivos de alegria a sua condenação? Calcula o atroz suplício que a espera desde a hora do seu crime até à hora da sua partida para o degredo, no porão de um navio, empilhada com outros condenados, tratada como um animal feroz, como um ser abjeto e asqueroso que a sociedade repele de si com nojo? E diga-me: vale tanto o miserável que a traiu e tão infamemente a explorou no seu dinheiro e nos afetos do seu coração?

— Mas eu hei de deixá-lo viver feliz e ditoso nos braços de outra, a rir-se de mim com desprezo, hei de encontrá-lo na rua dando o braço à mulher por quem me trocou e hei de fugir envergonhada, hei de desviar-me humildemente do seu caminho para o deixar passar? Oh! não! não! Antes a prisão, antes o degredo, antes uma eternidade de suplícios neste mundo e no outro, do que deixá-lo escarnecer impunemente de mim!

— Mas, minha amiga — tornou João Lázaro com a voz mais doce e persuasiva — não é isso também o que lhe estou dizendo...

— O que é que me diz então? Explique-se, por Deus! que não tenho cabeça em estado de perceber coisas que não sejam ditas bem claramente!

— Ouça, Leonor; toda a vingança se pode tirar de duas formas: uma pública, ruidosa, impulsionada cegamente pela ira. Essa, quando ela tem por consequência a morte de um homem, chama-se crime e é punida rigorosamente pela lei. A outra é premeditada, oculta, sem ruído e sem provas; e quando tem como consequência igualmente a morte de um homem, chama-se desastre, doença, fatalidade, e a justiça não tem alçada para a punir.

— Não entendo! — disse Leonor.

— Vai entender. Se lhe fosse possível vingar-se de Eugênio, matando-o de modo que só ele soubesse quem o matou, a senhora preferiria assassiná-lo publicamente, diante de todos, e ir depois prestar contas à justiça?

— De certo não. O que eu queria era vingar-me e que ele soubesse que no peito de uma mulher como eu, se existe o amor que salva, também há o amor que mata.

— Pois bem; que recompensa me daria se eu lhe proporcionasse a vingança que deseja?

— Como poderia eu recompensá-lo?

— Amar-me-ia?

— O amor é um sentimento que nasce do coração, não é um objeto material cuja posse se transfira de um para outro individuo. O senhor que diz amar-me compreende assim o amor?

— Pois bem; não tomemos a palavra na rigorosa significação que lhe está dando... Mas, diga-me: depois da sua vingança realizada, pertencer-me-ia?

— Em espírito, não. Materialmente, sim.

— É quanto me basta. Matéria e espírito andam pelo comum tão ligados que é difícil, ao cabo de um certo tempo, que a alma não acompanhe o corpo...

— Imponho uma condição, porém — objetou Leonor.

— Diga.

— Seja que o espírito acompanhe a matéria, seja que um e outro permaneçam desligados neste contrato, o senhor não tolherá nunca a minha liberdade. Recebê-lo-ei quando me parecer, à hora que eu bem quiser, sem que o senhor tenha mais direito do que o comendador Garcia às minhas complacentes atenções...

— Também não exijo mais, tal é a certeza que eu tenho de que há de chegar a compreender-me e a estimar-me, Leonor.

— É possível. No entanto não me julgo obrigada a isso... Vejamos: sabe o senhor onde está Eugênio?

— Talvez...

— Talvez não é certo, e eu não gosto de incertezas quando se trata de um assunto que tanto me interessa e de que depende o meu sossego, a minha tranquilidade...

— Diga antes — de que depende a satisfação do seu orgulho ferido...

— Seja! Onde está Eugênio?

— Neste momento não poderia dizer-lh'o, ainda que quisesse. Mas espero bem que amanhã poderei dar-lhe indicações seguras...

— Amanhã! E quem lhe assevera ao senhor que amanhã não será já tarde?

— Nunca é tarde para a vingança.

— Mas eu não desejo vingar-me do marido de Beatriz: desejo tirar vingança do amante de Leonor traída e ludibriada!

— Tirá-la-á amanhã, porque amanhã Eugênio de Melo estará aqui a pedir-lhe dinheiro para se passar com Beatriz para Espanha.

— Como o sabe?

— Disse-m'o ele.

— Ah! o miserável! Pois se vier não sairá vivo desta casa...

CAPÍTULO 21: TAL VIDA, TAL FIM

Leonor, prevenida na véspera por João Lázaro, ficou sabendo que Eugênio iria procurá-la nessa noite, e de acordo com aquele, mandara mudar a fechadura da porta para impedir que ele entrasse sem bater.

No entanto, não se deitara. Espreitando pela janela, vira-o aproximar-se, vira o espanto que lhe causara a mudança da chave, traduzido na atitude hesitante do boêmio, indo ao meio da rua a espiar as janelas como que a certificar-se de que era aquela a mesma casa e de que tudo lá dentro estava em silêncio.

Viu-o depois dar alguns passos na rua, como que a tomar uma resolução, encostar-se à parede fronteira com os olhos cravados nas janelas, voltar à porta tentando ver se a chave seria a mesma, e por último afastar-se a passo vagaroso como homem que não sabe bem o que pensar de uma contrariedade que lhe

sucede. Viu tudo, e por dentro dos vidros, na escuridão da sala, com os dentes cerrados pela cólera, ia murmurando com rancor profundo:

— Miserável! vinhas ainda, pela calada da noite, saltar a tua vítima, roubar-lhe o dinheiro que precisas para sustentar a mulher por quem a trocaste! Vai! vai e não voltes... Porque se voltas, saberás então quanto custa ludibriar uma mulher como eu!

E nervosa, tremula, a face horrivelmente pálida, os louros cabelos em desalinho, caiu sobre um sofá e desatou num choro convulso e abafado.

Esteve assim por muito tempo, sem dormir, sem pensar. A febre escaldava-lhe a fronte, e as lágrimas, em vez de lhe acalmarem a enorme excitação, mais lh'a exacerbavam. De manhã, aos primeiros fulgores da aurora, viu-se a um espelho e achou-se horrível, com as feições transtornadas pela vigília. Teve então um acesso de furor invencível. Era ele, o pérfido, o miserável, que depois de lhe ter extorquido os afetos e o dinheiro, depois de lhe haver roubado o sossego e a tranquilidade, ainda por cima lhe roubava a beleza! Oh! a vingança seria terrível!

Desde essa hora, Eugênio de Melo estava condenado.

Logo que a velha criada abriu a porta da rua à hora habitual para fazer as primeiras compras do dia, Eugênio de Melo, que já espiava os arredores da casa, entrou no portal e subiu ao andar superior.

Como pessoa familiarizada com os costumes da casa, dirigiu-se ao quarto de Leonor e encontrou a porta fechada por dentro.

la bater, quando a criada, aparecendo, preveniu:

— Faça o favor de não bater, que a senhora passou mal a noite e recomendou que a não acordassem.

— Essa ordem não pode entender-se comigo —olveu Eugênio, admirado do modo como lhe coarctavam a liberdade que até ali usara.

— Não se entende com o senhor, porque ela não o esperava. Mas deu-me esta ordem e a minha obrigação é cumpri-la.

Eugênio encarou a criada por alguns momentos espantado de tamanho atrevimento, a que não estava habituado.

— Mariana — disse ele, contendo-se e tomando um tom afável — o que se tem passado nesta casa, que encontro tudo tão mudado?

— O que se tem passado, diz o senhor? Não se tem passado nada. Está tudo na mesma.

— Tudo na mesma, não. A chave da porta da rua foi mudada. Agora é outra. Leonor, que dantes dormia com a porta do quarto aberta, agora tem a precaução de se fechar por dentro. Porque é isto?

— Porque há de ser? — respondeu a criada fazendo uma careta inexpressiva. — O senhor bem sabe que, em casa onde não há homem, não pode uma senhora estar a dormir com a porta aberta. O sr. Eugênio foi-se embora, a menina não o esperava... Eu ando cá na minha vida, e assim como o sr. Eugênio entrou, podia entrar outra qualquer pessoa por aí dentro e ir dar com a senhora na cama. Por isso ela fecha-se, e faz muito bem... E então agora que andam por aí tantos ladrões!

— Foi então por causa dos ladrões que a sua ama mudou a chave da porta da rua e se fechou no quarto, por dentro?

— Olhe, senhor, eu não sei! — rematou a velha. — Ela não me dá contas nem estifações do que manda fazer... Ela é que dá as *ordres*, é a senhora, e eu cá dessas coisas não sei.

O boêmio tirou o chapéu e a capa, arrumou tudo sobre uma cadeira e aproximando-se da criada, disse-lhe a meia voz:

— Mariana, quem está ali naquele quarto?

— Quem há de estar? Está a senhora...

— Só?

— Quem queria o senhor que estivesse lá com ela? O sr. *encomendador*, não fica cá, o sr. Eugênio está aí... Parece-me que aqui não vem mais ninguém....

— Parece-lhe? Não tem a certeza...

— Assim Deus Nosso Senhor me ajude e os anjos acompanhem a minha alma à hora da morte se já cá veio mais alguém depois que o senhor se foi embora, tirante de ser o sr. *encomendador*... Então ela, coitadinha, que não se tem fartado de chorar de noite e de dia, depois que andam aqui estas rodilhices...

— Rodilhices de quem?

— Eu sei lá de quem! O sr. Eugênio bem sabe o que anda nas gazetas a seu respeito. A senhora lê a folha todos os dias e aflige-se... Pudera! Outra qualquer faria o mesmo.

Efetivamente o escândalo do rapto atribuído a Eugênio de Melo fora noticiado com grande pompa de frase e de minudências nos jornais diários. Eugênio sabia-o e não estranhou por isso que a leitura do caso tivesse impressionado a amante, como a criada afirmava.

— Leonor tem-se então afligido muito? — perguntou ele.

— Oh, Senhor! Não faz outra vida senão chorar e afligir-se... E anda ruim que não há quem a ature... O pobre do *encomendador* anda parvinho de todo, que ela dá-lhe cada sarabanda por dá cá aquela palha, que é uma coisa por demais!

O boêmio teve um sorriso de vaidade satisfeita. O seu amor próprio comprazia-se na ideia de que Leonor o amava a ponto de tratar mal toda a gente, até o homem que a protegia, tudo por sua causa.

— É doida a Leonor em dar importância — É doida a Leonor em dar importância ao que dizem os jornais — disse ele — principalmente quando sabe que tudo isso não passa de uma súcia de *pêtas*.

— São *pêtas*, são *pêtas* — retorquiu a velha com um sorriso de incredulidade — mas o sr. Eugênio anda a fugir da polícia que lhe não vá ela deitar a mão... E depois num tom de repreensão amigável:

— O senhor também me saiu levadinho da breca! Pois tendo aqui a senhora, que tem uma cara como um sol, precisava de se importar co'as outras *lambisgoias* para nada? Credo! Os homens são a coisa pior que ha! Quem se fia neles está perdida.

— Pois você também acredita, Mariana?

— Cale-se, cale-se! Eu não digo nada... mas estes olhos têm visto muito e estes ouvidos têm *ouvisto* inda mais — disse ela, levando alternativamente os dedos aos olhos e aos ouvidos.

— O que é que você tem visto e ouvido, Mariana?

— Muita coisa! Deus me livre que a senhora soubesse da missa *ametade*... O sr. Eugênio cuida que se não sabem as coisas... mas eu já há muito que ouvia falar

que o senhor que se queria casar co' essa tal menina p'ra amor de quem agora andam estas *questões*...

E muito persuasiva, como quem dá conselhos bons de sensatez e de prudência:

— P'ra que diacho a quer? Ela poderá ter mais dinheiro, mas nunca é capaz de lhe ter a amizade que esta lhe tem... O dinheiro, quem tiver mais que se enforque co'ele!... Demais, casar por casar, então antes co' esta, que se quer ao menos já sabe quem tem... É só *dezermos* não é uma menina capaz, mas em bom pano *cáem* as nodoas... E olhe que ela não lhe dizia que não... que o que ela lhe quer de bem só eu é que o sei... E dinheiro *támem* não lhe havia de faltar, que se não fosse o *encomendador*, não faltaria quem lh'o desse... O ponto era ela querer.

— Está bem, Mariana, acabe com o sermão! — ordenou o boêmio, de mau humor. — Visto que Leonor está dormindo, esperarei que ela acorde.

E estirou-se ao comprido sobre um canapé, resolvido a esperar.

Á hora habitual, a porta da alcova de Leonor abriu-se e a loura apareceu na sala, fingindo-se surpreendida de encontrar ali o amante.

Eugênio, ao vê-la, correu para ela com os braços estendidos, num amplexo carinhoso.

A loura contrafez no rosto pálido um sorriso e perguntou:

— Tu por cá! Que novidade é essa?

— Venho pedir-te que me salves mais uma vez, Leonor! — exclamou o boêmio com artificial comoção.

Leonor não respondeu. Encaminhou-se para um sofá e sentou-se, indicando a Eugênio que a imitasse.

— O que é então que desejas? — perguntou.

— A polícia persegue-me de cada vez mais encarniçadamente — principiou dizendo o boêmio — de modo que não só me é impossível continuar a viver no Porto como permanecer por mais tempo em Portugal...

— E daí?

— Daí, compreendes quanto deve ser doloroso para o meu coração o pensamento de te deixar...

A loura esboçou nos lábios um sorriso de cruel desdém.

— Faço ideia! — disse ela friamente.

O boêmio, um tanto desconcertado com a atitude glacial da amante, prosseguiu:

— Sou vítima da fatalidade, mais ainda do que dos meus inimigos! Estes não perdem ocasião de me perseguir e de instar com a autoridade para que me prenda, a fim de me fazerem condenar por culpas que não cometi! Mas o que mais me aflige e perturba é o ver acumularem-se contra mim provas de culpabilidade, quando eu juro que estou inocente! Dir-se-ia que um gênio infernal tomou a peito a minha desgraça e quer a todo o custo perder-me sem me deixar possibilidade de salvação!

— Foi talvez feitiçaria que te fizeram! — disse a amante com um agressivo sorriso de sarcasmo.

O boêmio encarou-a espantado.

— Também tu, Leonor, também tu escarneces da minha desgraça? — lamuriou ele, buscando enternecê-la com os seus queixumes.

— Eu? Que lembrança! — casquinou nervosamente a loura. — Eu posso lá escarnecer de um amante feliz, de um sedutor audacioso e arrojado, que afronta impávido os perigos e os rigores da justiça para possuir por força a mulher que por bem não quis amá-lo?!

Laura falava nervosamente, com os olhos cintilantes de indignação e de ódio mal reprimido.

Eugênio imaginou-a dominada por um dos seus acessos de indomável ciúme, e respondeu, sorrindo com a fatuidade do amante que ainda se reconhece querido:

— Mau! aí estás tu com as tuas loucuras do costume! Sabes que tens sido sempre injusta para comigo, sendo a primeira a acusar-me de faltas que não cometi. Mas agora peço-te, Leonor, que te moderes e repares bem na injustiça que me fazes...

— Injustiça?!

— Sim! É uma injustiça que te não mereço o supores-me, como toda a gente, autor do rapto dessa rapariga, que mal conheço, que não amo, que nunca amei e que a esta hora se está rindo nos braços de outro da partida que o seu raptor me pregou, envolvendo-me na aventura escandalosa dos seus amores, a que sou — juro-o! — completamente estranho!

Leonor abanou a cabeça em silêncio, sem responder. Eugênio, de cada vez mais possuído do vivo desejo de mover a loura a emprestar-lhe dinheiro, continuou:

— Juro-te, Leonor, que estou inocente! Este rapto não foi obra minha. Eu podia pensar em tudo, menos em raptar essa rapariga, que é filha de um homem rico e incapaz de transigir com tal violência ofensiva da sua honra e do seu bom nome...

— Como é então que o acusam ao senhor? — disse Leonor, cravando nele um olhar que o gelou.

— Tudo obra dos meus inimigos! — balbuciou o boêmio, desconcertado — Sabes que tenho concitado contra mim os ódios e as invejas dessa canalha endinheirada que não pode perdoar-me a maneira como a afronto com a minha distinção e a minha maneira de viver... E eu sei lá se nesta perseguição surda que agora se me move entra também o ciúme daqueles que tu rejeitaste e talvez o do comendador Garcia, a esta hora sabedor das nossas relações?

— Basta! — bramiu Leonor, lívida de cólera, levantando-se de salto — basta! Que o senhor abusasse da fraqueza do meu coração para me iludir, ainda lh'o poderia tolerar; mas que leve a infâmia ao ponto de caluniar o homem que confia em mim e a quem tenho feito sofrer por sua causa, não lh'o consinto!

— Bravo! — tornou o boêmio sarcasticamente — Vejo que o comendador tem feito progressos no teu coração durante a minha ausência!

E encolhendo os ombros com desprezo.

— Afinal, é de justiça... há tanto tempo desapossado do tesouro que de direito lhe pertencia, é obra de caridade restituir-lhe o que se lhe tirou.

Levantou-se e encaminhou-se para a cadeira onde tinha posto o chapéu e o capote.

Com esta retirada falsa, expediente que tantas vezes lhe havia sortido o efeito desejado, esperava ele abrandar a irritação da amante.

— Adeus! — disse, já da porta da sala, como quem se preparava para sair.

Leonor avançou para ele:

— Foi para isso que o senhor cá veio? — rugiu indignada — Foi unicamente para fazer uma acusação tão insensata como absurda a um homem que nem sabe que o senhor existe? Visto isso, ainda a perseguição que a justiça lhe move não é tamanha como diz, pois que lhe deixa ociosidade e tempo para essas distrações...

O boêmio retrocedeu.

— Não foi para isso precisamente que eu cá vim. Mas ainda quando não viesse senão para isto, não dava por mal empregado o meu tempo, que é sempre curioso e interessante ver como as mulheres amam os que atraíam e atraíam os que dizem que amam...

— O que! O que é que o senhor diz? Explique-se sem trocadilhos, faça favor!

— Digo —olveu o boêmio — que eu devia esperar isto mesmo... Seria caso único na história da humanidade que a desgraça me perseguisse e o coração da amante me restasse firme... Peço-lhe perdão se vim importuná-la. Eu devia desde logo pensar que as mulheres só amam o prazer, as alegrias da vida fácil e que não podemos contar com elas para as horas negras da desgraça.

Leonor, tremula e excitadíssima, lançou-lhe a mão ao braço e arrastou-o para junto do sofá. O boêmio deixou-se conduzir.

— Venha cá! — disse ela. — A acusação que o senhor acaba de fazer é mais uma infâmia sobre tantas! A que é que o senhor veio aqui?

— Vinha despedir-me da mulher que amava e...

— E...?

— E pedir-lhe que me salvasse da vergonha e da miséria da prisão. Mas isso terminou. Sei que nada posso esperar. Seguirei o meu destino...

— Se a sua consciência lhe dizia que nada podia esperar, para que veio cá? Vamos! explique-se! O que desejava?

O boêmio conhecia a louca. Sabia por experiência que todos os conflitos por ciúmes acabavam por terníssimas demonstrações de afeto, sempre que ele proferia palavras de ressentimento, desiludido.

— Para que hei de dizer-lhe nada, se tudo entre nós acabou?

— Talvez se engane... talvez ainda não acabasse tudo como o senhor supõe...

Iludido por estas palavras, o boêmio ajoelhou aos pés de Leonor, tomou-lhe as mãos e cobriu-lhas de ardentes beijos.

— Se é certo que conservas ainda no teu coração um terno sentimento de afeto por mim, para que me torturas na minha desgraça, para que me lanças no desespero quando venho pedir-te consolação e amparo? — bradou ele.

— O que desejas de mim? Dize!

— Desejo que me salves! A minha vida, a minha liberdade, o meu futuro, está tudo na tua mão!

— Como? O que posso eu fazer?

— Vais ouvir. Não posso continuar a viver em Portugal sem entrar na cadeia. É, pois, indispensável que eu fuja quanto antes para a Espanha e por lá me demore até se apurar a minha inocência. Presentemente não posso contar com o auxílio de parentes nem amigos. Só tu me podes valer, emprestando-me a quantia necessária para eu por lá não morrer de fome... Vinha, pois, pedir ao teu amor a salvação que todos os outros me recusam...

Era isto justamente o que Leonor esperava para acabar de se convencer da perfídia do amante.

João Lázaro havia-lhe dito que Eugênio viria, numa última exploração, arrancar à sua boa-fé o dinheiro para fugir com Beatriz para a Espanha.

Confirmada a denúncia de João Lázaro pelas palavras do boêmio, a loura sentiu dentro em si o demônio do ciúme a espicaçar-lhe o desejo da vingança.

— Quinhentos mil reis... — disse com voz tremula. — Não é isso o que precisas?

— Sim, é isso mesmo! — exclamou o boêmio sem reparar no tom de pungente sarcasmo em que a pergunta lhe fora feita — Quinhentos mil reis é quanto eu tenho calculado que me serão precisos para os primeiros tempos...

Leonor sorriu e disse:

— E se eu fosse contigo?

O boêmio fez um movimento de surpresa a estas palavras.

— O que! — exclamou — querias ir comigo para Madrid?

— E porque não? — tornou Leonor sem desfitar os olhos do amante.

Eugênio ficou um momento calado. Pensava. A companhia da loura ser-lhe-ia de alta conveniência, se ela tivesse dinheiro em abundância para gastar com ele. Mas o boêmio sabia que ela apenas poderia dispor das suas joias e pouco mais.

Para o acompanhar, seria inevitável o rompimento com o comendador Garcia, e, desaparecida esta fonte de receita, que poderia ainda ser-lhe um auxílio valioso mesmo distante, a loura ser-lhe-ia um encargo pesado, senão odioso, em meio da sua desgraça.

Além disso, ele não podia contar com os encantos de Leonor num país onde as mulheres são as mais graciosas e tentadoras do mundo e onde o gênero abunda em tal maneira, que dele faz anualmente grande exportação para as principais capitais da Europa e até para o Brasil.

Assim, depois de rapidamente ter ponderado a inconveniência de um tal passo, respondeu:

— Compreendes, minha querida, quanto me seria agradável a tua companhia numa terra estranha, longe da pátria... Mas eu devo antepor ao meu egoísmo a tua felicidade... Para me acompanhares, serias forçada a romper com o comendador, a perder a sua proteção... E esgotados os primeiros recursos, o que havia de ser de nós, dois ou três meses depois de havermos daqui partido? Não, eu não posso consentir que faças por mim esse sacrifício, porque é verdadeiramente o sacrifício do teu futuro e do teu bem estar o que um tal passo importa!

O boêmio era, senão sincero, pelo menos sensato e prático. Mas Leonor é que não traduziu assim o seu pensamento e, atribuindo a recusa ao desejo que o amante teria de partir com Beatriz, como João Lázaro lhe fizera crer, irrompeu numa explosão de ciúme e de cólera mal contida.

— Eu já esperava a resposta, miserável! — bradou ela enfurecida — Eu bem sabia que o teu maior martírio seria que eu te acompanhasse, porque, indo contigo, não poderias levar na tua companhia a mulher por quem me trocasse, vil!

— Leonor!

— Não tentes negar! Sei tudo, canalha!

— Leonor! Juro-te...

— Não jures, biltre, que as tuas juras são mentidas, são a hedionda expressão do teu caráter baixo, covarde e infame, vil explorador de mulheres!...

E, rapidamente, tirando do bolso o revólver, sem que Eugênio, ajoelhado a seus pés, tivesse notado este movimento, apoiou-lhe o cano da arma à frente direita e disparou.

O desgraçado caiu exânime no pavimento, sem soltar um gemido.

Então Leonor, pondo-lhe o revolver ao lado, levantou-se e, desgrenhada, a face lívida pela comoção do momento, levantou-se e começou clamando por socorro em brados aflitivos.

A primeira que acudiu foi a velha Mariana.

— Meu Deus! o que foi, senhora?

— Matou-se! Matou-se! Ai, quem acode! Vá chamar um médico... ande, vá depressa!

E com as mãos enclavinhas, estorcendo-se numa dor angustiosa, a loura debruçou-se sobre o cadáver do amante e rompeu num choro lancinantíssimo.

O estampido do tiro e os gritos de Mariana, que alternavam com os da sua jovem ama, atraíram as atenções da vizinhança e das pessoas que iam passando.

Em breve a casa encheu-se de gente, e, por entre a turba, apareceu também o guarda civil de giro, que recebeu as primeiras declarações, participando o caso para o comissariado. Em breve a casa encheu-se de gente, e, por entre a turba, apareceu também o guarda civil de giro, que recebeu as primeiras declarações, participando o caso para o comissariado.

CAPÍTULO 22: MISTÉRIO

Enquanto o sapateiro andava pelo Porto farejando o rasto de madre Paula, passavam-se em S. Martinho do Campo acontecimentos extraordinários e

verdadeiramente inesperados, tanto para o leitor como para os personagens desta singela narrativa.

Júlio de Montarroio e Aurélia de Magalhães, propellidos ao natural desafogo de suas mágoas íntimas, encontravam-se a miúdo, quer em curtos passeios, quer em recíprocas visitas, que semanalmente se faziam, sem ultrapassarem jamais os limites de uma estrita e rigorosa observância das leis do decoro e do respeito devido à posição de cada um.

D. Aurélia, se alguma vez visitava o amigo de seu irmão, quando um ligeiro incômodo o retinha no leito, ia sempre acompanhada da sua criada de quarto e era recebida na presença da velha governante de Júlio; e este, pela sua parte, quando visitava a amiga de Helena, tinha sempre todo o cuidado em escolher os dias em que D. Aurélia recebia algumas pobres viúvas que caridosamente socorria com o excesso do rendimento de sua casa.

Ainda assim, e apesar do cuidado e escrúpulo que ambos punham em não dar pasto à maledicência da aldeia, sem dúvida mais acerada e mais venenosa do que a das grandes cidades, não faltava quem esperasse, como coisa mais ou menos natural e próxima, a notícia de um enlace matrimonial contraído entre os dois.

Ora convém dizer-se que entre D. Aurélia de Magalhães e Júlio de Montarroio se estabelecera esse mútuo e invisível laço de simpatia que une e impele irresistivelmente uns para os outros todos os grandes desgraçados, fazendo-os compartilhar, num sentimento de inquebrantável fraternidade, as dores íntimas que os dilaceram.

Assim, Júlio de Montarroio sentia grande lenitivo à sua mágoa quando podia referir à irmã de Gustavo toda a grande chaga incurável que Helena de Noronha lhe abria no peito; e a amiga de Helena também não se sentia menos feliz quando podia recordar, na presença de quem bem a compreendia, todo o enorme tesouro de venturas que perdera com o marido e com o filho, prematuramente mortos.

Júlio de Montarroio não ocultara de D. Aurélia o encontro com o Tomba e a missão de que o encarregara na esperança de poder descobrir, com a existência de madre Paula, qualquer indício do destino que tomara a irmã Dorotéia.

— Uma coisa que extraordinariamente me preocupa e mortifica, — dizia ele — não é tanto a ingratidão de Helena como é este mistério que pesa sobre a sua existência! Que ela saiu de Portugal não resta dúvida, pois que nem minha prima Lucília nem nenhuma das educandas e noviças que com ela estiveram no Sardão ouviram mais notícias suas. Mas, sendo assim, como é que nem em Paris

nem em nenhuma das casas religiosas do estrangeiro, que todas percorri e visitei, eu pude descobrir indícios da sua passagem?

— As congregações religiosas — observou sensatamente Aurélia de Magalhães — ao que me consta, parece que têm o costume de mudar frequentemente o nome das irmãs; de modo que a que aqui se chama irmã Dorotéia, além chama-se irmã Efigênia, em outra parte irmã Sofia, e assim por diante, tornando por esta forma impossível estabelecer a identidade de cada uma delas. Quem nos diz a nós que, com Helena, não terá sucedido o mesmo?

— Sim; e creio bem que sucederia. Porém, ainda quando assim fosse, Helena não teria deixado de me reconhecer, se se encontrasse em qualquer das casas que percorri. Porque não me limitei a simples informações. Aparentando decidido amor pelas instituições jesuíticas, consegui, à custa de donativos, captar a confiança e a estima de todos os superiores e superiores, sendo em toda a parte recebido como um verdadeiro amigo e auxiliar valioso; isto é, como um jesuíta de casaca.

D. Aurélia sorriu tristemente.

— E quem lhe assevera que, sob essa aparência de estima e confiança, o senhor não era rigorosamente vigiado e a sua verdadeira individualidade absolutamente conhecida?

— Impossível! Quem poderia denunciar-me, se ninguém estava na posse do meu segredo?

— Isto é apenas uma suposição que eu faço — apressou-se a dizer D. Aurélia. — Tenho ouvido atribuir aos jesuítas tanta sagacidade e astúcia na defesa dos seus íntimos interesses, que não seria para estranhar que eles pudessem iludir e anular todos os esforços empregados pelo sr. Júlio para encontrar Helena...

— Não, não! Helena morreu. Do contrário, eu teria tido notícias dela... Se o Tomba encontrar madre Paula, ela confirmará, estou certo, esta minha funesta previsão...

— E se, pelo contrário, Helena viver ainda?

Júlio pareceu agitado por uma pilha galvânica.

— Oh! se for viva, tornarei a vê-la, ainda que para isso tenha de sacrificar os últimos dias da minha vida!

Este diálogo passava-se em casa de D. Aurélia, ao cair da tarde. A irmã de Gustavo, no intuito de proporcionar a Júlio, seu vizinho e amigo de seu irmão, uma distração que lhe aligeirasse as horas tristes das pesadas e longas noites de inverno, costumava também receber o pároco da freguesia, que não era já aquele saudoso padre Luiz dos tempos de Norberto de Noronha.

Era todavia um homem amável, bondoso e ilustrado, de trato simples e afetuoso, tendo sempre um sorriso para todas as tristezas, uma palavra de consolação para todas as amarguras.

Repartia-se o bom do cura entre estes dois desgraçados, ora visitando Júlio, ora visitando D. Aurélia, sucedendo que raras vezes deixavam os três de encontrar-se juntos e de, em comum, trocarem impressões sobre os acontecimentos que se sucediam, quer na localidade, quer mesmo em outros pontos do país, e cuja notícia lhes chegava pelos jornais.

Desta vez, o padre Manoel faltara à hora habitual da visita e entrava na sala, já tarde, com o ar de quem trazia um acontecimento grave a noticiar.

— Hão de ter a bondade de me desculpar a demora — disse ele com o seu eterno sorriso bondoso — mas não foi culpa minha...

— Já cá estávamos sentindo a sua ausência, sr. padre Manoel... — disse amavelmente D. Aurélia.

— Que quer v. ex.a, minha senhora? Este, minha senhora? Esteve em minha casa o Joaquinzinho de Taíde contando-me um caso extraordinário...

— Sim?

— É verdade. Imagine v. ex.a que há oito dias que se vê todas as noites na Senhora do Porto uma mulher desconhecida, prostrada com a face no chão, rezando em frente à porta principal do templo e passando assim as longas horas da noite numa oração muda. De manhã, aos primeiros alvares do dia, some-se e ninguém mais a vê!

— Isso, naturalmente, há de ser alguma das muitas fantasias dos invencioneiros das nossas aldeias — disse D. Aurélia sorrindo — É lá crível que uma mulher possa passar assim oito dias prostrada à porta de um templo e sumir-se como um demônio de mágica, sem que se saiba o caminho que toma e o destino que leva?

— O Joaquinzinho de Taíde assevera que a viu de longe; mas não se atreveu a aproximar-se, apavorado pelo mistério que cerca a desconhecida e que já vai formando lenda.

— Então ninguém se atreve a aproximar-se dela e a interrogá-la? — disse Júlio.

— Ninguém. Como v. ex.a sabe, esta nossa gente do Minho é temível com um cacete nas unhas, fazendo frente ao adversário que se lhe apresenta de cara levantada, numa arremetida franca. Porém, desde que a sombra de um mistério extraordinário lhe excita a fantasia, torna-se supersticiosa, fraca, tímida, e foge do rugir de uma folha seca com a precipitação de quem foge do diabo. Por isso, não admira que, oito dias volvidos, sobre a extraordinária aparição que a todos apavora, ainda até agora ninguém se haja atrevido a devassar aquele estranho mistério.

— Mas o que julgam eles que seja?

— As versões variam. Uns querem que seja a alma penada da D. Rita de Briteiros que anda pela Senhora do Porto a espiar os seus pecados, que eram muitos... Outros pensam que, embora aquele misterioso vulto apresente formas humanas, é contudo um enviado do espírito das trevas para atrair ali algum dos incautos habitantes de Taíde e levá-lo em corpo e alma para o inferno...

— E vossa reverendíssima o que diz? — interrompeu Júlio.

— Eu digo que, se não é a sombra de alguma árvore, transformada pelos olhos medrosos dos aldeãos de Taíde num vulto de mulher sobrenatural, então é alguma desgraçada a quem o remorso aflige e que busca na solidão da noite e no bálsamo da oração o alívio e perdão de suas culpas.

Júlio ouvia a estranha notícia, trazida pelo padre, com grande curiosidade e interesse. Dir-se-ia que uma voz secreta o avisava de que aquele fato extraordinário, aparentemente absurdo e inacreditável, como tantos que a fantasia da gente das aldeias borda a capricho nas noites intermináveis do inverno, ao fogo da lareira, tinha relação íntima com a sua triste história, feita de amarguras e de esperanças perdidas.

— E acredita, padre Manoel — disse ele por fim — que a oração, por tal modo, constitua bálsamo eficaz para as tribulações de uma alma alanceada de remorsos?

— Creio que a oração é sempre um bálsamo consolador de aflitos — respondeu o padre. — Quando nas angústias do sofrimento volvemos os olhos à roda de nós e não encontramos em nada do que os cerca um lenitivo à nossa dor, então

volvemos os olhos ao céu e, pondo em Deus toda a esperança, achamos o conforto e o alívio que nenhuma força humana pode dar-nos.

— Mas nessa mulher, que os aldeãos de Taíde fantasiaram ou realmente viram na Senhora do Porto, não há apenas uma alma crente, buscando na oração o bálsamo suavíssimo da esperança, que as coisas terrenas já não podem dar-lhe: há uma expiação, há um rigor de penitência, que revela a existência de faltas, erros e talvez crimes, cuja lembrança aterra e apavora a própria criatura que os cometeu...

— Por isso eu disse a v. ex.a —olveu o padre, com bondoso sorrir — que, a ser verdade o que se diz, não há dúvida que se trata de uma desgraçada, atormentada pelo remorso, pedindo o alívio e o perdão de suas culpas...

— Se a expiação corresponde às faltas cometidas, devem estas ter sido muito grandes para que a própria culpada busque expiá-las por semelhante modo.

— Só Deus lê no coração da criatura e só Ele pode julgar com justiça dos erros de cada um... Em todo o caso, o que é evidente é que estamos em frente de uma criatura desgraçada e como tal merecedora da nossa compaixão...

Júlio calou-se por alguns instantes, parecendo meditar nas palavras do sacerdote.

— às vezes —concluiu por fim — a imaginação exagera em nós a gravidade de erros cometidos, avultando-os até os fazer tomar as proporções de crimes horrorosos que nos apavoram e mortificam... Pode ser que essa pobre criatura seja uma destas alucinadas que, por um excesso de sensibilidade doentia, se julgam culpadas de crimes que não cometeram...

— Tudo pode ser — tornou o sacerdote — Na minha opinião, toda a penitência significa arrependimento e todo o arrependimento afirma a existência de uma alma boa, embora um momento transviada do reto caminho pelo diabólico poder das paixões... Alma feita para o mal e endurecida no crime não experimenta arrependimento. Pode simulá-lo, é certo, por medo ao castigo, mas, em tal caso, não busca as sombras da noite nem a solidão dos lugares desertos para exercitar o seu fingimento... Pelo contrário, ostenta-se publicamente à luz do dia, prostra-se nos templos, em face dos altares, aos olhos de todos aqueles a quem quer iludir... derrama lágrimas fingidas, bate murros no peito, grita que tudo, espera de Deus e tem o diabo a rir no coração. Não é desta natureza a misteriosa penitente que traz sobressaltados os habitantes de Taíde, creio eu, porque desaparece e esconde-se, aos primeiros clarões da aurora, nas covas do monte, sem que ninguém conheça onde se oculta.

— O que é estranho — ponderou Júlio — é que ninguém até agora se lembrasse de verificar se realmente se trata de uma criatura humana, ou se tudo isso não passa de uma absurda ficção de espíritos broncos... Porque não irá o próprio regedor com os seus cabos proceder a uma diligência nesse sentido?

— Disse-me o Joaquinzinho de Taíde que o regedor é o primeiro a recolher a casa ao cair da noite, tomado de um terror supersticioso... Para aquela gente, é ponto de fé que se trata da D. Rita de Briteiros, morta há dois meses, com fama de ter envenenado o irmão e a cunhada para lhes herdar os bens. E o regedor de Taíde não quer nada com almas do outro mundo..

— O que me parece — opinou D. Aurélia — é que tudo isso não passa de uma grosseira invenção de algum malévolo inimigo da D. Rita, que nem mesmo depois de morta quer deixar-lhe o descanso da sepultura... O sr. padre Manoel não ignora quanto é má e às vezes profundamente perversa esta gente da aldeia, perseguindo com os seus ódios, ainda além da campa, aqueles que em vida lhe não mereceram simpatias...

— Sim, é certo — concordou o padre Manoel — e creio bem que a sr.a D. Aurélia tem razão em pensar assim, tanto mais que a D. Rita — Deus lhe perdoe! — era geralmente odiada, e suponho que com algum motivo...

— Devemos perdoar aos mortos — tornou D. Aurélia num tom de suave recriminação — pois não é justo que vamos revolver-lhes o pó da sepultura para desenterrar crimes de que a justiça humana lhes não tirou contas e que, afetos ao tribunal da justiça divina, só a Deus pertence julgar...

— Eu também concordo, minha senhora — replicou o padre Manoel — que devemos perdoar aos mortos e deixá-los repousar na eterna paz do sepulcro. Todavia, não deixo de reconhecer que esta desumana e talvez impiedosa crueldade do povo para os que se finaram e que em vida não seguiram as normas do bem e da virtude, tem um alto fim moralizador, qual é o de dizer aos que ficam que os seus crimes nem mesmo depois da morte obtêm o perdão e o esquecimento do mundo...

— Mas quantas abusões, quantos erros, quantos absurdos e quantas injustiças lançadas sobre a memória de pessoas erroneamente julgadas pela opinião, sempre falível, do vulgo ignaro? — interrompeu Júlio — O sr. padre Manoel não ignora decerto que, por via de regra, não são os piores aqueles que o povo aponta como maus...

— *Vox populi, vox Dei...* A voz do povo é a voz de Deus — argumentou o padre Manoel, repetindo o prolóquio latino.

— Mas também *vox populi, vox diaboli...* — retrucou Júlio — E mais vezes é a voz do povo a voz do diabo, do que a voz de Deus. Depois, vossa reverendíssima bem sabe, argumentar com superstições absurdas, com aparições sobrenaturais de almas penadas, é uma cobardia tão abjeta e repugnante, que só tem desculpa na estupidez do vulgo semelhante forma de castigo infligido aos mortos!

O padre Manoel não insistiu, limitando-se a responder:

— Isto já vem assim do princípio do mundo...

— E porque vem assim, devemos nós consentir que assim continue? Não me parece justo. Ilustremos o povo, desfaçamos-lhe erros e abusões em que vive. Procuremos conduzi-lo ao caminho do bem pela consciência do dever e não por princípios errôneos de superstição absurda. E, pois, que em Taíde não há alguém suficientemente sensato e honesto para dar um exemplo de dignidade humana, eu irei esta noite mesmo à Senhora do Porto investigar o que há de verdade na misteriosa aparição.

— Pois quer aventurar-se, por uma noite destas, a ir daqui à Senhora do Porto!
— observou D. Aurélia, espantada.

— E porque não? — respondeu Júlio — Conheço o caminho e o meu cavalo é seguro. Dentro de uma hora, estarei lá.

— É uma imprudência! — reprovou o padre Manoel — V. ex.a sabe que as nossas estradas são mal frequentadas de noite...

— Estou habituado a toda a espécie de encontros. Na minha mocidade fiz muitas vezes o caminho, de noite, de Braga para Lanhoso, e era no tempo do Papa Açúcar...

— A misteriosa aparição — tornou o padre Manoel — pode mesmo não ser mais do que o pretexto para uma cilada.

— Uma cilada, a mim! — exclamou Júlio — Não há nada menos provável... Quem poderia esperar que eu, vivendo em S. Martinho do Campo, me importasse com o que se passa de noite na Senhora do Porto?

— Não digo que seja uma cilada propositadamente armada para v. ex.a. Mas é sempre um perigo ir a gente meter-se nas ratoeiras armadas para outros — aconselhou prudentemente o padre.

Júlio sorriu desdenhoso.

— Seja como for — decidiu ele — irei certificar-me do que se trata. Se é um conluio de malfeitores que pretendem por esta forma espalhar o terror no sítio e apavorar os crédulos habitantes de Taíde, para mais à vontade efetuarem o assalto e o roubo, a autoridade ficará sabendo com quem tem de se haver. Se, pelo contrário, é uma criatura infeliz, uma existência desgraçada que busca na penitência e na oração o remédio para as dores da alma, é uma obra de caridade levar-lhe o bálsamo da piedade e da compaixão como lenitivo a tanto sofrer.

E consultando o relógio de algibeira:

— São 10 horas — disse ele — Vou partir. Se antes da meia noite não estiver de volta, amanhã de manhã poderá vossa reverendíssima ouvir em minha casa a narração fiel do que tiver acontecido.

— Repare, meu amigo — tentou impedir D. Aurélia — que a noite está tempestuosa e que vai por em perigo a sua saúde, bastante abalada.

— A minha existência — replicou Júlio com amargura — há muito que decorre batida pelos vendavais do infortúnio. Que importa uma noite de chuva a quem traz a alma obscurecida numa perpétua noite de tempestuosas desgraças? Até amanhã! Nada receiem por mim, que eu vou preparado para tudo.

E saiu, na resolução inabalável de cumprir o que dizia.

CAPÍTULO 23: ALUCINAÇÃO

No dia seguinte de manhã, D. Aurélia e o padre Manoel, movidos da extraordinária curiosidade de saberem o resultado da audaciosa aventura de Júlio de Montarroio, correram a casa deste com o fim de o interrogarem.

O excêntrico apaixonado de Helena de Noronha estava no leito ardendo em febre.

Ao ver entrar D. Aurélia e o padre Manoel, estendeu os braços para eles, exclamando:

— É horrível, meus amigos, é horrível!

— Como assim! Viu alguma coisa? — interrogou o padre com espanto.

— Vi... vi!...

— E então?

— Então... oh! não posso dizer-lhes o que vi...

— Malfeitores por certo... — aventurou D. Aurélia — teve de bater-se com eles...

— Não... não! — contradisse o doente com veemência — Não se trata de malfeitores... há efetivamente ali uma criatura extraordinariamente desgraçada, um ser misterioso que tem alguma coisa de sobrenatural e fantástico, impossível de reconhecer...

Padre Manoel e D. Aurélia trocaram um rápido olhar como se quisessem significar um ao outro que havia talvez motivo para duvidar da integridade mental do seu interlocutor.

Júlio, com os olhos brilhantes e a face afogueada pela febre, numa grande agitação, prosseguiu:

— Fui. A noite estava realmente tempestuosa e horrível. Atravessei Quintela sob uma chuva violenta e, quando cheguei a Taíde, o temporal desencadeou-se num vendaval desfeito. Ainda assim, não parei. O meu fito era ganhar a Senhora do Porto e surpreender o misterioso vulto no êxtases da oração. Chegando ao sopé do santuário, apeei-me, preendi o cavalo a uma árvore e, envolto na minha capa, com o revolver engatilhado, fui subindo lentamente o escadorio, até à crista do monte onde se ergue o templo da Senhora... A treva era profunda e eu mal poderia divisar quem quer que fosse, por muito perto que estivesse de mim, se a luz dos relâmpagos, fendendo a miúdo o espaço, me não iluminasse o caminho. No alto, tudo estava em silêncio e tudo deserto...

— Não viu, portanto, pessoa alguma? — interrogou o padre Manoel.

— Quando cheguei, não vi. Mas, pensando que talvez a tempestade tivesse retardado a vinda à penitente, resolvi-me a esperar ali, até de manhã, para poder testemunhar com verdade até que ponto os terrores da gente de Taíde tinham fundamento, ou então que todas essas atoardas de uma fantástica aparição não passavam de grosseira patranha de torpes invencioneiros. Passei

assim mais de uma hora, encostado à porta principal do templo, sem fazer um movimento, quase sem respirar.

— Que estranha imprudência a sua, sr. Júlio de Montarroio! — não pôde deixar de exclamar a irmã de Gustavo. — Se não estava ninguém no local, como pôde permanecer tanto tempo encostado ao templo, debaixo de um temporal desabrido, provocando um arrefecimento que podia prejudicar-lhe a saúde?

— Morrer hoje ou morrer amanhã, que importa, minha senhora, quando não sentimos o menor apego à vida? Eu tinha ido ali para desvendar um mistério ou desfazer uma ilusão de espíritos ingênuos e crédulos. O meu dever era ficar e fiquei... Ainda bem que fiquei, porque, uma hora passada, os meus olhos, habituados à escuridão, viram mover-se na treva da noite um vulto que se aproximava lentamente do pórtico a que eu me encostava.

— Então sempre era certo! — exclamou o abade triunfante.

— Certíssimo. O vulto, que não suspeitava a minha presença ali, a semelhante hora, chegou junto do primeiro degrau do templo, ajoelhou e num grito lancinantíssimo, implorou a morte à Senhora do Porto!

— A morte! — exclamaram a um tempo D. Aurélia e o padre Manoel.

— A morte, sim! — confirmou Júlio — Era uma voz de mulher, lamentosa e doce, e de tal modo parecida com... com outra voz que eu já tinha ouvido, que todo me senti estremecer e fiquei como que pregado à porta do templo! Essa voz repetia por entre gemidos, com a face colada no degrau da igreja: — “Senhora do Porto! Mãe Misericordiosa! ouve a minha súplica, dá por terminado o martírio da minha existência, leva para ti esta miserável criatura!”

Depois soluços e gemidos abafados seguiram-se a estas palavras...

— É singular! — disse D. Aurélia.

— E extraordinário! — acrescentou o padre Manoel.

— Não posso dizer-lhes, meus amigos, o que se passou em mim... Tomado do sagrado respeito que inspiram os grandes desgraçados que só ao céu dirigem as suas súplicas, permaneci por alguns minutos mudo e imóvel como uma estátua. Todavia, cada um daqueles gemidos penetrava no meu coração como uma lâmina de aço. Identifiquei-me de tal modo com aquela dor, que cheguei a pensar que conhecia de há muito tempo a infeliz criatura que ali jazia prostrada e que a minha presença devia ser-lhe como que o aparecimento de um irmão querido. Então, sem pensar no que fazia, recordei um nome, o nome de uma

mulher que eu conhecia e que devia ser aquela mesma: “Helena!” — bradei-lhe — “Helena!” — e desloquei-me da porta do templo descendo um degrau. Ao ouvir este nome, a misteriosa criatura soltou um grito de terror, levantou-se espavorida e fugiu... Corri em seu seguimento, mas a escuridão da noite e a incerteza do caminho não me permitiram alcançá-la... Sumiu-se. Procurei-a toda a noite chamando-a em altos brados, dizendo-lhe o meu nome, porém tudo foi baldado!

— Não pôde então conhecer quem fosse a estranha penitente? — aventurou-se a dizer D. Aurélia.

— Os meus olhos não puderam distinguir-lhe as feições, mas o meu coração reconheceu-a. Era Helena, era a filha de Norberto de Noronha, a antiga herdeira desta casa, a penitente que eu surpreendi esta noite em Nossa Senhora do Porto!

— Talvez se enganasse, meu amigo... Se fosse ela, para que fugiria ouvindo que a chamavam pelo seu verdadeiro nome e que quem assim a tratava era por força uma pessoa amiga? — retorquiu D. Aurélia.

— De noite todos os gatos são pardos — filosofou plebeiramente o padre Manoel — Já uma noite, vindo eu das Caldas, vi debruçado sobre o muro da estrada um homem com uma foice roçadora na mão, como quem se preparava para me abrir a cabeça de meio a meio quando eu fosse a passar. Suspeitando que fosse algum ladrão, sustei a égua e disse ao meliante que saísse dali porque queria passar. O vulto não respondeu e agitou com mais força a foice roçadora numa silenciosa ameaça. Eu então era rapaz. Desesperado por aquela insistente audácia, puxei de um revolver e intimei três vezes o meu agressor a retirar-se dali sob pena de lhe mandar uma bala. Não obedeceu e eu então dei ao gatilho — pum! pum! pum! — e mal vi que ele deixara cair a foice com que me ameaçava, meti esporas à égua e cheguei num galope a casa. Ao outro dia fiquei muito admirado de não ouvir falar do caso de aparecer algum homem morto na estrada e, depois do meio dia, montei a cavalo e lá fui eu muito disfarçadamente estudar o sítio onde tinha tido o terrível encontro... Não lhes minto se lhes disser que fiquei envergonhado ao reconhecer que o malfeitor contra quem eu tinha disparado era um carvalho inofensivo que bracejava para fora do muro uma das suas vergôntes, a tal que eu tomara por uma foice roçadora e que lá estava caída na estrada, cortada pela bala do meu revolver... De noite, a gente vê coisas extraordinárias, que não passam de ordinaríssimas coisas, observadas de dia, à luz do sol...

— Sr. padre Manoel — protestou Júlio, agitado pela febre e deveras irritado pela incredulidade insultuosa do padre — faça-me a fineza de acreditar que eu nem vinha das Caldas nem sentia a pesar-me no espírito o medo deprimente de

uma foice roçadora, quando vi aproximar-se de mim a penitente de que se trata. Estava tranquilo como v. s.a o está agora e tinha o entendimento tão claro como v. s.a o pode ter — logo de manhã, em jejum, quando vai para o altar dizer missa.

O padre Manoel, que não era tolo, inclinou a cabeça num sorriso bondoso e apressou-se a dizer:

— Não foi meu propósito por em dúvida a veracidade da sua narrativa, sr. Júlio de Montarroio... Creio que v. ex.a visse e ouvisse tudo o que diz, mas podia muito bem acontecer que, por uma ilusão que a noite favorecia, tomasse como sendo a filha de Norberto de Noronha uma outra pessoa bem diferente... Era simplesmente neste ponto que a confusão podia dar-se...

Júlio aquietou-se um pouco com esta explicação do padre.

— Também não afirmo que fosse ela — disse — mas tenho a convicção íntima, profunda, de que não é outra.

— E agora o que tenciona fazer, sr. Júlio? — perguntou D. Aurélia.

— Voltar lá. Procurei-a durante a noite até de manhã. Bati o monte em todas as direções, observei-o em todos os recantos, e não pude atinar com o sítio em que ela se ocultou. Todavia, é certo que ela se escondeu ali, porque nem teria forças para me fugir numa longa caminhada a pé, nem a vereda que seguiu lhe permitiria poder andar muito tempo a descoberto, sem que eu a encontrasse.

— Mas — observou D. Aurélia — se a misteriosa penitente, surpreendida por v. ex.a, fugiu, é que não quer ser vista; e sabendo que é conhecida a sua frequência naquele sítio, àquela hora, certamente não voltará lá com receio de ser novamente surpreendida... Mormente se v. ex.a acertou chamando-lhe pelo nome verdadeiro...

— Sim, é certo.. — concordou Júlio — mas eu tenho de cumprir o meu dever que me manda procurar vê-la outra vez, falar-lhe e concorrer quanto possível para por termo àquele sofrimento.

— Tenciona, pois, voltar lá esta noite?

— Tenciono.

— Afigura-se-me trabalho inútil, sacrifício baldado.

— Porque?

— Pelas razões que já lhe disse. Se é realmente Helena de Noronha e não quer tornar conhecida a sua presença, esta noite evitará aparecer junto do templo onde sabe que é esperada pela pessoa que a reconheceu e lhe chamou pelo nome...

— O que devo fazer então?

— Esperar que ela, perdido o receio, volte a aparecer regularmente, e tomar todas as medidas para a seguir de longe até lhe descobrir o paradeiro.

— É o que se me afigura mais prudente e mais acertado — aprovou o padre Manoel. — Demais, o sr. Júlio de Montarroio está num estado tal de excitação febril, que uma segunda noite passada como a primeira pode alterar-lhe profundamente a saúde. Eu me encarrego, se v. ex.a quer, de mandar vigiar o local, e saber se a penitente continua a aparecer lá...

— Com a condição, porém, de que não hão de perturbá-la na sua oração nem afugentá-la daquele sítio.

— A recomendação é inútil. Descanse v. ex.a que também eu e a sr.a D. Aurélia estamos com verdadeiro interesse em saber quem é a misteriosa criatura de que se trata. Prometa-me que não sairá esta noite a expor a saúde a um verdadeiro perigo, e amanhã ficará sabendo com certeza se a penitente voltou ao templo.

Combinadas as coisas deste modo, despediram-se os dois do doente, recomendando-lhe sossego e prometendo voltar no dia seguinte a informá-lo do que tivesse ocorrido.

Já cá fora, disse o padre Manoel à D. Aurélia:

— E que lhe parece a v. ex.a este caso extraordinário que acabamos de ouvir?

— Parece-me — respondeu a irmã de Gustavo — que o nosso pobre amigo tem razão para estar bastante sobreexcitado com o que lhe sucedeu.

— E v. ex.a acredita que ele visse lá alguém?

— Acredito... Porque não hei de acreditar, se o que ele conta é a confirmação dos boatos de que v. s.a se fez eco?

— Oh, minha senhora! mas repare v. ex.a que: eu apenas contei como extravagante fantasia dos habitantes de Taíde o rumor que corria entre eles de

que aparecia na Senhora do Porto uma alma do outro mundo.. a alma da D. Rita de Briteiros.

— Mas v. s.a não crê nas almas do outro mundo; e certamente não recusará acreditar que a estranha aparição tenha realmente um fundo de verdade, e que, em vez de ser uma alma penada, seja uma criatura em corpo e alma, como tantas que, batidas pela desgraça irremediável, fogem dos povoados para habitarem os lugares desertos, entregando-se à oração e à penitência!...

— Custa-me muito menos a crer que o nosso amigo, alucinado pela febre e pela estranha situação em que se encontrava, àquela hora e em semelhante local por uma noite tão tormentosa, foi vítima de uma alucinação e julgou ver o que não viu nem podia, ver... Não reparou v. ex.a que ele tinha as faces afogueadas e os olhos brilhantes da febre? Quem nos diz a nós que tudo aquilo não será o delírio da doença? O mais acertado parecia-me chamar o médico...

— Conhece Júlio de Montarroio e sabe a organização nervosa e irritável que ele é... Se lhe mandamos o doutor sem ele o reclamar, é muito capaz de não o receber e de se ofender conosco...

— Para tudo há meio, minha senhora... Contamos ao doutor o que se passou e ele simulará um motivo qualquer para lhe ir falar, sem ser o da doença... Por exemplo: pedir-lhe o seu concurso para qualquer obra de beneficência... ou pedir-lhe informações sobre qualquer instituto médico das grandes cidades que ele percorreu... Qualquer pretexto serve. O que não devemos é deixá-lo abandonado dos socorros médicos, porque o pobre homem, se já tinha falha antes deste caso, agora, com a mania de que viu a filha de Norberto de Noronha, é muito capaz de ensandecer de todo...

D. Aurélia intimamente revoltada contra esta apreciação do padre, teve bastante força em si para responder apenas:

— Durante o tempo que tenho tratado com o sr. Júlio de Montarroio, ainda não pude colher elementos que me autorizassem a duvidar da sua lucidez de espírito e da perfeita regularidade das suas faculdades mentais... Se agora me pareceu num estado de excitação febril, acho natural que assim suceda depois da noite tempestuosa que passou e do violento abalo que devia ter-lhe causado a aparição falsa ou verdadeira da estranha penitente que ele diz ter visto... Como quer que seja, sr. padre Manoel, a doença de que presentemente sofre o sr. Júlio de Montarroio não é daquelas que se curam com sinapismos e xaropes receitados pelo médico.

— O que quer então v. ex.a que se faça?

— Que v. s.a cumpra o que prometeu... Que encarregue alguém de sua confiança para vigiar o templo da Senhora do Porto e ver se realmente Júlio de Montarroio tem razão e os habitantes de Taíde também...

O padre Manoel encolheu os ombros:

— Pois v. ex.a julga...?

— Julgo que há de haver um motivo para que tal boato se espalhasse, como creio que o sr. Júlio de Montarroio era incapaz de vir afirmar coisas que não tivessem sucedido, ou que pelo menos se lhe não tivessem afigurado... O nosso dever, pois, é tirarmo-nos de dúvidas e esclarecer quanto possível este mistério.

— Está bem! Se v. ex.a assim o deseja, mandarei o João Mil-homens, que é arrojado e valente, e não crê em almas do outro mundo, rondar a Senhora do Porto, esta noite e todas as outras que se lhe seguirem, até não restar dúvida de que não aparece lá viva alma...

— Porém, que isso se faça em segredo, com a máxima prudência e cautela, para não causar alarme na povoação nem dar lugar a que a misteriosa penitente se afaste destes sítios.

— Fique v. ex.a descansada, que o Mil-homens é fino como uma raposa e tem o faro de um cão de caça para descobrir o esconderijo da tal criaturinha, onde quer que ela se oculte. Vou já daqui preveni-lo e estou bem certo que não há nada, ou, se há alguma coisa, não levará muito tempo que não saibamos tudo.

O aldeão encarregado pelo padre Manoel de vigiar durante muitas noites seguidas o templo e imediações da Senhora do Porto nada pôde observar que confirmasse a narrativa de Júlio de Montarroio, nem sequer os boatos que corriam entre os aldeãos de Taíde.

O padre Manoel sorria vaidosamente cético ao relatar à D. Aurélia os baldados esforços empregados pelo Mil-homens para descobrir a penitente e dizia:

— São tudo imaginações, minha senhora, são tudo imaginações... Eu já sei o que isto é: um vê uma sombra e diz que é um homem; outro olha e vê um gigante. Vem um terceiro e afirma logo que é um gigantarrão e jura até que o ouviu falar! Sabidas as contas, vai-se a ver e não é nada... Eu sempre disse que este sr. Júlio de Montarroio era boa pessoa, mas tinha qualquer propensão para visionário...

D. Aurélia defendia o apaixonado de Helena.

— É certo — dizia ela — que o sr. Júlio de Montarroio é dominado por uma paixão violenta que quase constitui nele uma doença incurável. Mas não creio que esse estado da alma o excite e lhe altere por tal modo as faculdades, que o faça imaginar coisas que não vê nem ouve... Isso seria a loucura, e o seu entendimento é por demais lúcido para o supormos um alucinado...

— Valha-me Deus! não digo que ele esteja doido varrido... Ele conhece as pessoas e sabe o que diz... Mas neste caso, minha senhora, tenha v. ex.a paciência, eu julgo que ele viu tanto a tal penitente como eu vi os milagres de Santo Antônio...

— Mas acredita neles!...

— Acredito, que é o meu dever...

— Pois então acredite também o sr. padre Manoel nos fatos narrados pelo sr. Júlio de Montarroio, por muito inverossímeis que eles lhe pareçam... Note v. s.a que ele não diz que pregou aos peixinhos e que eles o ouviram devotamente com muita atenção, nem afirma que fez levantar Norberto de Noronha da sepultura para dizer quem o matou... Conta simplesmente que viu uma pobre mulher prostrada nos degraus de um templo, invocando a Senhora do Porto para que lhe desse a morte... Isto não é tão inverossímil, acho eu, que repugne acreditar-se...

— Minha senhora —olveu o padre Manoel fungando uma pitada — o sr. Júlio de Montarroio não é santo Antônio nem tem como aquele santo reconhecidas autoridades teológicas a abonar-lhe a veracidade dos casos que lhe sucedem ou que diz haverem-lhe sucedido. Demais, minha senhora, S. Tomé também precisou de ver para crer... Ora eu já me contentava, para crer, com o testemunho do João Mil-homens, que não é nenhum doutor da igreja, mas que é homem capaz de averiguar se uma coisa que vê é pau ou é pedra. Mas o João Mil-homens diz que não viu nada na Senhora do Porto... Ora se ele não viu nada, como é que os outros podem ter visto?

— É possível e até provável que a estranha criatura cuja existência real o sr. padre Manoel põe em dúvida, ao ver-se surpreendida na sua oração pelo sr. Júlio de Montarroio, tivesse receio de ser novamente encontrada e reconhecida e resolvesse mudar de sítio e fugir para bem longe...

— Pode ser — aquiesceu o padre Manoel, incrédulo.

— No entanto, e seja como for, v. s.a faz-me o obsequio de continuar a mandar vigiar o local. Eu me encarrego de gratificar o Mil-homens pelo trabalho que lhe está incumbido.

— Para lá vai todas as noites. Mas creia v. ex.a que tanto faz ir como estar na cama... O homem, não pôde ver lá pessoa alguma, pela simples razão de nunca lá ter estado de noite essa tal penitente imaginária que se diz... Os tempos de fé acabaram, minha senhora, e quem reza gosta de o fazer com ostentação, à luz do dia, diante de toda a gente... não se vai por de noite, como os mochos e as corujas que chupam o azeite das lâmpadas, a piar misérias à porta dos templos desertos...

CAPÍTULO 24: ESTRANHO ENCONTRO

D. Aurélia, despedindo-se do padre Manoel, recolheu a casa, cismando nas palavras do sacerdote.

— Será realmente Helena de Noronha? — dizia consigo — Júlio de Montarroio afirma que sim; mas o seu estado febril justifica em certo modo uma alucinação, que o fizesse tomar pela mulher que ama, uma sombra, talvez uma fantástica visão dos seus sentidos excitados... Enfim, o Manoel Mil-homens, que é arrojado e valente, encarregar-se-á de verificar até que ponto são verdadeiras as afirmativas de Júlio.

la deitar-se, quando no portão da casa soaram violentas pancadas.

Estranhou que assim batessem àquela hora, e calculou que não podia ser senão um estranho desconhecedor de que o portão tinha uma sineta que facilitava a chamada.

— Batem ao portão — disse ela para a criada. — Diga ao Francisco que vá ver quem é...

Daí a pouco, voltava a criada, anunciando:

— Está lá em baixo um homem que pede para falar à senhora com toda a urgência.

— Que qualidade de homem é?

— Parece uma homem do povo, minha senhora; mas não é destes sítios.

— Não disse como se chama, nem de mando de quem vem?

— O nome não disse. Diz que já foi a casa do sr. Júlio de Montarroio, mas que não o deixaram falar com ele por estar doente, e por isso que deseja dar só uma palavrinha à senhora.

— Mande-o entrar, e o Francisco que fique de vigia, que não vá ser algum mal intencionado.

— Não me parece... Só se for algum desgraçado que use deste meio para pedir abrigo por esta noite...

— Bem; vejamos o que ele quer.

Pouco depois, aparecia à porta da sala o mestre Tomba.

D. Aurélia tinha-o visto em casa de Júlio de Montarroio e reconheceu-o logo.

— Ah! é vocemecê, mestre Tomba?

— Sou eu, minha... Vossa *incelência* perdoará eu vir *trupar* à porta a esta hora, mas há um caso que não pode deixar de ser...

— Diga, mestre, diga! — exclamou D. Aurélia assustada com as atitudes e gestos solenes do velho sapateiro — Ocorreu alguma desgraça?

— Uma grande *desgrácia*, minha senhora! E se vossa *incelência* não acode e manda alguém comigo, a *probe* de Cristo está aqui, está a dar o último suspiro!... Já fui a casa do sr. Julinho p'ra lhe contar o *assucedido*.., Mas lá *dixeram-me* que ele *támem* estava de *catrambias* e *atão* eu lembrei-me de vir ter co' a senhora p'ra esta obra de caridade...

— Mas de que se trata, mestre? Fale.

— Trata-se de uma *probe* criatura, uma triste mulherzinha que eu topei ali adiante, caída na estrada sem dar por burro nem por albarda!

— Uma mulher!?

— Sim minha senhora... Eu vinha p'ra cá e dava ó canelo com toda a força, porque se me tinha feito escuro mais cedo do que eu pensava, e estava morto por chegar a casa do sr. Julinho, porque *támen* já trazia uma lazeira que nem via nada.. Vai nisto, não sei como reparo e vejo estirado ao canto da estrada um *burto* preto que me parecia coisa viva... Cheguei-me, sempre com cuidado, que não fosse ser algum alma de *cantaro* que estivesse a *infingir-se* morto, p'ra me

deitar as unhas e alimpar-me o que eu *trouvesse*, e vi que o dito *burto* não mexia com pé nem com mão... Acendi um *frofe*, cheguei-lh'o à cara, e era uma mulher, coitadinha! Chamei por ela, abanei-a, mas, qual quê! a *probe* de Cristo mal resfolegava... estava sem sentidos! Inda me lembrou de pegar nela às costas e trazê-la comigo; mas a caminhada era mui bem grande e eu *támém* já vinha estafado, sem poder comigo... de modos que deitei a correr p'ra vir ó sr. Julinho contar-lhe o caso e pedir-lhe que mandasse alguém que me ajudasse a trazê-la... Mas ele *támém* está doente...

D. Aurélia, verdadeiramente comovida com esta narrativa, não deixou que o sapateiro terminasse.

Chamou os criados e mandou que fossem com o sapateiro buscar a infeliz.

— Levem um lampião para se alumiarem... Deitem roupa bastante na padiola e tragam nela a pobresita com cuidado. De caminho, um que venha por casa do médico pedir-lhe para chegar aqui num instante. Vá, não se demorem... lembrem-se que é uma vida que vão salvar!

Estas ordens puseram em movimento toda a gente da casa, e poucos minutos decorridos, seguia o Tomba, pela estrada, à frente do grupo, em socorro da infeliz criatura.

Uma hora depois regressavam o Tomba e os criados de D. Aurélia, conduzindo na padiola o corpo quase inanimado da desconhecida que o sapateiro encontrara abandonada no caminho.

A irmã de Gustavo, ao sentir o ruído dos homens que entravam o portão, acudiu à sala de entrada, e sem atentar na pessoa que eles conduziam, deu ordem para transportarem a enferma para um quarto onde já havia uma cama preparada.

A esta hora chegava também o médico que acudia solícito ao chamamento, julgando que se tratava de algum familiar da casa ou talvez mesmo da própria D. Aurélia.

— Então, quem temos por cá doente? — disse ele ao encarar D. Aurélia — Já vejo que não é v. ex.a. E antes assim.

— Felizmente, doutor, não sou eu a que preciso dos seus socorros. Trata-se de uma pobre criatura que foi encontrada caída, sem acordo, na estrada, e que eu mandei buscar e recolher pelos meus criados.

— Onde está ela?

— Lá dentro, no quarto onde mandei arranjar-lhe uma cama.

— Vamos vê-la.

E encaminhou-se para o interior da casa, guiado por D. Aurélia.

A infeliz estava já metida no leito, mas ainda sem dar acôrdo de si.

Informou a criada que a despira, que a desgraçada trazia os vestidos rotos e sujos da terra da estrada.

Vinha andrajosa. Notava-se-lhe, porém, desusado asseio nas roupas brancas, humildes e pobres, mas em que havia o cuidado próprio de pessoa que está habituada à limpeza — que é o primeiro indício de uma boa educação.

O médico e D. Aurélia abeiraram-se do leito e examinaram a desconhecida.

Trazia os cabelos em desalinho e na face macerada e pálida havia os vestígios profundos de mil sofrimentos e privações.

Com os olhos cerrados e a respiração quase imperceptível, a desditosa semelhava um cadáver.

Não era ainda idosa, mas as rugas de uma velhice precoce sulcavam-lhe o rosto triste.

D. Aurélia fitou-a com uma compassiva curiosidade e não se recordou de ter visto entre os inúmeros mendigos, que todos os dias lhe batiam à porta implorando a esmola da sua caridade, uma figura que se lhe assemelhasse.

— Esta pobre mulher — disse ela — não deve ser destes sítios.

— Também me parece — afirmou o doutor — Pelo menos, não é destas aldeias próximas onde exerço a clinica e onde conheço quase toda a gente.

— O que tem ela, doutor? — perguntou D. Aurélia ao médico, que acabava de auscultar a doente.

— Frio e fome, talvez... — respondeu o homem de ciência, fazendo uma careta — Esta mulher tem sido mal alimentada, a fadiga prostrou-a e seria esta com certeza a sua última noite, se a caridade de v. ex.a a não amparasse. Vamos tratar de a restituir à vida, e encetaremos depois o tratamento que julgarmos conveniente... Creio, porém, que não teremos grande necessidade de recorrer à botica... Afigura-se-me que bastará apenas recorrer à cozinha...

— Vou mandar-lhe já matar uma galinha! — acudiu D. Aurélia.

— Sim — aprovou o doutor. — E tenha v. ex.a a bondade de mandar-me cá a criada, a Brígida, para me ajudar no tratamento a que vou sujeitar a doente.

— Eu estou aqui, doutor... Diga-me o que é preciso fazer...

— Não, não! A Brígida que traga um pouco de vinagre, para lhe dar uma fomentação nos pulsos e nas fontes, a ver se assim conseguimos restituir-lhe os sentidos.

D. Aurélia saiu a chamar a criada e a dar ordem para que tratassem a infeliz com todo o desvelo, seguindo as indicações do médico.

Pouco depois, a criada vinha anunciar à D. Aurélia que a pobrezinha voltara a si, olhara espantada à roda do leito sem reconhecer pessoa alguma e sem soltar uma palavra; que o doutor lhe receitara um cordial e que, tomado ele, caíra num sono profundo e reparador.

O médico, passados instantes, confirmava estes dizeres, prometendo a D. Aurélia voltar no dia seguinte.

— Deixem-na sossegar — aconselhou ele — e amanhã veremos o tratamento a que temos de submetê-la.

— Parece-lhe, doutor, que o seu estado é de inspirar cuidados?

— De certo, minha senhora. Convém não lhe falar nem obrigá-la a grande esforço de memória. A pessoa que lhe servir de enfermeira deve apenas limitar-se a ministrar-lhe o que for necessário, sem a obrigar a falar mais que o indispensável. Mas por esta noite não acordará nem necessitará de outra coisa mais que o descanso. Amanhã voltarei. Boa noite.

— Boa noite, doutor, e peço-lhe que tome a seu cuidado esta infeliz que não conheço. Seria para mim um grande desgosto que ela viesse morrer a minha casa...

— Não morrerá, minha senhora, a não ser que outra doença mais grave sobrevenha. Por enquanto, o mal é este: frio e fome.

— Coitadita! — murmurou compungidamente a irmã de Gustavo — E pensarmos que há gente que morre pelas estradas abandonada de toda a caridade!

— Minha senhora — volveu o médico filosoficamente, encolhendo os ombros — o mundo compõe-se de tudo... há gente que morre de fome e há gente que morre de fartura... Os extremos tocam-se.

E saiu, embrulhado no seu capote à cavalaria, e com um cachênês enrodilhado desde o pescoço até à ponta do nariz.

— Que barbeiro! — disse ele, ao sentir no rosto a aragem cortante da noite, para o homem que à porta o esperava com o lampião aceso a fim de o acompanhar no trajeto até casa — Este barbeirinho é o tal das pneumonias!

No dia seguinte voltou. A doente recuperara os sentidos, mas apresentava-se num estado de abatimento e de fraqueza extraordinária.

A febre consumia-a. Delirava.

Frases entrecortadas e sem nexos escapavam-se-lhe dos lábios, numa confusão que não deixava perceber-lhes o sentido.

O médico observou-a longo tempo e por fim receitou um calmante, proibindo que dessem de comer à enferma.

— Então, doutor? — interrogou D. Aurélia.

— Enganei-me, minha senhora — disse o médico — julguei que um caldo de galinha e algum sossego reconfortaria a nossa doente, mas vejo agora que o remédio não está só na cozinha, está também na botica.

— É então grave o estado dessa infeliz?

— Gravíssimo. A febre é muito violenta e desconfio bem que tenhamos de nos ver a contas com uma pneumonia...

— Pobre mulher!

— Se v. ex.a quer, e isso parece-me o mais sensato, é pregar com ela às costas de dois homens que a levem ao hospital de Guimarães.

— Oh! isso não! — fez D. Aurélia com veemência. — Acaso o doutor não terá recursos na sua ciência para valer a essa desgraçada?

— Oh! minha senhora! não se trata de mim, que estou pronto a socorrê-la conforme sei e posso: o alvitre tem por fim unicamente evitar a v. ex.a os incômodos e cuidados que tais casos sempre acarretam...

— Doutor, o destino quis que essa pobre mulher fosse recolhida em minha casa. Aqui será tratada com os cuidados que o seu estado requer.

— Faça-se a sua vontade, minha senhora.

D. Aurélia deu logo ordem para que ficasse constantemente a velar a enferma a sua criada de quarto, que era uma enfermeira distinta.

— Que não falte nada a essa infeliz — disse a irmã de Gustavo — Não lhe façam perguntas indiscretas, não inquiram coisa alguma do seu passado, e façam-lhe compreender que está entre pessoas amigas que se interessam pela sua saúde e que desejam vê-la restabelecida.

Esta ordem foi cumprida rigorosamente, e ao cabo de três dias, tendo diminuído a febre, a doente encontrava-se sensivelmente melhor.

— Está salva — disse o médico a D. Aurélia — Agora o que precisamos é ter muito cuidado com a alimentação.

— Tê-lo-emos.

Prescreveu o regime a seguir e tão rigorosamente foi obedecido que, oito dias passados, a desconhecida entrava em franca convalescença.

Durante este tempo, o padre Manoel vinha todos os dias informar que o João Mil-homens não lobrigava viva alma na Senhora do Porto.

— É escusado! — dizia o bom do pároco — aquilo foi tudo sonho do nosso Júlio. E quem sabe mesmo se foi visão da febre que o consumia. Pobre homem! Eu bem lhe disse que não caísse na asneira de se meter a caminho com uma noite daquelas... Não quis atender, ainda é dos que dão crédito a tolices e invenções da gente rude do povo, e o resultado foi cair de cama e ficar para ali entre a vida e a morte há uns poucos de dias...

— Disse-me o doutor que o encontra muito melhor...

— É verdade. Até já lhe deu ordem para receber o Tomba, que esteve ontem mais de uma hora em conversa com ele... E o que é mais curioso é que o doente, hoje, quando todos esperavam que piorasse, apareceu muito melhor, mais animado e com um semblante alegre e risonho.

— Não pude ir vê-lo nestes dois dias, mas talvez vá logo visitá-lo.

— O que eu não sei é que diabo de intimidade é a do Tomba com ele. Um homem ordinário, de baixa esfera, goza de uma tal consideração em casa daquele homem, que chega a espantar. Ali há mistério por força!

— Não há mistério nenhum, snr. padre Manoel. Os humildes também têm direito à estima e consideração das pessoas superiores, quando possuem qualidades de honradez e honestidade que os recomendam...

— Sim, sim... Mas não se vê isso muito frequentemente... A não ser que v. ex.a queira atribuir ao Tomba qualidades únicas e até hoje nunca vistas e apreciadas em remendão português.

— Não lhe atribuo qualidades nem defeitos, sr. padre Manoel... Acho natural que o sr. Júlio de Montarroio proteja e estime um pobre homem do povo, e nada mais.

O padre fez uma careta significativa.

— Sim, sim, minha senhora... V. ex.a é uma santa, acha tudo muito natural porque não conhece o mundo... O Tomba é bom homem, não digo que não, mas há muitos bons homens como ele, e não encontram o acolhimento de que este se pode gabar...

— Nem era possível, sr. padre Manoel... Eu, por exemplo, recolhi em minha casa uma pobre mulher que foi encontrada moribunda a um canto da estrada... Dispensei-lhe todos os cuidados e carinhos compatíveis com os recursos de que disponho e nem sequer sei ainda quem ela é...

— Quem há de ser? Alguma pobre mendiga, alguma desgraçada sem eira nem beira... há tantas por esse mundo!

— Justamente. Há tantas por esse mundo, e contudo é esta a primeira que, em tais circunstâncias, encontra abrigo em minha casa.

A este tempo, apareceu a criada encarregada de tratar a desconhecida.

— Minha senhora — disse ela — a nossa doente...

— O que tem? Piorou?

— Não, minha senhora. Até está muito melhor. Mas há pouco perguntou-me onde estava, que casa era esta e quem é que a tinha trazido para aqui...

— O que lhe respondeu?

— Cumprí as ordens de v. ex.a, disse-lhe que estava em casa de pessoas amigas e que não se afligisse, que não lhe havia de faltar nada... Mas ela quis por força saber como se chamam os donos da casa... e eu disse-lh'o.

— E então?

— Mostrou-se muito inquieta e pediu para falar à senhora...

— Para me falar a mim! — disse D. Aurélia — Pois bem; diga-lhe que vou já vê-la...

E voltando-se para o padre Manoel:

— Tenha paciência, meu amigo, se lhe roubo uma parte das atenções que lhe devo... Bem vê, a enferma está melhor, aliás teria pedido antes o seu socorro espiritual...

— Sinto-me lesado nos meus direitos de confessor — replicou o padre Manoel gracejando. — Realmente, v. ex.a com a sua extrema caridade faz que os infelizes esqueçam que só aos ministros do altar devem confessar-se... Porque ninguém me tira da cabeça que a sua protegida quer fazer-lhe revelações íntimas...

— Talvez. E se assim for, creia o sr. padre Manoel que serei tão escrupulosa em guardar rigoroso sigilo como v. s.a o costuma ser...

— Quer dizer com isso que escuso de tentar saber o que ela vai confiar-lhe.

— Oh, decerto! Se ela me pedir segredo, com certeza que o guardarei...

— Nesse caso, minha senhora, não quero fazer esperar a sua confessada... E se o caso for de consciência, estou bem certo que v. ex.a lhe aplacará os escrúpulos tão bem ou melhor do que o mais autorizado mestre de casos...

— O sr. padre Manuel é sempre demasiado lisonjeiro para mim — replicou D. Aurélia sorrindo. — Não tenho pretensões a arvorar-me em sacerdotisa. Faço o bem que posso e valho ao meu semelhante sempre que ele precisa do meu socorro, quer temporal quer espiritual.

— V. ex.a é inquestionavelmente uma santa! — afirmou o padre saindo.

D. Aurélia passou ao quarto da doente. Ao vê-la entrar, a desconhecida fitou nela os olhos marejados de lágrimas.

A dona da casa abeirou-se do leito. A meia obscuridade do quarto não lhe permitia analisar as feições da enferma.

— Então, como está? — perguntou a irmã de Gustavo com voz doce e carinhosa.

— Muito obrigada, minha senhora... sinto-me melhor — replicou a doente com voz débil. O som daquela voz, porém, impressionou a dona da casa. Parecia-lhe que já a tinha ouvido alguma vez, que o seu timbre lhe não era estranho.

Voltou-se para a criada e disse-lhe:

— Deixe-nos sós — ordenou.

— Sim, minha senhora — replicou a criada. E saiu.

— Disseram-me que queria falar-me... — interrogou D. Aurélia com os olhos fitos na doente — Poderei ser-lhe útil em alguma cousa?

— Queria — tornou a doente — que tivesse a bondade de abrir um pouco aquela janela e atentar no meu rosto...

D. Aurélia satisfez o desejo à doente e ficou-se fitando-a, sem poder reconhecê-la.

— Não me conheces, Aurélia? — balbuciou a infeliz por entre lágrimas. — Tens razão! Estou tão mudada que nem meu próprio pai me reconheceria, se fosse vivo e me visse agora!

E escondendo o rosto entre as mãos, desatou num choro convulso e abafado.

Como se as palavras e o choro desesperado da desditosa lhe tivessem levado um raio de luz ao espírito, D. Aurélia gritou num indescritível alvoroço de espanto:

— Helena de Noronha! serás tu?!

— Sou eu, minha amiga! sou esta desgraçada, rota e faminta, que vem receber, como supremo castigo de seus crimes, a esmola da tua compaixão!

Estas últimas palavras foram já proferidas nos braços de D. Aurélia, que estreitava a sua infeliz amiga ao coração, cobrindo-lhe o rosto de beijos e orvalhando-lh'o de lágrimas.

— Vamos! não chores, minha querida — disse por fim D. Aurélia. — Quis Deus que viesses a esta casa que é tua e onde encontrarás a mesma amizade sincera de sempre.

— Obrigada... obrigada! — murmurou Helena de Noronha — Peço-te apenas que me deixes morrer aqui, ignorada de todos, como uma pobre mendiga que a miséria arrojou nos últimos momentos ao suave aconchego do teu lar bendito, da tua santa caridade!...

— Não, minha amiga, não! Tu viverás, tu acharás ainda nesta casa, que é tua, no meu coração que é sempre o da tua amiga de infância, o conforto e os afetos de que necessitas e de que os teus sofrimentos te fazem tão digna.

— Sinto-me morta, minha amiga... Pouco poderei importunar-te... Mandei-te chamar e quis que me reconhecesses e me ouvisses, porque não desejo levar para a sepultura, com o remorso de tantos erros e de tantos crimes, ainda mais este cruciante espinho de uma última ingratidão...

D. Aurélia tentava sossegá-la e reanimá-la com a sua amizade, com seu carinho.

— O médico disse-me que estás melhor... Agora, o que é indispensável, é muito sossego, muita tranquilidade de espírito... e o restabelecimento far-se-á breve e por completo.

Um sorriso de amarga tristeza vincou os lábios de Helena de Neronha.

— Para que eu me encontre aqui, na tua casa, minha amiga, foi preciso que as forças me fugissem e a vida estivesse próxima a abandonar este mísero invólucro... por tal modo desfigurado que nem tu mesma o reconheceste... Não te iludas, Aurélia... eu não poderei viver mais que alguns dias, e durante eles, deixa que eu te confie a história das minhas desgraças, a fim de que, ao recordá-las, tenhas ainda uma lágrima de compaixão para a memória da tua desditosa e infeliz amiga de infância.

— Eras tu a penitente da Senhora do Porto? — interrogou de repente D. Aurélia.

— Era! Como soubeste que eu estava ali?

— Não o soube. Alguém tinha a fundada suspeita de que eras tu, se é que não possuía a íntima certeza...

— Esse alguém era...?

— Júlio de Montarroio...

A enferma soltou um grito.

— Ah! tu conhecê-lo? Então sempre é certo que era ele... não foi uma alucinação dos meus sentidos?

— Não, minha amiga, não! Júlio de Montarroio, ouvindo dizer que na Senhora do Porto aparecia alta noite uma penitente desconhecida e que ninguém lograva ver de dia, teve o pressentimento de que essa penitente eras tu... Partiu para a Senhora do Porto, e ali te surpreendeu, ou antes, adivinhou-te nas trevas da noite...

— Sim... sim... eu vi um homem encostado à ombreira do pórtico, e quando eu, julgando-me só, elevava àquela imagem, a minha fervorosa prece, ouvi uma voz que chamava por mim. Fugi espavorida e durante muito tempo ouvi repetir o meu nome... E a voz que o repetia parecia-me a dele...

— Não te enganaste... Era ele, era Júlio de Montarroio que te chamava.

— Como veio ele para aqui, para esta terra, que não era a dele e onde não me recordo de o ter visto nunca, nos tempos da minha mocidade?

— Trouxe-o para aqui o coração, o desejo ardentíssimo de se ver rodeado de tudo o que pudesse falar-lhe do passado da mulher que tão infeliz e desditosamente amou... Viver na mesma terra em que ela viveu e foi feliz, respirar o mesmo ar que ela respirou outrora, amar os mesmos sítios que ela amou. O desgraçado julga viver assim mais perto dela, mais identificado com o pensamento e com as saudades da mulher que foi toda a sua esperança e que é todo o seu martírio. “É impossível — disse-me ele um dia — que ela algumas vezes não pense com saudade nestes sítios, que foram o berço da sua infância descuidosa e feliz. E nesses instantes de dolorosa recordação, consola-me a ideia de que os nossos pensamentos se unem no mesmo objeto, através a distância que os separa”.

Helena de Noronha chorava silenciosamente, apertando com ambas as mãos o coração, que parecia querer saltar-lhe fora do peito.

D. Aurélia prosseguiu:

— Assim, o desditoso adquiriu por todo o preço a casa que foi de teu pai, — que foi tua, — e nela vive, ou antes nela vai morrendo lentamente, ralado de dor e de saudade...

— Meu Deus! quantas vítimas eu fiz! — bradou Helena de Noronha angustiadamente, estorcendo-se numa dor incomputável.

— Vamos, minha amiga! — tornou-lhe D. Aurélia, querendo confortá-la. — Quis Deus que viesses ainda a tempo de reparar o mal que fizeste àquele desgraçado. A maior felicidade para ele será o tornar a encontrar-te.

— Ah! não! não! — bradou Helena de Noronha, pondo as mãos suplicante: — Pelo amor de Deus, por tudo quanto mais tens amado neste mundo, não lhe digas que eu estou aqui!... Morreria de vergonha, se me encontrasse na sua presença... Eu não sou digna dele... Deixa-me morrer ignorada de todos, minha querida Aurélia!

A infeliz arfava aflitivamente, pondo na amiga os olhos turvos de lágrimas.

— Morrer! Não fales em morrer, minha amiga... Cobra alento e pensa que a tua vida é ainda precisa, porque podes ser útil a alguém. Júlio de Montarroio ama-te com um amor que só as almas essencialmente delicadas conhecem e avaliam. Desde que te viu e reconheceu na Senhora do Porto, sem poder falar-te, porque lhe fugiste, caiu prostrado no leito por febre intensa, e aí agoniza, apenas animado da esperança de poder ainda encontrar-te. Todas as noites tem sido enviado, por sua ordem, um homem à Senhora do Porto, a ver se pode lobrigar-te e seguir-te de longe até ao sítio onde costumavas ocultar-te de dia. E cada manhã que o vigia regressa sem dar novas da penitente, é para ele uma cruel angústia que o aproxima da sepultura. Quererás tu condenar à morte uma vida que tão nobre e desinteressadamente se te devotou? Se está na tua mão minorar tamanho sofrimento, se com a tua presença podes fazer voltar a felicidade ao coração daquele desgraçado e banhar de luz e de alegria os últimos dias daquela existência amargurada, porque o não hás de fazer?

— Oh! não! não! É impossível! Eu estou condenada, minha amiga! Existência maldita foi a minha em que, sem o querer, e guiada, por um gênio infernal, só pude semear a dor, a desolação e a morte em toda a parte por onde passei!... Se tu soubesses que horroroso pélagos de crimes, de atrocidades e de infâmias tenho atravessado desde que, filha ingrata, abandonei a casa de meu pobre pai, repelir-me-ias com asco e nojo! Não! não! eu não posso mais aproximar-me de quem quer que seja sem que o meu hálito pestilencial o envenene, sem que o contato impuro das minhas mãos, manchadas de sangue e de crimes, deixem em tudo o que tocam uma nodosa indelével de corrupção e de infâmia!... Oh! o

miserável! O maldito persegue-me sempre com o seu olhar de fogo, que me abraça... com o seu infernal sorriso de demônio, percuciente como um punhal... corrosivo como um veneno! Oh! vê-lo?... vê-lo? Lá está ele, envolto na sua negra sotaina esfarrapada... as faces congestionadas... a boca espumante de raiva... e os olhos, como carbúnculos, sempre fitos em mim!... Desprende-se da cruz... estende para mim as garras... Oh! salva-me! salva-me!

E num estranho acesso de delírio, Helena de Noronha agarrou-se convulsivamente à sua amiga, tombando em seguida sobre o leito, sem sentidos...

Apavorada e atônita, D. Aurélia mandou imediatamente chamar o médico, a quem contou que a doente, comovida com o caridoso acolhimento que lhe dispensara, proferira algumas palavras de agradecimento e caíra em delíquio.

O doutor observou a enferma e atribuiu o acidente ao seu estado de extrema fraqueza.

— Devemos evitar a menor comoção, o menor abalo — disse ele.

Três dias esteve Helena entre a vida e a morte, de tal modo fora violento o abalo produzido pelas revelações que lhe fizera a sua amiga.

A ideia de que Júlio de Montarroio estava ali a dois passos, vivendo na mesma terra, habitando a casa que fora dela e sempre alimentando-se das recordações de um amor impossível, sem remédio e sem esperança, matava-a.

A pobre filha de Norberto de Noronha tremia só com a lembrança de que havia de suportar os olhares de Júlio, tão franco, tão leal, tão amante e apaixonado e tão cruelmente iludido e ludibriado nos seus amores.

Porque não lhe teria ela confessado francamente a sua situação, a sua desgraça, a sua queda irremediável, quando no Sardão o mancebo lhe implorava de mãos postas que salvasse seu velho pai e confiasse no puro e desinteressado amor fraternal que lhe oferecia?

Não quis. Receou confessar-se indigna do nobre afeto que aquele coração lhe tributava. E contudo, nesse tempo, ainda ela não passava de uma vítima inocente, sem sombra de culpa, imolada à torpeza jesuítica. Como poderia ter coragem para se lhe apresentar agora, quando já não era só uma desgraçada a quem ludibriaram desfolhando-lhe a sua coroa de inocência, mas também um ser asqueroso e repugnante, manchado por toda a espécie de crimes, semeando desolação e morte por toda a parte?

Filha, ingrata e desobediente, ocasionara a morte de seu pai. Mulher, leviana e perversa, lançara-se imbecilmente nos braços de um monstro de sotaina, sacrificando o coração e a vida de seu primo, que a adorava, e deixando que, na embriaguez de um misticismo absurdo, abusassem da sua inocência e a convertessem na incestuosa e infame barregã de um jesuíta. Mãe, abandonara seu filho, repudiara-o cruelmente e, pior que as feras, relegara-o à fome, à miséria e à morte talvez. Amada sinceramente por Júlio de Montarroio, mentira-lhe, ludibriara-o, lançara aquela alma no desespero, na tortura de todas as horas.

Adorada com louco frenesi pelo padre Hilário, convertera essa paixão num instrumento de morte. Fizera dele um parricida e ela própria manchara as mãos no sangue de um assassínio cobarde, embora justificado pelas monstruosas infâmias e torpezas de que o miserável a fizera alvo. Mas um crime não autoriza outro e, seja qual for o sentimento que o dite, o remorso entra sempre mais tarde ou mais cedo no coração do criminoso.

Helena de Noronha, pois, debatia-se nas angustiosas recordações de tantos crimes e reconhecendo-se perdida para a reabilitação neste mundo, pedia a Deus, como suprema esmola, a morte, embora esta fosse seguida da condenação eterna para a sua alma.

As penas do inferno pensava ela que não podiam ser-lhe mais tormentosas e aflitivas do que o peso desta existência amaldiçoada que arrastava havia já dezesseis anos.

Ao fim do terceiro dia, chamou junto do leito a sua amiga.

— Aurélia — disse-lhe ela — tu não sabes a grande desgraçada que acolhes em tua casa e a quem nos últimos dias da sua tormentosa existência dás a esmola da tua compaixão.

— Helena! — voltou-lhe a irmã de Gustavo — peço-te que não voltes a atormentar-te com as recordações do passado. Fui tua amiga e tua companheira de infância, e se isto merece recompensa, dá-me ao menos a consolação de te poder chamar minha irmã.

— Sim, minha boa e santa amiga! Aceito reconhecida os tesouros da tua bondade nas curtas horas que me restam de vida... É isso um sinal evidente de que Deus se amerceia de mim e tem em conta as lágrimas e o arrependimento de tantos crimes...

— Helena! sossega, minha irmã... Tem esperança na misericórdia divina que há de ainda conceder-te dias venturosos.

— Fazes-me um favor que te peço, Aurélia?

— Dize, filha! Tu mandas nesta casa, não pedes.

— Desejava que enviasses alguém ao Porto, a saber se no convento do Sardão ou no das Sereias existe ainda — Desejava que enviasses alguém ao Porto, a saber se no convento do Sardão ou no das Sereias existe ainda uma superiora chamada Madre Paula... E se ela existir, que lhe entreguem uma carta minha...

— Madre Paula! — replicou Aurélia — Existe, minha amiga, sei que existe.

— Como o sabes? — interrogou alvoroçadamente Helena de Noronha.

— Porque Júlio teve também interesse em o saber e mandou ao Porto informar-se um homem de sua confiança, o mesmo que te encontrou desfalecida na estrada e que aqui te conduziu.

— E esse homem viu-a, falou-lhe?

— Falou.

— Serás capaz de fazer com que ele volte a procurá-la, minha amiga?

— Porque não!?

Fez-se um instante de silêncio.

— Esse homem sabe quem eu sou? Conheceu-me?

— Não. Todos aqui, exceto eu, ignoram o teu nome.

— Não o digas a ninguém, por ora.

— Sossega. Cumprirei a tua vontade.

Helena de Noronha pediu papel e pena, e escreveu algumas linhas, que fechou em seguida num envelope.

— Que parta sem perda de tempo! — disse ela, entregando a carta a D. Aurélia

— Desejo que a resposta me encontre viva.

O Tomba partiu nessa mesma noite para o Porto.

CAPÍTULO 25: POBRE HELENA!

Júlio de Montarroio melhorara um pouco da febre intensa que o acometera. O restabelecimento, porém, fazia-se tão lentamente, o seu estado de fraqueza era tal, que o médico proibira-lhe que saísse do quarto e recomendava-lhe insistentemente que se abstinésse de longas conversas com quem quer que fosse.

Todavia, o Tomba lograra falar-lhe e informá-lo de que madre Paula era viva e podia ser encontrada no Porto.

— Falou-lhe, mestre Tomba?

— Falei, snr. Julinho... saberá vossa *incelência* que falei... Fui às Sereias *préscurá-la* e não estava lá... Mas eu tais intrujices arnei, que me mandaram ó Carvalhido ter co'ela... E está ainda fresca que nem parece a idade que tem... Aquelas bochechas não se criam só com *auga* benta, essa lhe juro eu! — comentou o sapateiro.

— Falou-lhe de Helena de Noronha?

— A esse respeito nem pio... Tive medo que ela soubesse ó que eu lá ia e se espantasse... Nada! Eu *infingi* que ia de mando da prima de vossa *incelência*, a snr.a D. Lucilinha de Vilaverde...

— Ah!

— Ela ficou toda *estifeita* e tratou-me com muito *bô* agrado, mas a respeito de comer e beber... nem burro queres tu *auga*?! Eu *támem* não precisava — acrescentou — e *indas* que ela me oferecesse, não era o filho do meu pai que aceitava... Enquanto me lembrar a *arriosca* que me armaram no Sardão, não *cômo* nada da mão dos frades e das freiras nem que me matem... P'ra lição, *bonda* uma vez... Mas ó menos queria que ela tivesse um *migalho* de cortesia comigo...

Júlio ficou silencioso sem parecer ligar importância aos queixumes do sapateiro escandalizado.

— Precisava de ir ao Porto para lhe falar. Mas estou tão fraco, tão abatido, que não posso por enquanto fazer a viagem — murmurou.

— Mas o snr. Julinho queria ir ao Porto para falar co'ela?

— Sim... unicamente para falar com ela...

— Mas, o snr. Julinho, porque não lhe escreve uma carta, que eu levo-lha?

— O que desejo dizer-lhe não é coisa que se escreva em carta...

— Deixe lá! O preto no branco fala como gente... Sendo uma carta bem notada e com quatro cantigas que lhe eu cante, a mulher responde...

— Não, não... É preciso ir eu...

O Tomba encolheu os ombros, num protesto mudo e disse por fim:

— O snr. Julinho lá fará como entender... Eu cá estou p'ró que fizer *minga*. E se vê que é coisa que não se pode arranjar sem vossa *incelência* lá ir, sabe o que lhe eu digo? Coma e beba, bote as paixões p'ra traz das costas, que co'elas ninguém medra, ponha-se rijo e teso, que a freira faz o mesmo, e ela lá está à espera...

— Vá, vá, mestre Tomba — despediu Júlio. — Deixe-se andar por aí, que pode ser-me preciso de um momento para o outro...

— Eu cá estou, sr. Julinho... Os amigos são p'rás *incasiões*...

E saindo dos aposentos do doente:

— Este, se não trata de meter p'ró bucho alguma coisinha de sustância, está aqui, está pronto... E foi o ladrão do padre *Inxelmo* que o pôs assim!...

De repente bateu na testa, exclamando:

— Ai, a minha cabeça! E eu que não lhe dei novidades daquele ladrão!

Voltou atrás, bateu à porta do quarto e perguntou:

— Dá licença, snr. Julinho?

— Entre, mestre Tomba — respondeu o enfermo, da cadeira em que se achava sentado.

— Trazia no sentido p'ra lhe dizer que a respeito de padre *Inxelmo*, é raça de patife de que ninguém me soube dar relações...

— Já sei... já sei que esse homem há muito que não reside no Porto — voltou Júlio com um fundo suspiro.

— Pois eu ia com meu receio de o topar lá por aquelas casas de santidade — disse o sapateiro, grifando a palavra com um sorriso — Que eu, se o apanhasse na rua, era home p'ra lhe rachar a coroa de meio a meio, como quem racha cinco tostões falsos... Mas lá dentro da seve de pedreiro é que eu não queria topá-lo... Ninguém me deu notícias dele.

— É natural — respondeu Júlio.

O sapateiro retirou desconsolado pela pouca importância que Júlio dera à descoberta.

— Parece que já não se importa muito com o padre... — resmungou — *Támem*, naquele estado, ainda que o visse e lhe quisesse chegar duas galhetas, não podia...

Quando o médico soube que o Tomba se demorara em conferência com o doente, exasperou-se e ameaçou de não voltar a receitar, se não fosse obedecido.

É que notara no enfermo um novo acesso de febre.

Júlio mostrou-se indiferente aos preceitos do doutor.

— Era um favor — dizia ele — deixar que a doença acabasse com isto!...

Passaram ainda uns dias, e o Tomba faroleiro e metidiço, não podendo ser admitido à presença de Júlio, vingava-se indo para casa de D. Aurélia, a informar-se do estado da *probezinha*. Quando D. Aurélia o incumbiu de levar ao Porto uma nova carta a madre Paula, o sapateiro não pôde ter-se e, transgredindo os preceitos do médico, foi ter com Júlio.

— O sr. Julinho quer alguma coisa para madre Paula? — perguntou.

— Porque? Vai falar com ela?

— Não, senhor... É que eu vou ao Porto fazer umas mercas p'rá senhora D. Aurélia, e se vossa *incelência* quisesse, eu, de caminho, levava qualquer recado para Madre Paula.

Júlio ficou pensativo.

— Não... não quero nada — disse por fim — Tenho imenso desejo de falar com ela; mas não posso pedir-lhe que venha do Porto aqui, ouvir-me. Além de indelicado, seria inútil o pedido, tanto mais que o que tenho a dizer-lhe representa antes uma impertinência da minha parte do que um serviço a prestar-lhe...

E dizendo isto, Júlio cruzou os braços e deixou descair desalentado a cabeça sobre o peito.

O sapateiro encarou-o com olhos compadecidos, e depois rompendo na sua natural expansibilidade, exclamou:

— Ameno, sr. Julinho! O que não se faz em dia de Santa Luzia faz-se ao outro dia... O sr. Julinho inda há de ter pernas p'ro levarem aonde quer ir... Mais velho sou eu, que já cá tenho *acaijo* carro e meio de anos, e inda, sendo preciso, vou daqui ó cabo do mundo a pé...

E concluindo:

— E se fosse causo que eu falasse co'a tal freira e a *arresolvesse* a vir por aí arriba, assim como coisa minha?

— Como é que você havia de fazer isso, mestre Tomba? — interrompeu Júlio com um sorriso de quem achava disparatada a hipótese do sapateiro.

— Como? Isso agora não sei eu... Mas se fosse eu que lhe pedisse como coisa minha... sem lhe dizer quem é que lhe quer falar... A mim, já se sabe, que não me fica mal pedir uma coisa que não seja assim lá muito de grande *indução*... Eu sou p'rá aqui um *probe* sapateiro, fazem à de conta que eu não sei o que digo... e às vezes pegam as bichas.

— Não, não, mestre Tomba, não pense nisso, que é uma coisa que não pode fazer-se...

— Está *bô!* Vossa *incelência* que o diz, lá sabe a razão porquê...

O Tomba partiu para o Porto muito resolvido a envidar todos os esforços para conseguir que madre Paula visitasse Júlio de Montarroio.

— Eu armo-lhe uma intrujice e ela cai logo — pensava ele. — Entrego-lhe a carta da snr.a D. Aurélia e logo vejo na cara os *himores* de que ela fica... Estas freiras são amigas de saber e de tirar nabos do *pucaro*... e eu a páginas tantas ferro-lhe com a *pêta* de que a Lucilinha está muito mal e que lhe manda pedir de boca — porque não pode escrever — se ela faz o favor e a esmola de a ir

visitar, porque tem umas coisas de muita importância a dizer-lhe e não queria morrer sem a ver ali ó par dela... A freira vem, e eu, em vez de a levar p'ra Vilaverde, ferro com ela em S. Martinho do Campo... Depois digo que me enganei no caminho e passe por lá muito bem...

E contente desta esperteza, o Tomba achava impossível que a sua lembrança não produzisse resultado.

— Coitado do snr. Julinho, que está p'ra ali, que é mesmo uma dor de coração, morto por desabafar, e não vê meio de falar c'oa madre Paula, senão indo ele aonde a ela... Pois vamos a ver se eu tenho *labia* p'rá trazer cá... Ela inda está bem rija e fera, pode melhor andar do que ele... Ora deixa que eu sempre quero ver se uma coisa que se me mete em cabeça há de ficar assim em *augas* de bacalhau!

Chegado ao Porto, o Tomba encaminhou-se à Bandeirinha, bateu à porta da casa conventual das Sereias, e pediu para falar a madre Paula.

A madre porteira informou-o de que a superiora estava no campo, a ares; e que não era esperada ainda por aqueles dias...

Atravessou a cidade em direção ao Carvalhido onde já falara com a madre Paula dias antes, e disse ao criado que veio abrir-lhe a porta:

— Faça favor de dizer àquela senhora com quem falei outro dia que está aqui o homem de Vilaverde com uma carta para ela.

O criado foi e voltou pouco depois.

Na mesma sala em que já fora recebido uma vez, estava madre Paula. O sapateiro reconheceu-a o cumprimentou-a festivo e humilde, com grande profusão de zumbaias.

— Ora *atão* vossa reverendíssima e *incentíssima* madre como passou? Passou bem?

— Obrigada, passei bem — respondeu madre Paula com risonho semblante.

— Pois eu *támem* passei bem, muito *aguardecido* à senhora... A menina de Vilaverde manda muitas *bugitas* à senhora madre e mais esta cartinha...

E entregou-lhe a carta de que era portador. Madre Paula abriu-a e com grande surpresa leu:

“Minha querida Paula:

“Lembras-te ainda daquela desgraçada irmã Dorotéia que no século se chamou Helena de Noronha? Se da tua memória não se deliu ainda o nome da tua pobre amiga e desejas receber dela o supremo adeus, vem depressa, antes que a morte lhe gele nos lábios as revelações que deseja fazer-te e que só tu poderás receber.

Não te demores, minha querida! Sinto que a vida me foge, e, se não vens imediatamente, receio bem que apenas possas abraçar o cadáver da

Tua
Helena.”

— Minha pobre Helena! — murmurou atônita madre Paula, fixando na carta os olhos turvos de lágrimas.

E voltando-se para o sapateiro:

— Onde está ela? — perguntou.

— Quem? A menina de Vilaverde? Está em S. Martinho de Campo, que é ali adiante da Povoia de Lanhoso... — principiou o Tomba, pondo em prática o seu plano de arrastar a religiosa à presença de Júlio. — Ela deu-me essa carta muito aflita p'rá vir trazer à senhora madre, porque ela foi p'ra lá tratar de uma *probe* senhora que está lá a morrer... E *dixe-me* de boca: “Diga à madre Paula — e senhora na presença — que lhe mando pedir se ela me pode fazer o favor de cá vir falar comigo, que eu pago todas as despesas de *camboio* e de carro p'ra cá e p'ra lá, que é um negócio de muita circunstância e de muito interesse p'rá santa religião, o que lhe eu quero dizer... Agora a senhora madre lá verá... Mas ela *dixe-me* isto co'uma cara tão aflita, que eu *inté* lhe dixei: — *Esteje* descansada, menina, não se *afleija*, que a snr.a madre Paula não tem *caratle* de *dezer* que não a uma coisa dessas...”

— Sim... sim, eu vou! — exclamou madre Paula sensibilizada — A que horas temos comboio?

— Temos agora aí um da tarde, depois das quatro horas... Se a senhora madre quiser, inda hoje chegamos lá, porque a gente vai daqui *dereito* a Guimarães e de lá mete-se num carro, vamos pelas Taipas e quando forem oito ou nove horas da noite, estamos lá...

— Pois bem; vocemecê demore-se. Eu vou mandar que lhe dêem de comer e...

— Comer? Nada, minha senhora! Muito *aguardecido*, mas à minha boca é que não vai nada, seja pelo que for! — interrompeu o Tomba horrorizado, ao lembrar-se da cilada do Sardão.

— Porque? Vocemecê jantou?

— Não, minha senhora... eu cá não jantei nem janto... É costume que não tenho... já estou desafeito...

— O que! está desafeito de comer!?

— Quero *dezer*, minha senhora, eu jejuo... É uma *promessia* que fiz de jejuar dia sim, dia não... e hoje é o dia do sim...

Madre Paula, muito preocupada com a extraordinária carta que acabava de receber, não prestou atenção à estranha fisionomia do sapateiro recusando a refeição que se lhe oferecia.

— Pois então, se jejuo, não quebre o seu jejum, meu irmão. Mas tem de esperar que eu me apronte para a partida...

— Ó reverendíssima madre, eu espero o tempo que for preciso... Lá p'rá amor disso, não seja a dúvida.

— Sente-se então aí ou vá até lá fora, à quinta.... Como quiser.

Dito, isto Madre Paula dirigiu-se a uma sala interior onde se encontrava o padre Filipe conversando familiarmente com Paulo de Noronha e Jorge de Gusmão.

— Sr. Padre Filipe — pediu ela — vossa reverendíssima faz-me a fineza de me conceder alguns minutos de atenção em particular?

— Pois não, minha senhora! — respondeu o padre gentilmente.

Paulo e Jorge levantaram-se.

— Dêem-me licença, meus amigos — disse-lhes a abadessa — que lhes roube por um curto instante a interessante conversa do snr. padre Filipe.

E dirigindo-se a Paulo:

— Vai, meu filho, vai até à biblioteca com o teu amigo a quem pedirás desculpa da minha impertinência...

Quando os dois saíram, madre Paula, voltando-se para o Padre Filipe, exclamou:

— Helena de Noronha, a irmã Dorotéia, vive ainda!

— Como o sabes? — perguntou o padre Filipe surpreendido.

— Lê!

E apresentou-lhe a carta de Helena.

O padre Filipe leu, examinou detidamente a carta e disse:

— É a letra dela!

— É, não há dúvida... Minha pobre Helena!

— E o que tencionas fazer?

— O portador está lá fora... E, pois que ela está a morrer, quero pedir-te, meu bom amigo, que me acompanhes a ir visitá-la...

O padre Filipe, com a despreocupada bondade que lhe era natural, respondeu sem hesitar:

— Do melhor grado te acompanharei, minha querida Paula. Quando queres partir?

— Hoje mesmo.

— Porém, Beatriz?...

— Beatriz ficará em companhia de madre Angélica das Sete Dores, que é, como sabes, austera e de são conselho.

— Pois sim.

— Vou mandá-la chamar já e dar-lhe as instruções precisas... De resto, a nossa demora será curta, porque a pobre Helena acha-se moribunda, como ela própria o diz...

— Convém prevenir Paulo da nossa ausência e pedir-lhe que se abstenha de vir visitar Beatriz enquanto nós não regressarmos...

Madre Paula sorriu.

— E porque não há de vir?

— É preciso confiarmos nos sentimentos de nobre lealdade desse rapaz, e não o pervertermos com a suspeita que uma tal proibição traduziria...

— Dizes bem.

— Minha pobre Helena! Que misteriosa cadeia de sofrimentos a conduziu até ao leito de morte de onde agora me chama na agonia do traspasse?

CAPÍTULO 26: UM AMIGO DOS DIABOS

Na tarde desse dia, madre Paula e padre Filipe, convenientemente disfarçados sob os trajes seculares e guiados por mestre Tomba, tomavam na estação do Pinheiro, em Campanhã, bilhetes para Guimarães, por ser o caminho que mais rapidamente os levaria a S. Martinho de Campo.

O sapateiro, persuadido de que fora ele quem conseguira resolver a superiora das Sereias a esta viagem, pois ignorava inteiramente o conteúdo da carta de que fora portador, ia radiante e vaidoso da sua astúcia.

A princípio observou com desgosto e desconfiança o padre Filipe, em quem suspeitava um segundo tomo do padre Anselmo. Essa suspeita, porém, em breve se lhe desvaneceu, em presença da atitude lhana e amável do sacerdote.

— Este parece que é vinho de outra pipa! — comentou consigo o sapateiro — Mas *támem* se o não for, o que eu quero é lá pilhá-lo, porque, depois, quem manda é o sr. Julinho e mais eu... E se se fizer fino, lá ainda há de haver quem lhe troque a coroa em *mindos* p'ra lhe meter juízo à força na cachola...

Passadas as primeiras estações, o sapateiro tornou-se loquaz e palrador. Dando largas ao seu gênio comunicativo e alegre, ia dando informações pelo caminho aos seus dois companheiros. Conhecia todas as propriedades e nomeava-lhes os donos pelo nome. Este era muito *bô* sujeito; aquele *támem* não era mau, mas andava em demanda com os cunhados à conta das partilhas por morte da sogra. Enfim, ele conhecia toda a gente e de tudo dava relação exata e minuciosa.

Quando chegaram a Guimarães, o Tomba perguntou se queriam descansar um pouco no *hotle* ou se queriam seguir logo para S. Martinho.

— É muito longe daqui lá? —? perguntou o padre Filipe.

— É ali logo *adiente* das Taipas... Se o cocheiro bater bem, chegamos lá em três horas.

— Então é melhor que partamos já.

O Tomba, solícito, fretou um carro em que entraram os três, com recomendação ao cocheiro de que urgia chegar breve.

Às 9 horas da noite, o carro parava à porta de Júlio de Montarroio.

O Tomba, sempre movido do pensamento de surpreender agradavelmente o seu amigo e protetor apresentando-lhe madre Paula em casa quando ele menos o esperava, em vez de parar à porta de D. Aurélia, guiou os seus companheiros para a antiga casa de Norberto de Noronha.

O sapateiro introduziu madre Paula e o padre Filipe na primeira sala, pedindo-lhes que se demorassem, que ele ia dar parte à senhora. E quase sem esperar resposta e desrespeitando todas as prescrições médicas, entrou impetuosamente no quarto de Júlio de Montarroio, exclamando:

— Ora, sr. Julinho, os amigos conhecem-se nas *incasiões*, e o Tomba, com um raio de diabos! p'ra servir um amigo é capaz de dar uma volta no inferno! Cá está ela!

— Ela, quem? — interrogou Júlio de Montarroio.

— A madre Paula, com seiscentos livros de missa!

Júlio de Montarroio encarou espantado no sapateiro, suspeitando que ele tivesse endoidecido.

— Mas está onde, mestre? — perguntou.

— Ali fora, sr. Julinho, ali fora na sala... Vem acompanhada com um *padréca*, mas não tem *dúveda*... Quer que os mande entrar p'ra aqui?

— Você fala sério, mestre Tomba?

— Ó sr. Julinho, isso não são coisas que vossa *incelência* me diga a mim na minha cara! — exclamou o sapateiro escandalizado — Pois eu ando por lá a dar voltas ao miolo p'ra lh'a trazer, — que suei e tornei a suar primeiro que a *arresolvesse* — e o snr. Julinho, chego aqui, e não me quer *acuarditar*?! Eu serei capaz de lhe *dezer* uma coisa por *oitra*, sr. Julinho?

— Está bem, mestre... — tornou Júlio — Não vale a pena zangar. Eu vou imediatamente cumprimentar essa senhora...

— Olhe lá, ó sr. Julinho — observou o sapateiro detendo-o quando ele ia já a transpor a porta do quarto — eu enganei-a!

— Enganou-a?

— Disse-lhe que estava cá a irmã Dorotéia, muito doente e que lhe mandava pedir p'ra ela cá vir vê-a... Ora agora, o sr. Julinho arranje lá as coisas de modo que não me deixe ficar por mentiroso...

— Você está doido, mestre? Como quer que eu sustente essa mentira, se Helena não está aqui nem eu tenho notícias dela?

— Não sei, sr. Julinho... Diga-lhe que ela já morreu e que se enterrou *onte* à noite... Eu cá por mentiroso é que à noite... Eu cá por mentiroso é que não hei de ficar, senão elas, em me apanhando lá outra vez, são capazes de me dar uma coça...

— Descanse, mestre; eu vou falar com madre Paula.

E deixando o sapateiro, entrou na sala onde se encontravam a religiosa e o seu companheiro.

Padre Filipe, que o não conhecia, limitou-se a observá-lo com curiosidade.

— V. ex.a certamente não reconhece neste velho o moço que há dezoito anos teve a honra de admirar na gentil superiora do Sardão uma das mais austeras religiosas que em sua vida lhe foi dado cumprimentar? — disse Júlio de Montarroio, dirigindo-se a madre Paula, ao mesmo tempo que saudava com uma reverente inclinação de cabeça o padre Filipe.

— Está v. ex.a enganado, sr. Júlio de Montarroio — replicou madre Paula recobrando a serenidade — Reconheço-o perfeitamente, e é com verdadeira satisfação que torno a vê-lo, se bem que estava longe de o encontrar aqui.

— A surpresa, portanto, é para nós dois, pois que eu também, apesar do vivo desejo que sentia de falar a v. ex.a, não podia esperar a subida honra que me dá da sua caridosa visita... E digo caridosa, porque visitar um enfermo nas minhas condições é verdadeiramente uma obra de caridade, que só as almas sinceramente religiosas como a de vossa excelência sabem compreender e praticar.

Madre Paula escutava-o sem o compreender.

Júlio de Montarroio ofereceu o sofá aos seus hóspedes.

— Dignem-se v. ex.as sentar-se, e, pois que me dão a honra da sua visita, permitam-me que os considere meus hóspedes por alguns dias. Esta casa é pobre. Há aqui o triste desconforto das casas da província que não têm a direção inteligente de uma mulher a governá-las.

No entanto, dois títulos tornam digna esta desconfortável habitação da subida honra de abrigar sob o seu teto a superiora do Sardão: o primeiro vem a ser o socorro espiritual prestado a um enfermo que ardentemente o deseja e implora; e o segundo o fato de ter sido esta, outrora, a casa de uma das amigas mais íntimas de v. ex.a, a irmã Dorotéia, conhecida no século por Helena de Noronha.

— Helena! — bradou madre Paula — Onde está ela? Peço-lhe que me conduza sem demora até junto do seu leito. Mal soube que estava doente, acorri imediatamente ao seu chamamento, e tenho fé que a minha presença há de fazer-lhe bem, há de melhorá-la...

Júlio de Montarroio encarou com insistência a abadessa.

— V. ex.a não sabe onde está Helena de Noronha? — perguntou ele.

— Julguei encontrá-la nesta casa, de onde me escreveu a chamar-me e onde me disseram que estava.

— De onde lhe escreveu, diz v. ex.a?

— Sim. Eis aqui a carta que hoje mesmo recebi pelo homem que aqui nos conduziu.

E madre Paula apresentou a Júlio de Montarroio, estupefato, a carta de que o Tomba fora portador.

— É a letra de Helena! — exclamou Júlio num brado de alegria extrema — Não há dúvida, Helena escreveu esta carta... Mas onde está ela? — perguntou por sua vez também.

— Pois deveras Helena de Noronha não está aqui? — interrogou ainda madre Paula, tomada de estranha surpresa.

— Não, minha senhora —olveu Júlio — e até eu ignoro como e de que maneira esta carta pudesse ser-lhe enviada por Helena, de quem não tenho notícias há dezoito anos! Esperava eu que v. ex.a, compadecida do meu estado de doença e do muito que tenho sofrido no esforço inútil de encontrar a filha de Norberto de Noronha, se dignasse dar-me quaisquer indicações que me permitissem falar-lhe ou escrever-lhe ainda antes de morrer.

E com uma eloquência febril, contou em rápidas palavras tudo o que lhe sucedera nos dezoito anos decorridos e que o leitor não ignora, por já lh'o ter ouvido contar a Gustavo de Magalhães.

— Agora —concluiu —alquebrado, doente, com poucos dias de vida, todo o meu empenho era procurar v. ex.a e pedir-lhe, por tudo quanto mais ama no mundo, que me dissesse se Helena de Noronha vive ainda ou se devo procurá-la no mundo dos espíritos...

— O homem que aqui nos guiou é que foi portador desta carta. Ele portanto, poderá dizer quem lh'a entregou e onde se encontra quem a escreveu... — explicou madre Paula, de cada vez mais atônita e surpreendida.

— Tem v. ex.a razão. Vou mandá-lo chamar à sua presença, e ele explicará...

Júlio levantou-se, tocou uma campainha e ordenou ao criado que apareceu à porta da sala:

— Diga ao mestre Tomba que venha cá.

Pouco depois aparecia à porta o sapateiro com o ar petulante de quem está resolvido a dizer tudo sem rodeios, e a assumir inteira responsabilidade dos seus atos.

— O sr. Julinho, chamou?

— Chamei, mestre. Venha cá...

— Pronto!

E o sapateiro avançou dois passos na sala, de cabeça erguida e olhar firme.

— Então como é isto? — ia Júlio a dizer.

Mas o sapateiro interrompeu-o, sem o deixar concluir.

— Então como há de ser? Fui eu que armei esta trempe, p'ra fazer que aqui a nossa reverendíssima madre e mais este reverendíssimo sr. padre viessem à presença do sr. Julinho... Vossa *incelência* estava todos os dias a apelidar por ela, que a queria ver, que lhe queria falar e que morria sem *estifazer* o seu desejo... Vai eu *atão* disse comigo: “Se eu, armar uma *pêta* bem arranjada e disser à nossa reverendíssima madre que é a sr.a D. *Helênia* de Laronha que está a dar a alma a Deus, ela larga barcos e redes e vem por aí fora atrás de mim, que é um ar que lhe dá... Ponto é que ela me *acuardite*... Vamos a ver se as bichas pegam... Fui e as bichas pegaram. Ela aqui está... Agora o sr. Julinho diga o que tem a *dezer*, e se eu fico por mentiroso, é o mesmo... Se quer ó menos, intrujei, mas foi p'ra *estifazer* a última vontade a vossa *incelência*... Agora já pode morrer descansado.

— Mas venha cá, Tomba, como arranjou você a carta de Helena de Noronha?

O sapateiro arregalou os olhos:

— A carta da sr.a D. *Helênia*? A carta não é dela!

— Como não é dela?

— Não é dela, já lhe disse! Assim um raio venha que nos parta aqui a todos, se eu vi a sr.a D. *Helênia* ou sequer alguém me boquejou a respeito dela!

— Mas esta carta — disse madre Paula — foi-me entregue por vocemecê...

— Isso é oitira coisa... — tornou o sapateiro — Mas as cartas são papéis... Essa carta não é da sr.a D. *Helênia*.

— Não é! — exclamou Júlio — Mas a letra e a assinatura são dela. Como arranjou você esta carta?

— São dela!? — disse por sua vez o Tomba muito admirado.

— Se esta carta não é escrita por Helena — tornou Júlio de Montarroio — então alguém lhe imitou a letra e a assinatura. O mestre dirá quem foi...

— E a carta o que diz, ó sr. Julinho? — interrogou o sapateiro com grande interesse.

— Pois você não o sabe, mestre?

— Eu não, senhor! Cego seja eu e o meu Santo Antônio, que está lá dentro, permita que eu não arranje mais cinco réis de esmola em toda a minha vida, se eu sei o que ela diz... Eu levei-a fechada, não a abri para a mandar ler, como hei de eu adivinhar o que ela diz?

Júlio percebeu que o sapateiro falava verdade, e de cada vez mais surpreendido pela ignorância do mestre sobre o conteúdo da carta, resolveu-se a esclarecê-lo.

— Esta carta é assinada por Helena de Noronha e pede à virtuosa madre Paula que venha junto ao seu leito de agonia dizer-lhe o último adeus...

— Ela diz que está doente?

— Diz que está a morrer...

O sapateiro bateu uma palmada na testa com expansão:

— Quer vossa *incelência* ver que é ela!? — exclamou — Pois não é *oitra* coisa. É ela! Oh! com um raio de diabos! E eu aqui a dois passos, e sem o saber! Que grande cabeça de burro eu sou! Pois é ela, não há que ver!

— Ela quem? — interrogou ansiosamente Júlio.

— A doente que está em casa da sr.a D. Aurélia! Ora... ora esta! E fui eu que dei co'ela na estrada, como morta, sem dar por burro nem por albarda...

E depois, num movimento de dúvida:

— Mas olhe lá, ó sr. Julinho, a carta diz isso?

— Sem dúvida, mestre, a carta é de Helena... Diz que está doente e pede a madre Paula que venha vê-la...

— Agora... agora! Por isso vossa reverendíssima se pôs tão pronto para me acompanhar... Cá me queria parecer!... E eu a cuidar que era eu que a trazia ao engano!... Sou esperto, não tem dúvida! Posso ir p'ró diabo que me carregue e mais a minha esperteza!

— Mas venha cá, mestre Tomba... explique-nos que doente é essa de que está falando... Eu não sei nada!

— Pois se vossa *incelência* tem estado às portas da morte, vai hoje, vai amanhã, e todos me *dezião* que não lhe dissesse nada nem lhe *trouvesse* novidades, que podia ser às vezes dar-lhe uma coisa pela cabeça e alimpá-lo ainda mais depressa... como é que eu havia de lhe vir contar o que era passado? Mas agora é que eu percebo a tramóia... Antão lá vai!

O sapateiro contou como encontrara inanimada no caminho, quando regressava, do Porto, uma pobre mulher desconhecida e andrajosa, que fora recolhida por caridade em casa de D. Aurélia onde ainda se encontrava.

— E *atão* agora está tudo explicado. — concluiu — A snr.a D. Aurélia foi que me mandou ao Porto entregar essa carta aqui à snr.a mãe, mas sem me dizer de quem era... Ora, se o sr. Julinho diz que a carta foi *escrevida* pela snr.a D. *Helênia*, *atão* a coisa está bem clara: a doente que lá está e que eu topei na estrada é ela!

Júlio ouvira com extraordinária comoção a narrativa do sapateiro.

— Ah! meu Deus! — exclamou — até que enfim a encontro!

E voltando-se para mãe Paula:

— Minha senhora, pois que foi chamada por Helena, cumpre-me conduzi-la à casa onde ela se encontra.

Minutos passados, mãe Paula, padre Filipe e Júlio de Montarroio, acompanhados por mestre Tomba, entravam em casa de D. Aurélia.

A irmã de Gustavo veio recebê-los ao salão de entrada, e não ficou pouco surpreendida quando Júlio de Montarroio lhe disse:

— Minha amiga, tenho a honra de lhe apresentar mãe Paula, virtuosa superiora da casa conventual das Sereias, no Porto, amiga íntima de Helena de Noronha, que, segundo creio, se hospeda na casa de v. ex.a...

E indicando o padre Filipe:

— E este cavalheiro é o sr. padre Filipe, respeitável sacerdote que teve a amável complacência de acompanhar esta senhora na visita à sua amiga.

D. Aurélia cumprimentou os visitantes, relanceando um olhar de censura ao Tomba que, interdito, coçava na orelha, como quem compreendia que tinha feito asneira.

— É verdade — disse por fim D. Aurélia — que tenho em minha casa Helena de Noronha; e se disso não informei imediatamente, como desejava, o snr. Júlio de Montarroio, foi devido a duas considerações imperiosas: a primeira foi o fato de Helena, que recolheu doentíssima e em perigo de vida a minha casa, me haver suplicado que não divulgasse, fosse a quem fosse, a sua estada aqui; e a segunda foi a circunstância do snr. Júlio de Montarroio se achar gravissimamente enfermo e haver especial recomendação do seu médico para que lhe não dessem notícia que pudesse causar-lhe qualquer abalo moral, porque isso poria em perigo a sua existência.

— Oh! — protestou Júlio — pois se toda a minha doença era não ter notícias de Helena!

— Helena, cuja vida continua ainda em perigo — prosseguiu D. Aurélia — pediu-me que fizesse entregar no Porto a madre Paula uma carta que ela mesma escreveu e cujo conteúdo eu ignoro...

— Essa, carta, minha senhora — disse madre Paula — ei-la aqui. Por ela verá v. ex.a que Helena reclama a minha presença...

E apresentou-lhe a carta que D. Aurélia recusou delicadamente com um gesto.

— Por Deus, minha senhora! Eu não duvido um momento da sua palavra... Simplesmente o que devo é prevenir v. ex.a do melindroso estado de saúde da nossa pobre amiga... Qualquer abalo, qualquer comoção violenta pode matá-la...

— Mas se Helena espera a visita de madre Paula — objetou Júlio.

— Espera a visita de madre Paula, mas não espera a de v. ex.a... — retorquiu D. Aurélia. — Era justamente essa surpresa que me parecia bem poupar-lhe por enquanto...

— Decerto! — atalhou madre Paula. — Nem eu creio que o snr. Júlio de Montarroio, que é tão dedicado a Helena, pense em lhe agravar a enfermidade apresentando-se-lhe, sem ela estar preparada para isso...

Júlio de Montarroio exclamou num acesso de exaltação febril:

— A minha vida pela dela! Digam-me que é preciso fazer saltar os miolos para salvar Helena e eu não hesitarei um instante!

— Sossegue, sossegue, meu amigo, que não será preciso recorrer a esse extremo, para termos a nossa querida doente restabelecida dentro em pouco. Aqui o que é preciso é evitar-lhe qualquer sobressalto ou comoção que possa agravar-lhe a doença... V. ex.a não imagina o estado em que a pobrezinha se encontra. Eu mesma, quando aqui m'a apresentaram, não a reconheci... Foi ela que só passados dias se deu a conhecer, porque se tal não fizesse, ainda agora eu estaria na ignorância de quem ela fosse.

— Pobre Helena! — exclamou madre Paula.

— Parece-me, pois, tornou D. Aurélia — que seria bom dispor a nossa doente para receber a visita da sua amiga. Enquanto ela a espera, convém preveni-la com cuidado...

— Sim... sim!... — concordou madre Paula.

D. Aurélia voltou-se para Júlio e com um sorriso amável:

— Tenha paciência, meu amigo... Já não é pequena felicidade para o seu coração o saber que Helena vive, está aqui entre nós e que, dentro de alguns dias, poderá vê-la e falar-lhe. O que é preciso é que v. ex.a mesmo tenha cuidado com a sua saúde e trate de se restabelecer, livre de apreensões e de tristezas que já não têm razão de ser.

E a um gesto de assentimento de Júlio de Montarroio, que se inclinou em silêncio, prosseguiu:

— Dêem-me licença que eu vá junto da minha amiga, tratar de a predispor para receber sem grande surpresa a virtuosa madre Paula. Escuso dizer-lhes que os considero meus hóspedes nesta casa e que vou também dar as ordens precisas para serem convenientemente instalados.

Fez uma ligeira mesura e saiu.

Daí a instantes, a criada de quarto de D. Aurélia entrava na sala a indicar aos hóspedes que os seus aposentos estavam preparados.

CAPÍTULO 27: DUAS AMIGAS

No dia seguinte, muito cedo ainda, Helena de Noronha que passara a noite sossegada, acordou inquieta e perguntou à criada se já tinha chegado uma senhora que devia vir do Porto.

— Não sei, minha senhora — respondeu a criada que estava já prevenida — mas eu hei de dizer que senti há pouco parar um trem ao portão...

— Oh! vá saber sem demora — pediu Helena — e se for a pessoa que eu espero, diga a sua ama que lhe peço para a fazer entrar aqui o mais depressa possível...

A criada subiu a cumprir a ordem recebida. Pouco depois entrava a dona da casa.

— Veio? — perguntou-lhe Helena.

— Dá-me alvíssaras, minha amiga — disse D. Aurélia alegremente — porque, contra a tua expectativa, madre Paula está nesta tua casa!

Helena levantou-se a meio no leito.

— Por Deus, minha filha, diz-lhe que entre... que entre já!

Madre Paula, que ficara oculta com o reposteiro, penetrou de um salto no aposento, dizendo:

— Não é preciso, minha querida Helena, não é preciso, porque a tua amiga está aqui!

— Paula! — exclamou Helena, estendendo para ela os braços, num alvoroço de indizível contentamento.

Estiveram assim as duas amigas por muito tempo abraçadas, num silêncio apenas cortado pelos soluços que se escapavam do peito de ambas.

D. Aurélia assistia comovida a esta cena de uma terrível eloquência na mudez daquelas lágrimas que ambas vertiam ao abraçarem-se.

Por fim, foi Helena quem rompeu o silêncio, exclamando:

— Vieste ver-me, minha amiga... Bem hajas pela caridade com que atendeste o meu pedido!

— Minha pobre Helena! — respondeu madre Paula — quantas vezes me tens lembrado nos longos dezesseis anos da tua ausência! Procurei por mil modos saber notícias tuas... Tudo inútil!... Ninguém me dava relação de ti, ninguém te conhecia, ninguém sabia para onde tinhas partido...

— Fiz uma viagem muito longa, minha amiga... tão longa que só devia terminar no começo desta outra viagem mais longa ainda, que vou empreender...

— O que! pois não ficas ainda aqui? Tencionas partir outra vez? — perguntou madre Paula admirada.

— Sim... vou partir e desta vez para nunca mais voltar... Vou empreender a eterna viagem do sepulcro... Por isso te pedi que viesses...

— Morrer! — exclamou a abadessa — que estranha fraqueza é essa? A vida chama-te ainda, minha querida... Tu és nova, és forte, és ainda uma mulher valida, tens um espírito são, uma alma extraordinariamente bela... Chama a ti todas as energias, reage contra os sofrimentos, opõe às violências da dor que te avassala, a força suprema da tua vontade e triunfa do abatimento físico pela energia moral.

Helena tornou a sorrir o sorriso triste dos que não se iludem na aproximação do seu fim.

— Tu é que estás ainda a mesma, minha querida! — disse ela. — Não parece que passaram por ti dezesseis anos desde que nos separamos...

— Os meus cabelos branquearam um pouco, porque ninguém resiste impunemente à ação do tempo — replicou madre Paula — mas, conquanto um pouco mais velha que tu, não penso ainda na morte...

D. Aurélia, sentindo-se de mais naquele colóquio entre as duas amigas, que certamente tinham mais importantes assuntos a tratar, interveio pedindo que a dispensassem por um instante, pois tinha que ordenar serviços domésticos da maior urgência.

— Espera! — replicou Helena — deixa-me primeiro dizer à minha Paula quem tu és...

— Não é preciso — acudiu D. Aurélia com meiguice — já nos conhecemos desde ontem à noite...

— Sim — confirmou madre Paula — já devo a esta senhora a mais amável e gentil hospitalidade que há muitos anos me foi dado receber fora do meu convento...

— Pois tu já cá estás desde ontem? — perguntou Helena admirada.

— Vim acompanhada pelo portador da tua carta e pelo reverendo padre Filipe, de quem certamente ainda te recordas...

— Oh, decerto, decerto! E como são gratas as lembranças que conservo desse honesto e digno sacerdote! Porque não veio ele ver-me também?

— Temos tempo, minha querida — disse madre Paula — Uma das principais virtudes cristãs é a paciência... E o p — Temos tempo, minha querida — disse madre Paula — Uma das principais virtudes cristãs é a paciência... E o padre Filipe, que é, como acabaste de dizer, um honesto e digno sacerdote, exercita esta virtude como poucos... Ele espera, e é dos que sabem esperar...

Logo que D. Aurélia saiu, madre Paula encarou fito Helena de Noronha e perguntou-lhe em voz sumida, num tom de mistério:

— E o padre Anselmo?

— Matei-o!

— O que! — disse a religiosa empalidecendo — Mataste-o... quando?

— há dezesseis anos, no dia em que deixei de ser superiora da casa conventual da Covilhã...

— É extraordinário! E como pudeste...?

— O miserável, de quem eu tinha jurado vingança, não soube, no meio de toda a sua perversa astúcia, desconfiar da aparente submissão da mulher que tão infamemente havia ludibriado e escarnecido... Julgou-se inteiramente senhor de mim e veio ele mesmo procurar a ocultas o castigo que a sua torpeza e maldade mereciam...

— E o outro... o filho dele... o padre Hilário?

— Foi meu cúmplice. Ele mesmo ajudou a crucificar o pai no subterrâneo do convento. Oh! foi uma vingança terrível, e esse dia, minha querida Paula, foi o mais belo e o mais feliz de toda a minha vida, desde que abandonei a casa de meu pai... de meu pobre pai que ingratamente condenei à morte!

Os olhos de Helena de Noronha coruscavam ainda de furor satânico, ao recordar aquele lance supremo em que havia dado morte horrível ao jesuíta que a perdera.

Madre Paula, tomada de pavor, encarava Helena de Noronha, mal podendo acreditar no que ouvia.

Fez-se um curto silêncio em que os olhos das duas exprimiam um mundo de pensamentos.

— Sim... — disse Helena de Noronha como respondendo à pergunta muda que lhe dirigia a sua amiga — o padre Hilário foi, por assim dizer, o executor da sentença de morte a que eu havia condenado o pai... E era preciso que assim sucedesse para que a minha vingança fosse completa...

— Mas não sabia ele os laços de sangue que o prendiam a esse miserável?

— Não o sabia; mas, ao expirar, o padre Anselmo patenteou-lhe toda a verdade do alto da cruz onde agonizava, amarrado como o mau ladrão. Disse-lh'o por entre maldições e injúrias, e a voz do sangue não falou no meu cúmplice. Assistiu impassível à agonia do pai, que ele imolava à minha vingança e sacrificava ao seu amor por mim... Oh! foi uma boa hora aquela, minha amiga! E se eu alguma vez pude crer em Deus, foi justamente nesse instante em que o maior dos criminosos expiava com a maior das agonias todo o seu passado de negras infâmias!

E contou então como o padre Anselmo, aparecendo-lhe misteriosamente no convento da Covilhã, desceu à cripta, no intuito, dizia ele, de orar aos pés da cruz, onde devia ser crucificado... Relembrou com infernal prazer todas as minúcias dessa cena horrível; a maneira como, acompanhada do padre Hilário, o seguiu ao subterrâneo e como, quando ele vinha saindo, depois de ter feito ouvir por largo tempo o ruído surdo de quem cavava, o próprio filho, com um vigoroso murro, o fez cair no meio do subterrâneo, fechando-lhe a porta pelo lado de fora... Depois, os três dias de agonia lenta, torturado pela fome e pela sede, todas as peripécias terríveis desse drama sombrio de vingança e de sangue, que teve a sua ação no medonho *in-pace* da Covilhã.

Madre Paula ouviu atônita toda esta narrativa, chegando por vezes a suspeitar que Helena de Noronha, tomada de loucura, estivesse fantasiando uma vingança que não realizara.

— E o padre Hilário? — perguntou por fim.

— Pobre rapaz! Nunca mais o tornei a ver... O pensamento que nos uniu foi o mesmo que devia separar-nos e... separou-nos.

— Acusou-te depois, lançando sobre ti as culpas do remorso que o torturava?

— Oh, não! Eu poupei-lhe a desgraça do remorso, semeando-lhe no coração o ódio por mim...

A abadessa, de cada vez compreendendo menos o sentido das palavras de Helena de Noronha, atreveu-se a inquirir:

— Traíste o teu novo amante?...

— Meu amante! Nunca o foi. Traí o cúmplice, isso sim... Utilizei o instrumento da minha vingança enquanto o necessitava e arremessei-o para longe de mim quando já me não era preciso... O padre Hilário amava-me... dizia ele que me amava.. Porém, eu não poderia ver nunca nesse homem senão o filho do padre Anselmo... Logo depois que a minha vingança estava cumprida, tratei de me afastar dele...

— Como?

— Enganando-o como o pai me enganou a mim. Disse-lhe que para não levantar suspeitas, era conveniente que ambos seguissemos por diferente caminho para o mesmo ponto onde devíamos encontrar-nos.

Esse ponto era uma terra do estrangeiro, onde passaríamos por marido e mulher, vivendo de algum dinheiro que eu tinha amealhado, enquanto não pudéssemos voltar ao país, depois de obtida a certeza de que o nosso crime não havia sido descoberto. Ele tudo acreditou e, obcecado pela paixão, não duvidou um momento de que eu fosse reunir-me a ele. Partiu por um caminho, eu parti por outro, e até hoje nunca mais nos tornamos a ver...

— De modo que...

— De modo que o meu cúmplice, ao reconhecer-se ludibriado, deve ter sentido mudar-se lhe todo o amor que nutria por mim num ódio profundo.

Madre Paula, profundamente impressionada com estas revelações, quase não atinava com palavras que dissesse.

Parecia-lhe impossível que aquela mulher fraca e ingênua, que ela recebera na casa das Sereias, pudesse vir a triunfar da maldade perversa do padre Anselmo, da sua astúcia e sistemática desconfiança de tudo e de todos, tirando dele uma

vingança atroz, que os mais poderosos agentes da Companhia não ousariam sequer sonhar.

— O que me contas é por tal modo extraordinário, minha querida Helena — disse ela, passados instantes — que me deixa muda de assombro! Se o não ouvisse de teus próprios lábios, recusar-me-ia a acreditá-lo...

— Oh! minha boa Paula! — replicou Helena, ainda tremendo de ira — pois acaso não teria eu razão para muito mais? Não foi aquele maldito a ruína, a miséria e a morte de toda a minha família? Não abusou ele da minha inocência e ingenuidade de criança para me aviltar, roubar e perder, fazendo de mim sua barregã e sua escrava? poderia eu perdoar ao maldito que tão infamemente lançou a desgraça e a desonra sobre mim e sobre os meus?

— Tens razão. Mas não é a justiça da tua vingança que me surpreende...

— O que é que te surpreende, pois?

— Surpreende-me a habilidade e a coragem com que pudeste levar a cabo o teu plano...

— Auxiliou-me o acaso, se não foi antes um desígnio da própria Providência que inspirou ao padre Anselmo a ideia de mandar o filho para junto de mim...

— Nunca mais ouvi falar do padre Hilário... Naturalmente abandonou a Companhia.

— Era essa a sua resolução inabalável quando nos separamos... Eu não saí do país, como lhe prometi, e passei uma grande parte destes dezesseis anos perdida e obscura pelas terras de província, exercendo misteres humildes, impróprios da minha educação... Sujeitei-me a tudo, minha querida... Fui criada de quarto, fui costureira, fui criada de meninos, e confesso que me era menos amargo o pão em casa de meus amos do que nesse antro maldito onde, por tua comiseração, fui elevada à dignidade de abadessa! Abadessa! que irrisória e infame impostura, minha amiga!...

— Helena — disse madre Paula — pareceu-te assim porque não amaste... Se tivesses amado o padre Hilário como eu amei o padre Filipe...

— Oh! não! eu não podia amar a sotaina desde que a sotaina me havia ludibriado e escarnecido. No meu coração só havia ódio por essa infame instituição que alberga no seu seio facínoras perversos da laia do padre Anselmo e vive da exploração cruel das suas vítimas.

— E não tens, já não digo remorso, mas ao menos pesar, de haveres sacrificado ao teu ódio e à tua vingança esse pobre rapaz que te amava e que pelo teu amor se fez parricida?

— Era filho dele. E o meu ódio implacável vai de pais a filhos... Ele próprio devia ser um monstro como seu pai..

— Todavia, minha querida... há inda um filho do padre Anselmo que em nada o parece... nem na figura, nem no coração. É nobre, é digno, é honesto, é leal, é amável e trabalhador...

— Falas de...?

— De teu filho, Helena de Noronha!

— Ele vive ainda?

— Vive e é um belo e gentil rapaz...

— Padre também?

— Não. É um acadêmico distinto e espero que há de ser um homem útil a si e aos seus semelhantes, honrando a ciência e a humanidade. Eu e o padre Filipe temo-lo educado sob o influxo das doutrinas liberais, longe de nós e estranho aos funestos exemplos da falsa religião que nos vitimou.

— Não te conhece então?

— Conhece. E ama-me e respeita-me com um carinho e uma ternura que faz honra aos nobres sentimentos da sua alma.

— Sabe esse rapaz quem foram seus pais?

— Ignora-o inteiramente, conquanto use o teu apelido, Helena de Noronha.

— O que! pois tu... — ia a dizer Helena, levantando-se a meio no leito.

— Sim — atalhou madre Paula — quis que se chamasse Paulo de Noronha, a fim de que sua mãe um dia pudesse reconhecê-lo e amá-lo.

— Oh! nunca... nunca!

— Helena! — tornou madre Paula com severo aspecto — o ódio que se estende ate aos próprios filhos das nossas entranhas é perversidade que repugna à razão

e de que nem as bestas feras, na crueza de seus instintos, jamais nos deram exemplo. Vê tu, minha amiga, que nem o padre Anselmo, esse cínico perverso, de uma ferocidade de chacal, pôde resistir ao amável sentimento que Deus pôs no coração dos pais pelos filhos. E quererás tu cerrar teu peito ao afeto mais nobre e mais santo que pode caber no coração de uma mulher? Quererás morrer amaldiçoando teu filho inocente e deixar que ele viva sentindo n'alma o gelo da indiferença e do abandono de seus pais? Que triste herança lhe queres legar, minha amiga! E contudo, Paulo é digno de que o amem porque nas nobres qualidades de seu caráter, na sua figura varonil e no porte altivo, reflete bem a figura e as nobres qualidades desse santo e desditoso homem que foi teu pai.

— Meu pai! — gritou Helena de Noronha — Paulo parece-se com ele? Não tem na fisionomia os traços odiosos de monstro que lhe deu o ser?

— Queres vê-lo? — perguntou madre Paula.

— Não, não! — recusou Helena tomada de súbito terror — Para que hás de pôr-me diante dos olhos, na hora extrema, um filho que eu não posso amar, uma criatura que há de ser-me sempre odiosa pela recordação dos negros crimes que lhe andam ligados? Oh! deixa-me morrer, minha amiga, no esquecimento de um dever que eu não tenho forças para cumprir...

Calou-se ofegante. E depois, como falando consigo mesma:

— E como poderia eu dizer a esse rapaz: “Sou tua mãe!” sem ter que lhe confessar a minha miséria e a minha vergonha? Perguntar-me-ia o nome de seu pai... e eu teria que me calar vexada diante de meu filho para lhe não dizer: “Teu pai era o padre Anselmo, um monstro com figura humana... Ladrão e assassino da mais ínfima espécie... Um miserável sacrílego que torpemente entenebreceu a minha razão e abusou da religião de Cristo para nos condenar, a mim e a ti, a uma desonra eterna!” Oh! não... não! prefiro morrer sem passar por mais esse doloroso transe, consolada com a certeza de que ele ignorará o nome da desgraçada que foi sua mãe!

— Sossega, minha querida! — tornou-lhe madre Paula suavemente — O que eu te proponho não é bem isso que tu supões...

— O que me propões então?

— Trazê-lo até junto de ti para que o vejas e ouças e possas certificar-te pelo testemunho dos teus próprios sentidos, de que esse encantador rapaz, bem longe de reproduzir as feições repelentes do padre Anselmo, é o vivo retrato do teu pai, de quem parece ter herdado as santas virtudes e os nobres

sentimentos. Em vez de ser para ti uma tortura, a sua presença ser-te-ia um doce alívio e uma grande consolação. Crê, se eu fosse mãe de Paulo, sentir-me-ia orgulhosa e feliz da minha maternidade.

— E não corarias, ao menos de pejo, ao teres de lhe confessar a série de monstruosas torpezas que deram origem ao seu nascimento, Paula?

— Não me apresentaria como sua mãe... exatamente como eu te proponho que o faças... A felicidade seria toda tua em poderes vê-lo junto do teu leito, sabendo que é teu filho e ignorando ele que sejas sua mãe...

— E a que título viria ele aqui, se a verdade não tivesse de lhe ser dita? Não... não! De que serviria isso? Sou pobre... nada tenho que lhe legar... Os bens que me pertenciam roubou-m'os o pai bem o sabes...

— Filha! é impossível que no fundo do teu coração não esteja o sentimento mais sublime que pode nascer em peito de mulher — o sentimento do amor maternal. Tu, que eu conheci tão cândida, tão amorável e doce, tu que tiveste afetos para mim e para a pequena Lucília, terás um coração insensível à lembrança de teu pobre e inocente filho? Vamos! não me recuses a consolação de ver que testemunhaste, ao menos secretamente e por alguns instantes, toda a grandeza da minha obra de dedicação e ternura. Puseste nos meus braços um pequeno ser, débil e frágil. Restituo-te um moço útil, uma alma deleição.

Paulo, se eu o mandar chamar, virá imediatamente. Ama-me como filho e não estranhará que eu deseje tê-lo junto de mim por alguns dias... Queres ver o teu filho, ao menos por curiosidade? Admira o teu filho, Helena de Noronha e alegra-te com a ideia de que as virtudes da tua raça viverão nele com a mesma intensidade com que brilharam em teu pobre pai.

Helena guardou silêncio.

— Pois bem — disse ela passados instantes — deixa-me recobrar alentos... e sobretudo deixa-me familiarizar com a ideia de que hei de ver nesse rapaz somente o meu filho e não o filho do padre Anselmo. Que tempo tencionas demorar-te aqui, minha amiga?

— Todo o que tu julgares preciso para a tua convalescença...

Helena teve um sorriso estranho.

— Pois sim... Convalescerei breve... — disse num tom cuja sinistra significação não escapou a madre Paula.

A freira atalhou:

— É por isso que eu queria que visses teu filho, Helena. Talvez que, conhecendo-o, sentisses acordarem em ti todos os ternos afetos que nos prendem à vida. O mundo, hoje, para ti é um deserto. Morres no isolamento e no abandono do coração... Nada há que te estimule o desejo de viver, e consideras a morte como um benefício. Mas se tivesses a tua existência ligada a outra existência, se te sentisses viver na vida de teu filho, então, minha querida amiga, terias triunfado da morte, justamente porque a vida te ofereceria encantos.

— Ah! minha pobre Paula! compreendes acaso que um risonho dia de primavera possa reverdecer a árvore a que destruíram as raízes e que, seca, perdeu a seiva e se despiu da folhagem? Eu sou uma árvore morta, minha amiga! Perdida a seiva da juventude, desfolhadas as minhas ilusões e as minhas esperanças pelo rijo vendaval da desgraça, não há mais para mim no mundo possibilidade de existência tranquila e sossegada. Oh! agora só peço o esquecimento e a morte como suprema esmola da Providência. Perdida a inocência e as santas crenças da minha alma ingênua, vivi para a vingança. Realizada esta como um justo castigo de que fui providencial instrumento, restava-me viver para a expiação de minhas culpas... Expiei-as em 16 anos de servidão, de humilhações e de misérias de toda a ordem. Sofri o frio, a fome, as dores da alma e do corpo, com a resignação do condenado que caminha para o patíbulo, cômico da sua libertação pela morte. Remorsos de haver supliciado o infame que me perdeu, nunca eu os tive nem podia ter. Mas a dor horrível de haver causado a morte a meu pai e a meu primo... Oh! essa nunca me abandonou, e tanto bastava para que eu ansiasse morrer, como o supremo bem a que podia aspirar... Chamei-te porque precisava reabilitar-me no teu conceito... precisava que, ao lembrares-te de mim, não assomasse aos teus lábios um sorriso de desprezo e me julgasses igual às outras...

— Helena, minha amiga, minha irmã... não sejas injusta para comigo! Eu sabia que a tua grande alma era capaz de amar como era capaz de aborrecer... A vingança que tiraste do padre Anselmo foi justa e foi nobre. Libertaste a humanidade de um facínora que a envergonhava... Dou-te por isso sinceros louvores. Mais fraca do que tu, eu não ousei pensar sequer em tirar igual desforço daquele que me condenou a esta eterna servidão em que vivo... E não pensei, porque o meu coração deixou-se ilaquear nas redes de um afeto vivíssimo qual é o que tributo ao padre Filipe, tu bem o sabes. Tu mais infeliz do que eu, não amaste... Por isso, o fel do teu ódio se converteu em veneno mortal para aquele que te perdeu...

— Não amei, dizes? Amei, sim... amei um homem que teria feito de mim a mais venturosa das mulheres se, na hora em que o encontrei, eu não fosse já indigna da estima de um homem de bem.

— Falas de Júlio de Montarroio?

— Falo, sim, Paula! Amei-o com todas as veras da minh'alma. Amei-o e fugi-lhe para não sofrer a horrível dor de me ver desprezada por ele!

— Tornaste alguma vez a ter notícias suas?

— Nunca mais. Recuperada a minha liberdade com a morte do padre Anselmo e separada do meu cúmplice, cuja presença me seria horrorosamente insuportável, considerei-me morta pela segunda vez. Nem Helena de Noronha nem irmã Dorotéia deviam existir jamais... Portanto, a minha nova existência passou a ser outra bem diferente das duas primeiras... Na mísera e obscura condição social a que desci, ninguém, nem mesmo tu, minha amiga, terias adivinhado sequer, quanto mais reconhecido, a filha de Norberto de Noronha ou a superiora da casa conventual da Covilhã...

Calou-se ofegante e exausta.

— Contudo... — prosseguiu passados instantes — contudo eu poderia ter trazido do subterrâneo da Covilhã uma grande riqueza... e não a trouxe...

— Uma grande riqueza, dizes?

— Sim... O padre Anselmo apareceu-me inesperadamente no convento uma noite, exigindo que a sua chegada não fosse conhecida de pessoa alguma... Ele disse-me que tinha de descer ao subterrâneo, no cumprimento sagrado de uma promessa que fizera para que eu correspondesse dignamente aos pesados e espinhosos encargos do lugar para que me nomeara. E realmente, na noite seguinte — a noite da rigorosa justiça — ele, persuadido de que ninguém o observava desceu ao *in-pace*... Mas lá, com a porta fechada à chave por dentro em vez de rezar aos pés da cruz, como prometera, cavou na terra por muito tempo... Ouvimos-lhe cá fora o bater da enxada no solo recalçado... Tive a suspeita de que alguma coisa importante ele ia esconder ali... E essa suspeita converteu-se em certeza, quando do alto da cruz a que o amarráramos, vociferando maldições e insultos sobre mim e sobre o filho parricida, declarou num acesso de furor que possuía riquezas imensas que tencionava legar ao filho maldito, mas que lhe permaneceriam vedadas porque o seu tesouro ninguém o descobriria...

Madre Paula ouvia com singular atenção esta parte da narrativa de Helena...

— Talvez isso não passasse de uma alucinação dos últimos momentos... — disse ela.

— Não... O padre Anselmo tinha ido ali enterrar o seu tesouro, estou bem certa disso... Ao expirar, olhou para o lado direito da cruz e o olhar baço, de moribundo, perdeu-se-lhe no canto mais escuro e mais sombrio do subterrâneo... Se algum dia lá fores... manda cavar ali... manda revolver toda aquela terra e encontrarás, estou bem certa, o produto de tantos crimes acumulados daquele sicário maldito que o inferno confunda!

— E o padre Hilário não manifestou desejo de se apoderar do tesouro do pai?

— O padre Hilário, esse compreendes bem... naquele momento, obcecado pelo amor e pelo ciúme, não via nem compreendia outra coisa que não fosse a posse da mulher por quem enlouquecera e se tornara parricida... Deixou o convento no mesmo dia em que eu o deixei, precedendo-me algumas horas na partida, convencido de que eu iria reunir-me a ele... E nunca mais... oh, nunca mais voltou à Covilhã, estou bem certa disso... Depois de se ver ludibriado por mim, a recordação do seu crime deve ter-se-lhe tornado bem negra! O próprio remorso o deve ter afugentado de lá...

— E viverá ainda?

— Não sei... Se o remorso matasse, ele deveria ter morrido. Mas o remorso é um veneno que vai minando lentamente a existência. Tortura, mas não fulmina, as suas vítimas. Ele matou o pai, é bem certo. Mas também eu matei o meu e não morri... Não morri, quando tantas vezes pedia a morte a Deus! Deve portanto viver.

— Sossega, minha amiga... — observou-lhe madre Paula, vendo-a de cada vez mais agitada. — Tens falado muito... e, no estado de abatimento e fraqueza em que te encontras, é isso uma imprudência grave.

Disse e saiu deixando a doente em repouso.

CAPÍTULO 28: CORAÇÃO MORTO

Helena de Noronha, a instâncias de madre Paula e de D. Aurélia, consentiu em receber a visita de Júlio de Montarroio.

O encontro destes dois desgraçados, depois de tantos anos de ausência, foi tudo quanto pode imaginar-se de mais simples e de mais tocante.

Ele, um velho quase demente, ela, moribunda, quase um cadáver.

O que vivia neles ainda era a reminiscência de tempos passados, era a amarga lembrança de uma mocidade distante, que nem um nem outro puderam gozar na plenitude da ventura que sonharam.

No fundo de seus corações, estava gravada a imagem de cada um deles. Júlio de Montarroio, nas evocações da sua amada, não via a pobre e andrajosa criatura de face cadavérica, que o mestre Tomba encontrara exangue no seu caminho: via a gentilíssima e encantadora noviça que, no convento do Sardão, proferira os sagrados votos, envolta numa nuvem de incenso, entre o resplendor das luzes e os cânticos das religiosas suas companheiras de fé e martírio. Ela, pela sua parte, quando volvia os olhos ao passado e proferia o nome de Júlio, era sempre a imagem do louro e gracioso mancebo da Serra do Carvalho que via refletir-se na sua retina de alucinada.

E assim se amaram e se viram com os olhos da alma no longo percurso dos dezoito anos decorridos.

Nem um nem outro jamais havia pensado que o tempo, na sua marcha destruidora, pudesse ter roubado a frescura e a gentileza àqueles rostos que mutuamente se reviam nas horas tristes de uma ausência crudelíssima.

Foi, pois, com um misto de surpresa e de doloroso espanto que os dois se encararam, quase sem se reconhecerem.

Júlio de Montarroio recuara um passo aterrado diante daquela moribunda que, com os olhos desmesuradamente abertos e os lábios como que a reprimirem um grito de surpresa, o observava apavorada.

— Não esperava encontrar-me tão velho, não é verdade, Helena de Noronha?

— Diga antes, meu amigo —olveu-lhe Helena — que não esperava tornar a vê-lo neste mundo... Pensava ir esperá-lo na outra pátria... na pátria dos grandes desgraçados, onde as dores acabam e a ventura começa... Seria melhor para si... poupá-lo-ia ao doloroso espetáculo que está presenciando... Procurava Helena de Noronha e encontra um cadáver, não é assim?

Júlio aproximou-se do leito, tomou a mão descarnada da pobre Helena e, levando-a aos lábios com piedoso respeito, apenas pôde murmurar:

— há dezoito anos que a procuro, Helena... há dezoito anos que a sua imagem ocupa constantemente o meu pensamento, que o seu nome é a oração única

que meus lábios sabem proferir. Posso agora morrer, pois que a encontrei viva para lhe dizer que não a esqueci, que, fiel ao amor que lhe jurei, gastei a mocidade e a vida, percorrendo o mundo em sua procura.

— Pobre amigo! — murmurou Helena com as lágrimas a bailarem-lhe nos olhos — Era digno de melhor sorte! Eu fui a sua má estrela... Era fatal que todos os que se aproximassem de mim fossem infelizes! E todavia, Deus sabe que nunca pratiquei o mal pelo mal... Aqueles que eu mais amei foram aqueles que mais fiz sofrer... Perdoe-me, Júlio! perdoe-me e creia — agora posso dizer-lh'o, porque me sinto já bafejada pelo sopro gélido da morte — creia que foi o único homem que fez palpitar o meu pobre coração de mulher...

— Se isso era assim, porque não veio, Helena, porque não veio quando a chamei, quando a instei a que abandonasse o convento e viesse salvar seu pobre pai? Que desgraças teria poupado, minha pobre amiga!

— Não podia... não podia!... Era impossível sair daquele inferno em semelhante ocasião... Ah! se soubesse que horríveis laços me prendiam ao poste de martírio em que eu agonizava, decerto não me lançaria agora em rosto a minha recusa!

— Deus me livre de a acusar, Helena! Amo-a muito para que pense em dirigir-lhe a menor censura, o mais leve queixume...

— Ama-me, diz! Deve amar-me como se amam os mortos... com a saudade e o luto no coração, porque eu, meu amigo, não sou mais que um cadáver.

Júlio de Montarroio abeirou-se do leito, tomou-lhe a mão, que levou aos lábios respeitosamente exclamando:

— Não fale em morrer, minha amiga! Deus, que permitiu que nos tornássemos a ver, há de também permitir que ressurja para a vida e para a felicidade...

— Não, não... É inútil toda a esperança. Deus é bom, Deus é justo e misericordioso; e se consentiu que o meu amigo ainda me encontrasse viva, foi unicamente para que pudesse ouvir dos meus lábios esta confissão sincera e franca do meu amor: Amei-o, Júlio de Montarroio... amei-o, para maior desgraça e castigo meu!... Se esta declaração feita à beira do túmulo pode servir-lhe de algum lenitivo... receba-a como a sincera expressão de uma alma que passou no mundo incompreendida...

— Helena! fossem quais fossem os motivos que a impediram de salvar seu pobre pai, quando eu ansiosamente lh'o suplicava; fossem quais fossem as razões que a levaram a faltar à sua promessa de me dar notícias suas em Paris, tudo respeito e tudo dou por justo e bem cumprido; mas, por Deus lh'o peço!

reanime-se, ganhe novos alentos e triunfe da doença e da morte para me conceder, ao menos no último quartel da minha desgraçada existência, a esmola bendita da sua presença!

— Que não cumpri a promessa de lhe dar notícias minhas em Paris? — balbuciou Helena fazendo visíveis esforços para se recordar — Não tenho a mínima ideia de alguma vez ter sabido que o senhor estaria em Paris.

— Pois não me escreveu uma carta dizendo-me que partia para lá e convidando-me a que a seguisse à capital de França e aí aguardasse notícias suas?

— Nunca lhe escrevi tal carta! — bradou Helena surpreendida.

— Todavia, eu recebi uma carta sua, com a sua letra e a sua assinatura a dar-me parte da sua ida para França e a pedir-me que a seguisse... Não foi realmente para Paris?

— Nunca saí do reino! Essa carta é mais uma infâmia do miserável que me perdeu!

— A letra, porém, era de tal modo semelhante à sua que a tomei como verdadeira, e parti imediatamente, na ânsia de cumprir as suas ordens!

— Meu pobre amigo! Como esse maldito padre abusou da sua boa fé!

— Esperei-a pacientemente, durante, muitos meses no Hotel das Nações, aonde ficara de me mandar notícias. Como, porém, a minha expectativa fosse baldada, resolvi-me a procurá-la por todos os conventos e casas religiosas da França; e não a encontrando, passei à Espanha, à Itália, à África, ao Brasil, a toda a parte, enfim, onde a negra milícia exerce as suas hipócritas manobras, sempre sem poder achar o menor vestígio da sua passagem, minha pobre amiga! Bem sabia que o meu projeto de a encontrar por semelhante modo era uma loucura irrealizável. Mas enquanto a procurava, vivia da esperança de a encontrar, a sua imagem estava presente sempre ao meu espírito, o seu nome era o meu constante pensamento... Perdidos dezesseis anos de vida nestas investigações sem resultado, cheguei a convencer-me de que estava morta; e então, não podendo alimentar-me mais da esperança de a tornar a ver, quis ao menos cercar-me de tudo quanto fosse uma recordação sua, e comprei a casa de seu pai, onde tudo me falava daquela que tanto amara e que fora a minha única aspiração neste mundo.

Helena de Noronha fitara no desgraçado os seus grandes olhos brilhantes de febre e duas grossas lágrimas lhe rolaram silenciosas pelas faces.

— Foi de todos o mais infeliz, meu pobre amigo! — suspirou ela. — Quis Deus, para me punir da minha ingratidão e desobediência para com meu pai, que eu não morresse antes de avaliar bem o enorme tesouro de afetos que perdi nessa nobre alma, tão digna de melhor sorte e de mais ventura!

Helena de Noronha escutara com uma expressão de profundo assombro, que mais e mais se lhe acentuava no rosto à medida que ia ouvindo, a narrativa de Júlio.

Quando este chegou ao fim, compreendeu então que tinha sido amada por aquele homem com um ardor e um entusiasmo que tocava as raias da loucura. Um misto de dor e de felicidade inaudita lhe agitou o seio arquejante. Pôs as mãos e levantando os olhos ao céu, exclamou:

— Graças, meu Deus!! que se foi grande o sofrimento que me deste, em expiação das minhas faltas, também não é menor a consolação que me concedeste, permitindo que eu me soubesse tão profundamente amada!

E volvendo os olhos para Júlio, numa acentuação de vidente:

— Meu amigo — acrescentou — uma outra pátria nos espera, que não esta em que tantos sofrimentos e martírios nos atribularam a existência. Lá nos encontraremos, Júlio. Agora mais do que nunca o acredito, porque Deus, tão lógico e tão consequente em tudo quanto fez e criou, seria monstruosamente absurdo se desse à criatura humana os horrores de um martírio que ela não provocou, para a lançar por fim no aniquilamento absoluto, de par com os que nada sofreram e muito gozaram. Não! não pode ser! Sofrer sem motivo, gozar sem mérito, unicamente pelo capricho de um acaso fortuito, de uma circunstância inesperada, não pode ser. Que eu sofresse e me encontrasse reduzida a este mísero estado em que me vê, recebendo a esmola de um abrigo da compassiva mão de uma amiga, compreende-se, é justo, é lógico que assim sucedesse, porque o meu crime provocou a expiação. Mas o senhor, moço, rico e feliz, sem um ligeiro desvio do caminho do bem e do dever, porque motivo sofreu assim? Porque motivo andou errante dezesseis anos pelo mundo, em busca de uma felicidade que lhe fugia, expiando de um modo cruel as faltas de outrem... as minhas faltas? Eis aqui o inocente envolvido na condenação do culpado... Porque? Isso é o que não se compreende, e resultaria absurdo monstruoso, injustiça flagrante, sem a existência de uma vida futura em que as faltas têm de ser relevadas pela expiação e os mártires inocentes terão de ser recompensados... Oh! não tenha dúvida, Júlio de Montarroio, isto não acaba, não pode acabar aqui!

Esta longa tirada foi dita com um ardor e uma agitação de tal modo violenta, que bem deixava perceber a excitação febril da doente.

Júlio de Montarroio tentou sossegá-la.

— Minha amiga — disse-lhe ele — é bem certo que muito temos ainda que esperar da misericórdia e da justiça divina. E é por isso mesmo que eu lhe peço, minha querida Helena, que tenha ânimo e coragem, que não desanime nem descreia de quem tudo pode e tudo ordena. Tenho fé que virão dias melhores para nós neste mundo... Depois de uma juventude tão tormentosa e cortada de cruéis vicissitudes, não será lícito esperar que Deus se amerceie do nosso sofrimento de tantos anos e nos reserve na última quadra da existência alguns dias de serena tranquilidade na companhia daqueles a quem mais queremos?

Um amargo e triste sorriso, vincando os lábios da doente, respondeu a estas palavras.

Júlio tentava ainda iludir-se e queria comunicar ao coração da enferma um raio da pálida esperança que já mal o animava a ele.

— Vou deixá-la, Helena. O repouso deve fazer-lhe bem. Espero que amanhã, quando voltar, hei de encontrá-la mais serena e mais bem disposta a encarar a nossa situação por outro prisma. Escuso dizer-lhe que a sua casa é ainda e sempre sua. Não deverá, à esmola nem à compaixão de ninguém o abrigo do mesmo teto que a acolheu na infância. Peço-lhe só que melhore; e no dia em que recobrar forças para entrar em sua casa, eu sairei dela, se a minha boa e querida Helena de Noronha não achar no mais íntimo da sua alma uma solução que permita a convivência dos dois no mesmo lar... De qualquer das formas, o seu coração decidirá...

— O meu coração está morto para tudo o que é deste mundo, meu amigo... — balbuciou Helena, caindo agora em profundo abatimento — Agradeço-lhe a generosidade com que pretende ainda insuflar no meu espírito um resto de apego à vida... Mas eu estou morta, creia...

— Pois bem! — exclamou Júlio num ímpeto de desespero — se de todo em todo pretende morrer, morreremos ambos! Se não podemos unir-nos durante a vida, faremos ao menos a eterna viagem no mesmo dia e à mesma hora.

— Louco! Ignora que a vida é um depósito precioso de que não é lícito a nenhum de nós despojar-se, sem que nos seja reclamada por quem no-la confiou?

— Se a vida é um favor, eu tenho o direito de a recusar, por isso mesmo que a não pedi. Se é um ultraje que se me faz, um sofrimento a que me condenam, maior direito me assiste de a rejeitar, pois que o juiz que me castiga se abstém de me dizer o delito de que sou réu!

— Não fale assim, meu amigo! Quem teve ânimo para sofrer até aqui, deve também ter coragem para suportar o resto e esgotar até ao fim o cálix da amargura que lhe foi oferecido... Adeus! Amanhã tornaremos a ver-nos e tenho esperança de que o hei de encontrar mais resinado...

Estendeu-lhe a mão descarnada e transparente que ele beijou; e, extenuada, pousou a cabeça no travesseiro, onde se sumiram duas grossas lágrimas que furtivamente se lhe escaparam dos olhos semi-cerrados.

CAPÍTULO 29: **CONFIDÊNCIAS**

Em quanto estas cenas se passam em S. Martinho do Campo, voltemos nós ao Porto, entremos na misteriosa casa de S. Bento da Vitória, onde já uma vez introduzimos o leitor, e ouçamos o diálogo ali travado entre Jorge de Gusmão e o singular e estranho personagem a quem o amigo de Paulo dava o tratamento de Mestre.

O homem dos óculos verdes está, como da outra vez, sentado à sua banca de trabalho, e fala com afetuoso semblante para aquele que parece ser o seu discípulo querido.

— E então — pergunta ele — como vão os negócios do nosso novel irmão?

— Mestre, quanto ao rapto de Beatriz, nada transpirou ainda. Eugênio de Melo, apesar de morto, continua a carregar com as culpas do desaparecimento da rapariga. A loura, industriada por João Lázaro, persiste em afirmar que Eugênio se suicidou, porque, tendo ela recusado emprestar-lhe dinheiro para fugir para Espanha, inesperadamente disparou um tiro na cabeça, declarando nesse momento que estava perdido e que só a morte lhe restava como último recurso.

— De modo que a polícia, sem provas e sem indícios que justifiquem a suspeita de um crime, não terá remédio senão por a loura em liberdade.

— Creio bem que sim. Demais a mais, a bala foi disparada tanto a sangue-frio e com tal habilidade, que, pela autópsia, não se descobriu indício comprometedor.

— E quem sabe se realmente se trata de um suicídio?

— Não creio, Mestre. Em primeiro lugar, Eugênio de Melo era crônico bastante para não pensar em matar-se, fossem quais fossem as desgraças que o acabrunhassem. Em segundo lugar, João Lázaro é suficientemente perverso para induzir a louca, de quem deseja apoderar-se, a praticar este assassinato por vingança. Tenho, pois, a certeza, quase iria jurá-lo, que Eugênio de Melo não se suicidou.

— O que de resto pouco deve importar-nos... A sociedade não perdeu nada com a eliminação daquela existência...

— Absolutamente nada. Pelo contrário, lucrou. Agora, quanto a Paulo, partiu hoje para fora do Porto, a juntar-se à sua mãe adotiva, à madre Paula, que o mandou chamar de S. Martinho de Campo, onde se encontra, a pretexto de que precisa que ele lhe vá fazer companhia.

— Paulo partiu para S. Martinho de Campo? — perguntou o homem dos óculos, franzindo o sobrolho.

— Partiu.

— É singular! — disse ele — E que gênero de negócio retém madre Paula nesse lugar?

— Não sei. Em uma das suas primeiras cartas, madre Paula explicava que tinha sido chamada ali por uma amiga íntima, que já não via há muitos anos, e que se encontrava perigosamente enferma...

O Mestre ficou silencioso por algum tempo, como que buscando uma explicação para este fato.

— É extraordinário! — disse ele por fim, quase falando consigo mesmo — é extraordinário que madre Paula mande chamar o seu protegido para lhe fazer companhia, quando sabe que a sua ausência de junto da noiva importa para o pobre moço um verdadeiro sacrifício...

— Também me quis parecer isso.

— Bem! — concluiu o Mestre — o verdadeiro motivo desse estranho chamamento há de saber-se...

— Se o Mestre entende que devemos proceder a averiguações...

— Sim. Convém saber quem é e como se chama essa amiga que retém junto de si madre Paula.

— É coisa fácil. A Mão Negra está de tal modo ramificada, que em toda a parte encontramos irmãos a quem recorrer em casos extremos. O Mestre bem o sabe, pois que a obra é sua e à grande energia e profundo saber com que nos tem guiado deve a nossa Associação o rápido impulso e a prodigiosa importância que conquistou.

O homem dos óculos fixou por alguns instantes, através dos vidros, os olhos no seu interlocutor e disse:

— Jorge, a Mão Negra pode ser um instrumento do Bem, como pode ser um instrumento do Mal, conforme o pensamento do seu supremo dirigente for alevantado e nobre ou mesquinho e vil. As bases em que assenta a nossa misteriosa agremiação permitem concentrar na mão de um só homem a vontade e as energias de muitos; e daqui resulta uma coesão e um poder de tal modo irreduzível, que força alguma da terra ousará combatê-lo ou destruí-lo. A nossa principal força está no mistério em que ela se exerce. Todos os demais poderes vivem publicamente, à luz do dia; os seus menores movimentos, as suas mais ocultas intenções poderão ser observadas e surpreendidas. Nós, pelo contrário, trabalhamos na sombra, e a nossa ação, exercitando-se livremente, faz-se sentir sem deixar conhecer a origem. Isto torna-nos invulneráveis como a própria divindade. Assim, podemos dizer: “Os homens propõem e a Mão Negra dispõe”.

— É certo — confirmou Jorge — Mas que outro cérebro, senão o do Mestre, poderia conceber e realizar o maravilhoso plano da nossa Associação, de modo a prender nos fios sutilíssimos de uma grande teia de interesses comuns o destino de todos e de cada um? Confesso, Mestre, que só um espírito superior e uma ciência profunda como a sua poderiam levar a cabo tamanha e tão extraordinária empresa.

O homem que dava pelo nome de Mestre fitou Jorge com interesse, e num tom repassado de extraordinário carinho, disse-lhe:

— Tu, meu amigo, és novo, és forte e és inteligente. A ti está reservada a alta missão de continuares um dia a minha obra, que é realmente grandiosa.

— Eu, Mestre — replicou Jorge — tenho os ombros extremamente débeis para tamanha empresa.

— Não. Tu és o único de entre tantos que deverá suceder-me. Como sabes, eu sou o poder oculto que tudo dirijo e tudo governo dentro da nossa Associação.

Em meu nome, poderás governar, mandar e dirigir, mesmo depois da minha morte.

— Pensa em morrer? Mestre! — exclamou Jorge surpreendido.

— A ideia da Morte deve estar sempre presente ao homem que, podendo tanto, só não pode prolongar a vida uma hora, um instante mais além daquele que marca o fim da sua existência sobre a terra. Há muito que eu penso, Jorge, na maneira de triunfar da Morte continuando a viver na vida e no pensamento da nossa Associação; e, sendo assim, eu não podia deixar de pensar em ti como meu continuador...

— Oh, Mestre! — fez Jorge comovido.

— És o único que há muitos anos privas particularmente comigo; és o único que bem conhece os fios ocultos que movem a nossa Associação; és, portanto, o único no caso de me suceder e de sustentar com honra e brio, com dignidade e consciência, as tradições já gloriosas da Mão Negra. Não esqueças, meu filho, que ela é a ingente força, o supremo poder, e terá no futuro em suas mãos os destinos da humanidade.

— Mas a sua ciência, Mestre, esse espírito investigador e profundo, essa inteligência privilegiada, esse cérebro potentíssimo que tudo pensa, tudo prevê e tudo resolve, como poderei eu substituí-lo?

O Mestre sorriu.

— Quando eu faltar — disse ele — virás a esta casa, encerrar-te-ás nesta sala, sentar-te-ás nesta cadeira, tal como eu estou agora, e consultarás o arquivo secreto da nossa Associação. há aqui — acrescentou — todos os elementos de que careces para s desassombradamente o caminho que encetei.

Depois abriu uma gaveta da mesa, tirou um enorme livro encadernado a preto e com fechos de metal.

— Este livro — disse ele, abrindo-o — está em branco. Quando eu morrer, basta que lhe passes por cima de cada folha uma lâmina de ferro, aquecida, para que a tinta simpática em que está escrito se revele e te permita fazer a leitura. Então encontrarás aqui a história deste homem misterioso a quem tanto te afeiçoaste e cuja origem desconheces. Este livro que é toda a minha vida e toda a minha ciência, é também toda a vida da nossa Associação. Sê prudente, sê sábio e sê justo, meu filho; e se a história da minha vida puder merecer-te uma lágrima de compaixão, que essa lágrima se cristalize e se transforme na

pérola dos nobres intuitos, como símbolo do Bem com que eu quis redimir tanto mal feito e recebido da mão da perfídia e da traição humana.

Jorge ouvia o velho sem o compreender, mas sentia-se singularmente comovido.

— Mestre! — exclamou ele com voz tremula e repassada de ternura — afastemos para longe de nós a ideia da morte. Não me assusta a perda da própria vida, mas aterra-me o pensamento de que posso ver morrer aquele que tem sido o meu melhor amigo, o meu verdadeiro e único Mestre.

Os dois calaram-se e permaneceram mudos e silenciosos por alguns instantes.

Evidentemente, uma profunda comoção embargava nesse momento a voz àqueles dois homens enérgicos, tão fortes e tão ativos que, consubstanciados no mesmo pensamento, tinham conseguido organizar, dominar e dirigir com superior inteligência uma das mais poderosas e terríveis associações secretas dos nossos dias.

— Meu amigo — disse por fim o misterioso personagem dos óculos — era indispensável que eu te manifestasse a minha última vontade, antes de partir para a grande romagem. Não é que eu pense realizá-la breve; mas como a vida é um tesouro de que apenas somos depositários, um valor à ordem que pode ser-nos reclamado de um momento para o outro, o meu dever é prevenir. Aqui tens e aqui ficam neste livro todas as indicações precisas para poderes continuar a minha obra. Se eu faltar, repito, assume a direção suprema da Mão negra, e o meu espírito será contigo.

CAPÍTULO 30: **MÃE**

Madre Paula enviara o Tomba ao Porto com uma carta a chamar para junto de si o filho da Irmã Dorotéia, sob pretexto de que precisava da sua companhia por alguns dias, para suavizar com a sua presença o aborrecimento do padre Filipe, constrangido a permanecer ali enquanto ela velava o leito de uma amiga íntima, perigosamente enferma.

No mesmo dia em que Paulo chegou, a abadessa aproximou-se do leito de Helena e disse-lhe sorrindo:

— Deixas que eu te entremostre, minha amiga, um pedaço do céu azul da tua existência por entre as brumas do sofrimento que te oprime?

— O que queres dizer?

— Quero dizer que está nesta casa, debaixo do mesmo teto que te abriga, um rapaz que seria o orgulho e a consolação de sua mãe, se sua mãe consentisse em o ver e lhe falar...

— Meu filho!? — bradou Helena em sobressalto com um aflitivo gesto de terror
— Pois tu, Paula, trouxeste a esta casa esse testemunho vivo da minha desonra?

— Quem o conhece, senão eu e tu? Para todos os efeitos, Paulo é meu sobrinho, e ele próprio está longe de pensar em que se encontra tão perto de sua mãe...

— Embora! Por Deus, poupa-me a esse enorme sacrifício, a essa horrorosa angústia!

— Helena, porque teimas em te mostrar sem coração, quando toda a tua vida está provando o contrário, filha? Lembra-te de que o mesmo terror experimentaste quando se te falou em receberes Júlio de Montarroio. E contudo, a sua presença, em vez de te mortificar, alegrou-te, quase te restabeleceu... Pois bem; deixa-me apresentar-te agora teu filho. Nada te obriga a reconhecê-lo. O segredo fica entre ambas. Se a sua presença te afligir, se continuares a detestá-lo, eu o arredarei para longe de ti... Se, pelo contrário, te sentires bem ao lado dele, ouvindo-o e apreciando-lhe as nobres qualidades, ficará e continuará a ver-te, como uma pessoa amiga, na ignorância absoluta dos laços que o prendem a ti...

Helena de Noronha guardou um silêncio indeciso que era quase uma aquiescência.

As palavras de madre Paula eram de uma tão irresistível persuasão, que a doente nada tinha a opor-lhes.

— Compreendes — disse ela — que nem curiosidade nem afeto podem mover-me a receber esse rapaz que para mim não passa de um estranho...

— E como estranho se conservará a teu lado... Quem o duvida? — tornou a religiosa com aquele meigo sorriso que se prodigaliza aos enfermos impertinentes e caprichosos. — Aqui, há apenas da minha parte o interesse de que conheças teu filho, que revivas nele os tempos felizes da tua infância, recordando nas suas feições as feições de teu pai...

— Pois sim... que venha! — disse por fim Helena, com visível esforço.

Paulo foi introduzido no quarto da doente.

O mancebo, com a polidez própria das pessoas indiferentes, abeirou-se do leito; e pois que madre Paula lhe explicara que esta aproximação tinha unicamente por fim distrair a sua amiga e desviar-lhe o espírito de dolorosas preocupações morais que a obsedavam, envidou todos os esforços por tornar alegre e interessante a sua conversação.

— Disseram-me que v. ex.a — principiou ele por declarar, dirigindo-se a Helena — ainda por muito tempo reteria junto do seu leito esta boa e santa senhora que é minha mãe; e esta alarmante perspectiva obrigou-me a vir suplicar-lhe que se restabeleça o mais breve que ser possa, porque, em verdade, minha senhora, começo a sentir-me lesado nos meus sagrados direitos... de filho.

— Não é minha vontade prejudicá-lo... — replicou Helena fitando-o e estudando-lhe demoradamente as feições. — Quando escrevi à minha amiga Paula, pedindo-lhe a esmola da sua companhia, estava bem longe de supor que um tal pedido significasse uma contrariedade para alguém...

— Oh, minha senhora! peço-lhe que não tome à letra as minhas palavras — atalhou Paulo rindo. — Isto é mero gracejo da minha parte e tanto mais desculpável quanto é certo que v. ex.a se me afigura em via de um pronto restabelecimento... E como não quero passar também sem o meu quinhão de importância neste jubiloso caso de a vermos restituída à saúde e à vida, trato de fazer valer, desde já, os meus direitos a um louvor que não mereço... De resto, minha senhora, eu felicito-me de a encontrar num estado que está bem longe de ser o que à minha imaginação se apresentava. Julguei vir encontrar uma velhinha na agonia, uma luz bruxuleante, quase a extinguir-se; e com grande surpresa e alegria minha, encontro uma senhora nova e formosa ainda. V. ex.a, embora um pouco abatida pela doença, apresenta um aspecto prometededor de muita vida... Antes assim!

— É demasiado lisonjeiro para com uma pobre doente, sr. Paulo de...

— De Noronha, minha senhora — apressou-se Paulo a dizer, notando a hesitação de Helena.

— Ah! v. ex.a usa esse apelido? — não pôde Helena impedir-se de perguntar.

— Uso, minha senhora; e se quer que lhe fale com franqueza, não sei bem porquê...

— Naturalmente, apelido de seus pais...

— Não os conheci, nunca tive a menor notícia deles... Tanto sei se eram Noronhas como se eram Silveiras... Podiam ser uma e outra coisa, ou podiam não ser coisa nenhuma destas... Quem podia talvez dizer-me alguma coisa com verdade a esse respeito era minha mãe...

— Sua mãe! — interrompeu Helena, mal podendo dominar o sobressalto — Conhece-a?

Paulo indicou rindo madre Paula:

— Pois eu não disse ainda a v. ex.a que minha mãe é esta santa senhora que v. ex.a tem por amiga?

Madre Paula interveio:

— Não te admires, minha amiga. Paulo habituou-se a chamar-me mãe, não obstante saber que não é a mim que deve a existência...

— Pois a quem a devo? Que outra mãe conheci eu, que afetos, que carinhos, que desvelos e cuidados devo a outra que não seja a nobre e santa criatura a quem me estou dirigindo? — acudiu Paulo voltando-se para a superiora, — É bem certo — creio-o e não discuto — que devo a existência a um ato fisiológico de terceiros, que me produziram, tão independentemente da sua vontade como da minha, e que por isso mesmo se julgaram desobrigados de me reconhecer e amparar. Mas esse fato não envolve sentimento impeditivo do meu amor e ternura filial para com aqueles a quem tudo devo, a quem considero meus únicos e verdadeiros pais e que são madre Paula e o padre Filipe.

— Deve então odiar muito aqueles que lhe deram o ser... — balbuciou Helena com os olhos fitos nos do filho.

— Não os odeio, minha senhora, lamento-os.

— Por natural instinto do coração talvez...

— Não. Por uma tendência especial do meu espírito para deplorar a sorte de todos aqueles que se afastaram da linha reta do dever e resvalaram no crime ou na cobardia.

— É singular! Como explica isso? Se não conheceu seus pais, como pode saber se eles foram cobardes ou criminosos?

— A minha própria existência m'o diz, minha senhora. Eu apareço no mundo, filho de pais incógnitos... isto é, filho de pessoas que me negaram a paternidade

ou para se não macularem a si próprias ou para me não macularem a mim. No primeiro caso, se temeram a mancha do meu nascimento e a ela se furtaram pela via do anônimo, esta ação reflete a covardia dos seus sentimentos, porque não tiveram a coragem de assumir a responsabilidade dos seus atos. No segundo caso, se a sua situação era de tal modo contrária às leis sociais que, do chamarem-me filho, revertia para mim uma vergonha iniludível, nenhuma dúvida resta de que meus pais foram criminosos. De qualquer modo, dois desgraçados com os quais não tenho nem quero nada de comum, a não ser para os lamentar, como sempre lamento todos aqueles que, podendo ser dignos e honestos, o não são, faltando aos ditames da sua consciência e ao cumprimento dos seus deveres.

— Então, se seus pais um dia lhe aparecessem a reivindicar o direito que têm à sua ternura, repudiá-los-ia — perguntou Helena com a voz de cada vez mais sumida.

— Não, minha senhora — replicou Paulo serenamente — não os repudiaria, que não é do meu ânimo repudiar os que sofrem e os que se arrependem. Mas se pedissem ao meu coração mais do que o compassivo sentimento que se tem para com todos os desgraçados, responder-lhes-ia que o meu amor e a minha ternura filial pertenciam exclusivamente àqueles que me foram pais adotivos na infância — a mãe Paula e ao padre Filipe.

Helena baixou os olhos e as faces purpurearam-se-lhe numa comoção fácil de explicar.

— Tem razão — murmurou ela — No entanto, talvez que motivos ponderosos forçassem sua mãe a...

— A não ser minha mãe? — atalhou Paulo — Perfeitamente de acordo. A mim cumpre-me respeitar esses motivos que não conheço e que nem sequer tento conhecer. Mas v. ex.a compreende muito bem que, se minha mãe teve motivos para me arredar de si como a um objeto incômodo e comprometedor, eu não posso ter no fundo do meu coração razões que justifiquem e fundamentem qualquer afeto e ternura especial por ela. De resto, nós estamos apenas formulando hipóteses que estão muito longe de fatos, pois não creio que venha a dar-se o caso de meus pais um dia aparecerem a reclamar o filho que por tantos anos repudiaram.

— Quem sabe? — observou mãe Paula — Não admitiste há pouco a hipótese de que possam sofrer ou arrepender-se?

— No campo das suposições, tudo pode admitir-se, minha boa mãe, porque tudo pode supor-se... Mas para que havemos de estar a preocupar-nos com um

assunto que não interessa a nenhum de nós, e principalmente a mim? O fato é, minha senhora — prosseguiu ele, voltando-se para Helena — que eu, a despeito da irregularidade do meu nascimento, sou feliz quanto o pode ser um homem nas minhas circunstâncias.

— Deve muito à Providência, visto isso! — disse Helena suspirando, — há tão poucas pessoas que, mesmo bem nascidas, possam dizer-se felizes!...

— É certo. Porém eu, até agora, e presentemente, posso considerar-me a mais feliz das criaturas. Abandonado por meus pais...

— Mas quem te disse a ti que teus pais te abandonaram? — atalhou, docemente repreensiva, madre Paula — É muito avançar, quando nada sabes a esse respeito, Paulo!

O mancebo sorriu.

— Se eu penso assim, a culpa não é por certo minha, mas tão somente daqueles que tenazmente se têm recusado a dizer-me uma palavra única que me elucide acerca do meu nascimento.

E voltando-se para Helena:

— Desde a mais tenra infância que eu vivo exclusivamente do amparo e dos carinhos do padre Filipe e de madre Paula, que considero meus pais pela grandeza do benefício e pela constância do afeto. Não conheci outros, nunca me falaram de outros, nunca de outros me deram notícia. Já homem, tive um momento na minha vida em que senti a necessidade cruel de penetrar o mistério do meu nascimento para poder dizer à mulher que amava e que escolhera para companheira de toda a minha existência, o nome de meus pais. Interroguei o padre Filipe. Respondeu-me que não os conhecera, que deles não tivera nunca notícia, e que eu fora passado à sua benevolente e humanitária tutela, como um legado, no espólio de um padre seu amigo, que morrera e que levava consigo para a sepultura o segredo da minha vinda a este mundo. Creio que, nestas circunstâncias, quer as palavras do padre Filipe expressem a verdade quer a encubram, o abandono não pode ser mais evidente nem mais completo. Não é v. ex.a desta opinião, minha senhora?

— De certo — murmurou Helena com voz tremula.

— Mas eu não acuso meus pais do seu procedimento para comigo, nem quando emprego esta palavra abandono lhe ligo o menor sentimento de revolta e indignação que ela pode inspirar. Nada disso. Eles procederam assim, porque talvez tiveram motivos para assim proceder. Desses motivos, porém, não fui eu

o culpado, e isso me basta pensar para minha completa tranquilidade. Para tranquilidade deles, se forem vivos e souberem de mim, bastar-lhes-á a certeza de que sou completamente feliz com o amor de madre Paula e da minha noiva, e com a estima e paternal afeto do padre Filipe. Aqui está, pois, um drama que talvez no seu inicio ameaçou ser de lágrimas e que, por um extraordinário desenrolar de circunstâncias favoráveis, acaba por apresentar todos os personagens felizes e contentes consigo mesmos!

Ao proferir estas últimas palavras, Paulo ria jubiloso, com aquela alegria franca do seu temperamento expansivo e sincero.

Helena de Noronha, de cada vez mais encantada com a atitude despreziosa e alegre daquele rapaz que reproduzia nas feições e nos gestos os modos e as feições de Norberto de Noronha, sentiu-se extraordinariamente feliz ao ouvir da boca do próprio filho palavras de compassivo perdão para o criminoso abandono a que ela o votara.

— O senhor — disse ela — possui uma alma nobilíssima e um coração dotado de generosos sentimentos. Merece ser feliz; e uma vez que já o é, busque nortear-se sempre pelos ditames da piedade e da compaixão, mesmo para com aqueles que o ofenderam ou agravaram...

O tom quase suplicante em que estas palavras foram ditas não escapou a madre Paula que, com a sua natural perspicácia, compreendeu bem o que se passava na alma da sua amiga.

— Paulo é um belo caráter — interrompeu ela envolvendo o mancebo num olhar de maternal ternura — e sinto verdadeiro orgulho de ter sido eu a sua educadora... Eu e o padre Filipe — emendou logo — porque é justo não esquecer que esse exemplar sacerdote tem tido com este filho adotivo todos os extremos e desvelos de um pai.

O mancebo começou então recordando alegremente passagens esquecidas da sua infância, travessuras de criança, brincadeiras, afagos e reprimendas do padre Filipe e de madre Paula, e nisto levou algumas horas, que muito distraíram e interessaram Helena de Noronha, agora de todo familiarizada com o filho.

Quando Paulo, pretextando não querer com a sua conversação fatigar o espírito da doente, se retirou prometendo voltar depois, a religiosa, a sós com Helena, perguntou-lhe:

— E então?

— Então, minha querida Paula — exclamou a enferma — é bem meu filho, é bem o neto de Norberto de Noronha aquele rapaz que ali está!

— Não te dizia eu que Paulo era um belo e excelente moço, refletindo na figura varonil e cheia de nobreza as feições de teu pai? Dize-me, não será ele digno de que o ames como filho, e por ele e para ele busques ainda viver? Não seria doce e consolador para ti ver-te, depois de tantos anos de sofrimentos e amarguras, querida e amada por quantos te rodeiam?

Helena teve um sorriso e os olhos brilharam-lhe num fugitivo anseio de felicidade.

— Sim... sim!... — disse ela — seria feliz ainda, se pudesse viver na companhia de meu filho, amada por ele e respeitada por aqueles que me conhecem... Mas isso é impossível! E queres que te diga? Agora, depois que vi meu filho... sinto-me mais desgraçada!

— Por quê?

— Porque... tu compreendes... na minha alma começam a despertar agora todos os sentimentos do amor maternal, e não posso dizer a meu filho: “Sou tua mãe!”

CAPÍTULO 31: O HOMEM DOS ÓCULOS VERDES

Decorreram quinze dias de suave e doce convivência entre mãe e filho, na casa de D. Aurélia.

Madre Paula e a irmã de Gustavo, ambas de íntimo acordo no empenho de salvarem Helena de Noronha, tinham sabido dispor e conduzir as coisas de modo que Júlio, Paulo e o padre Manoel se encontrassem muitas vezes reunidos à volta da doente, sem que nenhum deles suspeitasse os laços de sangue que ligavam aquele mancebo, tão cheio de vida e de alegria, à infeliz vítima do padre Anselmo.

A pobre Helena parecia um tanto esquecida das suas mágoas e infortúnios, sentindo renascer dentro em si o desejo de viver, tal era o amorável cuidado que todos punham em lhe suavizar a existência, tão atribulada de dores físicas e morais.

Infelizmente, o médico constataria que a doente sofria de uma lesão cardíaca em estado bastante adiantado, e que tanto podia deixá-la viver ainda muitos meses como dar-lhe a morte em breves dias.

Este diagnostico, porém, reservara-o apenas para si, limitando-se a recomendar que não expusessem a enferma a sobressaltos e comoções fortes, que podiam ser-lhe de funestas consequências.

O honesto homem de ciência, reconhecendo quanto a pobre doente era amada por todos que a cercavam, não quis destruir no coração dos que tanto lhe queriam a doce esperança de a verem completamente salva.

Estava-se, pois, nesta bela ilusão de um restabelecimento próximo, quando um dia, pelo fim da tarde, bateu ao portão de D. Aurélia, pedindo para falar à dona da casa, um desconhecido, que a todos causou surpresa pelo seu estranho aspecto e pelas suas misteriosas maneiras.

Era um homem alto, de cabelos compridos e longa barba grisalha.

Usava óculos verdes. Vestia um amplo casacão, que quase lhe descia aos calcanhares e que, todo abotoado na frente, tomava o aspecto de uma sotaina. Na cabeça, trazia um chapéu de enormes abas que, ensombrando-lhe o rosto, dava um aspecto mais carregado à sua figura.

Viera a pé, encostado a um bordão e, conquanto ágil, parecia fatigado da longa jornada.

D. Aurélia, ao anunciarem-lhe o desconhecido, saiu à sala de visitas a recebê-lo e ficou estranhamente surpreendida ao ver diante de si aquele homem que ao mesmo tempo lhe infundia respeito e medo.

— Minha senhora — disse ele com voz sonora, mas em que havia uma certa suavidade — peço desculpa de vir assim importuná-la, apresentando-me a fazer-lhe um pedido sem para isso estar de forma alguma autorizado. Mas a importância da minha missão é tal, que eu atrevo-me a supor que v. ex.a não me recusará o auxílio de que careço para bem a cumprir.

— Não conheço a pessoa a quem estou falando — respondeu D. Aurélia, com simplicidade — mas se é o meu concurso para uma obra boa que vem pedir, rogo-lhe a fineza de me dizer em que posso ser-lhe útil.

O desconhecido baixou a voz e disse num tom de confidência:

— Fui amigo íntimo de Álvaro de Noronha, e ele, um dia antes de ser assassinado, constituiu-me depositário de um segredo de família, que só deve ser revelado a sua prima, a sr.a D. Helena de Noronha, atualmente nesta casa...

D. Aurélia fitou-o perplexa.

— E como sabe v. ex.a que a minha amiga Helena está aqui, quando toda a gente ignora...

O desconhecido sorriu de um modo indefinido e volveu com firmeza.

— Sou um homem de bem, minha senhora, e sei cumprir os meus juramentos. Jurei ao meu amigo Álvaro que revelaria a sua prima o segredo de família que ele me confiou com esse fim, e não me tenho poupado a esforços para bem cumprir a última vontade do moribundo. Tendo a sr.a D. Helena permanecido em parte incerta durante muitos anos, compreende v. ex.a certamente o empenho com que eu terei buscado encontrá-la, mormente achando-me no fim da vida quase, e não querendo levar comigo para a sepultura um segredo que me não pertence...

— Quer v. ex.a, pois, falar com Helena de Noronha?

— É esse o único objeto da minha vinda a casa de v. ex.a, e para isso ousou suplicar-lhe o favor da sua intervenção.

— A minha amiga, não sei se sabe, tem estado muito doente...

— Mas também sei que ultimamente tem experimentado sensíveis melhoras.

— O médico recomendou que lhe evitássemos comoções violentas...

— Estou persuadido de que a minha presença não poderá causar-lhe a menor comoção, pois que me não conhece, como eu também pessoalmente a não conheço a ela.

— Mas o objeto da sua visita...

— Não pode ser-lhe de modo algum desagradável — atalhou o desconhecido — porque o que tenho a dizer-lhe é a coisa mais simples e mais natural deste mundo.

— Quem devo, pois, anunciar à minha amiga?

— Dar-lhe o meu nome é inútil, porque lhe será sempre desconhecido. Se v. ex.a tivesse a bondade, dir-lhe-ia que um amigo de seu primo Álvaro pretende fazer-lhe uma comunicação importante e do mais alto interesse para ela.

D. Aurélia entrou no quarto da enferma, que a essa hora estava conversando com Júlio, Paulo e a abadessa, todos já conhecidos e convivendo naquela intimidade tão fácil e tão peculiar à gente da província.

Helena, muito animada e, ao parecer, muito melhor dos seus sofrimentos físicos, inspirava a todos uma grande esperança de a verem em breve completamente restabelecida.

Chegara mesmo, em conversação íntima com madre Paula, a fazer projetos de viver, como governante, em companhia do filho e da nora, logo que eles fossem casados.

— Ele não saberá nunca que sou sua mãe — dizia ela — e eu poderei vê-lo e amá-lo, como se visse nele a cada momento o retrato vivo do meu pai, quando mais novo... E cada sorriso afável, cada palavra de bondade que ele me dirija, será para mim como que um sinal de perdão enviado, do além túmulo e pelos lábios do meu filho, por aquele pobre espírito, que tanto fiz sofrer!

Madre Paula sorria de satisfação, ao ouvir da boca da sua amiga Helena estas palavras que significavam nela o desejo de regressar à vida.

— Na tua mão está, minha querida, o realizares o teu desejo... Faze por melhorar. Que o amor por teu filho te dê a força e a energia indispensável para triunfar das reminiscências do teu passado, e o futuro, relativamente feliz, será teu.

D. Aurélia não quis prevenir Helena, na presença das pessoas que a rodeavam, da inesperada visita do desconhecido.

Quando todos se retiraram, a irmã de Gustavo, aproximando-se do leito, disse-lhe sorrindo:

— Venho anunciar-te, minha querida amiga, uma nova visita...

— Quem? — interrogou Helena.

— Um desconhecido que pretende falar-te...

— Um desconhecido! — repetiu Helena com instintivo sobressalto.

— Sim. Um desconhecido para mim e para ti.

— O que quer ele?

— Quer ser-te apresentado para te revelar um segredo de família...

— A mim?!

— A ti.

— Que segredo de família pode revelar-me uma pessoa que eu não conheço?

— Este homem diz-se um antigo e íntimo amigo de teu primo Álvaro que, na véspera de ser assassinado e prevendo a desgraça que ia acontecer-lhe, o incumbiu de te fazer uma revelação importante, se algum dia te encontrasse ou tivesse notícias tuas...

— Meu primo Álvaro! — balbuciou Helena estremecendo.

— Sim... da parte do teu primo Álvaro é que ele vem.

— Como sabe esse homem que eu estou aqui?

— Diz ele que tem durante muitos anos empregado os maiores esforços para te encontrar. Sabendo que está doente nesta casa uma antiga amiga minha, pensou que talvez fosses tu e veio interrogar-me a esse respeito. Como se trata de um assunto que pode ser de interesse e de utilidade para ti, achei conveniente dizer-lhe a verdade...

— Queres, pois, que o receba?

— Não t'o imponho, minha amiga. Mas creio que farias bem em o ouvir...

— Pois bem; faça-se a tua vontade...

— A minha vontade não. Aqui a única pessoa a resolver e a decidir és tu...

— Acho estranho esse caso de um desconhecido a procurar-me para me fazer revelações!...

— A mim parece-me a coisa mais natural do mundo. Todas as famílias têm segredos que só em determinados momentos julgam oportuno transmitir aos que lhes sucedem... Teu primo era íntimo de teu pai, estava para ser teu noivo... É, pois, muito natural que, sabendo o estado gravíssimo em que se encontrava

teu pai e perdida a esperança de tornar a ver-te, encarregasse a um amigo a missão de um dia te esclarecer... E quem nos diz a nós que este desconhecido vem talvez trazer-te a independência e a fortuna, quando tu menos a esperas?

Helena sorriu incrédula.

— Não creio — disse ela — mas seja o que for, desde que se trata de um segredo de família, devo ouvi-lo. Manda entrar esse homem.

D. Aurélia saiu e pouco depois dava entrada na câmara da enferma o homem dos óculos.

Helena, recostada numa cadeira de braços, encarou-o fito e não o reconheceu.

O desconhecido inclinou a cabeça numa saudação, e pareceu esperar que D. Aurélia se retirasse.

— Fica! — pôde ainda dizer Helena, tomada de súbito receio, olhando para a sua amiga.

— Perdão! — obtemperou o desconhecido. — O que tenho a dizer a v. ex.a é tão importante segredo, que não pode ser ouvido por mais alguém.

— Não tenho segredos para a minha amiga...

— Todas as pessoas têm segredos — insistiu o homem dos óculos — e se a ninguém é lícito devassá-los, menos lícito se me afigura revelar os que nos não pertencem. V. ex.a não tem o direito de tornar público um segredo que lhe não pertence, que não é só seu, porque é também de sua família...

Estas palavras foram ditas com tal intimativa que Helena baixou os olhos tremula e confundida.

— Este cavalheiro tem razão — disse D. Aurélia — Eu aguardarei na sala próxima as tuas ordens, minha boa amiga... Escuta este senhor.

E saiu.

Então o desconhecido, avançando alguns passos no quarto, fitou Helena e disse-lhe em voz soturna:

— Não me conheces, Irmã Dorotéia, abadessa da Covilhã? Sou eu, o teu cúmplice!

Helena fez um gesto de horror e soltou um grito abafado. Reconhecera no homem dos óculos verdes o padre Hilário, o seu cúmplice no assassinato do padre Anselmo.

— Não venho acusar-te pela maneira infame e ignóbil como abusaste da paixão ardentíssima que a tua presença acendeu na minha alma, e menos ainda do ludíbrio de que me fizeste vítima, obrigando-me a esperar-te baldadamente na fronteira, onde prometeste que irias, reunir-te a mim. Era justo que ao crime sucedesse a expiação, e não haveria decerto Providência, se eu pudesse ser feliz contigo. Fizeste de mim um assassino miserável, um perjuro, um parricida, Helena de Noronha. Tudo isso te perdôo. Sabes, porém, o que não te posso perdoar? É que ames outro e com ele penses viver ainda feliz. Isso não. Júlio de Montarroio não será mais venturoso contigo do que eu.

— Júlio de Montarroio! — balbuciou Helena aterrada — Quem lhe ensinou esse nome?

— Eu sei todos os nomes que estão ligados à tua existência, filha de Norberto de Noronha, amante do padre Anselmo, mãe de Paulo de Noronha. Sei tudo, que para outra coisa não tenho vivido há dezoito anos, rastejando como a serpente, ao peso do meu remorso. Quis saber de ti, quis conhecer a que qualidade de mulher sacrifiquei a minha posição, o meu futuro, a minha vida, a minha alma. E soube-o! Nada me resta por saber. E, pois, que ainda na tua vida há um lampejo de esperança, e na tua alma um vínculo de afeto que te prende a alguém, eu venho dizer-te que chegou a hora de partirmos. Jurei que não pertencerias a outro, que não amarias outro, que nenhum homem ouviria de teus lábios juras iguais àquelas que de teus lábios fementidos ouvi. Eis-me, pois, aqui, pronto a cumprir o meu juramento. Queres obedecer a ele voluntariamente, ou preferes o escândalo ruidoso, que nada remedeia e que te acompanhará além da morte? Vamos! fomos companheiros no crime; é bem que o sejamos na expiação. Se tiveste coragem para matar, tê-la-ás agora também para morrer.

— Mate-me! mate-me! — soluçou Helena, pondo as mãos.

Então o padre Hilário tirou do interior do casaco uma pequena caixa, que abriu. Depois, tomando entre os dedos uma pastilha, disse:

— Eis aqui um veneno ativíssimo que dentro em duas horas terá cumprido o seu dever, matando-te suavemente, sem uma agonia prolongada. Até este benefício me deves, porque não quero que a morte te seja dolorosa. Vamos! aqui tens a morte.

E ofereceu-lhe a pastilha. Helena, sem a mais leve hesitação, aceitou o veneno das mãos do seu cúmplice e tomou-o com assombrosa serenidade.

— Pago-te assim a minha dívida — disse ela — Estamos quites. Se para me ajudares a vingar do monstro que me perdeu tivesses exigido a minha vida em troca, ter-t'a-ia sacrificado. Pediste, porém, o meu amor... e esse eu não podia conceder-t'o... Mas era-me preciso vingar-me. Perdoa-me!

— Mas se eu te amo ainda! — exclamou o padre Hilário debruçando-se no leito e beijando-lhe freneticamente as faces e os olhos! — Amo-te e morro feliz, sabendo que me precedes algumas horas na romagem misteriosa do túmulo!

Depois, com voz tremula em que havia toda a expressão de um infinito amor:

— Irei contigo, descansa! Se não pude fazer que me pertencesse nesta vida, buscarei na outra ser teu companheiro de tormentos e penas eternas! Lá nos havemos de encontrar.

Beijou-a ainda com louco frenesi e saiu do quarto da enferma, sem deixar transparecer na face impassível a comoção que lhe agitava a alma.

Duas horas depois, Helena de Noronha, tendo-se despedido de todas as pessoas que lhe rodeavam o leito, morria tranquilamente, docemente, como se a morte a fizesse cair num sono doce e reparador.

Este inesperado desenlace surpreendeu a todos; mas ninguém ousou suspeitar-lhe a verdadeira causa.

Júlio de Montarroio, caindo num mutismo aterrador, velou-lhe o cadáver e acompanhou-o à sepultura, frio e impassível, como se fora um cadáver também. Nem aos olhos lhe assomou uma lágrima nem de seus lábios saiu um gemido, ao ver desaparecer para sempre no pó da sepultura a face da mulher que tanto amara!

CONCLUSÃO

Um mês depois destes acontecimentos, madre Paula e padre Filipe, regressando de uma misteriosa visita ao convento da Covilhã, mandaram chamar Paulo de Noronha.

— Meu filho — disse-lhe o padre Filipe, apresentando-lhe um cofre de ferro quadrado — eu e madre Paula temos até hoje sido depositários de uma fortuna que te pertence e que fomos encarregados de te entregar logo que hajas

atingido a maioridade e possas por lei dispor do que é teu. Estão neste cofre oitocentos contos que te pertencem. Como deliberaste unir o teu destino ao de uma menina que desejas fazer tua mulher, julgamos do nosso dever informar-te desta circunstância, a fim de que possas regular com o pai da tua futura esposa as condições do teu enlace.

Paulo, atônito e mal podendo crer no que ouvia, encarava ora o padre Filipe, ora madre Paula, sem poder articular uma palavra.

— Oitocentos contos! — balbuciou por fim. — E de onde vem tanto dinheiro?

— De teus pais — respondeu madre Paula.

— Meus pais! E quem eram eles? — perguntou o mancebo, na esperança de que, enfim, o segredo do seu nascimento lhe iria ser revelado.

— Nunca o saberás. Essa fortuna que eles te legaram não traz nome. Designa-lhe tu, meu filho, um bom destino e uma aplicação nobre e justa.

Quando o mancebo retirou, louco de alegria a comunicar a boa nova a Beatriz, padre Filipe, voltando-se para madre Paula, exclamou:

— Como Deus é misericordioso e é justo! Esta fortuna, acumulada à custa de crimes nas mãos do padre Anselmo, vai agora, nas mãos deste rapaz que é seu filho, ter um destino bem mais nobre e mais digno.

— Que o altruísmo do filho possa ao menos redimir as torpezas e os crimes do pai! — replicou madre Paula.

No dia em que Paulo de Noronha se unia a Beatriz, a contento do sr. Custódio de Jesus, seu pretense progenitor, recebeu madre Paula a notícia de que Júlio de Montarroio se havia suicidado sobre a sepultura da Irmã Dorotéia, legando uma parte dos seus haveres ao mestre Tomba e a parte restante a D. Aurélia para obras de caridade.

E como os acontecimentos notáveis nunca vêm isolados, o procurador Belchior leu também nesse dia, nas gazetas, a notícia de que Leonor, que tanto se salientara no trágico suicídio de Eugênio de Melo, partira para Lisboa em companhia de João Lázaro.

Do homem dos óculos verdes, o Mestre fundador da Mão Negra, nunca mais Jorge, o amigo de Paulo, ouviu falar, substituindo-o por isso na direção da famosa sociedade secreta, que é hoje a mais florescente e poderosa de todas as suas irmãs.